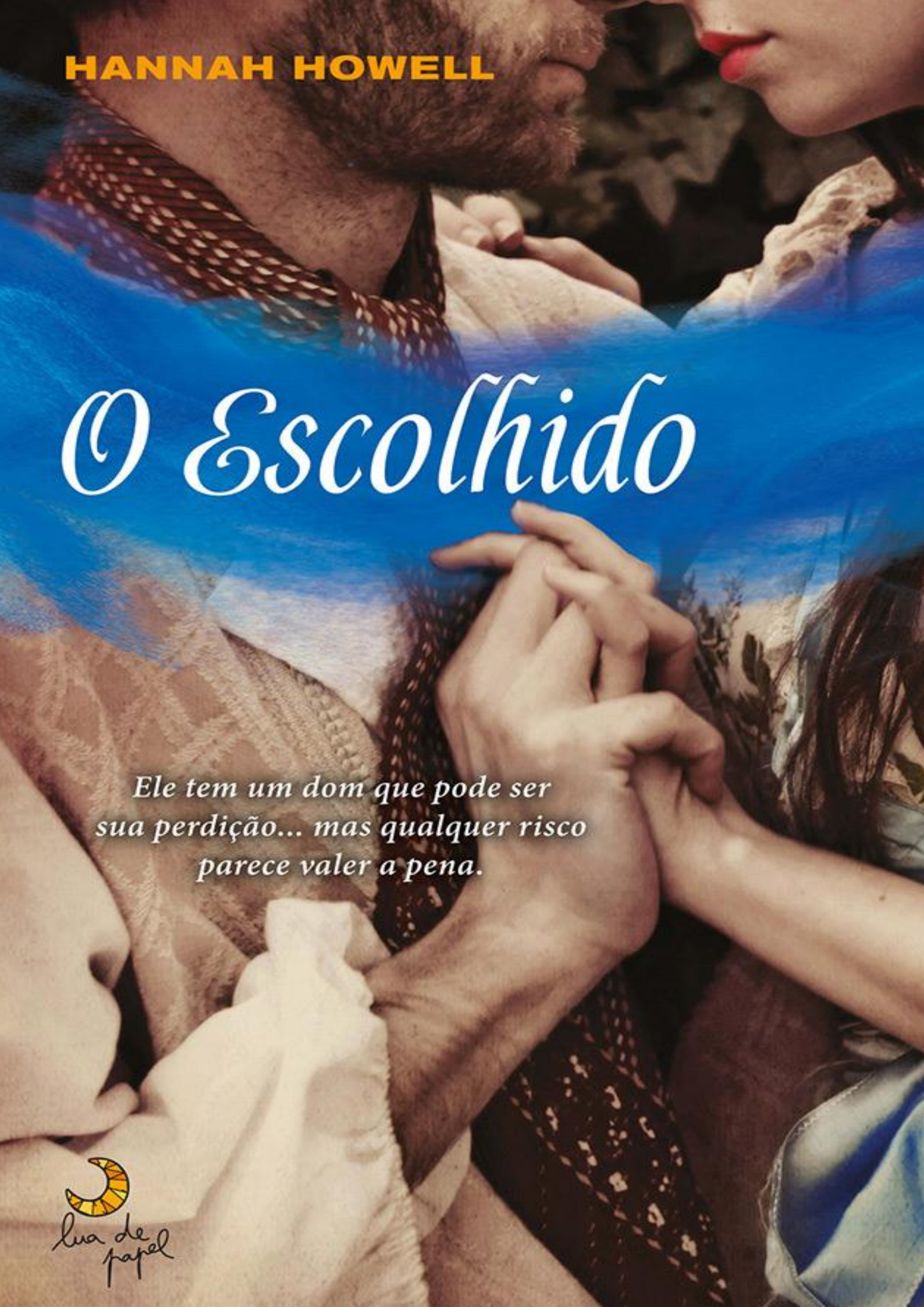

HANNAH HOWELL
O Escolhido
Ele tem um dom que pode ser sua perdição... mas qualquer risco parece valer a pena.
lua de papel

O Escolhido

HANNAH HOWELL

lua de papel

O ESCOLHIDO

ELE A SEGUROU PELOS OMBROS COM O INTUITO DE REPREENDÊ-LA POR ARRISCAR sua reputação de forma tão insensata. O fato de tocá-la provou imediatamente ter sido um erro. O calor da mulher sob suas mãos rapidamente permeou seu sangue. A maneira como seu doce rosto se levantou em direção ao dele, sua boca suave de tirar o fôlego, provava que ele tinha razão ao pensar que perdera o controle de seus desejos. O sermão que havia planejado lhe fugiu da cabeça tão rapidamente quanto um gamo dos caçadores. Ele inclinou os lábios em direção aos dela, louco para poder prová-los de novo.

No momento em que seus lábios encostaram nos dela, Lorelei passou os braços em volta de seu pescoço, segurando-o com firmeza. Seus beijos eram extasiantes. Quando estava perto dele, ela não conseguia pensar em mais nada, senão em beijá-lo. A lembrança dos seus beijos a assombrava a maior parte do tempo, e o ardor do primeiro beijo que ele lhe dera não cessava de crescer dentro dela.



Capítulo 1

INGLATERRA — VERÃO DE 1790

Havia um homem despido no roseiral de seu pai.

Lorelei Sundun piscou os olhos várias vezes, mas o homem continuava lá. Ela se perguntou por que ele olhava para ela com ar atônito. Não era ela que se encontrava nua no jardim, com apenas uma grande rosa branca para proteger sua intimidade. Para Lorelei, quem evidentemente deveria ter ficado boquiaberta era ela. De fato, enquanto permitia que seu olhar vagasse ao longo daquele corpo delgado, deu-se conta de que levantar, correr em direção à mansão, talvez até mesmo gritar pedindo ajuda. Deveria chamar a atenção. Em vez disso, estava totalmente fascinada.

Por um instante, perguntou-se se não teria ficado tempo demais sentada ao sol, refletindo sobre a falta de marido. Ela não usava chapéu. Seria possível pegar uma febre cerebral pudesse por se sentar ao sol sem chapéu? Lorelei nem tinha certeza de que a febre cerebral pudesse levá-la a ver um homem nu. E certamente não com uma grande rosa branca cobrindo a sua virilidade, a parte que, no homem, mais a intrigava. Lorelei estava convicta de que os desenhos do livro que encontrara escondido na imponente

biblioteca de seu pai não podiam ser tão precisos quanto àquelas partes dos homens. Nenhum homem conseguiria esconder algo tão grande em suas calças. Ela duvidava que um homem pudesse andar naturalmente com tamanho apêndice e suspeitava que a aparência do rosto das mulheres nesses desenhos não retratasse nenhum êxtase, porém uma dor insuportável.

Considerava-o um homem muito bonito. Era provavelmente por isso que não conseguia afastar dele seu olhar, como qualquer mulher de bom-senso teria feito. Aquele cabelo espesso que descia para além dos ombros largos, era de um preto tão verdadeiro a luz do sol lhe dava um brilho levemente azulado. Seus traços eram severos, quase selvagens, mas ela não sentia nenhum medo no coração. Seus olhos eram escuros, e ela foi tentada a se aproximar para ver a cor exata deles. Era um homem alto e delgado, e contudo ela podia perceber músculos sob a pele macia e morena. Alguns resquícios de contusões marcavam seu lindo corpo. Lorelei juntou as mãos contra o peito pra reprimir uma súbita e espantosa vontade de tocar essa pele banhada de sol, de aliviar essas feridas. Seus dentes eram bonitos, brancos e alinhados, e ela ficou ainda mais contemplativa quando ele fechou a boca, revelando lábios carnudos, de apelo sedutor. Aqueles lábios e os longos e invejáveis cílios eram os únicos traços suaves no severo rosto.

— Quem é você? — perguntou ele, com voz profunda e tom de comando tão forte que ela se sentiu atordoada e teve de reprimir o instintivo e imediato impulso de se recusar a responder.

— Lady Lorelei Sundun, a sétima dos filhos do Duque de Sundunmoor — respondeu, pensando ser ela quem deveria fazer as perguntas. — E você?

— Sir Argus Wherlocke. — Ele a olhou com ar zangado. — Não estou onde eu gostaria.

— Acredito que seja um tanto estranho encontrar alguém despido no jardim de um duque.

— E você não deveria ser capaz de me ver.

— Por que não?

— Você não tem sangue Wherlocke ou Vaughn, não é?

Isso não respondia à sua pergunta, pensou ela, contendo-se para não manifestar aborrecimento. — Nenhum desses nomes se encontra na linhagem da minha família.

Lorelei decidiu que não podia deixar o homem sem roupas por mais tempo. Sua nudez despertava nela uma inoportuna curiosidade. Ela se levantou e foi em direção do homem, entregando-lhe seu fino xale de renda italiana. Ele arregalou os olhos enquanto pegava o xale, e ela pôde ver que aqueles olhos eram de um azul profundo como o céu noturno. Ao perceber que estava muito perto dele, que a palma de sua mão desejava tocar a pele dele, ela deu um passo para trás. Desviou rapidamente os olhos enquanto ele amarrava o xale em volta da cintura, já que precisara se afastar da proteção da rosa. Antes, contudo, ela reparou que o ar de grande espanto de seu rosto estava diminuindo.

— Isso é muito estranho — murmurou ele, franzindo as sobrancelhas. — Você não deveria ser capaz de me ver. Com certeza, não deveria poder me entregar esse xale nem eu deveria poder pegá-lo.

— E você não deveria estar sem roupas no roseiral de meu pai — disse ela. — É onde se encontra. Em que lugar você queria estar?

— Estava procurando alguém da minha família — jurou ele em voz baixa. — Estou sendo levado para trás.

— Levado para onde? — Lorelei sentiu seus olhos se arregalarem à medida que o homem aos poucos parecia perder a consistência, e que as roseiras começavam a aparecer através do seu corpo. — O senhor está desaparecendo. É um fantasma, então?

— Não, não um fantasma. Escute-me, porque tenho pouco tempo. Você precisa encontrar alguém da minha família, um Wherlocke ou um Vaughn. Diga-lhes que estou precisando de ajuda. Um homem chamado Charles Cornick me retém cativo. Ele quer ter conhecimento de nossos dons.

— Seus dons? — O homem agora estava tão apagado que ela podia ver perfeitamente através dele, e teve de segurar firmemente as mãos para lutar contra a ânsia de agarrá-lo e tentar segurá-lo.

— Ele procura uma maneira de roubá-los, de se apoderar deles. Você precisa contatar minha família de forma que ela possa me ajudar. Preciso de ajuda o quanto antes.

— Onde está? Em que lugar esse homem o retém?

— No campo. Não sei onde. Sinto o perfume de lavanda e ervilha-de-cheiro.

Em um piscar de olhos, o homem havia sumido. Lorelei se aproximou da roseira e atrás da qual ele tinha ficado, mas não havia sinal de que ele estivera ali, nem mesmo uma pegada deixada na terra fofa. Ele podia ter ficado de pé em uma das pedras rúnicas, que seu pai colocara em volta das rosas, mas deveria haver pegadas levando à pedra.

Lorelei estava se convencendo de que todo o incidente não passara de um sonho, quando fez um movimento para estreitar o xale junto aos ombros. Não estava lá. Um calafrio que não tinha nada a ver com a brisa do final da tarde a atravessou. O homem

havia amarrado o xale na cintura. Esse pequeno fato provava que algo havia acontecido, algo que ela não podia explicar, nem negar.

— Mas então? — murmurou ela, friccionando de leve suas têmporas para afastar um ligeiro começo de enxaqueca. — Um homem não pode simplesmente aparecer e desaparecer assim. Nem um espírito seria capaz de segurar um xale e sumir com ele.

Tem de ter sido um sonho, disse ela firmemente para si mesma. Lorelei começou a se dirigir para a mansão, mas parou e olhou de volta para o lugar em que o homem havia estado. Tinha certeza de que estava acordada. Beliscou-se a si mesma para se certificar disso e jurou que sentiu dor. Não havia dúvida de que estivera acordada, mas ainda assim era difícil acreditar no que acabara de acontecer. Seria muito mais fácil crer que ela tinha deixado o xale em seu quarto e sonhara por uns instantes enquanto esteve sentada ao sol.

Preciso de ajuda o quanto antes.

Lorelei entrou às pressas na mansão. Esse assunto precisava ser averiguado. Caso não tivesse sido uma ilusão criada pelo fato de ter ficado sentada tempo demais ao sol, a então havia um homem em perigo em algum lugar. Ela precisava saber mais a respeito dessa família que ele queria convencê-la a ajudar. Seu pai e sua extraordinária biblioteca eram um bom lugar para começar.

Roland Sundun, o Oitavo Duque de Sundunmoor, levantou os olhos de seu livro quando a filha caçula entrou precipitadamente na biblioteca. — Minha querida, há algo errado? Os gêmeos se comportaram mal mais uma vez?

— Não, papai, Axel e Wolfgang estão com seu professor — respondeu Lorelei. Ficou parada alguns instantes para recuperar o fôlego, surpresa por descobrir que de fato tinha corrido até chegar à

biblioteca. Seu pai, alto e quase magro demais, que parecia um pouco assustado, mas ela não podia censurá-lo por isso. Sua entrada impetuosa devia ter feito com que ele pensasse que havia alguma emergência. De fato, podia haver algo urgente, mas por enquanto ela ia guardar essa informação só para si.

— Papai, você sabe alguma coisa a respeito de uma família chamada Wherlocke ou Vaughn? — perguntou ela.

— Ah, sim, minha querida. — Ele se levantou e colocou cuidadosamente o livro de lado. — Eu os estudei durante muitos anos. Por que essa pergunta?

— Apenas um rumor que ouvi. Algo sobre eles, bem, serem um pouco estranhos.

— Não estranhos. Dotados. Maravilhosamente dotados. Pessoas fascinantes. Extremamente fascinantes.

Lorelei observou seu pai se aproximar de uma série de estantes que chegavam a dois andares de altura. Guardavam documentos e livros sobre um assunto que lhe era caro. Dissertações sobre fantasmas, magia, bruxaria e todo tipo de acontecimentos estranhos abarrotavam as prateleiras. Ela suspirava à medida que seu interesse crescia. As respostas que procurava demorariam a chegar, mas o fato de seu pai ter ido diretamente até essa estante lhe dizia que o que ela vira no jardim podia perfeitamente ter sido real.

Argus fez uma careta enquanto lutava contra a náusea e os calafrios que sempre sentia ao projetar seu espírito para fora dó corpo. Não era justo que tivesse de sofrer tanto somente porque havia fracassado em sua missão, pensou, resmungando. Abaixou a mão para friccionar a barriga, que o incomodava, e retesou-se

quando seus dedos relaram pela renda macia. Abrindo os olhos, baixou a vista em direção ao delicado xale amarrado em sua cintura.

— Meus olhos não se enganaram, ela era real — sussurrou.

A esperança tomou conta de seu coração, aliviando seu mal-estar. Ela dissera chamar-se Lorelei, a sétima dos filhos do Duque de Sundunmoor. Argus vasculhou seu amplo conhecimento da aristocracia até resgatar algumas informações sobre o duque. Rico, poderoso, excêntrico, três esposas, um viúvo que preferia os livros às pessoas, e com pequeno exército de filhos. Pelo que sabia, nunca houvera conexão alguma entre sua família e os Sundun, e mesmo assim ela o tinha visto, quase tocado. A menos que ela possuísse um dom como os membros de sua família, nunca teria conseguido vê-lo.

O que ele não sabia exatamente era se ela tinha acreditado no que viera e se, então, ia atender ao seu pedido de ajuda. Ela aparecia com nitidez em sua mente, seus grandes olhos verde-escuros mostravam certa curiosidade e nenhum medo. Parecia miúda, delicada e, mesmo assim, efusiva, com seios generosamente redondos e lábios lindamente encurvados. Deliciosa de abraçar, pensou, com seu espesso cabelo ruivo-escuro caindo indomado sobre os ombros delgados. Contudo, o que ela não parecia ser era alguém que pudesse ajudá-lo a se libertar.

O ruído de uma bota raspando nos degraus que desciam até sua prisão o tirou dos seus pensamentos. Rapidamente, ele desatou o xale, colocando-o debaixo do fino colchão de palha que lhe ‘servia de cama. Uma vez certo de que o deixara completamente escondido, cruzou os braços debaixo da cabeça e esperou. Sua calma era uma fachada que lhe exigia muito esforço, mas ele estava determinado a não revelar nenhum tipo de medo aos seus captores. Após duas semanas de pouca comida e água, e tortura, em que havia ficado nu,

acorrentado a uma cama pelo tornozelo, tornava-se cada vez mais difícil manter essa fachada.

Charles Cornick entrou a passos largos na cela, com dois homens troncudos logo atrás, todos usando óculos de lentes escuras. A luz entrou junto com eles, já que os três carregavam lanternas que penduraram em ganchos nas paredes da prisão. Argus lutou para esconder o furioso ódio que havia tomado conta dele ao ver seus captores. O ar de arrogante calma que ele externava aborrecia Charles e, por esse único prazer, resolvera mantê-lo firme. Contudo, a raiva e o ódio que o roíam por dentro se m mais fortes a cada dia. Argus sabia que resultavam de sua impotência.

— Inacreditavelmente, você parece estar em boa saúde, Argus — disse Charles, ao se sentar em uma cadeira um pouco além do alcance de Argus. — Talvez o estejamos tratando bem demais.

Argus desejou ter o dom de movimentar as coisas pelo pensamento. Gostaria de poder socar Charles algumas vezes contra as duras paredes de pedra.

— Sua hospitalidade é tudo o que eu podia esperar de você. — Os turvos olhos castanhos de Charles se estreitaram, e Argus suspeitou que suas palavras estivessem encarregadas de sarcasmo, mas mentalmente deu de ombros. — Contudo, não estou certo de que despir um homem e acorrentá-lo em uma cama seja algo imprescindível.

— Uma pena. Imagino quantas pessoas teriam tirado proveito desse tratamento. — Charles sorriu. — As que teriam sido muito mais cooperativas que você.

De novo, outra ameaça à minha família, pensou Argus. Lutou para esconder sua cólera contra essas ameaças permanentes, para dissimular seu ardente desejo de levar as mãos pescoço de Charles.

O homem ameaçava sua família de forma constante, e Argus sabia que não era à toa. Charles se recusava a acreditar que os dons dos Wherlocke e dos Vaughn não podiam ser ensinados, revelados ou roubados.

— O que são esses arranhões na sua barriga? — perguntou Charles, examinando severamente Argus do tronco para baixo. — Como conseguiu essas feridas?

A palavra "roseira" estava na ponta de língua de Argus, mas ele se reteve. Charles acreditava. Ele não sabia como alguém podia obter esses dons, mas acreditava neles, respeitava-os e os cobiçava. Charles não ficara furioso com o que ele considerava como sendo impertinente, nem chocado ou confuso, como tantos outros ficariam. O homem ficara curioso. Haveria perguntas e cobrança de explicação que se tornariam cada vez mais brutais.

— Essas pequenas feridas apareceram quando tentei me livrar da corrente — respondeu Argus.

—Tirar essa corrente não lhe serviria de nada. Esta sala não tem saída. Seu talento no lhe permite destravar portas nem derrubar paredes. Acredito que um dos membros mais jovens de sua família tenha esse dom.

O homem sabia demais sobre sua família. Esse era um dos motivos pelos quais Argus havia corrido o risco de enviar seu espírito à procura de ajuda, apesar da crescente fraqueza que sentia por causa da detenção e das repetidas surras. Sua família precisava saber que Charles já conhecia segredos demais e que ele talvez não agisse sozinho.

—Você acredita demais nos rumores — disse Argus, enchendo a voz com uma exigência de que Charles acreditasse nele.

Mais uma vez ele tentava usar um de seus dons, mas nenhum dos homens caiu no seu feitiço. Os óculos escuros que usavam bloqueavam o poder de seu olhar. Pequenos pedaços de algodão nos ouvidos amorteciam o poder que sua voz tinha de submetê-los à sua vontade. No momento em que vira os óculos e o algodão, Argus soube que Charles estava a par do seu dom e acreditava nele. Mesmo assim, isso não o impedia de tentar todas as vezes que Charles e seus brutamontes vinham visita-lo.

— Pensei que estivesse cansado desse jogo. Seu dom não funciona conosco. — Charles pôs o tornozelo esquerdo sobre o joelho direito e, enfadonhamente, limpou uma mancha de sua bota. — E, por favor, não negue, mais uma vez, que tenha algum dom. Isso também acaba sendo cansativo após duas semanas. Você ainda não está cansado desse jogo?

— Não se trata de um jogo. E mesmo que eu tivesse um dom, como afirma, duvido que pudesse entregá-lo a você.

— Talvez não, mas poderia compartilhá-lo.

— Como quem compartilha o dom de escrever música ou poesia? Você certamente não pode acreditar que isso seja possível.

— Por que não? Você tem uma habilidade, e as habilidades podem ser ensinadas, compartilhadas, estudadas. A habilidade para fazer com que as pessoas contem tudo o que sabem, de extirpar a verdade de uma pessoa mesmo quando ela não quer contar, é muito útil. Posso imaginar várias maneiras de usar isso.

— Não existe habilidade que eu possa lhe dar.

—Tão cansativo. Tão teimoso. E você próprio e o responsável por seu incômodo.

— E mesmo? E o que aconteceria se eu tivesse o dom que você acha que tenho e lhe entregasse como pede? Devo acreditar que você seria bondoso a ponto de me soltar?

Argus não ficou surpreso quando Charles, em vez de responder, apenas sorriu e fez um sinal para que seus homens começassem o trabalho. Argus resistiu firmemente, como sempre o fazia. A corrente que o mantinha preso à cama, as duas semanas de surras e a falta de comida e água em quantidade suficiente para manter um homem saudável e forte o impediram de lutar de igual para igual com os brutamontes de Charles. Os poucos ferimentos que ele lhes infligiu antes de ser dominado lhe deram certo prazer. Contudo, seu contentamento teria sido maior se não tivesse suspeitado que Charles se deleitava ao assistir a essa luta desequilibrada, motivo pelo qual ele nunca havia reprimido totalmente Argus.

Quando finalmente os dois homens acabaram de espancar Argus, este ainda conservava um fio de consciência. Todas as partes do seu corpo reclamavam de dor. Quando Charles se debruçou sobre ele, Argus o encarou com raiva, embora suspeitasse que Charles mal conseguisse perceber isso, já que as pálpebras de Argus inchavam rapidamente.

— Como eu já disse, tudo isso está ficando cansativo — disse Charles. — Muito cansativo mesmo.

— Estou desolado por tê-lo aborrecido — respondeu Argus, surpreendendo-se ao ouvir como soavam indistintas suas palavras, já que sua boca estava contundida, sangrava e inchava tão depressa quanto os olhos.

— Isso pode acabar logo. Acreditamos ter encontrado uma maneira de obter o que queremos.

Um alarme disparou em Argus, pondo de lado a escuridão da inconsciência, que se aproximava rapidamente, já que ele temia que Charles estivesse prestes a usar um membro da sua família para tentar submetê-lo. —Já lhe disse que, se eu tivesse um dom, não seria algo que poderia ensinar ou passar a alguém.

— É por isso que começamos a pensar que talvez exista uma maneira de roubá-lo. — Charles se ergueu e puxou abruptamente o nó em volta dos punhos de Argus. — Fiquei incomodado com o que foi proposto, mas sempre é possível se livrar de uma bruxa quando ela perde a serventia. — Sorriu para Argus e se dirigiu para fora da sala. — Cuide de descansar bem, Sir Argus. Queremos que esteja forte para nossa próxima visita.

Argus olhou fixamente a porta que se fechava atrás dos homens, tremendo ao ouvir o ruído da fechadura. Uma bruxa? Apesar dos estranhos dons com os quais sua família havia sido abençoada, Argus não tinha certeza de acreditar em bruxas. As habilidades de sua família podiam ser explicadas pela lógica. Magia, poções e feitiços em geral desafiavam a lógica. Mesmo assim, ele não podia descartar totalmente a possibilidade de que essas coisas existissem. E, se fosse o caso, poderiam ser uma maneira de lhe roubar seus dons. A ideia de que um homem como Charles Cornick se apossasse de seus dons, perseguindo os outros membros de sua família para roubar os deles, deixou Argus apavorado.

Nós. O homem havia dito "nós ". Argus sabia que deveria considerar a importância desse fato assim que se recuperasse suficientemente da surra para poder pensar de forma clara. Caso houvesse algum tipo de conspiração contra sua família, todos eles podiam correr muito mais perigo do que ele havia pensado de início.

— Lorelei, a sétima dos filhos do Duque de Sundunmoor — murmurou, enquanto a inconsciência tomava cada vez mais conta dele —, rezo para que você seja mais forte do que aparenta. Parece que meu destino está cada vez mais em suas pequenas mãos.

Ao mesmo tempo em que ele atendia ao chamado da escuridão, sua mão deslizou sob o fino colchão para tocar o xale.

Lorelei franziu a testa em direção ao pai quando este fez uma pausa em sua longa dissertação sobre os Wherlocke e os Vaughn. — Então, são mágicos? — perguntou.

— Não, minha filha — respondeu ele, sorrindo e revelando a encantadora beleza que lhe valera três lindas esposas. — Foi Deus que lhes atribuiu esses dons. Acredito que todos nós tenhamos alguns desses traços, mas eles são muito mais fortes em algumas pessoas, que assim podem usá-los. Todos sentimos um leve sinal de perigo, aquele momento de desconforto que nos salva de sofrer acidentes ou ameaças. Aqueles que de fato têm o dom podem ver o perigo chegar ou em sonho ou em uma visão.

Ele parou para respirar, e Lorelei, sabendo que seu pai estava prestes a começar outra longa explanação, perguntou-lhe depressa: — E possível que alguém projete seu espírito para fora do corpo?

— Esse é o rumor que ouviu?

— Entre outros — murmurou ela, esperando parecer tão inocentemente curiosa quanto tentava.

— Já ouvi algo nesse sentido. Um homem entra em transe e projeta para fora seu espírito, sua alma, para percorrer o mundo. Não existe tanta literatura quanto para os outros dons, como ver fantasmas ou ter visões.

— Entendo. Então, você não acha que é possível fazer isso?

— Ah, não vejo por que não poderia acontecer, apenas deve ser difícil. Afinal de tontas, todos nós acreditamos ter uma alma que deixa o corpo quando morremos. Por que não poderíamos encontrar uma maneira de, vez ou outra, enviá-la para fazer uma pequena viagem enquanto estamos vivos?

Lorelei deixou seu pai discorrer mais um pouco sobre o assunto antes de pedir licença para se arrumar em função do jantar. Enquanto ia para seu quarto, pensou tudo o que o pai lhe havia dito. Era possível que os Wherlocke e os Vaughn fossem realmente dotados, que os rumores espalhados ao seu respeito fossem verdadeiros. Assim pensava seu pai, que, embora parecesse um tanto perdido em meio aos livros na maior parte do tempo, era um homem muito inteligente. E, refletiu ela, muitos outros também acreditavam nisso, do contrário não existiriam tantos documentos e livros escritos sobre esses dons.

Isso queria dizer que, de fato, Argus Wherlocke poderia ter enviado seu espírito ao jardim do seu pai. O homem podia realmente estar em perigo. Seu coração - parou ao pensar nisso, e ela disse a si mesma que era de excitação e não de medo do homem de olhos escuros e pele macia. A pergunta agora era: deveria escrever à família dele para contar o que havia acontecido e correr o risco de ser vista como louca? Ou deveria simplesmente ignorar todo esse assunto, rejeitando-o como sendo fruto de cérebro febril, e correndo o risco de deixar o homem preso?

Logo que entrou no seu quarto, foi até a escrivaninha. Achava que seria mais fácil ser vista como louca ou demente do que deixar um homem em perigo mortal, ainda que pudesse ajudá-lo. Escreveu rapidamente três cartas, certa de que o mordomo, Max, poderia encontrar os endereços dos três Wherlocke, dos quais se

lembrava após a longa e, de certa forma, desconexa conversa com seu pai.

Pensou que as cartas demorariam a chegar ao seu destino. Se as pessoas que havia escolhido não estivessem em casa, passaria ainda mais tempo antes que soubessem do perigo que Sir Argus corria. Lorelei decidiu que não podia ficar sentada como uma delicada flor do sexo feminino a esperar que outros se precipitassem para socorrer o homem, especialmente quando não tinha certeza de que viessem a fazê-lo, ou mesmo que estivessem em condições de agir. Precisava começar imediatamente a procurá-lo.

Colocando as cartas de lado para que fossem endereçadas, seladas e enviadas na manhã seguinte, começou a se arrumar para o jantar. Precisava fazer novos planos, mas tinha confiança em sua capacidade de escolher o melhor lugar para procurar, se refletisse nisso por alguns instantes. Lorelei sabia que seus passos manifestavam uma renovada agilidade enquanto descia para o jantar. Ansiava por se tornar uma heroína.



Capítulo 2

— NÃO FAÇO IDEIA DO QUE NOS LEVA A NOS ARRASTARMOS ATRÁS DE VOCÊ nessa busca insana.

Lorelei ignorou a queixa ranzinza de seu primo Cyrus, enquanto estudava a casa deles. Desde que chegara a Dunn Manor, a casa de seu primo, ela havia demorado dias para encontrá-la. Indolentemente, coçou o braço, já que o gramado em que se ia havia irritado sua pele. Todos os seus instintos lhe diziam que essa era a casa que ia procurado, mas, embora estivesse em relativo bom estado, parecia vazia. Aninhada um vale pouco profundo, era cercada por colinas baixas e árvores, e parecia totalmente sem vida. Mesmo assim, viam-se muitos pés de lavanda e ervilha-de-cheiro, que cresciam voluptuosamente, sem a intervenção de um jardineiro. E havia uma série de janelas gradeadas correndo ao longo da parte mais baixa da casa, que ela rapidamente tinha vislumbrado através da forma evanescente de Sir Argus. Ele estava atrás de uma delas; ela tinha certeza disso.

— Você está aqui porque sabe que posso encontrar tudo o que eu estiver procurando — disse Lorelei.

— É verdade — concordou Cyrus, enquanto se levantava cautelosamente, dando a olhada ao redor para se certificar de que ninguém estivesse por perto.

— Isso, claro, se acreditarmos que você realmente viu um homem no seu jardim pedindo ajuda, e que sua cabeça não ficou simplesmente cozida ao sol.

— Se você não acredita em mim, por que veio aqui comigo? — Uma vez que nenhum alarme havia disparado quando seus primos se levantaram, Lorelei fez o mesmo em um movimento rápido.

— Eu não tinha outra coisa para fazer, e de qualquer modo há a possibilidade de que esteja certa. Eu sempre quis ser um herói. — Peter sorriu, dando ao seu rosto quadrado um toque de verdadeira beleza. — A casa parece deserta. Podemos sair à procura do prisioneiro agora?

— Acho que sim — respondeu Lorelei.

—Você parece desapontada.

— Eu havia pensado que fôssemos nos arrastar até o lugar, escondidos nas sombras de uma noite sem lua, vestidos de preto. Talvez até disfarçados para esconder nossa verdadeira identidade. — Ela sorriu quando seus primos riram, e então ficou de pé. — Entretanto, não vimos nenhum sinal de ocupação no momento em que nos deitamos aqui para vigiar a casa. Agora é melhor que nos dediquemos à tarefa de resgatar o homem. — Ela alisou a saia com a mão e foi caminhando em direção ao pé da pequena colina.

— E onde está Vale?

Lorelei parou e olhou para trás, onde sua criada, que ainda estava deitada grama, parecia visivelmente adormecida.

Peter sacudiu a cabeça, e suas mechas castanho-acinzentadas acompanharam o movimento. — Ela vai ficar chateada se acordar e descobrir que ficou sozinha.

"Chateada" era uma palavra amena para o que Vale sentiria se acordasse sozinha sem saber aonde sua senhora havia ido. Vale era muito propensa a fazer dramas. Lorelei avançou até sua criada e a acordou delicadamente.

— Estamos voltando para casa, milady? — perguntou Vale ao se levantar e limpar-se. Antes que Lorelei tivesse tempo de responder, Peter e Cyrus lhe deram um empurrão, na garganta e Vale caiu de volta no chão. Sua queixa ante um tratamento tão rude ficou entalada na garganta quando Peter apontou silenciosamente para três homens que se aproximavam a cavalo. Ela afagou o braço dele em gratidão por sua sagacidade, e observou os homens que agora estavam parando diante da casa.

Um cavalheiro e dois rufiões, avaliou ela. Ninguém saiu da casa para cuidar dos cavalos. Ninguém apareceu nem mesmo para abrir a porta. Isso confirmou sua opinião de que a casa estava deserta. Exceto no que dizia respeito do Sir Argus Wherlocke. Lorelei agora tinha ainda mais certeza de que o visitante de seu jardim se encontrava nessa casa e que os três homens que haviam acabado de chegar pretendiam feri-lo. Ela teve de manter as mãos bem cerradas na grama comprida que a escondia, para evitar lançar-se adiante e correr colina abaixo em uma vã tentativa de impedir que os homens entrassem na casa. Todos estavam armados e provavelmente dispostos a atirar nela antes de voltar às suas tarefas.

— Agora, por que três homens estão entrando em uma casa abandonada? — murmurou Peter. — Eles não têm escolta, ninguém para cuidar dos seus cavalos nem para lhes abrir a porta. Estão armados, e não consigo entender por que precisam de armas para

penetrar em uma casa vazia. E dois deles parecem verdadeiros vagabundos das docas.

— Isso é verdade — concordou Lorelei, tensa de medo ao pensar que o homem que mexia com seu coração estava preso naquela casa. Seria tarde demais para ajudá-lo? — Eu estava pensando a mesma coisa.

—Você pode estar certa com relação à casa, mas não podemos entrar lá agora.

— Não. Por enquanto vamos observar e tentar entrar lá à noite.

—Você tem certeza de que será seguro? — perguntou Cyrus.

— Na medida do possível — respondeu ela. — Não há sinal visível de que esses homens estejam morando aqui. Como Peter e eu já dissemos, não há criados, nenhum fogo aceso para recebê-los, e eles deixaram os cavalos selados.

Cyrus concordou com a cabeça. — Então, se estiverem aqui hoje à noite quando voltarmos, saberemos porque veremos os cavalos deles.Vamos esperar para ver se eles vão embora?

Lorelei confirmou com a cabeça, olhar fixo na casa e o ventre apertado de medo. Os homens estavam ali apenas para ferir Sir Argus, e essa ideia se remoia dentro dela. O tempo se arrastava enquanto ela esperava que os três homens saíssem. Quando finalmente reapareceram, a maneira como um dos troncudos lacaios do cavalheiro esfregava as juntas da mão lhe deu calafrios. Ela observou enquanto se afastavam e reteve seu desejo de correr imediatamente até a casa.

— Com certeza, algo está acontecendo lá dentro — murmurou Cyrus levantando-se, após esperar por tensos minutos

que os homens de fato tivessem ido embora. — Não gostei da aparência desses homens. De jeito nenhum. Um se veste como um cavalheiro, anda muito mal acompanhado.

— E verdade. — Lorelei se levantou, incapaz de tirar os olhos da casa. — Duvido que esses homens sejam criados dele. E o homem que vi no nosso jardim estava coberto de contusões mal cicatrizadas.

— Então, você acha que essa pequena visita foi feita para deixá-lo ainda mais machucado?

— Sim. — A necessidade de correr para dentro da casa, encontrar Sir Argus e cuidar de seus ferimentos tomou conta dela com uma surpreendente força. — Eles acham que ele tem um dom, e que pode passar isso a eles; e essas visitas são feitas para tentar persuadi-lo a fazer isso. — Finalmente, ela olhou para seus primos, sem se surpreender ao constatar que eles estavam franzindo as sobrancelhas. Podia claramente ler a dúvida no rosto deles. — Sei que acham difícil entender e acreditar nisso, mas papai acredita nessas e a grande quantidade de livros e documentos que juntou sobre o assunto mostra que muitas outras pessoas também.

Enquanto seus primos avaliavam suas palavras, ela prosseguiu: — Mas o que vocês e eu achamos não tem muita importância. O cavalheiro que acaba de ir embora acredita que Sir Argus Wherlocke tem um dom, e ele o quer para si. Eu realmente vi um homem no jardim. A perda do meu xale é uma prova suficiente. Entendo que seja difícil de acreditar nisso, como também eu mal consegui acreditar, mas mesmo assim meu xale desapareceu com ele. Também estou certa de que Sir Argus Wherlocke está sendo mantido prisioneiro e que esses homens certamente não vieram aqui para tomar uma xícara de chá com ele.

— Sem dúvida— disse Peter, levantando-se antes de ajudar Vale a se pôr de pé. — independentemente do que eu possa achar a respeito de seu homem no jardim, tenho certeza de que algo ruim está acontecendo naquela casa. Então, por que não vamos até lá agora mesmo?

— Porque não temos certeza de que os homens foram embora definitivamente. Se eles fizeram o que imagino, também temos de lidar com um homem muito ferido, e não trouxemos nada para tanto. É melhor termos certeza de que foram embora mesmo e estarmos prontos para lidar com um homem que não pode nos ajudar muito em sua própria fuga.

— Concordo. Então, esta noite vamos voltar e ver exatamente o que está acontecendo nessa casa. Pareci que você vai conseguir nos arrastar até a casa, escondidos na escuridão e vestidos de preto. Mas não será uma noite sem lua, e não estou nenhum disfarce.

—Ah, *milady* — protestou Vale enquanto Cyrus ajudava Lorelei a se pôr de pé e a alisar sua saia. — Eu gostaria que esquecesse esse empreendimento. Pode ser perigoso. Não gostaria da aparência de nenhum desses homens... Nem mesmo do cavalheiro. Você já escreveu para a família do Sir Argus Wherlocke. Não pode esperar que eles venham ajudá-lo?

—Vale — disse Lorelei, afastando-se das aflitas atenções de sua criada —, aqueles homens bateram em Sir Argus. Tenho certeza de que foi por causa disso que eles estavam aqui. Para dar-lhe uma surra. Duvido que tenham parado para cuidar dos ferimentos que infligiram, e não posso esperar sabendo que a cada dia que passa ele pode estar sofrendo.

Os primos murmuraram algo para manifestar seu acordo, mas Vale veio argumentando contra a ideia de empreender

qualquer ação durante todo o caminho que os trazia de volta a Dunn Manor. Lorelei finalmente dispensou a mulher e foi até o quarto que ocupava quando visitava seus primos. Precisava fazer planos para resgata Sir Argus, e não podia fazer isso com Vale andando irrequieta pelo cômodo, retorcendo suas mãos rechonchudas. Lorelei sorriu enquanto preparava as roupas que pretendi vestir. Vale simplesmente desmaiaria se visse o que sua senhora estava prestes a vestir para sair pela noite e resgatar um estranho.

—Você roubou minhas roupas!

Lorelei sorriu para seu primo Peter, ignorando a reação chocada de Vale. —Você não esperava que eu fosse me arrastar de saia para resgatar um homem, não é? — Distraída, passava as mãos pelos culotes pretos que vestia. — Preciso ser rápida e ágil. As saias não permitem isso.

—Vale está usando saia.

—Vale vai ficar aqui.

— *Milady*, eu... — começou a protestar Vale.

—Vale, você precisa nos assegurar de que ninguém descubra que fomos embora, e que o cômodo escolhido esteja pronto para receber Sir Argus. — Lorelei beijou Vale na bochecha e levou gentilmente sua criada para fora do quarto.

— Mas... — tentou argumentar Vale, enquanto Lorelei a empurrava em direção a corredor.

— Precisamos de alguém que vigie aqui e nos ajude quando voltarmos. — Lorelei fechou delicadamente a porta ante uma Vale muda, esperou até ouvir sua criada ir embora e então se virou para seus primos. — Vocês sabem que tenho razão a respeito disso. Terei mais facilidade em acompanhar o ritmo de vocês vestida de rapaz.

— Ela ignorou a maneira como seus primos levantaram os olhos para o céu, como se estivessem procurando ajuda divina. — Podemos ir? — disse ela já indo embora, sorrindo de leve ao ouvi-los tropeçar para alcançá-la.

— Saiba que, se alguém a vir nessas roupas, estará totalmente perdida — disse Cyrus.

— Se considerarmos que estamos prestes a tirar um homem das cruéis garras de sequestradores que o espancam regularmente, acredito que essa desgraça é a última coisa com a qual eu deva me preocupar.

—Ah, nisso está certa.

— Obrigada.

Lorelei acelerou o passo, quase correndo até o estábulo onde ficavam os cavalos. Ela não queria que seus primos tivessem muito tempo para pensar, ou então pereciam que ela agia de forma insensata. Não importava o motivo, mesmo que fosse à questão de vida ou morte, ela de fato cairia em desgraça se alguém a visse vestida como homem. Havia certa chance de que algumas pessoas entendessem, até achassem o divertido e ficassem caladas. Contudo, sua sorte era tamanha que, se fosse vista, ia por alguém que não esperaria para contar ao mundo inteiro o comportamento escandaloso da filha do duque.

Na hora em que alcançaram a colina acima da casa, à lua saiu de trás das nuvens. Lorelei olhou de cenho franzido para a lua cheia e brilhante. As sombras teriam sido melhores e mais seguras, mas essa lua era caprichosa. Só lhe restava rezar para que ninguém fosse visitar o prisioneiro ou, pelo menos, que as nuvens voltassem antes que eles quisessem de correr para se salvar.

— Peter vai ficar com os cavalos — disse Cyrus ao mesmo tempo em que se postava lado de Lorelei — E será nosso vigia.

— Ele perdeu a cara ou coroa, não é? — Ela balançou a cabeça ao ver Cyrus sorrir, e então olhou para Peter. — Espere o nosso sinal. Talvez precisemos de ajuda para soltar o homem. — Após ele confirmar com a cabeça, ela começou a descer a ladeira, ansiosa para encontrar alguma sombra que impedisse que eles fossem vistos.

Cyrus ficou vigiando enquanto Lorelei tentava destravar a porta. Depois de várias tentativas frustradas, o som da fechadura se abrindo fez com que ela quase gritasse de idade. Seu irmão Tudor lhe mostrara o truque anos antes, mas ela não praticava havia muito tempo e, por um momento, temeu ter perdido o jeito. O ruidoso rangido que a porta fez ao abrir a assustou, porém não foi seguido por nenhum outro som. Cyrus então acendeu a lanterna que carregava, e ela soube que estivera certa. Ninguém morava nessa casa, nem cuidava dela. A única interferência nas espessas camadas de poeira e teias de aranha que visivelmente cobriam tudo eram as nítidas pegadas dos homens que haviam entrado na casa.

— Foram legais por nos mostrar o caminho — murmurou Cyrus. — Mas isso leva a quê?

— A Sir Argus Wherlocke — respondeu Lorelei, enquanto seguia a pista deixada pelos três homens.

— Ou a objetos de contrabando. Ou ao covil de ladrões. Ou a um cadáver ou até dois.

— Eles precisam que Sir Argus esteja vivo. Um homem morto não pode lhes dar o que quer. Tenho certeza que ele está aqui.

— E eu não tenho tanta certeza de querer que você esteja certa. A ideia de que alguém que pode mandar sua alma fazer uma pequena viagem para fora do corpo me dá calafrios.

— Não vejo por que razão. Não é como se ele estivesse espiando todo mundo. Ninguém quer aparecer despido em qualquer lugar nos momentos menos apropriados.

— E verdade, mas acredito que ele não esperava ser visto por você.

— Ah, não, com certeza. Ele ficou ainda mais surpreso do que eu. Posso entender por que seus inimigos querem aprender esse truque, mas duvido que seja algo que alguém queira utilizar com frequência.

— Por que não? Pense em tudo que poderia aprender, todos os segredos descobriria.

— E verdade, mas o corpo deve ficar muito vulnerável a ataques enquanto o espírito vai flutuando para outro lugar. E o que acontece com o espírito se alguém matar o corpo?

— Ah, claro. Não é nada bom.

Ela franziu as sobrancelhas ao notar que as pegadas se interrompiam diante a porta da cozinha. As marcas na poeira mostravam que a porta se abrira para o lado de fora. Lorelei percebeu que tinha medo de abrir a porta, mas não porque temesse estar errada. Ela não queria descobrir que era tarde demais para ajudar Sir Argus Wherlocke. A conversa de Cyrus a respeito de cadáveres não lhe saía da cabeça.

— Lolly? — sussurrou Cyrus, usando o mesmo diminutivo que utilizava quando era criança. —Você quer que eu entre primeiro?

Lorelei rapidamente se retesou e, negando com a cabeça, alcançou o trinco da porta Ela se abriu para revelar apenas sombras. Cyrus levantou a lanterna no limiar da porta, a luz mostrou estreitos degraus que desciam para a escuridão. Ou havia outra por no final da escada, ou os homens haviam deixado o prisioneiro sem nenhuma fonte de luz. Por um momento, ela se sentiu aliviada ao descobrir uma porta no fim dos degraus, mas logo voltou a se aborrecer por ter de lutar para conseguir abri-la.

Argus ouviu um leve ruído na porta e tentou abrir os olhos inchados. Embora a última surra tivesse acontecido mais cedo do que esperava, ele não podia acreditar que Charles já estivesse de volta. O homem não queria matá-lo, apenas lhe infligir uma dor constante. Com certeza, se recebesse agora outra surra tão violenta quanto aquela que acabara de sofrer, não resistiria.

A morte agora não devia demorar, refletiu ele, enquanto mudava de posição sobre a estreita cama, retendo um grito de agonia. Não havia uma ínfima parte de seu corpo que não estivesse doendo ou latejando. O fato de ser mantido em quase inanição apenas aumentava as chances de que sucumbisse à próxima surra. O frio e a umidade assim como a falta de água para limpar suas feridas, facilitavam os riscos de infecção. Argus duvidava que pudesse sobreviver por mais duas semanas a tamanhos maus-tratos.

Ele estava se dando conta de que Charles parecia demorar muito tempo para abrir a porta quando ouviu o som reconhecível da fechadura se destravando. Um suave “ah” se seguiu, ele franziu a testa. Era a voz de uma mulher. Será que Charles de fato trouxera uma feiticeira com ele? Argus quase esperava que o homem tivesse encontrada uma verdadeira. Se fosse apenas uma tola se achando capaz de enganar o homem, logo estaria morta.

Primeiro entrou a luz, e Argus distinguiu duas silhuetas. Uma alta e outra menor. As maciças silhuetas dos capangas de Charles não apareceram enquanto as duas pessoas se aproximavam dele. Já estavam ao lado da cama quando ele pôde vê-las claramente pela estreita fenda em que seus olhos haviam se tornado.

— Deus me livre, Lolly! O homem está nu! — Argus ouviu um suspiro de irritação tipicamente feminino. — Acho que já mencionei esse fato, Cyrus. Não é por causa disso que trouxemos algumas roupas? Senhor? Está acordado?

Uma pequena mão macia deslizou levemente sobre seu ombro, e Argus quis segura-lo contra sua pele, mas estava fraco demais para dar vazão a esse estranho desejo. — Mais ou menos.

— O senhor se lembra de que veio me visitar no jardim? — perguntou a mulher ao debruçar sobre ele, fazendo com que ele sentisse seu odor claramente feminino.

— Lady Lorelei Sundun. E minha família?

— Não responderam às minhas cartas. Senti que era necessário agir sem mais tardar não podia esperar mais pela ajuda deles. — Mesmo à fraca luz que vinha da janela podia ver que ele tinha sido violentamente espancado. — Acha que consegue se mexer? Trouxemos algumas roupas e temos cavalos nos esperando.

— Para isso, consigo sim. — Argus começou a se sentar e, em um movimento rápido, ou a mão contra a úmida parede de pedra para se manter firme, enquanto a dor, e a exaustão ameaçavam levá-lo a desmaiar. — Acho que vou precisar de ajuda.

—Vamos ajudá-lo.

Argus lutava para eliminar a névoa que tomava sua mente quando o jovem chamado Cyrus colocou a lanterna no chão, retirou

roupas de um saco, e começou a com urna fina camisa de linho. Lady Lorelei se ajoelhou cuidadosamente sobre a cama e se dedicou a destravar a corrente que mantinha seu tornozelo preso. Apesar a curiosidade de Argus se aguçou quando ele percebeu que ela tentava forçar a atadura, e que provavelmente fizera a mesma coisa com a porta de sua prisão. Ele ouviu outro "ah" suave ao mesmo tempo em que a corrente caía de seu tornozelo. *Um passo a mais rumo à liberdade,* pensou, sentindo um breve surto de força e determinação em meio à dor.

—Vire-se de costas, Lolly — disse Cyrus. — Preciso acabar de vesti-lo.

Lorelei se virou, ignorando a nítida ponta de decepção que tomou conta dela pelo fato de não ser autorizada a ver o que Sir Argus escondia atrás do imundo cobertor que segurava no colo. Ficou se concentrando na melhor e mais rápida maneira de tirar o homem da casa. A seu ver, ele estava tão machucado que mal seria capaz mesmo de sem ajuda. Uma vez que chegassem aos cavalos, a dificuldade para movê-lo seria menor, mas, até lá, ela e Cyrus teriam de dar ao homem toda a ajuda que pudessem, embora precisassem se movimentar com a maior rapidez possível.

— Pronto — disse Cyrus.

Cyrus se levantou. Um dos braços de Argus se apoiava sobre seu ombro, e seu próprio braço envolvia a cintura do homem, que era maior do que ele. Anos de trabalho no campo, na época da colheita, haviam transformado Cyrus em um jovem forte, mas Sir Argus de pé por todo o caminho até os cavalos. Parte do trajeto teria que ser feito morro acima. Contudo, não disse nada porque sabia que o jovem ficava facilmente ferido em seu orgulho. Simplesmente pegou a lanterna, pronta para liderar a saída da úmida prisão.

— Seu xale — disse Sir Argus, com voz fraca e rouca. — Debaixo do colchão.

Chamar aquilo de colchão era um tanto exagerado, refletiu Lorelei ao passa mão por baixo do trapo forrado de palha. Colocou o xale por cima dos ombros, pegou a lanterna e liderou cuidadosamente o grupo pela escada, sempre verificando que seu primo e Sir Argus tivessem luz suficiente para enxergar os degraus. Procurou ignorar os gemidos e certos palavrões que vinham de trás. No momento em que chegaram pé da ladeira, Cyrus e Sir Argus estavam arfando. Lorelei estava prestes a oferecer ajuda quando Peter veio correndo ladeira abaixo.

— Droga, havia mesmo um prisioneiro na casa — disse Peter, passando o outro braço de Sir Argus sobre seus ombros.

— Se nenhum de vocês acreditou no que eu lhes disse, por que me ajudaram na minha busca? — questionou Lorelei, erguendo a lanterna para iluminar o caminho enquanto os três cambaleavam lentamente ao subir a colina.

— Não tínhamos outra coisa a fazer. Pena que o homem que acaba de resgatar não seja menor.

— Acredito estar bem menos pesado que há quinze dias — disse Sir Argus. Havia a sua voz um leve tremor, que fez Lorelei pressentir que ele estivesse prestes a desmaiar apesar dos seus esforços para brincar. Ela se retesou ao sentir os pelos de sua nuca repente se ouriçar. Não era algo que lhe ocorresse com frequência, mas ela reconheceu o sinal de que algo estava prestes a acontecer, algo errado.

— Apressem-se — disse ela. — Estou com um mau pressentimento.

— Droga — murmurou Peter. — Não acredito que aqueles bastardos estejam voltando para dar outra surra neste pobre homem. Você disse que queriam mantê-lo vivo. Pela sua aparência, não vai sobreviver se levar outra surrada tão cedo.

Era possível ouvir o som de cavalos se aproximando no momento em que seus primos e Sir Argus alcançaram o topo da colina. Lorelei sabia que Sir Argus também os ouvira. Ele mostrou ter recuperado momentaneamente parte de suas forças e começou a andar de maneira mais firme. Isso ajudou os primos a alcançarem os cavalos e a assentá-lo mais facilmente sobre a sela.

Apesar de terem se apressado, podiam ver os cavaleiros se aproximando quando Lorelei apagou a lanterna. O luar voltou a brilhar, e Lorelei percebeu que ainda podiam ser facilmente vista. Ela se precipitou para as sombras das árvores, com o coração quase parado de medo. O primeiro cavaleiro olhou em sua direção. Ela duvidava que pudesse vê-la com nitidez, mas, por outro lado, isso também permitia supor que ela seus primos corriam o risco de ser perseguidos. Precisavam fugir tão rápido e silenciosamente quanto possível. Ela montou em seu cavalo, olhou Cyrus rapidamente para verificar se ele segurava Sir Argus com firmeza, e então liderou a volta até Dunn Manor.

—Vocês viram isso? — perguntou Charles, espreitando o topo da colina com olha semicerrados para tentar discernir algum movimento.

— O quê? — perguntou Tucker, coçando preguiçosamente seu largo peito.

— Pensei que tivesse visto alguém lá em cima.

Tucker também semicerrou os olhos em direção à colina. — Não há nada. Um bicho?

— Não. Achei ter visto uma mulher com roupas de homem.

— Se ela estava vestida de homem, como pode ter certeza de que era uma mulher!

— Uma longa trança que parecia ruiva ao luar e uma bunda bem redonda. E o que parecia ser um xale claro amarrado sobre os ombros. Acho difícil que um homem se vista assim.

—Você quer que eu e Jones demos uma olhada?

Charles negou com a cabeça. — Pode não ter sido nada, ou é uma jovem tola voltando para casa depois de um encontro com o namorado. Não temos tempo para ir até lá e checar. Temos coisas para fazer. — Parando o cavalo diante da casa, Charles desceu rapidamente. — Tucker, Jones, tragam esse idiota até a sala. A velha precisa de espaço e luz para fazer o que tem de fazer.

Enquanto os dois homens se precipitavam para executar a ordem, Charles foi ajudar a mulher a descer do cavalo. Procurou vencer seu desgosto colocando-a rapidamente de pé antes de se afastar. Charles não tinha certeza se ela era a feiticeira que dizia ser, mas, com certeza, era a mulher menos atraente e mais suja que já vira. A seu ver, ela uma farsante, apenas uma velha megera que sabia lidar com ervas, mas ninguém lhe havia pedido sua opinião. Fez um movimento com a mão para convidá-la a entrar na sala da casa, tentando ficar o mais longe possível dela.

Charles estava tirando sua pederneira do bolso para acender o fogo, quando Jones e Tucker entraram hesitantes na sala, sem o prisioneiro.

— Onde está Wherlocke?

— Sumiu — respondeu Tucker.

— Então me parece que vi alguém mesmo — murmurou Charles, sentindo a raiva vivo se apossar dele. — A porta estava trancada?

— Não. A porta da cela também estava destravada, e alguém tirou suas correntes.

— Não é porque vocês perderam o homem que podem pensar que não vão me pagar o que foi combinado — disse a mulher, mostrando todas as rugas de seu rosto, fitando Charles. — Quero que pague agora mesmo o que é devido.

—Você vai receber o que merece — disse Charles, tirando a pistola do bolso e atirando na mulher bem entre os olhos.

— Droga! — exclamou Tucker olhando para a mulher morta. —Agora precisamos limpar a sujeira.

— Não. Deixe-a onde está — disse Charles andando em direção à porta. — Rápido, temos coisas para fazer.

— O quê? Wherlocke sumiu. Duvido que volte a cair em nossas mãos.

— Ele vai. Precisamos apenas descobrir quem o libertou.

— E como vamos fazer isso? Não temos ideia de quem o tirou daqui.

—Ah, claro que temos. Trata-se de alguém que mora perto daqui. De uma mulher dona de uma linda bunda e de cabelo ruivo. Basta encontrá-la para encontrarmos Wherlocke.



Capítulo 3

ARGUS ACORDOU COM DOR E NÃO CONSEGUIU REPRIMIR UM GEMIDO. Não achava que tivesse algo quebrado, mas duvidava que alguma parte de seu corpo não tivesse machucada. Sentia algo lhe apertando as costelas, supunha que alguém as houvesse enfaixado, e, embora tivesse certeza de que não havia nada quebrado, não ficaria surpreso se estivessem luxadas. Por alguns instantes, sentiu algo frio e úmido sobre olhos. Cautelosamente, já que não sabia exatamente o quanto estavam inchados, abriu os olhos e descobriu dois grandes olhos verde-escuros encarando-o. Olhos lindos, delicadamente desenhados abaixo de sobrancelhas arqueadas e rodeados por longos cílios cor de cobre na ponta. Olhos em que se via preocupação.

— Lady Lorelei — disse ele, contraindo-se sob a dor de garganta que sentia ao pronunciar essas duas palavras.

— Sim — respondeu Lorelei, passando a mão debaixo da cabeça do homem levantando-a ligeiramente, de maneira que ele pudesse beber um pouco de caldo sem derramá-lo. — Vejo que o sono lhe fez bem. Seu rosto não está tão inchado quanto antes.

— Dormi durante quanto tempo?

— Desde ontem à noite e grande parte de hoje.

— Ah. E onde estou mesmo?

— Em Dunn Manor. A casa de meus primos. Apenas Cyrus, Peter e minha criada sabem que está aqui. Cyrus e Peter cuidaram da maior parte de suas feridas, e até enfaixaram suas costelas porque tinham certeza de que algumas estavam luxadas, maneira que deve ter muito cuidado ao se mexer. Você está acomodado num quarto situado no final da ala reservada aos convidados. Nem as faxineiras devem aparecer por aqui antes de uma semana. Assim que recuperar um pouco suas forças, vamos levá-lo a Sundunmoor. Lá você poderá se recuperar em um dos cômodos da portaria. Serve somente para receber convidados, é limpa e arejada apenas duas vezes por ano ou quando esperamos visitantes, e não esperamos ninguém para os próximos meses, de forma que e deverá se sentir em segurança.

Enquanto falava, ela continuava a alimentá-lo. Para surpresa dele, o caldo que lhe descia pela garganta era saboroso e bem temperado, embora ele soubesse que logo gostaria de comer algo mais substancial. Suspeitava também que alguns dos temperos que sentia não haviam sido acrescentados simplesmente para dar gosto, mas ajudavam a curar seus ferimentos ou a dormir. Contudo, Argus não tinha certeza se o fato de se encontrar deitado em uma cama ao lado de uma linda mulher de olhos verdes era o melhor a fazer. Charles não aceitaria a perda de seu prisioneiro. Sua presença ali podia fazer com que essa mulher corresse perigo.

— E minha família? — conseguiu perguntar enquanto engolia o caldo.

— Ainda nenhuma notícia. Aqueles aos quais enviei as cartas podem estar viajando do país, como tantas pessoas fazem nesta época do ano. Vai demorar certo tempo até eles receberem as minhas cartas. A menos que você saiba exatamente onde se

encontram agora alguns membros de sua família. Assim, eu poderei enviar mais cartas.

Argus afastou a mão da moça quando ela tentou lhe dar mais caldo, percebendo seu estômago não aguentaria mais comida, e que precisava se reacostumar, de maneira lenta e progressiva, a engolir quantidades maiores de alimento. O gesto era fraco, sua mão tremia, mas ela entendeu o pedido e pôs a tigela de lado. Ele implorou para não a fraqueza que tomava conta dele logo desaparecesse.

— Eu havia acabado de regressar à Inglaterra depois de uma longa viagem pelo continente quando fui pego, então receio não saber dos planos que os membros de minha família fizeram para o verão. O melhor que podemos fazer é esperar um pouco mais. — Ele tentou manter os olhos abertos sem sucesso. — De qualquer modo, estou fraco demais para enfrentar meu inimigo. E você, tem certeza de que está em segurança?

— Ah, sim, claro.

Houvera uma levíssima hesitação antes de ela responder, mas o sono o levou para suas envolventes profundezas antes que ele tivesse a chance de fazer outras perguntas. Lorelei estudava seu paciente. Os ferimentos lhe haviam deixado manchas lívidas no rosto e no corpo, mas os inchaços dos olhos e da boca haviam diminuído. Agora, ela tinha certeza de que tudo do que ele precisava era de muito descanso, além de alimento, para se restabelecer. Provavelmente, logo ele poderia ser levado para Sundunmoor. Lorelei estava impaciente e queria levá-lo o quanto antes para longe de seu inimigo. Dunn Manor ficava perto demais da prisão da qual eles tinham acabado de libertá-lo.

Ela deu uma olhada na manta que cobria o magro quadril de Argus. A faixa firmemente amarrada em volta de suas costelas

contrastava bastante com sua pele bronzeada. Ela estava aborrecida pelo fato de, mesmo após ter finalmente visto um homem despido, ainda se sentir frustrada por não ter visto suas partes másculas. A curiosidade tomava conta dela, e seus dedos ansiavam por levantar a manta o suficiente para que ela pudesse dar uma olhada rápida. O ruído da porta do quarto se abrindo aparecer bruscamente pôs fim a seu ardente desejo.

— Como ele está? — perguntou Cyrus enquanto entrava no cômodo.

— Fraco ainda, mas eu lhe dei uma boa e revigorante porção de sopa — respondeu ela.

— Então, é melhor que eu fique com ele agora, já que logo vai precisar da ajuda de um homem.

— Ah, sim, claro — respondeu Lorelei, levantando-se e lutando contra sua relutância em deixar Sir Argus.

— Peter me arranjou um pijama. Ah, e tudo de que precisamos para lavá-lo e trocar a roupa da cama.

—Você consegue fazer isso?

Cyrus revelou uma expressão estranha, parecendo varrer rapidamente todo o quarto com o olhar, e Lorelei ignorou essa silenciosa crítica à sua inteligência. — Como você acha que sabíamos tanto sobre seus ferimentos? Quem cuidou de papai quando ele caiu do cavalo?

— Sempre pensei que fosse sua mãe e o criado dela, Deeds.

— Eram de pouca utilidade. Mamãe nunca tivera estômago para cuidar de doenças ou feridas, e Deeds não conseguia parar de se lamentar, em voz bastante alta, que tinha certeza que papai nunca mais poderia andar. Ele não foi de grande ajuda, mas fizemos

questão que passasse o menor tempo possível com papai até termos certeza de que a sombria profecia de Deeds não iria se concretizar.

— Seu pai tem muita sorte em ter você e Peter.

Cyrus sorriu enquanto se sentava na cadeira que Lorelei tinha acabado de deixar. — É o que gostamos de dizer a ele. Agora pode ir. Vá comer algo e descansar um pouco.

Lorelei saiu, de certo modo perturbada ao sentir que sua relutância era ainda forte. Sir Argus Wherlocke com certeza era um belo diabo, e, sem dúvida, tinha poderes fascinantes, mas ela não o conhecia o suficiente para que pudesse se sentir atraída por ele com tamanha força. Já havia se encontrado e flertado com outros homens, mas nenhum deles tinha despertado tanta curiosidade nela quanto aquele homem. Enquanto descia à procura de algo para comer, dizia a si mesma que tudo aquilo era apenas por ele estivera correndo perigo e ela o ajudara, que ele fizera parte de uma verdadeira aventura em sua vida por outro lado convencional. Era difícil ignorar, em sua cabeça, a zinha que zombava de raciocínio tão patético, mas ela deu o melhor de si nesse sentido.

O luar se refletia em seu rosto quando Lorelei abriu os olhos. Ela praguejou em voz baixa, porque não havia pretendido dormir tanto tempo e deixar Sir Argus aos cuidados de Cyrus e Peter. Uma rápida olhada pela janela para a posição da lua disse que boa parte da noite já se fora. Rapidamente, lavou-se, vestiu-se e foi para quarto em que haviam escondido Sir Argus.

O ruído de três homens roncando assaltou seus ouvidos quando entrou no cômodo e ela teve de se segurar para não rir. Cyrus estava afundado na cadeira com a cabeça jogada para trás e a boca aberta. Peter estava estendido ao pé da cama, como se tive se sentado lá e caído no sono nessa posição. Sir Argus ainda dormia,

seu ronco muito mais suave que o dos dois primos. Lorelei ficou surpresa de que os ruídos dois jovens não tivessem acordado Sir Argus. Tão silenciosamente quanto pôde, acordou seus primos, enviando-os para a cama.

Lorelei se sentou e abriu o livro que trouxera, mas não conseguiu se concentrar na leitura. Seu olhar continuava atraído por aquele homem na cama. Seus primos haviam vestidos Sir Argus com uma camisolão do pai deles e o branco nítido da roupa realçava a cor morena de sua pele, assim como o fizera a faixa em suas costelas. Ela já o vira suficientemente para saber que essa cor também não resultava do sol. Da mesma maneira, convencera-se de que gostava dessa tez, muito mais do que da cor pálida e ruborizada dos homens que conhecia. Era possível que essa grande diferença fosse o motivo pelo qual seus dedos ansiavam por tocar a pele do homem, mas ela temia que essa ânsia fosse mais complexa do que mera curiosidade.

Obrigando-se a prestar atenção no livro, conseguiu ler algumas páginas antes que o seu olhar voltasse a ser atraído por Sir Argus. Seu leve ronco agora havia parado. Quando ela se levantou para olhá-lo de mais perto, temendo que ele tivesse parado de respirar totalmente, ele abriu os olhos e a olhou fixamente. Lorelei se sentiu envolvida pelo olhar dele. Era como admirar um céu noturno sem estrelas. Quando a névoa do sono desapareceu de seus olhos, a intensidade do olhar começou a deixá-la nervosa, com e ela se sentiu incapaz de desviar os próprios olhos.

Angus olhava fixamente para a mulher de pé ao lado de sua cama. Demorou uns instantes até lembrar-se exatamente de quem ela era e por que estava ali. Logo que a reconheceu, sentiu desejo. O cabelo dela, ruivo-escuro e solto, drapejava pelos ombros e descia até a fina cintura. Ela vestia roupas simples, mas a maneira como se

debruçou sobre ele fez com que ele tivesse uma estonteante visão da beleza de seus exuberantes seios. Ele queria apertar seu rosto contra eles, lamber a delicada pele, e respirar profundamente o leve e atordoante perfume. Levantou a mão e segurou um cacho do cabelo espesso e sedoso, dando um leve puxão.

— Senhor? — disse Lorelei tensa, enquanto se debruçava para acompanhar o movimento do seu cabelo.

— Lindos — murmurou ele, olhando fixamente para os lábios carnudos da mulher, que ele desejava provar.

— Muito obrigada pela gentileza, mas...

Os lábios dele interromperam suas palavras. O choque a deixou paralisada, enquanto sua mente disparava. Os lábios do homem eram quentes e macios. Habilidosos também, Lorelei não havia sido beijada com frequência durante seus vinte e três anos de vida, porém o suficiente para reconhecer que Sir Argus tinha bastante prática nessa arte. Uma leve mordida em seu lábio inferior fez com que ela abrisse a boca diante da invasão da língua dele, uma intimidade que ela experimentara uma única vez, muito rapidamente e sem o prazer que agora sentia. O beijo fez com que ela ficasse mais próxima dele, e que sentisse um furioso fogo percorrer por todo o seu corpo.

No exato momento em que Lorelei ia cair em seus braços, ele se retesou. Ela teve de morder a própria língua para não protestar enquanto ele se afastava dela. O calor do constrangimento se alastrou por seu rosto quando ela percebeu que estava agarrando o camisolão dele. De dedo em dedo, ela soltou o pano. Lembrando-se dos ferimentos que ele sofria, ela temeu ter-lhe causado alguma dor.

Argus lutou para controlar o violento desejo de atraí-la à sua cama e mantê-la debaixo dele. E não somente porque suas costelas

feridas provavelmente não suportariam esse movimento. Ela era a filha solteira de um duque, disse para si mesmo. Era a mulher que o salvara de Charles. Não era uma mulher que ele deveria tentar seduzir, mesmo que seu corpo dolorido pedisse veementemente que o fizesse. O rubor do desejo nas bochechas de Lorelei e o brilho que o beijo compartilhado deixara em seus lábios faziam com que Argus tivesse dificuldade de controlar seus impulsos.

— Desculpe-me, Lady Lorelei — disse ele, não surpreso ao ouvir uma rouca nota de desejo em sua voz. — Eu não deveria ter abusado de sua bondade dessa maneira.

Pela aparência do rosto da mulher, Argus entendeu que havia agido de forma errada, mas não sabia o quanto. Sua história com mulheres era longa e um tanto sórdida, pelo menos até uns anos atrás. Contudo, ele nunca se relacionara muito damas da aristocracia. Criadas de tavernas, vendedoras e cortesãs costumavam ser companheiras. Ele raramente havia se envolvido com mulheres da classe alta, acreditava que esse tipo de relacionamento podia apenas trazer problemas, e levá-lo rapidamente para o altar. Argus decidiu que era suficientemente forte para usar seu dom e convencê-la de que não a beijara, e então poderia se esforçar para não recomeçar apesar de essa ideia ser muito tentadora.

— Desculpe-me? — murmurou Lorelei, surpresa ao ver o quanto essas educadas palavras a deixavam irritada e até ferida.

— Não tem importância — disse ele, cravando seus olhos nos dela e dando à voz um tom de comando. — Devemos esquecer o que aconteceu. Apenas conversamos quando você entrou no meu quarto. Não houve mais do que isso.

Lorelei franziu o cenho. Havia algo estranho no melodioso e profundo tom de voz que ele usava, até mesmo em sua cadência comedida. Os olhos do homem eram mais escuros e seu olhar tão intenso que ela sentiu os pelos dos seus braços se arrepiarem.

— Claro que não ficamos apenas conversando — respondeu ela rispidamente. — Você acha que sou completamente estúpida? O fato de conversar não leva um homem a enfiar a língua na boca de uma mulher, e por que está me olhando desse jeito? Será que eu o choquei por não ter cedido aos seus desejos de homem?

— Por assim dizer. Permita-me tentar de novo. — E foi o que ele fez, e ela pareceu mais irritada. — Isso é muito esquisito.

— Esquisito é você tentar me convencer de que ficamos apenas conversa quando não foi nada disso que aconteceu.

Argus sabia que usara plenamente seu dom, mas obviamente não surtira nenhum efeito nela. —Você vê as coisas com clareza?

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer, você é uma daquelas mulheres que precisam de óculos, porém recusam a usá-los?

— Claro que não. Vejo perfeitamente.

— E não tem problema de ouvido?

— De jeito nenhum. Por quê? — Lorelei começou a entender que ele era mais que um homem que acreditasse que ela era tão pouco perspicaz que podia ser convencida de que não haviam se beijado.

Argus coçou distraidamente o queixo enquanto tentava pensar na melhor maneira de explicar seu comportamento, e então gemeu quando seus dedos fizeram com que uma ferida começasse a

pulsar. — Acho que cheguei a lhe dizer que fui captura porque Charles Cornick queria roubar meu dom.

Lorelei se sentou devagar na cadeira, sem tirar o olhar dele. — Sim, e meu pai entupiu meus ouvidos com as histórias de todos os dons creditados aos Wherlocke e os Vaughn. Se eu não tivesse visto a maneira como você enviou seu espírito para fora em busca de ajuda, eu poderia estar zombando de tudo isso. Em vez disso, imaginei que esse era o seu dom.

— Ah não. Mas é algo sobre o qual estive trabalhando, um dom que lutei para aperfeiçoar Não, meu... há... Dom é que posso usar minha voz e meus olhos para que as pessoas me contem a verdade, até mesmo para que façam o que quero, ou realmente acreditem no que digo, mesmo que tudo evidencie que menti.

— Mas não funcionou comigo. — Lorelei suspeitou que a tentativa do homem de brincar com sua mente, de impor seu desejo a ela, ia deixá-la furiosa mais tarde, mas, por enquanto, estava totalmente fascinada, e não tão segura de que acreditasse mesmo nele — Esse é o dom que Charles Cornick queria que você lhe desse?

— Sim. Ele acreditou que eu pudesse simplesmente passá-lo a ele, ou, talvez, treiná-lo até que conseguisse fazer o mesmo.

— Imagino que ele tenha acreditado que fosse o dom mais útil que ele pudesse obter. Pense no que ele poderia realizar.

— Já pensei nisso, e não encontrei nada de bom.

— Claro que não seria bom — murmurou Lorelei. — Um homem que deseja fazer o que ele lhe fez não tem como usar esse dom de forma positiva e inocente. Na verdade sinto arrepios ao pensar no que esse diabo poderia fazer com esse dom.

— Ele, e quem for seu aliado. Charles se referiu a *nós* várias vezes. E também é preocupante ver o quanto ele sabe a respeito de minha família.

Lorelei pôde ouvir uma leve rouquidão na voz dele, e logo foi pegar uma caneca de cidra, acrescentando um pouco de mel para aliviar a garganta de Argus, junto com algumas ervas para ajudá-lo a dormir. — Meu pai também tem muitas informações. Parece que sua família desperta grande interesse naqueles que estudam esses assuntos.

— Essa não é uma boa notícia. Quando alguém se mostra interessado em nós, geralmente nossa vida acaba correndo perigo. Perdi muitos ancestrais por causa desse interesse.

— Essa fatídica perseguição acabou muitos anos atrás, embora eu saiba que o medo em relação a esses dons continue existindo. Ainda podemos ver pessoas fazendo o sinal da cruz para se proteger do diabo e evitando algumas mulheres acusadas de serem bruxas. Contudo, hoje em dia somos um povo mais esclarecido, e muitas pessoas se afastaram dessas loucuras. — Ela se aproximou de novo da cama, segurando a caneca. — ...e acha que pode beber isto sozinho, ou precisa de minha ajuda?

Argus olhou fixamente para a bebida e ergueu-se lentamente até ficar sentado, as dolorosas queixas de seu corpo. —Você pôs algo nela.

—Apenas algo para fortalecer seu sangue e ajudá-lo a dormir. — Ela levantou a mão para interromper a objeção que ele ia fazer. — O descanso é a melhor cura. A dor que torna esse legítimo descanso muito mais difícil sem esse auxilio.

Não havia como negar tamanha verdade, e Argus, relutante, pegou a caneca da mão Ele a segurou com as duas mãos enquanto

bebia, não querendo se constranger caso derrubasse a bebida sobre si mesmo e sobre a cama. A poção não era desagradável, apesar de um leve toque de amargor.

— Esta é a última vez — disse ele ao devolver a caneca vazia.

— Haverá mais uma vez. Quando o levarmos até Sundunmoor. Assim a ficará mais fácil.

Sabendo que as ervas logo fariam efeito, Argus voltou a se deitar cuidadosamente de costas. Ele não conseguiu abafar totalmente um gemido de dor, o que levou Lorelei a se aproximar dele. As pequenas mãos da mulher o agarraram com surpreendente força enquanto ela o ajudava a se deitar. Ele respirou profundamente o delicado odor de Lorelei, uma mistura de rosas e pele limpa.

Ela o estava acomodando, de um jeito que o fazia sorrir, quando a porta se a Lorelei ficou paralisada, pisando em falso, e Argus passou o braço em volta de sua cintura para ampará-la. Ele relutou contra o desejo de, com sua própria mão, que ela pusera sobre seu peito para não cair em cima dele, mantendo—a junto. Não que ele não gostasse da ideia de ela cair em seus braços, se não estivesse com dores e ferimentos.

— Senhora! — Uma criada rechonchuda se precipitou em direção à cama, e roupas mostravam que ela ocupava um cargo de certa responsabilidade. — O que está lhe fazendo?

— Nada, Vale — disse Lorelei, ao mesmo tempo em que se endireitava. A perda abrupta do contato físico com Argus causou-lhe um espasmo que a deixou confusa. O homem confundia seus sentidos. — Eu estava ajudando o cavalheiro a deitar e caí. O que está fazendo aqui?

—Você não deveria estar sozinha aí com um estranho.

—Vale, ele pode ser um estranho, porém está muito ferido e precisa de cuidados constantes. Pelo menos por mais uma noite ou duas. Não estou correndo perigo nenhum.

— Sua bela reputação poderia ficar altamente comprometida se alguém descobrisse essa situação. Deveria escolher umas das criadas para cuidar dele.

É inacreditável como tantas coisas podem comprometer altamente a minha bela reputação — pensou Lorelei. — Estamos tentando manter a presença dele aqui tão secreta quanto possível, Vale. Se eu envolver uma criada nisso, não vai demorar muito até que todo mundo nos arredores saiba que há um homem ferido em Dunn Manor.

—Vale, olhe para mim.

Lorelei franziu o cenho ante o tom de comando da profunda voz de Argus. Não ficou surpresa com o fato de Vale imediatamente obedecer, mas era desconcertante perceber que também ela havia sentido uma fugaz necessidade de seguir essa ordem. Contudo, a maneira como Vale ficou atraída, com os olhos bem abertos cravados de Argus, deixou-a incomodada. Ela sabia que estava prestes a ver a prova do estranho dom que o homem dizia ter, e parte dela queria impedir isso. Não lhe parecia certo manipular a mente e a vontade de Vale dessa maneira. Contudo, também sabia que importante manter em segredo a presença de Sir Argus na mansão, e a preocupação Vale com a reputação de sua senhora punha esse segredo em risco.

—Você sabe que eu não faria nada que pudesse prejudicar sua senhora — disse Argus.

— Sei — disse Vale, sem se mexer, com uma voz estranhamente monocórdia sem vida.

—Você não vai se preocupar com a presença dela neste quarto. Não há problema com isso.

— Não há problema.

— Exatamente. Não haverá problema em ela cuidar de mim. Você nunca mais se preocupará com a reputação dela.

— Nunca mais.

— Muito bem. Pode ir embora.

Lorelei ficou quase atônita quando Vale saiu do quarto, sem dizer uma palavra sequer, fechando cuidadosamente à porta atrás de si. Depois de fixar cegamente a porta por uns instantes, Lorelei voltou os olhos para Sir Argus, constatando que ele a olhava com cautela. E tinha de ser assim, pensou ela. O que ele acabara de fazer era muito perturbador, e um tanto assustador.

— Ah, e agora você tem medo de mim? — Argus se perguntava por que aquilo o atingia tanto, já que estava bastante acostumado com esse tipo de medo.

— Um pouco — admitiu Lorelei. — Seu dom é muito poderoso. Vale ficou presa na armadilha de sua voz e de seu olhar. Também eu senti o alcance dele, embora não tenha sido endereçado a mim.

— E nem funciona com você, aliás.

— Então, não funciona com todo mundo... Vale é mais influenciável?

— Como grande parte das criadas, porque são treinadas a ser obedientes.

— Nunca fui muito competente na arte da obediência — murmurou ela.

Argus sorriu de leve. — Não me surpreende, mas é mais do que isso. E óbvio que você sentiu algo, mas conseguiu se desprender com facilidade. Além dos membros da minha família, é a primeira vez que encontro alguém que consiga fazer isso. Lutar, sim. Saber o que estou fazendo, especialmente se eu quiser que saibam. Conseguir se libertar de minhas ordens antes que eu queira, sim. Agora, repeli-las como se fossem gotas de orvalho e me dizer para cessar, não.

—Talvez, se você tivesse tido mais tempo...

— Não. A primeira vez que experimentei fazer uso de meu dom, demorei bastante, e foi há muito tempo.

— E nunca o usou simplesmente para conseguir o que queria? — Ela se perguntava o que haveria por trás do sinal de tristeza que vira no rosto dele, uma expressão que não conseguia disfarçar com seu leve sorriso melancólico.

— Eu era jovem quando meu dom apareceu. Claro que o usei para obter o que queria, e sofri por causa da arrogância da juventude, pelo fato de descobrir que eu tinha esse poder. Mas não por muito tempo. Era... — ele fez uma pausa para encontrar a palavra certa, ao mesmo tempo em que as ervas na bebida começavam a fazer efeito, levando-o ao sono — desconfortável e insatisfatório. Hoje, uso o dom apenas quando um bom motivo para tanto.

— Como se proteger da insistência de uma criada que pode fazer com que outras pessoas saibam que você está aqui? Ou convencer uma mulher de que não lhe deu um beijo de língua? — Ela quase sorriu ao ver o quanto ele parecia irritado.

— Peço-lhe desculpas por isso e pelo beijo. — Ele enfatizou as duas últimas palavras, não tendo realmente gostado da maneira que ela havia descrito essa breve intimidade.

— Não precisa se desculpar. Já tenho certa experiência nesse assunto.

— É mesmo? — Argus se perguntava por que sentia a necessidade de exigir saber quem eram esses homens com os quais ela já havia adquirido certa experiência e socá-los até derrubá-los no chão por eles terem ousado tocar nela. Ele percebeu que as ervas estavam perturbando sua mente. — Fico feliz por não ter chocado sua sensibilidade. — Apesar de seus esforços, ele não conseguiu manter os olhos abertos.

Lorelei ignorou a ironia que transparecia sob aquelas palavras. Sabia o suficiente a respeito dos homens para suspeitar que ele não havia ficado feliz ao pensar que não tivesse lhe dado algo especial. Com certeza, não era verdade, mas esse seria o segredinho dela. Para muitos homens, a paixão era algo raso, a menos que tocasse o coração. Lorelei não tinha certeza do que a atraíra em Sir Argus Wherlocke, mas que, se fosse dar vazão à atração que sentia pelo homem, ia querer dele muito mais que paixão.

— Durma, Sir Argus — murmurou ela, levantando-se para melhor ajeitar a sobre o corpo do homem. — E o melhor remédio para seus ferimentos. —Tomada de um súbito impulso, beijou a testa dele antes de se sentar de novo e retomar seu livro,

Argus quase abriu os olhos de surpresa ao sentir aqueles macios e quentes lábios sobre sua testa. Era um gesto surpreendentemente terno, que o tocou profundamente. Lady Lorelei Sundun era um quebra-cabeça.

Era também um perigo para a paz de sua mente, despertando uma suavidade e desejo que ele achava apagados havia muito tempo. Seria melhor afastar-se dela o mais rápido possível, decidiu, enquanto a espessa neblina do sono o atraía.



Capítulo 4

LORELEI EXIBIU UM TIMIDO SORRISO DE SIMPATIA QUANDO CYRUS E PETER ajudaram Sir Angus a descer da carruagem. A viagem desde Dunn Manor havia sido feito da forma mais lenta e cuidadosa possível, mas demorara o dia todo, e nem todas as dificuldades da estrada puderam ser evitadas. Sir Argus estava pálido, sinais de dor marcavam seus lábios firmemente apertados. O suor molhava seu cabelo e reluzia em seu rosto apesar do ar frio da noite. Mesmo assim, ele encontrou tempo e força suficientes para convencer o cocheiro da carruagem de que não havia ninguém mais no veiculo, senão ela mesma e seus primos. Surpreendeu-se ver seus primos não se incomodavam com a maneira como Jem, o cocheiro, apenas sorriu afetuosamente, concordando com o fato de que Sir Argus não estivera presente, antes de ir embora.

Ela se precipitou na frente de seus primos e de Sir Argus, destrancando a porta da cocheira. Um profundo suspiro foi suficiente para lhe dizer que Max havia feito o que ela lhe pedira e preparado o lugar para um hospede. Mandar Vale trazer o recado de antemão havia sido uma decisão precipitada e nem muito sábia. Depois, Max ia indubitavelmente lhe fazer perguntas a respeito do

segredo no qual ela havia tanto insistido, mas ela não podia se preocupar com esse assunto por enquanto.

— Acomodem-no na cama — disse ela a seus primos. — Vou ver se Max deixou na cozinha tudo o eu lhe pedi.

Lorelei correu até a cozinha, parando tão de repente que se desequilibrou e precisou agarrar o dorso de uma cadeira para não cair. Max em pessoa estava no fogão, mexendo distraidamente uma cheirosa sopa em uma pequena panela, e olhou para ela de um modo que fez com que ela se sentisse culpada, mesmo não tendo feito nada para se sentir assim. Ela se aprumou, alisou a saia, e tentou agir como a adulta que era, não como a criança surpreendida roubando bolachas.

Max não era como a maior parte dos mordomos. Ele mandava nos empregados domésticos de Sundun muito mais do que o próprio pai dela. Ele e seu pai se conheciam desde garotos. Max tinha o bom-senso que às vezes faltava ao seu pai. Havia permanecido firme ao lado do Duque no decorrer de três casamentos, no enterro de três prematuramente falecidas, no enterro do falecido duque, no do pobre infeliz herdeiro presuntivo de seu tio Cecil e esposa, e na chegada de cada um dos dezessete filhos, as duas filhas órfãs de Cecil e uma grande variedade de jovens primos. Lorelei sabia que seu pai amava todos, mas, embora o Duque fizesse seu melhor, era Max que havia feito o necessário para que as crianças acabassem chamando Sundunmoor de lar. Ela duvidava que Max fizesse mais do que erguer uma de suas escuras sobrancelhas com ar deboche se ela tentasse agora brincar de dona de casa arrogante com ele.

—Você realmente acreditou que eu não fosse querer descobrir quem exatamente é esse misterioso visitante? —

perguntou Max. — Ou por que ele precisa se esconder aqui no maior segredo?

— Era exatamente o que eu esperava — resmungou ela.

— Fico triste por ter contrariado suas expectativas. — Ele ignorou o riso incrédulo que ela deixou escapar. — Quem é ele, e por que precisa se esconder? — Ele pôs xícara de chocolate sobre a mesa, empurrando Lorelei para uma cadeira. — Espero não deixe nenhum detalhe de fora de sua provavelmente enrolada explicação.

Lorelei tomou um gole do delicioso chocolate enquanto pensava rapidamente no que ia contar a Max. Quando conseguiu se recuperar o suficiente para falar com calma, certa de que poderia ocultar algum indicio de que não estava sendo muito precisa na narração da sequência de eventos, contou simplesmente a Max que o homem ferido havia tido necessidade de se esconder na casa da guarda. Evitou qualquer menção à nudez ou aos beijos, mas, quando acabou de falar, Max olhava para ela como se soubesse que estava omitira algumas coisas. Lorelei esperava que fosse apenas uma preocupação natural, que ele adquirira no decorrer dos anos em que tivera com a ampla prole de Sundun, e que ele não estivesse realmente suspeitando que não houvesse dito toda a verdade.

Max sentou-se do outro lado de mesa e começou a bebericar sua própria xícara de chocolate. — Wherlocke, Wherlocke — resmungou ele, com a testa franzida pelos pensamentos. — Ah, sim, já ouvi falar deles. O chefe da família é um jovem duque. Um homem recluso chamado Modred Vaughn, Duque de Elderwood. Porém, não lembro qual é a ordem dele na linhagem, mas é um título antigo.

— Modred? — ela negou com a cabeça. — Não notei esse nome quando lhe escrevi. Acho que seu nome estava omitido, havia

apenas a letra M e então uma lista de nomes comuns. Pobre coitado. Não é surpreendente que ele só esteja usando a inicial quando pode.

— De fato. Ouvi rumores de que a família já trabalhou para o governo, vez ou outra.

Para Lorelei, não era difícil perceber que grande trunfo um homem como Sir Argus podia ser para o rei e o país. Com seu dom, ele podia descobrir úteis segredos de qualquer natureza.

—Também ouvi dizer que os homens da família são trapaceiros — continuou Max. — Conta-se até que existe uma casa em Londres onde eles deixam seus filhos bastardos.

— Ah, meu caro. Pelo menos, eles cuidam deles. Tão poucos fazem o mesmo.

Max acenou lentamente com a cabeça. — Ponto para eles. Acho que vou levar sopa para nosso hóspede. Agora vá para a casa principal.

—Mas...

— Não. A senhorita é uma mulher muito inteligente, milady, mas cai facilmente na conversa e tem uma natureza muito afável. Preciso avaliar pessoalmente esse homem antes de concordar em manter o segredo, especialmente porque duvido bastante de que você queira deixá-lo aos cuidados das criadas.

— Quanto menos pessoas souberem que ele está aqui, mais seguro estará.

— Verdade, mas quero me assegurar de que há realmente necessidade de algum subterfúgio.

Max permitiu que ela misturasse algumas ervas em uma caneca de cidra e então ordenou que ela fosse para casa. Lorelei

sabia que era inútil discutir sua ordem. Muitas pessoas de sua classe achariam as maneiras de Max intrusivas, como as de um homem que estivesse ultrapassando de longe os limites de um criado, mas o homem estava intrinsecamente envolvido com sua família que os Sundun não podiam ser tão rígidos. Enquanto se dirigia para a casa, ela rezou para que Max não decidisse que ela não podia ajudar Sir Argus. Sabia que lutaria contra essa decisão com dentes e garras, detestava a ideia de ter de se opor a Max.

Argus olhou para o homem alto e magro que estava colocando uma bandeja sobre a mesa de cabeceira. —Você é outro primo?

— Não. — Max ajudou Sir Argus a se recostar na cama, tomando cuidado para não lhe causar nenhuma dor. — Sou Max, mordomo de Sua Graça, o Duque de Sundunmoor.

— Max. Seu sobrenome é Max? — uma pergunta estúpida, pensou Argus, mas ele estava ocupado demais lutando contra a dor nas costelas para se importar com isso.

— Não. Não foi minha escolha não usar meu sobrenome. É que ele leva as pessoas a fazer piadas inconvenientes. Meu sobrenome é Cocksbaine[1].

— Ah, de fato. Bem, Max, sou Sir Argus Wherlocke.

— Foi o que me disseram. — Max sentou-se na beira da cama e começou a alimentar Argus com colheradas do espesso e substancioso caldo de carne. — Mandei Sua Senhoria para casa porque achei importante avaliar toda essa situação sem tê-la por

[1] *Cock*, além de significar "galo" ou "frango", também tem o sentido de "pinto" ou "pau" (pênis) na gíria inglesa. Cocksbaine, nome antigo e raro, pode evocar um "banho no pinto". (N'E)

perto. É fácil despertar a simpatia dela. Então, você está realmente correndo perigo?

— Não fui eu que fiz isso a mim mesmo de propósito — resmungou Argus entre duas colheradas.

Max o olhou com atenção. — É obvio que apanhou, mas um marido furioso pode perfeitamente ter sido a causa. A história segundo a qual você teria algum dom estranho que um homem quer lhe roubar é, como deve saber, um pouco difícil de acreditar.

— Deixe-me mostrar-lhe o que meu inimigo queria roubar — disse Argus, ao mesmo tempo em que segurava gentilmente o punho do homem, cativava seu olhar e começava a lhe dizer que não devia interferir.

— É meu dever interferir, se eu acreditar que Sua Senhoria está correndo perigo.

Argus ficou tão surpreso que soltou o punho do homem, o qual lhe enfiou outra colherada de caldo na boca, que ele teve de engolir antes de poder falar. — Você não sentiu nada?

— Uma leve inclinação a considerar suas palavras, mas foi facilmente varrida quando percebi que não era algo que eu quisesse fazer.

— Não estou acreditando. Primeiro, Lady Lorelei. Agora, você. — Fez uma careta ao ver a maneira que os olhos negros de Max se estreitavam de suspeita.

—Você experimentou seu truque em Sua Senhoria?

— Eu estava tentando me assegurar de que ia ficar bem escondido e me proteger. — Dos ultrajes ou das expectativas de uma nobre virgem, pensou ele, sem intenção de compartilhar suas reflexões com o protetor mordomo. — E não se trata de um truque

Funciona bastante bem com a maioria das pessoas. Certamente foi suficiente para convencer Vale de que seria melhor se as criadas de Dunn Manor permanecessem sem saber da minha presença. Como eu disse a Sua Senhoria, costumo encontrar dificuldade quando tento usá-lo com os membros de minha família.

— Ou com alguém muito determinado?

— Ah, sim, isso também. De vez em quando.

— Também tenho um vínculo distante com um Vaughn. Algum dos meus ancestrais. Isso até pode explicar. Como eu lhe disse, senti certa compulsão em obedecer à sua ordem, de maneira que posso aceitar que tenha esse dom. Do mesmo modo, devo aceitar de alguma forma que você tenha dado um jeito de aparecer para Sua Senhoria no jardim do pai dela e tenha pedido ajuda. Mas por que alguém acharia que pode pegar esse dom de você?

— Loucura? Cobiça suficientemente forte para perturbar a razão? Cornick, ou quem quer que fosse seu aliado, pensou que eu simplesmente pudesse lhes entregar ou ensinar esse dom. Cornick até disse que logo ia trazer uma feiticeira para tentar arrancá-lo de mim.

O leve barulho que Max fez era tão cheio de zombaria que Argus quase sorriu. Em vez disso, comeu devidamente o restante do caldo com o qual Max o alimentava. Contudo, foi com grande relutância que pegou a caneca de cidra que Max lhe deu. Podia sentir as ervas na bebida, e rapidamente pensou em obrigar Lady Lorelei a respeitar sua palavra de que a caneca que havia bebido antes de viajar para cá ia ser a última. Mas não podia negar que, depois da longa jornada até Sundunmoor, precisava disso para conseguir dormir. A dor nas costelas era suficiente para mantê-lo

acordado durante horas. A última vez, prometeu a si mesmo, e começou a beber a poção.

— Como conseguiu dizer a Sua Senhoria que estava correndo perigo?

— Talvez você tenha dificuldade de acreditar. — Argus percebeu que Max era muito hábil para puxar conversa, com seu jeito de erguer as escuras sobrancelhas, e então decidiu lhe contar como havia dado um jeito de entrar em contato com sua família e tinha acabado aparecendo brevemente no jardim de Sundunmoor. — Ainda não sei bem por que apareci no jardim e não na casa de minha irmã ou de meu primo, embora Lady Lorelei acredite que algumas antigas pedras rúnicas possam ter algo a ver com isso. Com certeza, não era aonde eu pretendia ir, e, nas poucas vezes em que fiz isso antes, sempre cheguei aonde eu havia planejado.

— As pedras podem perfeitamente ser a resposta a esse quebra-cabeça. São muito antigas, dispostas na terra em forma de círculo, e existem várias antigas lendas segundo as quais esse tipo de lugar tem muito poder. Ou magia, se preferir chamar assim.

—Então, você acredita em mim? — disse Argus, sem conseguir esconder sua surpresa.

— Vamos dizer que fiquei intrigado. Essas coisas fascinam Sua Alteza há muito tempo. Magia, habilidades estranhas que não podem ser explicadas, espíritos e tudo o mais. Ele e eu passamos muitas noites conversando sobre esses assuntos. Isso também explica por que Sua Senhoria de repente mandou mensagens para três pessoas que havia encontrado. Também fez o necessário para que ficasse claro que a missiva vinha de uma casa ducal, de forma que fosse respondida com a maior rapidez.

— Você se lembra de quem ela informou sobre minha situação?

— O Duque de Elderwood, o Barão de Uppington e Lady Olympia Wherlocke, Baronesa de Stryke Hall. Ninguém respondeu.

— Não me surpreende. Nesta época do ano, pode ser difícil encontrar alguém em casa. Exceto Modred, mas mesmo ele tem começado a sair de Elderwood de vez em quando. E ainda não faz nem uma semana. — Ele observou Max por uns instantes. — Você está realmente inclinado a acreditar em mim, não é?

— Estou, embora eu preferisse que Sua Senhoria não tivesse se envolvido em seus problemas. Contudo já que ela ouviu seu pedido de ajuda, não vai desistir. Estou feliz por ela ter trazido você até aqui, para a própria proteção dela, se não sua. Sundunmoor é bem protegida. E, mesmo assim, nenhum lugar é inexpugnável, de forma que espero que logo sua família venha ajudá-lo.

—Tão logo recebam as mensagens, eles virão. — Argus, embora não tivesse dúvida em relação a isso, estava um tanto surpreso de que nenhum deles ainda tivesse procurado por ele, já que sua família sempre era rapidamente informada quando um de seus membros estava ferido ou corria perigo. Só gostaria de saber quais iam aparecer para poder preparar melhor seus anfitriões. — Sinto-me agradecido e bastante surpreso de que Lady Lorelei tenha me encontrado tão rapidamente. Eu lhe deixei tão poucas pistas.

— Sua Senhoria sempre teve certa habilidade em achar coisas. Ou pessoas.

— Um talento muito útil.

Argus colocou cuidadosamente a caneca vazia sobre a mesa de cabeceira. As ervas faziam efeito, entorpecendo seus sentidos e pesando em seus membros. Ele suspeita que a poção estivesse

agindo tão rapidamente porque a viagem havia roubado a maior parte das forças que recuperara em Dunn Manor. Não gostava disso, mas aceitava como uma necessidade.

— Acredito que o seu seja muito mais útil — murmurou Max, enquanto ajudava Argus a se deitar, dispondo gentilmente os travesseiros da maneira mais confortável atrás de sua cabeça.

— E é, porém traz uma perigosa maldição. Sempre se deve lutar contra a sedução utilizá-lo. — Argus se perguntou por que havia sido tão franco com o homem, talvez por estar cansado demais, preocupado demais com a dor que cada movimento lhe infligia, para ser mais cuidadoso com as palavras. — Não se trata de uma tentação da qual eu possa me desapegar. Tenho de carregá-la por onde eu estiver indo.

— Parecido com a cobiça.

Argus olhou fixamente para Max durante um momento e então sorriu. — E é isso mesmo.

— Mas sempre há como aprender a controlá-lo.

— Max, se está tentando ser sutil, peço que pare. Minha cabeça está confusa para esse tipo de jogo.

— Lady Lorelei é uma linda jovem.

— Ah, bem que pensei que era aí aonde queria chegar. Um aviso para que deixasse. Não se preocupe. Eu devo minha vida a ela e não sou a pessoa adequada à filha de um duque.

— Você não está me entendendo. É bem-nascido. Suponho também que tem dinheiro suficiente para agradar a qualquer pai. Posso falar francamente?

— Por favor.

— Não seduza a moça. Ela é ingênua e doce demais. Um alvo fácil para um malandro apesar de sagacidade aguda que ela tem. Peço que não a engane. Se algo acontecer entre você e Sua Senhoria, vou me considerar responsável. Não vou deixar que ela ferida ou envergonhada.

— Concordo. Nem eu.

— Então vou deixá-lo descansar — disse Max, inclinando-se —, já que se trata da melhor cura para o tipo de ferimentos que sofreu.

— Por que simplesmente não a mantém longe de mim? — perguntou Argus.

Max parou na soleira da porta para olhar para trás, em direção a Argus. —Você faz essa pergunta sabendo que se trata de uma jovem que saiu furtivamente à noite, vestida de rapaz, para libertá-lo de sua prisão?

— Ponto para você.

Com um breve aceno de cabeça, Max saiu, e Argus parou de lutar para manter os olhos abertos.

Lorelei se perguntava se um coração podia bater até morrer. O dela batia tão fortemente que ela se sentia surpresa por não ouvi-lo ecoar pelos corredores enquanto atravessava a casa às pressas. Max estava atarefado, e seus primos haviam saído para pescar de forma que sabia que Argus estava sozinho. Ninguém mais havia sido informado de sua presença. Ela carregava seu caderno de esboços caso fosse descoberta e tive de explicar aonde ia, mas esperava que não fosse obrigada a inventar desculpas, já que não sabia mentir bem.

Ela havia passado a noite dormindo e agora sentia no estômago o grande peso da culpa. Lorelei sabia que era tola por se sentir culpada, que Argus não estava mortalmente ferido nem completamente enfermo, nem precisava desesperadamente de cuidados constantes. Ele podia dar conta de suas necessidades básicas sem a ajuda de ninguém já que havia descansado da viagem. Max também lhe assegurara de que havia deixa comida, bebida e um camisolão de dormir limpo ao alcance da mão. Não havia motivo para que ela sofresse com qualquer tipo de culpa ou preocupação, e ainda assim esta sentindo uma grande necessidade de vê-lo. Não gostava de pensar que ele se pudesse se sentir sozinho ou que estivesse sofrendo.

A casa da guarda estava tão quieta quando Lorelei entrou que ela achou isso estranho. Não estava acostumada com lugares totalmente desprovidos de pessoas, especialmente criados. Fez uma careta ao perceber que havia deixado sua imaginação correr livre, enchendo a cabeça de visões de Sir Argus chamando para pedir ajuda. Colocando o estojo em que estava o material para esboços sobre a mesa da entrada, ela retirou um livro de dentro e começou a subir a escada. Lorelei esperava que Sir Argus acreditasse que ela havia simplesmente pensado em lhe fazer companhia, talvez ler um pouco para ele. Seria insuportavelmente humilhante se ele pensasse que ela havia ficado preocupada com sua saúde ou segurança. Sir Argus era um homem alto, robusto e mundano. Ela frequentemente era descrita como pessoa delicada e sabia que havia levado uma vida muito sossegada. O homem ia provavelmente rir da ideia de ela ter pensado em protegê-lo.

Ela esticou a mão em direção à maçaneta da porta e então parou. Embora não pudesse ouvir nada, sabia que ele podia estar tanto acordado como dormindo ou até mesmo indecente. Lorelei

bateu de leve na porta e ouviu uma ordem abafada de entrar, ela prontamente cumpriu.

A visão de Sir Argus fez com que Lorelei parasse logo depois de ter dado dois os para dentro do quarto. Ele estava sentado na cama, com o camisolão aberto até a cintura. Ela rapidamente notou que as cobertas estavam puxadas até a cintura, mas o peito dele que atraía totalmente seu interesse. Ele tinha um peito muito bonito, pensou ela. Largo, firme e musculoso, com um único tufo de pelos. Em sua opinião, a faixa em volta dele escondia demais seu corpo. Ela sentia a mais estranha e forte urgência de se precipitar em seus braços e encostar seu rosto contra a macia pele morena. Adoraria fazer isso, mas, considerando os ferimentos do homem, duvidada que tivesse o mesmo prazer.

— Pensei que fosse Max — disse Argus, fechando rapidamente o camisolão. —Você não deveria estar aqui. — Ele esperou que essa frase não soasse tão careta aos ouvidos dela quanto parecia aos seus.

Lorelei teve de refrear um suspiro de desapontamento quando o lindo peito desapareceu por trás do branco linho amassado do camisolão. — Vim lhe fazer leitura, se tiver vontade de me ouvir. Ficou sozinho por um bom tempo e pensei que gostasse de ter um pouco de companhia.

Argus deu uma olhada no livro que ela segurava. — A história de uma antiga batalha entre os Cavaliers e os Cabeças Redondas[2]? Escolha bem estranha para uma jovem senhorita.

[2] Nomes dados aos monarquistas (cavaliers) e parlamentaristas (roundheads) durante a Guerra Civil Inglesa (1642—1651). (N.T.)

— Tenho irmãos. Todos eles adoram isso, de forma que pensei que você também fosse gostar — disse ela, franzindo a testa. — Mas você o reconheceu tão rapidamente que já deve tê-lo lido.

— Ouvi falar. Ainda não o li.

— Então, posso lê-lo para você?

Ele queria dizer que não, sabia que era o que deveria falar, mas não teve coragem de apagar a luz de esperança que brilhava nos lindos olhos dela. Embora nunca fosse admiti-lo em voz alta, ele havia se sentido penosamente entediado, cansado por não ter outra companhia senão seus próprios pensamentos. A breve caminhada que fizera em volta do quarto o havia deixado tão cheio de dores e exausto que ele tinha sido incapaz de fazer outra coisa senão se deitar e olhar para o teto. Ele havia se levantado e movimentado cedo demais, mas sabia que ia continuar a agir assim, já que tinha inimigo se precisava voltar a ser forte o mais rápido possível. Argus achou que ouvir a leitura de Lorelei era algo completamente inocente. De qualquer modo, estava fraco demais para ser uma ameaça à pureza da moça.

— Seria agradável ter um pouco de leitura — disse ele. — Apenas minha própria companhia está ficando cada vez mais fatigante.

O sorriso que ela lhe deu era uma arma letal, destinada a acabar de vez com a liberdade de qualquer homem, julgou Argus. Enquanto ela começava a ler, ele percebe que sua voz macia e ritmada não era menos perigosa. Perguntou-se por que ela ainda não estava casada, com filhos agarrados à sua saia. Com certeza, parecia já ter idade suficiente para estar frequentando a sociedade. Mesmo aqui no campo ela devia ter encontrado homens disponíveis e dispostos a se casar para entrar em uma família ducal.

Enquanto escutava distraidamente a estimulante história da antiga batalha, em que o tom do autor permanecia surpreendentemente inalterado mesmo quando fazia menção aos Puritanos, Argus tentou entender por que Lady Lorelei ainda não havia se casado. Seus dedos sem anéis até sugeriam que nem era noiva. Era linda, jovem, porém não mais uma criança, indubitavelmente tinha uma dote razoável, e era tão bem-nascida quanto qualquer outra mulher podia ser, fora a família real. Seu comportamento quando em apuros mostrava um toque de selvageria de sua natureza, talvez atrevimento, mas ele não conseguia enxergar isso como um defeito. Seu mordomo via como ingênua e simpática demais, qualidades que a maior parte dos homens considerariam charmosas, e das quais talvez tentassem tirar vantagem. Ele teve de apelar para toda a sua força de vontade para não interromper a leitura e lhe perguntar por que ainda era donzela.

Não demorou até que a macia música de sua voz, aliada à exaustão provocada pelos exercícios, o deixou sonolento. Argus tentou ficar desperto, não querendo insultá-la em absoluto, já que ela era exímia leitora, mas acabou por não conseguir manter os olhos abertos. Ele esperava que a necessidade constante de dormir logo acabasse, pois o fazia se sentir fraco. Era algo do qual ele nunca havia gostado, mas suspeitava que esse desgosto ainda ficava maior pelo fato de mostrar sua fraqueza diante de Lady Lorelei Sundun. Isso trazia algumas perigosas implicações.

Lorelei percebeu que Sir Argus havia fechado os olhos, mas continuou lendo para ele por um tempo. Podia ver que sua pele havia melhorado desde que ela estava ao seu lado e pensou que algum tipo de exercício havia causado a palidez que notara ao entrar. Via com grande simpatia a necessidade dele de se curar e ficar forte o quanto antes. Contudo, o que estimulava Sir Argus

indubitavelmente era muito mais do que o orgulho machista. Ele tinha inimigos que provavelmente o estavam procurando.

Certa de que ele finalmente estava dormindo, Lorelei afastou o livro, colocando-o sobre a mesa de cabeceira para que ele o lesse mais tarde, se quisesse. Ajeitou delicadamente as cobertas sobre o peito dele e depôs um beijo em sua testa. Era algo atrevido e chocante de se fazer, mas ela não conseguia plenamente resistir à urgência de tocá-lo. Um estranho gritinho escapou de sua boca quando os braços dele a envolveram, trazendo-a contra seu peito.

Argus estudou a face corada da moça, ignorando o protesto de suas costelas, que reclamavam do peso sobre o peito, mesmo que leve como o dela. — Por que está fazendo isso?

— Fazendo o quê? — Lorelei não ficou surpresa quando ele lhe lançou um olhar à leve desgosto, já que sua própria tentativa de parecer inocente havia sido pateticamente frouxa.

— Beijando-me na testa.

— Foi um gesto inocente, um gesto de simpatia para com alguém sofrendo.

— E você quer que eu acredite nisso?

— E por que não deveria acreditar em mim?

— Porque acho que está mentindo por trás de seus lindos dentes brancos.

Antes que Lorelei pudesse protestar contra esse comentário, mesmo que refletisse a verdade, ele a beijou. Dessa vez ela não hesitou em entregar-se ao seu beijo. Hesitante ela deixou seus dedos correrem pelo cabelo espesso do homem enquanto abria seus lábios para receber a sedutora intrusão de sua língua. Lorelei não conseguia acreditar quanto se sentia viva nos braços dele, cada uma

de seus sentidos sendo despertado pelo abraço. O cheiro dele, todo másculo com o toque do sabonete com o qual se lavara, encheu sua cabeça. O gosto dele já era tão inebriante quanto o mais delicioso chocolate, e ela sabia que logo poderia chegar a ficar viciada. A maneira como a língua brincava na sua boca, despertando uma paixão que ela havia começado a se achar capaz de sentir, embaralhou sua mente. Mesmo o calor do corpo dele junto ao seu se filtrava nela, chegando ao sangue que pulsava em suas veias. Quando ele praguejou de leve e encerrou abruptamente o beijo, colocando-a gentil, porém firmemente de lado, ela logo gemeu de consternação.

— Que diabo estou fazendo? — resmungou Argus, passando os dedos das duas mãos pelo cabelo.

— Está me beijando de novo — disse ela docemente, recusando-se a recuar diante barreira que ele erguia diante dela. Havia sido ele quem a pegara nos braços e a beijara.

— Isso não deve mais acontecer. Você — ele apontou um longo e elegante dedo para ela — vai parar de vir aqui.

— Ah, não, acho que não. Sua presença continua um grande segredo, e, se Max continua tão ocupado quanto costuma estar, sou eu quem vai garantir que tenha comida, bebida e os lençóis limpos de que precisa — disse ela, encolhendo os ombros. —Você ainda não pode escolher quem vai ajudá-lo.

— Muito bem, quando precisar vir aqui, terá de ficar longe de mim.

— Como quiser. Bom descanso, Sir Argus.

Lorelei fugiu do quarto antes que ele pudesse dizer algo. Ele era tolo por achar que podiam ficar distantes um do outro o tempo todo depois de terem compartilhado aquele beijo. Ela suspeitava

cada vez mais que finalmente havia encontrado o homem que procurava, e faria questão de ficar por perto até que ele concordasse que combinavam, ou que se afastasse dela de forma tão radical que ela não pudesse duvidar de sua rejeição.

Argus cravou os olhos na porta que Lorelei fechava atrás dela. Sabia que ela não ia fazer o que ele pedira, e era evidente que ele tinha pouco controle quando ela estava perto. Fechando os olhos, prometeu a si mesmo trabalhar em dobro para tentar reaver suas forças de maneira que pudesse fugir para tão longe quanto fosse possível. Uma vozinha em sua cabeça sussurrou que ele podia frigir o quanto quisesse, mas nunca escaparia da lembrança do beijo dela. Impiedosamente, ele a fez se calar.



Capítulo 5

— SUA ALTEZA GOSTARIA DE FALAR COM VOCÊ, MILADY. — ESSAS OITO SIMPLES palavras não deveriam fazer seu coração disparar de forma tão alarmante, pensou Lorelei, porém haviam conseguido. Ela tinha o arrepiante pressentimento de que, de a maneira, seu pai soubera a respeito de Sir Argus. O homem já estava escondido na casa da guarda havia uma semana, de forma que era bem possível que mesmo seu doce e distraído pai tivesse notado algo suspeito.

Enquanto punha de lado seu trabalho de costura e se levantava para seguir Max até o gabinete, Lorelei de repente se lembrou da partida repentina de Cyrus e Peter. Eles mal haviam parado ao sair de Sundunmoor para se despedirem de forma conveniente. Se ela não tivesse entrado no vestíbulo principal pouco antes que eles passassem a porta, duvidava de que eles tivessem lhe dito uma palavra sequer sobre sua partida. Seus primos deviam ter contado algo a seu pai, talvez tudo mesmo.

— Ele sabe a respeito de Sir Wherlocke — disse ela, olhando para Max na esperança que este negasse, mesmo duvidando disso.

— Ele sabe — respondeu Max. — Não lhe contei nada, embora eu não tivesse ficado feliz por ter mantido esse segredo dele. Não é do meu feitio, como sabe.

— Eu sei. Meus primos devem ter tido algum motivo para lhe contar. E por isso que fugiram. Você sabe o que falaram para ele?

—Não, mas você precisa saber que seu pai costuma passear pela propriedade, a pé, quando o tempo lhe permite. Todo dia, logo depois do café da manhã. E bem possível ele tenha visto algo que despertou sua curiosidade e fez com que ele pressionasse os jovens Peter e Cyrus para obter algumas respostas.

— E eles se esfarelaram como velhos biscoitos.

— E bem provável.

— Eu gostaria que eles tivessem tido a coragem de me contar detalhadamente o que disseram ao meu pai antes de fugir.

— Não faz diferença. Acredito que esteja na hora de você contar a verdade ao seu pai.

Lorelei suspirou, incapacitada de argumentar, embora quisesse fazê-lo desesperadamente. Seu pai era frequentemente distraído, perdia livros e papéis, mas, uma vez sua curiosidade despertada, podia se tornar muito persistente até obter as resposta que procurava. Era muito provável que algo tivesse atraído seu olhar enquanto caminhava pela propriedade, talvez ao passar diante da casa da guarda. Independentemente das respostas que seus primos tivessem dado às suas perguntas, sua curiosidade havia sido aguçada. A única coisa que ela podia fazer agora era esperar que seu pai entendesse que eles precisavam manter segredo. Sir Argus estava muito mais forte do que quando chegara a Sundunmoor, mas ainda não estava pronto para enfrentar Cornick e seus homens. Na falta de outro argumento, Max havia insistido para que Argus mantivesse a faixa volta das costelas por pelo menos mais uma semana.

Endireitando os ombros, ela entrou na biblioteca de seu pai. Ele estava sentado à mesa de trabalho com as mãos fechadas diante de si. O fato de não haver nenhum livro por perto e de que obviamente estivesse esperando por ela não a ajudou a se acalmar. Lorelei deu uma olhada para trás, procurando algum apoio em Max, mas descobriu apenas a porta fechada. O covarde fugiu, pensou irritada, virando de novo o rosto para seu pai.

—Você quer me ver, papai? — perguntou, enquanto se aproximava da mesa.

Roland Sundun, Sua Alteza, o Oitavo Duque de Sundunmoor, examinava a filha enquanto ela se aproximava. Uma breve e doce lembrança apertou seu coração, porque apesar de ter seus olhos, ela era muito parecida com a mãe, à única das três esposas que o Duque tinha amado na verdade. Contudo, não podia se deixar comover por essa doce lembrança. Ela escondia segredos dele e poderia ter-se envolvido em algo perigoso. As balbuciantes explicações dadas pelos primos não haviam sido de grande ajuda, mas Roland estava determinado a saber a verdade. Suspeitava que Max soubesse tudo, mas não queria obrigar seu mordomo, e amigo, a romper o pacto que fizera com sua filha interrogando-o.

— Sente-se, minha querida. — Ele apontou para uma cadeira posicionada à frente, do outro lado da ampla mesa. — Acredito que você tenha algo para me contar.

— Eu? — disse Lorelei, fechando as mãos no colo, não querendo mostrar nenhum sinal de incomodo ou culpa.

— Lorelei, sei que sou um pai negligente...

— Ah, não, papai. Você é um pai maravilhoso.

—Você diz isso porque, como nós dois sabemos, a maior parte do tempo não faço ideia do que está acontecendo com os meus filhos.

— Acredito que qualquer outra pessoa com tantos filhos também seria incapaz saber tudo o que está acontecendo com eles.

— Garota esperta. Pare de fazer rodeios e me conte, quem é aquele homem que você escondeu na casa da guarda?

— Sir Argus Wherlocke. Eu achava que meus tímidos primos tivessem revelado pelo menos isso — murmurou ela, jurando silenciosamente se vingar de seus covardes primos.

— Eles balbuciaram algo antes de fugir. Consegui captar o suficiente no meio daquele fluxo quase incompreensível de palavras para saber que eu estava certo ao pensar que algo estava acontecendo na casa da guarda. — Ele bateu com os dedos sobre a mesa franziu a testa. — Por um momento, temi ter esquecido que tínhamos convidados. Só que me parece que esse hóspede especial quer mesmo ser esquecido.

— Não esquecido, apenas bem escondido.

— Minha jovem, você vai me dizer como conseguiu se envolver nisso. E, como suspeito, o pobre Max também.

Lorelei suspirou e contou a seu pai exatamente o que dissera a Max. — Então, como pode ver papai, é extremamente importante que poucas pessoas saibam onde está Sir Argus. Pelo menos, até que sua família venha ajudá-lo ou que ele se recupere totalmente dos maus-tratos que sofreu nas mãos de seus sequestradores.

Roland passou a mão no queixo, observando a filha enquanto pensava no que ela acabara de dizer. Ele sabia que de fato era um pai um tanto negligente, mas amava todos seus filhos, assim como

aqueles que haviam sido colocados sob seus cuidados. Podia passar a maior parte do tempo perdido em seus livros, mas tinha certeza de que cada criança em Sundunmoor sabia que podia contar com ele se precisasse, e várias delas faziam isso de vez em quando. Assim, não ignorava que seus filhos podiam encontrar inúmeras maneiras de manipular a verdade. Sua filha lhe havia contado a verdade, porém parcialmente. E ele também podia ver algo nos seus olhos, um brilho revelador, todas as vezes que ela pronunciava o nome de Sir Argus. Pelo que ele sabia, nenhum homem antes colocara esse brilho nos olhos de sua filha. Esse era certamente um daqueles momentos em que ele precisava prestar muito atenção e ficar de olho nela.

—Acho que devo me encontrar com esse homem — disse ele, levantando-se.

— Agora? — perguntou Lorelei, ao mesmo tempo que seu pai lhe pegava a mão, obrigando-a a se levantar.

— Ele já está aqui há uma semana, não é? Acho que se passou tempo demais sem que eu agisse como um verdadeiro anfitrião e lhe desse as boas-vindas a Sundunmoor.

— Papai, é realmente muito importante que ninguém descubra que ele está aqui.

Ele enlaçou o braço de sua filha no seu e afagou sua mão. — Sei muito bem. Não precisa me relembrar disso. Embora eu ache que você subestima muito os servidores considerar que nenhum deles tenha apostado que você está escondendo alguém na casa da guarda. — Ele observou que ela ficou um tanto pálida e então afagou de novo a mão. — Nenhum deles irá falar nem espalhar fofocas. Já nos livramos desse tipo de empregados há muito tempo.

Lorelei seguiu seu pai com relutância para fora da biblioteca até a entrada da casa. Ele não ia lhe dar a mínima chance de avisar

Argus de que estava prestes a encontrar seu pai, o duque. Este era o pior momento para seu pai manifestar o cuidado e senso de observação, pensou ela com irritação. Podia apenas esperar que ele também não decidisse seguir todas as regras de propriedade, já que não tinha intenção de ficar longe de Sir Argus Wherlocke.

Não que o fato de se colocar no caminho do homem tivesse trazido grandes resultados, meditou ela. Argus continuava a beijá-la e depois afastá-la. Se ela não tivesse sentido o desejo do homem, provavelmente teria se escondido debaixo da cama, paralisada pela humilhação. Havia tanta paixão nos beijos dele que ela se sentia ao mesmo tempo irada e impressionada pela força que ele mostrava ao se segurar antes que eles se entregassem a mais beijos. Ela não era assim. A única coisa positiva que podia ver na relutância de Argus em seduzi-la era que isso mostrava que ele a respeitava o suficiente para não querer enganá-la. Isso era perfeito. Ela também não queria brincar com ele.

Ao ver o olhar estampado no lindo rosto de Sir Argus, quando entrou no quarto de braço dados com seu pai, ela quase sorriu. Ele obviamente estava bastante surpreso, mas escondeu rapidamente o susto sob uma expressão de comedida cortesia com toque de distância. Lorelei sentia inveja desse talento.

—Vossa Alteza — disse Argus, levantando-se em reverência.

— Ah, sente-se, sente-se — ordenou o pai de Lorelei. —Você deve estar em melhor saúde do que quando chegou aqui, mas ainda parece ter perdido uma batalha contra uma carruagem.

Argus se sentou devagar, assegurando-se de que o Duque também estava prestes a fazer o mesmo. Muitas pessoas fora de Sundunmoor não viam o pai de Lorelei como um lorde tão bem-nascido, pensou ele, enquanto estudava o homem, mas certamente

apenas quem não o conhecia. Argus não tinha certeza de que teria adivinhado que se tratava do Duque se o homem não tivesse entrado junto com Lorelei e não tivesse olhos semelhantes aos dela. Suas roupas eram de boa qualidade, porém um tanto amassadas. Seu cabelo castanho, um tanto grisalho, dava a impressão de que ele havia passado os dedos pela cabeça várias vezes sem verificar sua aparência antes de sair da privacidade de seus aposentos. O homem não mostrava nenhum sinal de arrogância, nenhum sentido nato de privilégio.

Entretanto, havia nos olhos dele algo que dizia a Argus que o homem não era nenhum tolo. Roland Sundun, Sua Alteza, o Oitavo Duque de Sundunmoor, tinha uma inteligência aguçada. Argus se sentia um tanto incomodado ao sentir essa inteligência focada nele.

—Você aparentemente já é meu hóspede há quinze dias, e achei melhor conhecê-lo. — disse o duque, sorrindo para Argus. — Os rapazes que ajudaram a trazê-lo até aqui me informaram disso, antes de se darem conta de que havia outras coisas das quais precisavam desesperadamente cuidar em casa.

— Malditos e covardes delatores — murmurou Lorelei entre os dentes, sorrindo docilmente ao perceber que seu pai olhava em sua direção.

— Lorelei, minha querida, acho que Sir Argus e eu gostaríamos de alguma coisa para beber e, talvez, para comer — disse o duque, sorrindo para sua filha com doçura idêntica à de Lorelei. — Tenho certeza de que você pode encontrar algo para nó na cozinha.

Lorelei abriu a boca para protestar contra essa suave ordem, mas ficou calada. Seu pai a olhava daquela maneira que dizia que ele era o pai, e o duque, e era melhor obedecer às suas ordens. Ela

fez uma reverência e saiu à procura de algo para beber e comer, com a intenção de voltar ao quarto o mais rápido possível.

Roland se conteve para não rir. Sua filha era inteligente. Muito mais dos que suas três irmãs. Ele olhou novamente para o homem que viera avaliar, o responsável pelo brilho nos olhos de sua filha. SirArgus Wherlocke era um homem bonito. A única coisa que incomodava um pouco Roland era o ar mundano daquele homem, que lhe assentava como um velho casaco confortável. Ele não tinha certeza se sua filha, inteligente, mas excessivamente protegida, poderia se equiparar a esse homem, que já havia feito e muitas coisas na vida.

Contudo, ela ainda era solteira. Ele não se preocupava se ela escolhesse ficar sozinha, se isso a deixasse feliz, mas não acreditava que uma vida como a da solteirona "Tia Lolly" fizesse a felicidade de Lorelei. Roland confiava em seus instintos, e estes lhe dizia que Lolly queria se casar, ter um bom casamento com um bom homem, e filhos.

— Como chegou a cair nas mãos desse homem que estupidamente acreditou que posa lhe roubar um dom dado por Deus? — perguntou.

— Ele quis me encontrar para conversar sobre alguns investimentos. Não vi nada o que pudesse me fazer suspeitar de que ele fosse perigoso e então decidi encontrá-lo. — Argus franziu a testa. — Não acredito ter errado, porém, uma vez que me tornei seu prisioneiro, percebi algo nele que me fez pensar que se tratava de um homem com sangue nas mãos.

— Que podia provir de alguma encrenca que, até então, tivesse permanecido em segredo. Poucos se preocupam ou sabem o

que acontece com esses patifes. Temo que o diabo sempre forneça um terreno seguro para eles afiarem seus dons.

— Suponho que sim.

— Lorelei disse que você acredita que esse homem tenha pelo menos um aliado.

— Ele se referiu a "nós" várias vezes.

— "Nós" pode representar uma verdadeira quadrilha — murmurou Roland.

Argus acenou afirmativamente com a cabeça. —Tenho esperança de que se trate no máximo de duas ou três pessoas. Um pequeno grupo de insanos que acreditam na ideia de que podem roubar os dons dos Wherlocke ou Vaughn, ou aprendê-los. Homens que tentam obter algo que lhes dê um poder que é incapaz de obter por si mesmos.

— Ou, então, Cornick pode apenas ter sido contratado.

— Ele parecia interessado demais, quase desesperado, em se apoderar de meus dons. E para uma simples missão, ele mostrou que tinha muitas informações sobre minha família. — O fato de que pessoas alheias à sua família tivessem tamanho conhecimento ainda provocava calafrios em Argus.

— Sua família e todos os rumores que a cercaram durante gerações sempre despertou interesses. Tenho muitas informações sobre os Wherlocke e os Vaughn, embora a maior parte seja especulativa ou o simples relato de rumores ou fofocas. No entanto, entendo seu incômodo. Pessoas demais manifestando interesse demais podem se tornar uma grave ameaça para toda a sua família.

"Também não gostei da ideia de que homens como esses estivessem fazendo maldades perto de minha família, os Dunn.

Agora, eles devem tentar seguir você. Contudo, Sundunmoor é muito mais seguro que Dunn Manor. Mesmo assim, enquanto insistir em se esconder aqui, será um tanto difícil lhe providenciar proteção."

—Vossa Alteza, se achar que sou uma ameaça para sua família, então certamente devo partir — disse Argus.

— E ir para onde? Não, fique aqui e espere que sua família venha. Eles o ajudarão e deverão ser sua proteção. Claro, vou lhe oferecer a ajuda de toda a minha gente quando necessário. Por enquanto, o mais sensato é que sua presença permaneça secreta, nem que você fique escondido como se fosse uma tia louca qualquer. — Ele sorriu brevemente. — Mesmo que esse Cornick sinta sua presença, terá muita dificuldade para alcançá-lo. Minhas terras são bem guardadas. E talvez pelo fato de eu ser duque, nunca houve nenhum tipo de ameaça contra minha família. Meu pai tinha seus guardas. E eu tenho os meus. Questão de tradição, suponho, mas agora ela vai ser útil.

— Agradeço-lhe pela ajuda.

— Fiz pouco. É a Lorelei que você deve agradecer. E, agora, vamos falar sobre ela tudo bem?

Argus praguejou silenciosamente. Havia esperado que o homem não tocasse no assunto de sua filha. Se descobrisse a dificuldade que Argus sentia em manter suas mãos longe dela, toda a oferta de ajuda logo seria retirada. E com toda a razão. Pior ainda Argus não conseguia entender realmente por que tinha tanta dificuldade em controlar seus desejos. Muito tempo atrás havia aprendido a ter esse controle, e resistia facilmente a mulheres mais bonitas e com maior experiência.

— Eu não tive a intenção de pô-la nessa confusão... — começou Argus, engolindo depressa o resto das palavras, quando o Duque fez um gesto com a mão para silenciá-lo.

— Sei disso. Você procurava sua família. Mas, agora, Lorelei está envolvida. E preciso saber se acha que esse perigo pode persegui-la também.

— Não vejo por que motivo. Ela não é uma Wherlocke nem uma Vaughn. Esses homens procuram dons que, segundo o que ouviram, nós temos. Ela não é de nenhuma utilidade para eles.

— Mas foi ela que libertou o prisioneiro deles.

— Eles não sabem.

— Verdade. Você sabe manusear armas? Pistolas? Espadas?

— Todas elas, mas as minhas me foram roubadas quando fui feito prisioneiro.

— Então vou providenciar para que esteja bem armado.

— Por que simplesmente não lhe ordena que fique longe da casa da guarda?

— Ah, não, não ia dar certo. E uma boa garota, mas independente e com muita força de caráter. Max soube a respeito dessa situação desde o primeiro dia e não via necessidade alguma de mantê-la longe daqui. Vou seguir sua decisão. E vou confiar que você seja mesmo o cavalheiro que parece ser.

Argus quase podia sentir o peso dessa confiança sobre seus ombros. Ele queria dizer ao homem que não deveria confiar nele no que dizia respeito a Lorelei, mas, mais uma vez, não era coisa que se pudesse dizer a um pai. Um homem não podia simplesmente dizer a um pai que desejava sua filha, mas que não estava procurando

uma esposa. Deu-se conta de que, agora que o pai dela o conhecia, estava esperando que o Duque exercesse algum controle parental sobre a moça. Porém, parecia que suas esperanças eram vãs. Pois a virtude de Lorelei dependia unicamente da honra dele e de sua capacidade de segurar o próprio desejo. Argus não tinha certeza de que alguém pudesse contar com ambas as coisas por enquanto.

Lorelei entrou com uma bandeja de pão, queijo, e canecas de cerveja. Argus concentrou sua atenção na comida, afastando da mente qualquer preocupação com relação à sua crescente incapacidade de resistir à tentação. O Duque sentou-se ao lado dele, junto a uma pequena mesa de madeira, comendo a simples refeição com evidente e fazendo perguntas a Argus sobre seu dom e alguns outros que ele havia ouvido dizer que sua família possuía. Algo no homem levou Argus a responder com uma franqueza que o surpreendeu.

Já era tarde quando o Duque encerrou a visita. Lorelei havia voltado à cozinha e o homem de repente desejou uma boa noite a Argus e saiu do quarto, com ar de e antecipação no rosto. Um rosto bastante jovem para um homem que tinha sete filhos, pensou Argus, curioso para saber qual era a idade do pai de Lorelei.

— Onde está papai?

Argus olhou fixamente para Lorelei quando ela entrou com uma bandeja e três xicaras de chocolate que colocou sobre a mesa. — Ele foi embora. Como não sabia? E por que não foi embora com ele?

Lorelei sentou-se na cadeira que seu pai ocupara e pegou uma das xícaras de chocolate. — Ele se esqueceu de mim. — Ela riu suavemente e começou a bebericar o liquido. — A culpa é sua. Agora a cabeça dele está explodindo com novas idéias e informações.

—Talvez demais — murmurou Argus, enquanto pegava outra xícara de chocolate. — Fui imprudente, falei com muita liberdade sobre assuntos que minha família teria de manter no mais completo segredo.

—Não se preocupe. Papai não está interessado no "quem", mas no "quê". Ele não se preocupa em saber qual membro de sua família faz o quê, mas somente se há um dom que realmente existe e se existem pessoas que o têm. Aliás, não percebi que você tenha dado nomes. Simplesmente "meu primo", ou "uma mulher de minha família", ou outros desprovidos de sentido. Mas, sinceramente, ele não vai falar para ninguém você lhe disse, apenas vai estudar essas informações, comparando-as com as que você pode confiar nele e entender que sua família precisa de proteção.

—Eu já confio, do contrário não teria respondido a todas as perguntas que ele fez. Pode ser difícil resistir a papai quando ele está interessado em obter respostas, e em saber o que estava acontecendo aqui foi apenas uma introdução para o trouxe aqui de fato. — Ela rapidamente lhe contou por que seu pai soubera de sua presença na casa da guarda. — Uma vez sua curiosidade despertada, não há meio de papai de obter o que é necessário para satisfazê-la. Ele viu algo que aguçou sua curiosidade e foi imediatamente atrás de respostas.

Argus acenou com a cabeça e acabou sua bebida. Vendo que ela fizera o mesmo, levantou-se e estendeu-lhe a mão. — E agora você tem de ir embora.

Lorelei suspirou, mas pegou sua mão, deixando que ele a ajudasse a se levantar. — Papai não vai voltar tão cedo, se é isso que está temendo. Você deve ter reparado no olhar vazio que ele tinha ao sair daqui. Isso quer dizer que está perdido em seus

pensamentos, toda sua mente está dedicada ao assunto que o prendeu ou a uma teoria que possa comprovar ou refutar.

— Não é seu pai que está me preocupando — disse ele, empurrando-a em direção à porta — É sua reputação.

— Sir Argus, minha reputação não pode ser destruída porque eu venho visitá-lo. Para a maior parte do mundo, você não está aqui, e este lugar pertence às propriedades de meu pai.

—Você não pode ser tão ingênua. Na hora em que alguém souber que estou saberá também que você esteve esvoaçando para dentro e fora desta casa com frequência, a qualquer hora, dia e noite. E no mesmo minuto, as pessoas vão começar a comentar, e a ruína vai desabar sobre você como uma tempestade de verão.

Ela parou na soleira da porta e olhou para ele. — Eu não esvoaço.

— Lorelei...

— Sou uma mulher feita, Sir Argus. Muitos poderiam me chamar de solteirona. Também sou a filha de um Duque e, embora essa posição não me proteja de um escândalo, torna mais fácil escapar dele, independentemente do que se disser sobre mim. Por que se mostra tão relutante em aceitar minha companhia?

Ele a segurou pelos ombros com o intuito de repreendê-la por arriscar sua reputação de forma tão insensata, O fato de tocá-la provou imediatamente ter sido um erro. O calor da mulher sob suas mãos rapidamente permeou seu sangue. A maneira como seu doce rosto se levantou em direção ao dele, sua boca suave de tirar o fôlego, provava que ele tinha razão ao pensar que perdera o controle de seus desejos. O sermão que havia planejado lhe fugiu da cabeça tão rapidamente quanto um gamo dos caçadores. Ele inclinou os lábios em direção aos dela, louco para poder prová-los de novo.

No momento em que seus lábios encostaram-se com os dela, Lorelei passou os braços em volta de seu pescoço, segurando-o com firmeza. Seus beijos eram extasiantes. Quando estava perto dele, ela não conseguia pensar em mais nada, senão em beijá-lo. A lembrança dos seus beijos a assombrava a maior parte do tempo, e o ardor do primeiro beijo que ele lhe dera não cessava de crescer dentro dela.

Ele a puxou com força contra seu corpo e ela quase arfou. Havia uma parte a especialmente dura que pressionava seu ventre e a deixava ao mesmo tempo atordoa e intrigada. Ela mexeu o corpo contra o dele e um suave gemido escapou da boca dele. Seus braços a seguraram ainda mais, e ela se deliciou com a proximidade dos dois corpos. Quando a mão de Argus deslizou para acariciar as suas costas, ela tremia com um surpreendente deleite. Nunca imaginara que tal tipo de carícia pudesse lhe dar um prazer tão perigoso.

Lorelei soltou uma leve imprecação quando ele, mais uma vez, afastou-a com um movimento brusco. Aquilo estava começando a ficar cansativo, pensou irritada, mostrando-se amuada para ele. Dessa vez, o motivo era que ele estava ofegante e havia um traço de rubor nas maçãs de seu rosto que, contudo, não acalmava a irritação que ela sentia. Esses sinais de desejo não a consolaram, já que o desejo que ele manifestava não fazia com que ele se entregasse a ela com a rapidez que desejava.

— Quero que vá embora agora — disse ele ao mesmo tempo em que a empurrava em direção à porta.

—Você não parece saber o que quer — disse ela rispidamente, enquanto uma lancinante frustração tomava conta de seu humor tão rápida e ardentemente quanto o beijo, de Sir Argus acendera seu desejo. — Primeiro, você não parece poder parar de me beijar e, em seguida, age como se eu tivesse sarampo.

—Você acha que faço isso porque não sei o que quero? Sua tola. Sei exatamente o que quero. Quero você nua e estendida debaixo de mim nesta cama. Quero me enterrar profundamente em você, sentir sua pele contra a minha, e ouvi-la gritar meu nome quando eu lhe proporcionar prazer. É aonde levam esses beijos, e não vou me comportar com um grosso com você. Agora vá.

Ela foi embora, mas não porque ele havia ordenado. Lorelei estava revivendo na mente o que ele lhe dissera. As palavras haviam sido cruas, mas sua voz rouca e profunda era pura sedução. O ardor de seu olhar havia deixado suas entranhas em brasa e com desejo. Podia ser virgem, mas sabia o que a dor que agora sentia queria dizer. Era desejo. Agora, as palavras de Argus haviam desenhado uma imagem que dificilmente poderia sair de sua mente e iria apenas aumentar o desejo que sentia por ele.

De repente, deu-se conta de que estava fugindo como uma criança aterrorizada, exatamente como ele queria. Lorelei parou e olhou para a porta que ele fechara. Então ele achava que era o único a sentir desejos, era isso? Pensava que era ele que mexia as cordinhas, talvez pensasse que estava dando vazão aos seus desejos sobre uma pobre e perdida donzela. Ela podia ser fisicamente inocente, protegida de toda a feiúra do mundo, o que ela agradecia do fundo do coração, mas estava longe de ser ignorante. Talvez já estivesse mais do que na hora de ele saber disso, saber que ela também tinha suas próprias vontades e desejos.

— Sabe do que mais, Sir Argus Wherlocke? — gritou ela, mostrando-se capaz de ser atrevida, um talento que havia sido bem afiado pelo fato de ela ter crescido com seis irmãos e irmãs, sem esquecer um grande bando de primos. —Você, que está tão determinado a bancar o cavalheiro, acha que suas vontades vão me obrigar a me esconder? Pode acreditar, pode mesmo, não sou tão

covarde quanto você e vou começar a lutar pelo que quero. Já pensou nisso? Pode acreditar, tenho as minhas próprias vontades! Quem sabe não seja eu quem verá você nu debaixo de mim!

As palavras ainda ecoavam contra as paredes quando Lorelei tomou consciência de tudo que acabara de gritar através dos corredores da casa da guarda. Suas bochechas ardiam sob o rubor que havia tomado conta de seu rosto, mas ela ergueu a cabeça ao sair da casa. Embora inapropriadas e até escandalosas, essas palavras haviam sido extremamente verdadeiras, e ela não ia fugir delas. Deixe Sir Sabe-Tudo O Que É Melhor Para Você pensar nelas por um instante. Ela pretendia voltar para casa e, se estivesse com sorte, entraria furtivamente na biblioteca de seu pai. Lá, havia um livro que lhe mostraria o que fazer se, de fato, ela conseguisse que Sir Argus ficasse nu debaixo dela. Lorelei não tinha certeza de que ele ouvira suas palavras como sendo uma ameaça ou uma promessa, mas, se ele tocasse nesse assunto, ela pretendia estar pronta para agir.



Argus olhou fixamente para a porta e, percebendo que estava boquiaberto, fechou lentamente a boca. A voz clara, pura e muito alta de Lorelei havia atravessado a espessa porta sem nenhuma dificuldade. Tratava-se de um talento surpreendente vindo de uma senhorita bem-nascida, de classe social tão alta,o que em si chocaria qualquer um. Contudo era o que ela dissera que o perturbava.

Ela queria que ele estivesse nu e debaixo dela? Ele gemeu e se jogou na cama, percebendo distraidamente que suas costelas, ainda em fase de cura, protestavam contra esse movimento. Argus tinha

certeza de que ela era donzela, tão pura quanto à neve caindo, mas com certeza suas palavras não haviam sido as de uma donzela. Ela também podia estar certa ao chamá-lo de covarde, já que não era apenas um senso de honra o que o segurava. O instinto lhe dizia que, uma vez que ela estivesse na sua cama, relutaria em deixá-la ir embora. Isso exigiria casamento, e, mesmo que ele fosse da mesma estirpe que ela, esse tipo de união não dava certo em sua família.

Quem sabe não seja eu quem verá você nu debaixo de mim!

Se ela propositadamente tinha planejado algum tipo de vingança contra a maneira que ele a rechaçava, não podia ter encontrado algo melhor. Lorelei nem precisava gritar. Se tivesse sussurrado alto o suficiente para que ele pudesse ter ouvido, as palavra teriam tido o mesmo efeito. A honra exigia que ele não a levasse para a cama a menos que estivesse prestes a se casar com ela, e ele não tinha intenção nenhuma de se casar. Contudo, a honra não seria suficiente para apagar de sua mente a imagem que as palavras havia plantado. Argus sabia que podia esperar muitas noites sem dormir, sofrendo pela necessidade, sem poder satisfazê-la. Os beijos que haviam trocado já eram suficientemente perturbadores.

Pode acreditar, tenho as minhas próprias vontades!

Quando sua mente traiçoeira começou a ponderar quais dessas vontades ele poderia saciar, Argus jurou em voz alta. Ele teria muito sorte se pudesse voltar a dormir em paz algum dia.



Capítulo 6

— OS WHERLOCKE ESTÃO AQUI.

— Rã?

Lorelei abriu um olho, cravando-o em Max... Ela não havia dormido bem. O fato ter descoberto o que poderia fazer com o belo corpo de Sir Argus Wherlocke se ele estivesse nu debaixo dela havia impedido que dormisse calmamente. Ela não mais considerava ter tido sorte por conseguir entrar furtivamente na biblioteca de seu pai e dar uma olhada nos livros que ele achara tão bem escondidos. Havia acordado tantas vezes durante a noite que agora se perguntava por que tinha decidido ficar na cama.

Esses sonhos deveriam tê-la chocado e incomodado, mas, em vez disso, haviam içado seu desejo e sua curiosidade. Toda vez que acordava, amaldiçoava o fato de Sir Argus não estar ao alcance de sua mão de maneira que ela pudesse satisfazer ambos os sentimentos. Isso a chocava um pouco, mas ela considerou que vinha do fato de saber que Sir Argus era o homem que ela queria. E, agora, ali estava Max, surgindo acima dela para lhe dizer que tinham visitas quando tudo que ela queria era dormir. Então franziu

a testa, já que, como Max raramente entrava no seu quarto para acordá-la, algo importante devia estar acontecendo.

— O que disse?

— Eu disse que os Wherlocke estão aqui.

As palavras finalmente penetraram em sua mente confusa pelo cansaço e ela gritou assustada: — Que horas são?

— São onze. Da manhã.

— E bastante cedo para receber pessoas às quais nunca fomos formalmente apresentados. — Então Lorelei fez uma careta. — Acabo de falar como a velha Miller, nossa última governanta. Que tolice. Escrevi para os Wherlocke e pedi que viessem. Agora estão aqui preciso descer para falar com eles. — Ela acenou com a cabeça como se a narração fria e realista desses fatos estivesse afastando os últimos fiapos de sono. — Chame Vale, por favor, e estarei pronta daqui a meia hora. — Ela franziu a testa para Max. — Você acha que tempo demais para eles esperarem? Talvez eu deva apenas pôr...

— Meia hora para atender uma visita não anunciada é perfeitamente aceitável mesmo se tratando de pessoas a quem você chamou. Vou cuidar da acomodação deles.

—Você avisou papai de que eles estão aqui?

— Seu pai foi com alguns dos meninos até a Iago a para pescar e, talvez, aprender alguma coisa sobre a desagradável vida selvagem à espreita de toda essa lama.

Assim que Max saiu do quarto, ela silenciosamente praguejou devido ao fato não poder recorrer à ajuda de seu pai. Sabendo que os Wherlocke estavam sendo bem tratados enquanto esperavam por ela, Lorelei saiu da cama no mesmo momento que Max fechava a porta. Quando Vale entrou, Lorelei já havia feito a

toalete e estava meio vestida. Apesar dos protestos de Vale, ela obrigou a mulher a penteá-la de for bem simples e, então, apressou-se até o salão azul, onde os convidados haviam sido acomodados, um tanto orgulhosa pelo fato de ter conseguido fazer tudo em apenas vinte minutos. Ao ver furtivamente que Max estava desaparecendo em direção à cozinha, entendeu que ele já havia servido algo para comerem e beberem, de maneira que não precisava mais se preocupar com essa cortesia. Respirando profundamente para se acalmar, Lorelei abriu a porta e entrou na sala para conhecer a família de Sir Argus.

Eles são indecentemente bonitos foi o primeiro pensamento que lhe veio à me quando olhou para os quatro Wherlocke reunidos no salão. Uma mulher e três homens. A mulher era incrivelmente linda, e os homens tinham aquela aparência morena e de certa forma temerária que levava as mulheres a suspirar. *E eles todos são tão altos*, pensou ela, quando se levantaram para cumprimentá-la em uníssono. E então ela percebeu que deveria ter esperado que Max a anunciasse, mas logo desconsiderou e preocupação. Era tarde demais.

— Lady Lorelei Sundun? — Quando Lorelei confirmou com a cabeça, a mulher prosseguiu: — Permita-me fazer as apresentações — disse a mulher com voz que, pensou Lorelei, teria levado a maior parte dos homens a pensar em frescos lençóis de linho suave luz de velas. — Sou Lady OlympiaWherlocke, Baronesa de Stryke Hall. — Ela fez um gesto com a mão em direção a um homem alto, de cabelo preto. — Este é Lorde Iago Vaughn, Barão de Uppington. — E pôs a mão sobre o braço do alto homem de cabe escuro, de olhos cor de jade, que estava ao seu lado. — Este é Lorde Leopold Wherlocke Barão de Starkly. E ao seu lado está Sir Bened Vaughn. — Ela sorriu para o grande homem de estranhos olhos prateados antes de fixar seu olhar em Lorelei, enquanto, um a um, os homens apresentados

avançavam para beijar a mão de Lorelei. — Viemos e resposta às suas cartas. Você sabe onde está meu irmão?

— Sir Argus é seu irmão? — foi tudo o que Lorelei conseguiu pensar em dizer momentaneamente aturdida pelo fato de três lindos homens terem beijado sua mão para saudá-la. — Mas ele não tem título, ao contrário de você. — *E não é uma tolice preocupar com isso agora?*, gemeu em sua cabeça uma pequena voz em tom de desgosto.

— Meu título se transmite entre mulheres desde minha bisavó. Ela o obteve por prestar serviço ao rei Carlos II.

Considerando-se a sórdida reputação do rei em relação às mulheres, Lorelei teve o bom-senso de não perguntar de que serviço se tratava. Enquanto tentava organizar seus pensamentos, convidou os visitantes a se sentarem e lhes serviu uma xícara de chá e alguns doces que Max acabara de trazer para eles. Ela se esforçou para não se sentir intimidada pela beleza e segurança da irmã de Argus, mas era difícil. Lady Olympia Wherlocke, com seu espesso cabelo negro, olhos azul-celeste, e silhueta com curvas fazia com que Lorelei se sentisse ao mesmo tempo pequena e magra, jovem e desajeitada, embora Lorelei duvidasse que Lady Olympia fosse muito mais velha que ela. Já era suficientemente constrangedor que a surpresa e o nervosismo a tivessem levado a perguntar à mulher algo tão irrelevante quanto saber por que era baronesa enquanto Argus era um simples cavaleiro. Agora Lorelei se sentia tola e sem graça.

—Você sabe o que aconteceu com meu irmão? — perguntou Lady Olympia, com resquício de impaciência na voz que Lorelei entendeu perfeitamente, já que obter noticias de Sir Argus era a finalidade dessa visita.

— Sim, mas primeiro permita-me garantir-lhe que ele está seguro — disse Lorelei, que de fato pôde ver o alivio de seus visitantes, cuja postura agora parecia muito mais tranquila.

— Achávamos que ele tivesse sido gravemente ferido.

— E foi mesmo. Talvez seja melhor eu começar pelo momento em que ele apareceu para mim no roseiral de meu pai.

— Desculpe-me? Ele apareceu no seu jardim?

Pelo ar de surpresa nos rostos dos membros de sua família, era óbvio que Argus não os havia avisado sobre esse dom particular. Lorelei esperava que fosse porque ele ainda não o aperfeiçoara e tinha receio de fazer alarde sobre isso até que o dominasse. Fossem quais fossem seus motivos para não falar disso, eles não tinham mais importância. Seu segredo havia sido revelado.

— Sir Argus me disse que ele, bem, havia testado sua habilidade de mandar seu espírito para fora do corpo. Ele pretendia enviá-lo a um membro de sua família quando o utilizou para pedir ajuda, mas acabou chegando ao nosso roseiral. Acho que as pedras rúnicas do jardim talvez tenham algo a ver com isso. Elas formam um círculo que meu pai construiu no roseiral. Embora tudo isso deva lhes parecer uma tolice.

— De jeito nenhum. Pode ter algo a ver com as pedras — disse o Barão de Uppington. — Pode não existir nenhum registro do poder de lugares como este, mas há tantas histórias a respeito deles que acabamos por nos questionar. Então, você está dizendo que viu um homem aparecer em seu jardim e agiu de acordo com o que ele lhe disse?

— Em vez de gritar bem alto, e correr até minha casa? — disse Lorelei, sorrindo. — Sim, tentei mesmo me convencer de que eu tinha ficado sentada tempo demais ao sol e que tudo aquilo não

passava de um sonho, mas ele levou meu xale consigo quando apareceu. — escapar e rezou para que ninguém lhe perguntasse por que Sir Argus havia precisado de seu xale. — Não consegui explicar esse acontecimento, então resolvi enviar uma carta à família dele como me pedira. Embora apenas dois de vocês sejam as pessoas às quais mandei as cartas.

— Modred me avisou — disse Lorde Leopold —, e Bened estava comigo naquela hora. O Duque viaja raramente, especialmente para lugares em que não conhece as pessoas.

— Ah, claro. —Antes que pudessem bombardeá-la com mais perguntas, Lorelei lhes contou com detalhes o que havia acontecido desde o momento em que vira Argus no jardim até sua chegada a Sundunmoor. Como sempre, não fez nenhuma menção à nudez e aos beijos.

— O que não entendo é como esse maluco do Cornick pôde ter pensado que conseguiria pegar o dom de Argus — disse Lady Olympia.

— O homem acredita mesmo que é algo que pode ser retirado, roubado ou ensinado — disse Lorelei.

— Loucura.

— Sir Argus pensa da mesma forma. Isso não impede que o homem seja um perigo para Sir Argus. Mas talvez seja melhor vocês conversarem sobre tudo isso diretamente com ele.

Logo depois, Lorelei estava escoltando a família de Argus até a casa da guarda. Havia pensado em apresentá-los a seu pai, mas ele e os meninos mais novos ainda não tinham voltado de seu passeio pela Iago a. Um calafrio se infiltrou profundamente sua alma quando ela percebeu que essas pessoas poderiam estar ali para levar Sir Ar embora. Seu instinto lhe dizia que, se Argus deixasse

Sundunmoor, ela nunca mais vê-lo. Lorelei simplesmente não sabia se havia um jeito de impedir que isso acontecesse. Essas quatro pessoas eram da família dele, e seu problema era um assunto de família, e quanto ela era apenas uma mulher que o libertara de sua prisão e cuidara de suas feridas.

Quando entraram no quarto, encontraram Argus lutando para calçar as botas, com o rosto contraído pelo esforço. A maneira como seus parentes se precipitaram para perto dele fez com que Lorelei de repente se sentisse sobrando. Disse a si mesma que era tolice, mas quanto mais eles falavam entre si, maior era sua sensação de que estava no lugar errado. Finalmente, decidiu que a melhor coisa a fazer era sair em silêncio esperar em casa os próximos acontecimentos. Estava passando pela porta quando um mão pegou seu punho, e ela levantou os olhos para descobrir Lady Olympia ao seu lado.

— Aonde vai? — perguntou Lady Olympia.

— Achei que deveria deixá-los a sós para que pudessem falar dos seus planos — respondeu Lorelei, sem, no entanto impedir que a mulher a trouxesse para o lugar onde os homens estavam conversando. —Vocês sabem melhor do que ninguém do que são capazes e quais recursos podem trazer para essa batalha.

— Você e este lugar são intrinsecamente parte do plano que precisamos montar. Não estamos perto de onde ele foi mantido em cativeiro?

Esse comentário sugeria que pelo menos Lady Olympia achava que Argus deveria ficar onde estava, mas Lorelei reprimiu a repentina esperança que alimentara. — Cerca de doze horas de viagem, se não tivermos de ir muito devagar.

— Então essa é a área em que seus inimigos estarão. Com certeza eles o estão procurando por aqui e perto de Dunn Manor. Bem, isso se perceberem que Dunn Man é o lugar para onde ele deve ter sido levado pelo menos no começo. Uma vez que descobrirem isso, será fácil fazer a ligação com você e os Sundun.

— É possível, embora não tenhamos ouvido falar de ninguém que o esteja procurando.

Lady Olympia olhou por uma das janelas, mas uma rápida espiada em seu rosto foi suficiente para que Lorelei entendesse que a mulher não estava admirando a vista. Havia algo distante em seus lindos olhos, sobre os quais, suspeitava ela, os homens de escrever poemas. Ela se perguntou que dom Lady Olympia poderia ter.

—Vocês vão ouvir falar — disse Lady Olympia, com voz que parecia ser um sus Logo. — Franziu a testa e acenou com a cabeça como se estivesse confirmando suas palavras.

— Como pode ser? — perguntou Lorelei. — Não há ligação entre mim e Sir Argus. Nossa famílias nunca se encontraram. Então esse Cornick deve achar que Sir Argus foi levado para Dunn Manor. Ninguém, exceto eu, minha criada e meus primos, soube que esteve lá e que o trouxemos para cá o mais rápido possível.

—Vocês foram vistos — disse Lady Olympia, olhando para Lorelei de um jeito que não admitia contradição.

— O quê? — disse Argus, desviando a atenção de seus primos para olhar fixamente Olympia e Lorelei, mostrando que ouvia cuidadosamente a conversa das duas. —Você contou isso, Lady Lorelei. — Quando foi vista? Por quem?

Não era algo que ela pretendesse lhe contar algum dia, e Lorelei lançou a Lady Olympia um olhar enviesado, pelo qual recebeu da mulher, em retorno, um doce sorriso. — Foi quando o

estávamos libertando daquele lugar. Quando os homens subiam e nós estávamos chegando ao topo da colina, acho que um deles me viu de relance. Talvez tenha vislumbrado apenas uma sombra ao luar, tão rápida quanto uma batida de coração. Mas não estávamos sendo perseguidos, não é? Ninguém gritava. Eu rapidamente me escondi nas sombras e estava disfarçada. Não vejo como o homem poderia ter me reconhecido e vir até aqui por causa disso.

— Não, mas ele pode chegar até seus primos.

— Ele não os viu. Já haviam levado você até os cavalos, que estavam amarrados à das árvores. E também já faz uma semana, e não tivemos notícias pelos Dunn alguém o esteja procurando ou que eles tenham tido problemas.

Sir Argus não disse mais nada, mas não pareceu ter ficado convencido pela segurança que ela mostrara. De fato, parecia totalmente disposto a discutir mais, talvez até a dar-lhe algumas ordens. Lorelei acabou se acovardando e resolveu sair um pouco até que ele fosse distraído por outro assunto.

—Vou ver o que Max deixou na cozinha. Talvez vocês queiram descer até o salão Lá as cadeiras são mais confortáveis — disse ela, ao mesmo tempo em que saía do quarto.

Na cozinha, Lorelei encontrou uma impressionante variedade de bolos, pães e queijo, assim como algumas garrafas de bom vinho. Dedicou-se a preparar um banquete para Si Argus e sua família, e ouviu quando todos eles desceram a escada. A preocupação de Sir Argus com o fato de que ela pudesse ter sido vista a comoveu, mas ela se obrigou a não entrar muito nesse mérito. Ela havia dado ajuda e socorro a um cavaleiro. Era natural que ele acreditasse que precisava garantir sua segurança. A única coisa ela podia esperar era que ele não comentasse nada com seu pai

nem com Max, senão ela poderia ter de aguentar a presença de um guarda-costas permanente. Com certeza seria o fim dos seus planos de fazer com que Sir Argus visse que eram feitos um para o outro, pensou ela, suspirando. Já ia ser uma tarefa monumental do jeito que era. Ela não precisava de uma sombra interrompendo a toda hora o pouco de tempo que podia roubar para ficar sozinha com o homem. Isso, pensou ela, se ficasse em Sundunmoor. De qualquer modo, ao se juntar a eles no salão, ela precisava de um bom motivo para que eles aceitassem manter Sir Argus ali. Ela precisava ter possibilidade de lhe mostrar que eram feitos um para o outro.

— Muito interessante essa situação na qual você se envolveu, meu querido irmão — disse Olympia, sentando-se ao lado de Argus no sofá de pelúcia azul.

— Continuo me perguntando como acabei caindo na armadilha desse louco, e se consigo achar onde errei — disse Argus. —Juntei informações a seu respeito antes de encontrar com ele, e não havia nenhuma suspeita de que ele pudesse fazer uma coisa dessas. Talvez tenha sido a possibilidade de poder fazer proveitosos investimentos me fez baixar a guarda.

— Absurdo. Não somente é difícil saber tudo sobre alguém, especialmente se essa pessoa tomar cuidado em manter seus pecados bem escondidos, como também não temos nenhum antecedente nesse sentido. Não houve nenhuma tentativa de seque de algum membro de nossa família antes disso.

—Tem certeza?

—Tanto quanto é possível. Nossos clarividentes não nos alertaram, e ninguém tinha relatado nenhuma tentativa de tirá-los das ruas.

— Contudo, é inquietante pensar que parece haver uma ou várias pessoas tão interessadas em nós ou no que fazemos — disse Leo. — Todos nós precisamos ficar muito atentos até sabermos exatamente quem está por trás disso.

— Sem dúvida — concordou Iago. — Precisamos avisar todos.

— Precisaremos fazer isso tão logo soubermos onde ficarmos até que o problema de Argus tenha sido resolvido. — Leo olhou para seu primo. — Você acredita que o homem vai vir atrás de você?

— Sim — respondeu Argus. — Ele vai precisar fazer isso, mesmo que seja apenas se proteger. Sei quem ele é, e o que ele fez é passível de enforcamento. O "nós" que ele disse também pode ser um motivo para ele querer me silenciar.

— A menos que ele já tenha sido silenciado.

— É uma possibilidade, mas não acho que isso tenha sido resolvido tão facilmente.

—Você teve muita sorte de ser resgatado.

— Eu sei. Depois de ter passado quinze dias nas mãos desse homem, temi morrer porque não havia meio de entrar em contato com qualquer um de vocês. Lady Lorelei e seus primos, apenas garotos, chegaram logo depois que eu tinha sido espancado como nunca, e eu sabia que não ia sobreviver muito mais a tal tratamento. Ele também me manteve meio faminto e me dava pouca água. Nem cuidava dos ferimentos que me infligia. — Ele sorriu quando sua irmã pegou sua mão, segurando-o firmemente por alguns instantes, o único sinal de que ela havia ficado aborrecida ao ouvir sua narração dos abusos que sofrera.

— O que não entendo é como ele descobriu o que você consegue fazer — disse Olympia.

—Também pensei nisso — disse Argus. — Pode ser que alguém no governo, alguém que de certo modo soube o que fiz para eles, tenha decidido que precisava de meus dons para algo que o governo não ia aprovar.

— Posso dar uma verificada nisso — disse Leo.

—Talvez seja melhor.

Lorelei entrou com uma ampla bandeja carregada de comida e garrafas de vinho. Antes que Argus tivesse tempo de se mexer, Leopold estava ao lado dela para ajudá-la. Argus descobriu que não gostava de ver Lorelei e seu primo trocarem sorrisos. Isso tinha o gosto amargo do ciúme, o que o surpreendeu. Fazia muito tempo que não se importava em saber para quem uma mulher sorria.

Por uns instantes, todos ficaram calados, exceto pelos murmúrios de agradecimento e a escolha entre as opções, enquanto Lorelei, com a ajuda de Olympia, servia a comida e o vinho. De repente, Argus entendeu que essa mulher, essa filha de duque, tinha ido até a cozinha e preparado uma bandeja para seus convidados, com suas próprias mãos. Então, lembrou-se de que o pai dela havia ordenado que fizesse o mesmo na noite anterior. Obviamente, os Sundun não eram muito rígidos com a etiqueta.

Rapidamente ele esqueceu o prazer que esse pensamento lhe trouxe. Havia pensado em coisas tolas, que uma mulher como ela não olharia para um simples cavaleiro. Argus percebeu que talvez estivesse na hora de consagrar algum tempo a relembrar os casamentos fracassados que entulhavam sua árvore genealógica. Isso com certeza poderia curá-lo da estranha necessidade que tinha de vê-la como uma mulher que pudesse ser sua. Era um

pensamento que furtivamente havia tomado conta de sua mente quando ele menos prestava atenção, e que pretendia mandar de volta para o buraco do qual havia saído.

Olhando de soslaio, surpreendeu sua irmã, que o estudava, e Lorelei, e sentiu um calafrio correr por sua espinha dorsal. Havia muito tempo que Olympia insistia para que ele se casasse, apesar do fato de ela estar com vinte seis anos e ainda ser solteira. Ele suspeitava que ela pensasse que uma mulher iria impedi-lo de fazer coisas para o governo. Coisas que haviam feito com que ele vivesse em meio a perigos e segredos. Quando tivesse oportunidade, precisaria ter uma longa conversa com sua irmã. Não pretendia deixar que ela se fizesse de casamenteira.

—Vocês elaboraram algum plano? — perguntou Lorelei, ao mesmo tempo em que se sentava em uma pequena cadeira de canto, de maneira que conseguia vê-los todos.

— Se for aceitável, acho que todos nós deveríamos ficar aqui — disse Olympia.

— Ainda que o pai dela já tenha oferecido isso, embora de maneira indireta, não tenho certeza de que seja uma boa ideia — disse Argus.

Lorelei se recusou a se sentir ferida pela relutância de Sir Argus em ficar perto dela. Preferia pensar que ele estava agindo como qualquer solteiro, tentando ficar livre dos laços maritais que sentia pairar sobre si. Uma voz em sua cabeça sussurrou que ela estava querendo tornar seus desejos realidade, mas ela a calou. Nunca tivera um homem que olhasse para ela como Argus o fazia, ou a beijasse dessa maneira. Isso devia querer dizer alguma coisa.

— Ouça-me, Argus — disse Olympia. —Você ainda não se recuperou o suficiente para viajar até longe. Se tentarmos levá-lo

para qualquer outro lugar, isso irá abalar as forças que conseguiu reaver. Não pense que não sei que suas costelas estão enfaixadas já que ainda geme quando faz determinados movimentos. E também temos que considerar o fato de seu inimigo provavelmente estar por aí à sua procura.

— Então deveríamos levá-lo para longe dos Sundun.

— Um nobre sentimento, porém impraticável.

— Temo que ela esteja certa, Argus — disse Lorde Leopold. — E aqui que tudo aconteceu, ou perto daqui. Não se trata de um lugar ao qual se traz um prisioneiro a menos que haja um motivo importante. Com certeza, Londres tem muitos lugares onde se esconder e que ninguém jamais encontraria. E em Londres é muito fácil transferir pessoas de um lugar para outro sem ser visto. Contudo, apesar de todas e vantagens, seu sequestradores o trouxe aqui. E é aqui que precisamos, pelo menos, começar nossa investigação.

— Há muitos quartos livres aqui na casa da guarda — disse Lorelei. — Max pode arejar e preparar os outros quartos em um instante. E com certeza meu pai os autorizará a utilizar alguns de nossos homens se vier a ser necessário.

— Foi o que ele falou — disse Argus, sabendo que as palavras de Leo haviam selado seu destino. Perguntou-se por que se sentia em parte aliviado pelo fato de não ter que deixar Sundunmoor agora mesmo.

— Então, precisamos falar com o Duque o quanto antes — disse Olympia. — Ele esta par de tudo isso, não?

— Está, sim. Apenas recentemente, mas era difícil mantê-lo longe desse segredo. — Ele franziu a testa. — Na verdade, o Duque também sabe muita coisa sobre nossa família. Pelo visto, muitas

pessoas relataram em livros histórias e rumores ao nosso respeito, e ele os estudou. O homem é fascinado pelo que podemos fazer.

Lorelei viu a maneira como a família de Argus olhou para ela de soslaio e sorriu. — Sinceramente, esse conhecimento está seguro com ele. Quando o encontrarem, entenderão melhor. Como já expliquei para Sir Argus, é o dom em si que fascina meu pai e não quem o possui. E ele entende perfeitamente a necessidade de proteger a família.

— Acredito nele no que diz respeito a esse conhecimento — disse Argus, esperando que nenhum de seus perceptivos parentes pudesse perceber de fato como seu coração havia disparado quando Lorelei sorriu para ele.

Argus estava quase incomodado pelo fato de ter de admitir, até para si mesmo que seu coração havia disparado. Ou que havia se sentido extremamente tentado devolver esse sorriso. Pior ainda, tinha a aterrorizante sensação de que havia um sinal de paixão nesse sorriso. Lady Lorelei Sundun estava tendo um efeito muito estranho sobre ele. Ele precisaria se esforçar para afastá-la, especialmente porque, pelo visto, não ia deixar Sundunmoor tão cedo. Também sentia que o fato de tentar usar sua família como uma parede entre eles não ia funcionar.

Lorde Leopold se serviu de um pouco mais de vinho. — Temo que nossa vida secreta esteja chegando lentamente ao seu fim.

— Por quê? — perguntou Lady Olympia. — Trata-se de uma pessoa, talvez um pequeno grupo, mas não de uma ameaça real.

— Existem aqueles entre nós, Olympia, que têm dons que muitas pessoas iriam cobiçar. Se esse homem, ou homens, acreditam que de certa forma esses dons podem ser roubados, então nenhum

de nós estará seguro. Isso precisa acabar aqui e agora, antes que o veneno se espalhe.

—Concordo — disse Lorde Iago. — Pense bem, Olympia. Pense no que cada um de nós pode fazer. Não é difícil prever o que certos homens, ávidos pelo poder ou à de uma maneira de adquiri-lo, seriam capazes de fazer para usar esses dons em seu próprio interesse.

Olympia suspirou, e seu rosto traiu, ainda que de forma fugaz, uma tão profunda tristeza, que fez com que Lorelei pensasse em afagar sua mão. Esta segurou seu gesto, como também refreou sua curiosidade e não perguntou em que dons todos eles estavam exatamente pensando. O que Sir Argus conseguia fazer era fascinante. Ela podia apenas tentar adivinhar alguns dos dons que os outros membros da família Era possível que algumas das coisas sobre as quais seu pai havia falado tivessem simplesmente brotado da imaginação de pessoas que acreditavam demais em rumores. Entretanto em um passado nem tão distante, bastava um rumor para que alguém fosse acusado de bruxaria, torturado e executado das mais cruéis maneiras possíveis.

— Como farão para encontrar esses homens? — perguntou finalmente.

— Sabemos o nome daquele que sequestrou Sir Argus, mas não o de seus aliados. E suspeito que o homem que manteve Sir Argus prisioneiro esteja bem escondido.

— A primeira coisa que faremos será ir até o lugar em que mantiveram Argus cativo— disse Lady Olympia.

— Posso lhes mostrar o lugar pela manhã — disse Argus.

— Não, não pode. Ainda precisa se curar. — Os argumentos que Argus estava prestes a levantar foram interrompidos por um

repentino ruído vindo do saguão. Parecia que alguém havia irrompido na casa. O barulho de passos se aproximando rapidamente fez que todos se levantassem. Os homens se puseram diante dela e de Olympia antes que Lorelei pudesse se mover para ver o que estava acontecendo.

A porta do salão se abriu de chofre, e seus dois primos, Cyrus e Peter, entraram, subitamente a ponto de quase perder o equilíbrio. Tinham um aspecto lamentável, estavam cobertos de poeira e visivelmente suados. Um segundo depois também pareciam aterrorizados, e toda a cor de suas acaloradas faces havia desaparecido. Lorelei teve receio de que estivessem prestes a desmaiar. Procurou o olhar de Argus para ver por que seus primos pareciam tão assustados. Os quatro homens apontavam pistolas diretamente para o coração dos rapazes.



Capítulo 7

— DROGA, ACHO QUE MEU CORAÇÃO PAROU DE BATER — DISSE CYRUS corando e olhando para Lady Olympia. — Perdão, *milady*.

Lorelei perguntou-se distraidamente por que também não havia merecido receber um pedido de perdão. Ainda que seus primos parecessem um tanto pálidos, Peter se recuperado o suficiente para servir-se de comida e bebida. Lorelei disse a si mesma que precisava observar quanto vinho ele bebia, já que não tinha muita resistência a essa bebida.

— Por que voltaram tão rapidamente depois de ter fugido como dois pequenos covardes? — perguntou ela, sorrindo ao ver que seus primos a fitavam furiosos. — Papai não é tão assustador.

— É sim, quando tenta extirpar a verdade de você — murmurou Peter. — E age como o duque.

— Ele é o duque.

—Você sabe o que quero dizer, Lolly.

— Sim, suponho que sei. Então, por que voltaram correndo para cá?

— Temos más notícias — disse Cyrus, depois de engolir rapidamente o biscoito que enfiara na boca.

Lorelei lançou um olhar de preocupação para Argus antes de perguntar: — Que notícias?

— Acredito que aqueles homens que pegaram Sir Argus talvez saibam quem o tirou do cativeiro. — Ele corou quando todos olharam para ele. — Alguém espancou o velho Chambers quase até morrer. Ele conseguiu nos dizer que estavam fazendo perguntas sobre Sir Argus Wherlocke.

— Chambers vai se recuperar? — Lorelei deixou que sua preocupação com relação ao idoso guarda-caça segurasse o medo que sentia por Argus e que já estava remoendo seu estômago.

— Mrs. Ratchet acredita que sim, mas ele vai ficar de cama por muito tempo. A única coisa que disse foi que o espancaram com muita violência quando finalmente acreditara que ele não sabia nada a respeito do que estavam falando. Ou ficaram totalmente furiosos ou pretendiam matá-lo. Papai mandou nossa gente ficar de sobreaviso.

— E precisamos fazer a mesma coisa com nossa gente.

Embora tivesse reconhecido a voz de seu pai, Lorelei ficou surpresa ao vê-lo aparecer pela porta Argus e sua família pareciam mais do que surpresos. Ela se perguntou se não seria porque acreditavam que pelo menos um deles deveria ter percebido que seu pai estava ali. Contudo, ao mesmo tempo que se recompôs, viu que os três primos pareciam de novo prestes a puxar as pistolas para fora.

— Papai! — gritou rapidamente Lorelei, deixando claro que esse homem não era uma ameaça. — Pensei que estivesse na Iago a com os meninos.

— Estávamos voltando quando vi esses dois rapazes — ele acenou com a cabeça para Cyrus e Peter — cavalgando para cá como se o diabo em pessoa estivesse rosnando atrás dele. Enviei os meninos para casa com o instrutor. Dei a Pendleton nosso balde de peixes para que o levasse à cozinheira.

Lorelei, com muito esforço, conseguiu reter o riso entalado na garganta. Mais tarde ia saborear a imagem do empinado e meticuloso Pendleton segurando um balde cheio de fétidos peixes. *O homem com certeza vai exigir tomar banho e que suas roupas sejam arejadas*, pensou, mordendo os lábios para não rir.

— Então, Sir Argus, posso ver que sua família finalmente chegou — disse seu pai, sorrindo para cada um deles, os quais se levantaram quando ele se aproximou.

Lorelei não pôde deixar de se perguntar o que a família de Argus pensava sobre seu pai. Ele parecia ainda menos Duque do que habitualmente, com lama grudada nas botas e nas calças. Seu cabelo tinha sido totalmente desarrumado pelo vento. Havia muito tempo que seu camareiro renunciara a fazer algo, limitando-se simplesmente a verificar que o Duque estivesse decentemente vestido ao sair do quarto, e poupando sua elegância de alfaiate para os raros momentos em que o Duque participasse de algum evento importante. Entretanto, ela não via nenhum sinal de falta de respeito no rosto parentes de Argus, enquanto eram feitas as apresentações.

— Sentem-se — disse o duque. — Todos vocês, por favor, sentem-se. Estou começando a sentir dor no pescoço por ter de levantar a cabeça quando olho para vocês e nunca me senti tão pequeno. — Sem esperar para ver se obedeciam, sentou-se sobre da cadeira de Lorelei e olhou para Cyrus e Peter. — Então, houve algum problema em Dunn Manor, não é? Espero que o pai de vocês esteja bem.

Cyrus confirmou, acenando com a cabeça, e explicou por que haviam precisado voltar. — E por isso que viemos depressa até aqui. Achamos que Sir Argus precisava ser informado o quanto antes, e papai concordou. Depois de nos repreender por termos mantido segredo — acrescentou ele com voz soturna.

—E ele fez bem. Agradeçam por ele ter se limitado a repreender vocês. Mas bom trabalho rapazes, porque com certeza Sir Argus precisava ser informado disso.

O Duque virou a cabeça para olhar SirArgus, e Lorelei soube exatamente quando de seu pai encontrou a comida disposta sobre a pequena mesa arrumada entre sofás e cadeiras. Seu rosto se iluminou como o de uma criança. Seu pai gostava tanto de comida que ela ficava surpresa por ele não ser redondo como uma bola.

— Ah, Deus seja louvado, torta de limão. — Pegou um pedaço, cantarolando lentamente de prazer enquanto comia. — Excelente. Agora, Sir Argus, você e sua família têm algum plano? Pelo visto, seu inimigo está bem perto e determinado a pega-lo de novo. Ou silenciá-lo. — O Duque ouviu com atenção enquanto os Wherlocke e Vaughn lhe contaram sobre o que haviam conversado. — Por que quer ver o lugar onde ele foi mantido preso? — perguntou a Lady Olympia. — Não se trata de uma coisa uma jovem mulher deva ver, não é?

Depois de estudar cuidadosamente o duque, Cyrus e Peter, Lady Olympia respondeu: — Posso obter algumas informações necessárias para pôr fim a esta ameaça. Acreditamos que a ameaça possa ser dirigida contra cada um de nós, e não somente contra Argus. Ele apenas foi o primeiro que tentaram prender.

— E bem provável. Ele não é o único a ter um dom em sua família. Você acha este Cornick deixou alguma pista nessa casa?

— Sim, mas não do jeito que pensa. Tenho a capacidade de ver, bem, a lembrança que uma pessoa ou um evento deixam para trás. Se eu puder entrar naquela casa, dar uma volta, talvez eu possa obter alguma informação importante a partir das lembranças do que aconteceu lá. Quando o acontecimento é fruto de violência, como este, as lembranças costumam ser muito claras.

— Que maravilha! — murmurou ele. — Claro que deve ir até lá.

— Pensei em levá-los pela manhã — disse Sir Argus.

— Não, de jeito nenhum. Balançar nas costas de um cavalo só poderá arruinar seu tratamento. Se fosse uma viagem curta, daquelas que podem ser feitas facilmente um só dia, ida e volta, talvez você pudesse ir. Mas não neste caso. Não, esses garotos vão mostrar o caminho à sua família. De qualquer modo, não acredito que tenha visto muita coisa do caminho, não na triste condição em que estava naquela hora. Tenho um ótimo estábulo no qual vocês poderão escolher cavalos, e vou informar Gregor que vocês vão precisar de robustas montarias pela manhã.

Argus queria realmente discutir esse plano, mas não podia. O Duque estava certo. Ele não havia visto nada durante a viagem do cativeiro até Dunn Manor, e muito pouco na vinda até Sundunmoor. A dor o havia consumido. Ele podia facilmente fazer que se perdessem. Contudo, a luta era sua, e ele queria fazer parte dela. O fato de suas feridas ainda o impedissem de se juntar à caça de seus inimigos era muito irritante.

— Logo você terá a sua vez — disse o duque, e Argus temeu que sua frustração fosse clara a ponto de ser lida em seu rosto.

— Max acredita que você ainda precisa de mais alguns dias — disse Lorelei.

—Vamos esperar que Max esteja certo — disse Argus. — Preciso parar aquele louco.

— Max não costuma errar. — O Duque sorriu e se levantou, pegando depressa outro pedaço da torta de limão. — Agora, garotos — disse para Peter e Cyrus —, vão até a casa para se limpar. Este salão está começando a ficar com cheiro de cavalo suado.

Peter e Cyrus saíram depressa. Lorelei se perguntou por que seus primos pareciam sempre tão intimidados perante seu pai, que era tão doce. Ela suspeitava que a mãe deles, que ficara impressionada pelo fato de sua família agora estar relacionada com um duque, devia ter algo a ver com isso. Seu pai falou, fazendo com que ela interrompesse seus pensamentos, nos quais ela tentava achar uma maneira de a mãe dos seus primos ver seu pai como algo próximo de um rei.

— Preciso enviar alguns criados para ajudá-los enquanto estiverem aqui — disse o pai dela.

— Muito obrigada,Vossa Alteza — disse Lady Olympia —, mas acharíamos melhor que os criados não estivessem aqui conosco. O senhor sabe a nosso respeito, mas gostaríamos que os criados não estivessem muito informados. Se permitir, eu poderia montar um esquema que nos desse toda a ajuda de que precisamos, porém mantendo a privacidade que achamos tão necessária. Vou mandar buscar alguns de nossos empregados, se me autorizar, e assim eles poderão cuidar de nós no lugar de sua gente.

— Vocês têm criados em que confiam plenamente? Que não temem o que vocês são capazes de fazer?

— Existem duas famílias que nos deram leais criados durante gerações. Há alguns outros que não são dessas famílias, mas

escolher os empregados certos para pessoas como nós requer muito tempo, e deve ser feito com extremo cuidado.

—Claro. Bem, vou mandar alguns dos meus arejarem os outros cômodos desta casa e trazerem alguns suprimentos. Devem vir na próxima hora. Jantamos às sete horas, e eu apreciaria muito ter a companhia de vocês. Apenas quero avisá-los de que a maior parte da família costuma se juntar a mim para o jantar.

O Duque se despediu dos Wherlocke e dos Vaughn acenando com a cabeça, e então saiu da sala. Lorelei pôde ver pelo ar pensativo no rosto dos parentes de Argus que estes estavam tentando entender exatamente que tipo de homem era seu pai. Muitas pessoas tentavam fazer isso, porém sem sucesso, nem que fosse porque davam importância demais ao fato de ele ser duque.

— Vocês não precisam se preocupar com a multidão que comparecerá ao jantar — disse ela. — Não haverá tanta gente quanto de costume. Meus três irmãos mais velhos Grécia com dois dos meus primos que moram aqui. Meu irmão Winslow está com um de seus amigos em Surrey. — Ela franziu a testa enquanto tentava se lembrar se outros de seus irmãos também estavam fora de casa. — Os dois caçulas não estão autorizados a jantar conosco por enquanto, e os gêmeos Axel e Wolfgang ainda devem cumprir uma punição por terem feito uma demonstração de valsa sobre a mesa na hora em que a sobremesa estava sendo servida, uns quinze dias atrás. — Ela sorriu quando os homens riram e Lady Olympia balançou a cabeça, sorrindo. — Ainda assim, teremos cinco primos conosco, mais cinco de meus irmãos que não fizeram nada para serem banidos da mesa de jantar. Até agora.

— Seu pai cuida de muitos de seus primos, não é? — perguntou Argus.

— Temos espaço e os instrutores necessários para preparar os rapazes para irem à escola. Com dezessete filhos, papai tem pessoas qualificadas trabalhando na casa em mais do que suficiente para receber alguns a mais volta e meia. Também é padrinho de um grande exército de crianças, cuidando de qualquer um da família que fique órfão, e daqueles cujos pais estejam passando por dificuldades. Toda a família Prulhome mora em parte da ala oeste, mãe, pai, avó e três filhos, mas provavelmente vocês não os verão, já que estão doentes e com muita febre.

— Seu pai gosta de ter a casa cheia, não é?

— Papai não está nem aí se a casa estiver lotada, desde que ninguém entre em sua biblioteca. Ele passa muito tempo lá. A quantidade de pessoas da família que na casa principal é um dos motivos que explica por que essa casa é mantida vazia. Algumas pessoas não gostam da maneira que papai permite que as crianças sejam vistas e ouvidas.

Depois de alguns minutos de conversa franca sobre sua família, Lorelei saiu. Ela sabia que eles precisavam de tempo para falar entre si. A família de Argus não a conhecia, exceto pelo fato de ter sido ela quem resgatara e protegera Argus, de forma que ainda não se sentiam confortáveis para falar com total liberdade em sua presença. Era compreensível, mas ela esperava que isso logo mudasse, já que, com todos os beijos que havia roubado, e apesar da maneira que ele a afastara, Lorelei sabia que Sir Argus era o homem que ela queria. Ela tinha planos para se juntar a essa família.

— Então, esse é o Duque de Sundunmoor — disse Leopold, sorrindo. — Um homem bem agradável, embora um tanto estranho. Contudo, todo esse papo sobre quem mora aqui e quem ele ajuda

faz com que eu me pergunte se ele não está sendo usado por sua família.

— Acredito que ele seja inteligente demais para se deixar abusar por muito tempo, porque, se ele não perceber na hora, com certeza, Max deve perceber — disse Argus. — O mordomo tem o bom-senso que de vez em quando falta ao duque, que facilmente se deixa distrair. E o Duque respeita a palavra do homem. — Ele se virou para sua irmã. — Suponho que esteja determinada a ir até essa casa.

— Argus, você sabe muito bem que existem chances de eu encontrar informações úteis — disse Olympia.

No momento em que pensou em uma maneira de lhe dizer por que ele gostaria que ela não entrasse naquele cativeiro, chegaram os criados vindos da casa principal. Os homens de Leo, Wynn e Todd, seguiam-nos de perto com as bagagens. Argus prometeu a si mesmo encontrar um tempo para falar com Olympia antes que ela fosse embora, pela manhã. Sabendo que ela podia ler no rastro deixado por seu suplício, não podia permitir que ela entrasse lá às cegas.

Ele e sua família foram para o jardim dos fundos, incrivelmente espaçoso, quanto os criados trabalhavam, deixando a casa pronta para receber tamanha companhia. Trabalharam com uma eficiência que os surpreendeu, e todos eles eram limpos e cordiais, aparentando serem saudáveis como poucos criados pareciam ser. Argus só podia aprovar a maneira que o Duque tratava seus empregados.

Eles puderam entrar de volta na casa com tempo de sobra para se preparar antes do jantar com o Duque e seus familiares. Argus mal ultrapassara a porta da sala de jantar seguido por sua

família e com Olympia segurando seu braço, quando quase teve um choque de surpresa. Se não fosse pela grande diferença de idade entre as pessoas que se posicionavam ao lado das cadeiras, dir-se-ia que era um jantar tão elegante como os aconteciam em todas as casas da classe mais alta da sociedade. Cada um vestira sua melhor roupa, e a mesa havia sido arrumada como se o rei em pessoa estivesse prestes a chegar.

Para seu assombro, fora posto ao lado de Lorelei. Ela estava estonteante com um vestido verde-escuro que combinava com seus lindos olhos. O delicado xale de renda que cobria seu decote conseguia deixá-lo menor, embora levasse qualquer homem a tentar vislumbrar a sombra da linha entre seus lindos seios através da trama do bordado. Seu espesso cabelo ruivo estava elegantemente penteado, percorrido por um cordão de delicadas e varias mechas desciam por entre elas até pincelar com certa provocação a macia pele de seu ombro. Ela estava tão suavemente perfumada que ele teve de se segurar para não cravar o nariz na curva em que seu longo pescoço encontrava o ombro.

Argus se obrigou a prestar atenção nas outras pessoas da mesa, notando que Leopold havia sido posto ao lado direito do duque, com o qual agora estava conversado. Argus suspeitava que o duque, apesar da mania de se perder com frequência em seus livros e documentos até mesmo por causa de toda essa leitura, sabia muita coisa a respeito do mundo que o rodeava. Olympia estava sentada entre os dois garotos Dunn, que pareciam amaldiçoados por uma tendência a corar. Iago estava sentado ao lado de uma jovem que mal havia acabado de sair da escola e parecia pasma com seu companheiro de jantar. Um rápido calculo mental revelou que havia trinta e oito pessoas à mesa, e ele mal podia se relembrar o nome de algumas, apesar de ter sido apresentado a todas elas. Então, viu que

havia outra mesa posta em um canto, onde se sentavam um homem, uma mulher e seis crianças.

— O que é isso ali? — perguntou ele para Lorelei.

— Ah, hoje é à noite em que aqueles que logo virão se juntar à nossa mesa são autorizados a ficar nesta sala para aprender bons modos à mesa — respondeu ela.

— Logo vocês vão precisar de uma mesa maior.

— Ah, já temos uma na sala de jantar de cerimônia.

Ele deu uma piscadela, varreu com o olhar rapidamente a imensa saia e decidiu não perguntar onde ficava e qual era o tamanho dessa mesa. Então a velha senhora que se encontrava ao seu outro lado começou a falar com ele. Ele saboreou a deliciosa comida que havia sido servida e tentou ser polido com a mulher, que hesitava ao seu lado, sem que o que ela contava fizesse muito sentido para ele. Então, de repente, a senhora se debruçou por trás dele e disse a Lorelei: — Um azul-escuro, hein?

— Ah, sim, tia Gretchen. Isso seria adorável — respondeu Lorelei.

Tia Gretchen examinou Argus de cima a baixo como se ele fosse um cavalo que ela quisesse comprar, e então murmurou: — Alto. — Ela olhou com ar carrancudo para homens da família: — Hum... altos, todos eles. Um lindo cinza, dois tons de verde. — Ela estudou Olympia. — Um lindo azul brilhante. — Então, virou-se e começou a falar com a jovem sentada ao seu lado e de cujo nome Argus não conseguia se lembrar.

— Do que se trata? — perguntou para Lorelei.

—Ah, vocês todos vão voltar para casa com echarpes — respondeu ela. —Tia Gretchen tricota o dia todo. Uma vez papai

zombou dizendo que ela ia arruiná-lo com o custo dos novelos de lã que usa. Imediatamente, ela aprendeu a tear e até a tingir na cor que deseja. Produz peças muito bonitas que vende nas lojas da cidade. Ela divide os lucros com papai, já que utiliza a lã de seus carneiros e tudo o mais. Mas ela faz tantas coisas que quem nos visitar nunca vai embora sem levar uma echarpe, um xale ou algo para crianças se tiver filho. Também gosta de trabalhar com renda de bilro, e é bem possível que sua irmã saia daqui com um lindo xale de renda em vez de uma echarpe quente.

Os Sundun são excêntricos, pensou Argus. Ele havia pensado que era apenas o duque, porém agora via que isso corria nas veias de todos. Embora de maneira menos evidente, Lorelei também era excêntrica. Talvez fosse por esse motivo que ele e a família haviam sido tratados de maneira tão calma e acolhedora pelo duque. Fora isso que ela não havia fugido gritando ao vê-lo aparecer no jardim, mas, ao contrário havia ido ao seu encontro. Argus estava prestes a perguntar para Lorelei se ela sabia exatamente quantos parentes moravam na casa quando algo ralou seu pé. Ele procurou olhar debaixo da mesa quando Lorelei o pegou pelo braço.

— Por favor, ignore — sussurrou ela. —Trata-se apenas de Cornelius. Papai vai cuidar disso.

Uma rápida olhada para a mesa das crianças revelou que o homem e a mulher sentados estavam procurando alguém por todo lado. Agora, havia apenas cinco crianças à mesa. Argus estava pensando que Lorelei só podia estar enganada ao pensar que o Duque sabia o que estava acontecendo quando o homem falou calmamente entre garfadas no macio refogado de carne.

— Cornelius, por que está de novo debaixo da mesa? — perguntou o duque. — acha que é um cachorro e veio procurar sobras?

A cabeça de um garoto de cerca de sete anos surgiu por debaixo da tolha da mesa.

— Não, papai, eu precisava falar com você.

— Não precisava se arrastar para vir solicitar uma reunião comigo. Sobre o que você quer falar? Podemos nos encontrar na biblioteca depois do jantar.

— Quero falar sobre o que Mr. Pendleton e Miss Baker estavam fazendo no armário.

A mão do Duque hesitou brevemente antes que ele colocasse outro pedaço de carne na boca e começasse a mastigá-lo lentamente. — Suponho que estivessem conversando sobre seus planos de casamento.

— Ah.

Argus notou que, apesar de corar intensamente, a mulher sentada com as crianças parecia encantada. Supondo-se que o homem à mesa fosse Pendleton, parecia prestes a adoecer. Ele não parece estar muito feliz com essa perspectiva, pensou, mas então o tolo deveria ter ficado fora do armário, ainda mais nesta casa obviamente enxameada de jovens olhos e ouvidos.

—Você esperava que eu fosse mandá-los embora? — perguntou o duque.

Cornelius, se arrastando, saiu de debaixo da mesa e ficou de pé ao lado da cadeira de seu pai. — Pensei que fosse.

— Então eu contrataria outro instrutor e outra governanta, Cornelius. Você não pode tentar escapar de seus estudos dessa maneira.

— Podemos ainda ter essa conversa?

— Sobre o quê?

— Acho que é uma conversa de homem para homem.

— Vou pensar nisso. Encontre-me na biblioteca uma hora depois do fim do jantar. Também conversaremos sobre assuntos como contar os segredos de terceiros para conseguir o que quer. Agora, volte para sua cadeira. A menos, claro, que precise desfazer os nós de alguns cadarços debaixo da mesa.

Argus deu uma risada quando o garoto suspirou e voltou para debaixo da mesa. O Duque certamente precisava da tranquilidade e da paz de sua biblioteca para lidar com uma prole tão grande e travessa. Lembrou-lhe um pouco a toca dos Wherlocke em Londres.

Uma vez com a barriga satisfeita por uma deliciosa refeição e o palato amaciado com um copo de vinho do Porto com o duque, Argus caminhou de volta para a casa de braços dados com Olympia. Ao ir embora, esforçou-se para ignorar o ar de desapontamento nos lindos olhos de Lorelei, despedindo-se dela da maneira mais cortês. Por enquanto, ele não podia se preocupar com os sentimentos de Lorelei, apesar da determinação de sua mente errante nesse sentido e do aperto de seu coração ao ver nos olhos dela.

Deixando-se lentamente distanciar até ter certeza de que pudesse falar com Olympia sem que seus primos ouvissem cada palavra, ele disse: — Precisamos conversar antes que vá embora amanhã, e me parece que não teremos outra oportunidade senão agora.

— Podemos esperar até chegarmos ao salão.

— Não, porque posso ver que está mais do que ansiosa para se deitar. Olympia, sei que vai ver muita coisa amanhã. Como você já disse, quanto mais violenta a emoção ou maiores são as

lembranças deixadas para trás. Fiquei lá cerca de quinze dias, e, quando eu não era espancado, estava me recuperando do último espancamento. Eu sempre sentia frio, já que me deixaram sem roupa, a não ser um cobertor roído pelos ratos, além de faminto e sedento. Não me deixaram nem comida nem água, apenas o necessário para me manter vivo. As feridas das pancadas nunca foram tratadas, de maneira que vivi com medo constante de pegar infecções. Também estive acorrentado a uma horrível cama, em um cômodo sem luz, a não ser pelo fraco luar que entrava por uma minúscula janela ou pela lanterna que Cornick trazia consigo em todas as suas visitas.

— Soube que algo terrível estava acontecendo desde o momento em que você desapareceu — disse ela, parando para abraçá-lo. — Mas eu não havia percebido que tinha sido tão feio.

— Fui tratado pior do que um cachorro — sussurrou ele, sentindo a dor e a humilhação invadir suas lembranças. — Pouco antes de Lorelei me resgatar, eu estava de certo modo resignado. Não podia lutar contra os fortes capangas que ele trouxera e eles se protegiam contra meus dons. Usavam óculos com lente escura e pedaços de algodão nos ouvidos para atenuar os efeitos de meus olhos e minha voz. Se eu tivesse sido espancado mais uma vez, teria morrido, tenho certeza absoluta disso. Eu estava impotente, Olympia, e se trata de um sentimento que até hoje me deixa enjoado.

— E em sua cabeça masculina você acredita que de certa forma deveria ter sido capaz de se sentir menos impotente? Como, com um lençol para cobrir sua nudez? Um balsamo para passar sobre suas feridas? Esteve acorrentado nu e era espancado regularmente. Durante quinze dias! Muitos homens teriam tentado

desesperadamente dar a seus sequestradores o que queriam, mas não você.

— Talvez. Com certeza me enganei na minha avaliação sobre o filho da mãe. Mas estou lhe contando isso porque talvez veja muitas lembranças horríveis ao entrar lá.

Ela deu um passo para trás, desfez o abraço e retomou a caminhada em direção à casa. — Entendo, mas mesmo assim quero ir lá. Em algum lugar daquela casa talvez esteja um resquício de lembrança que nos dirá como encontrar o filho da mãe e matá-lo.

— Ah, sim, mas talvez devamos mantê-lo vivo o tempo suficiente para que ele nos conte quem são seus aliados — disse ele, um tanto divertido pela intensidade das palavras usadas por sua irmã.

— Nada mais justo. E então, nós os mataremos, ele e seus aliados.

— Seremos juiz, júri e carrasco?

— Precisa ser assim. Se apenas Cornick morrer, como poderemos impedir que seus aliados recrutem mais homens para nos caçar? Existem muitos de nós, e não temos como vigiar todos, e a maior parte de nós nunca aceitará se esconder até que a ameaça acabe lentamente, de forma legal. Eu certamente teria dificuldade de agir dessa maneira. — Ela suspirou. — Sei que é errado pensar assim, mas é a segurança de nossa família como um todo que nos preocupa. Pelo menos, é o que temo.

— Eu também tenho receio, mas precisamos ser prudentes, não sabemos quem são esses aliados. Se forem pessoas poderosas, talvez tenhamos de lidar com um desafio bem maior. E de que serve matar um de nossos inimigos e deixar muitos outros ou na mão do carrasco ou fugir para o exílio?

Olympia fez uma careta. — Eu não havia pensado nisso. Então, vamos ser cautelosos por enquanto. Contudo, acredito que o homem irá morrer. Desde o momento em que ocorreram esses problemas, eu soube que o homem que o feriu iria morrer. Mas você tem razão ao dizer que é melhor tentarmos descobrir quem são seus aliados. — Ela deu uma olhada para trás, em direção à casa principal, e então sorriu astutamente para Argus. — Uma família muito bonita e uma libertadora bastante linda.

Argus negava com a cabeça quando eles entraram na casa da guarda. — Tire esse ar de casamenteira dos olhos, Olympia. Você sabe o que penso do casamento. Wherlocke e Vaughn são destinados a sofrer ao se casarem.

— Ah é? O que acha dos casamentos que vimos nos últimos anos? O de Chloe, Penelope e Alethea? Será que alguma delas parece estar sofrendo?

— Não, mas a capacidade de ver fantasmas ou ter visões não provoca tanto medo ou superstição quanto muitos outros dons. Acho também que tiveram sorte. Não sou de confiar na sorte quando se trata de minha própria vida. — Uma vez no saguão, lhe deu um beijo no rosto. —Vá dormir Olympia. Amanhã será um dia longo e difícil e você precisa estar descansada.

Depois que ela suspirou e subiu a escada, Argus entrou no gabinete, onde sabia que havia um delicioso licor, e lá encontrou seus primos, que já estavam apreciando a bebida. — Não se acostumem com essa mordomia — disse em tom arrastado, enquanto também se servia de um copo antes de se sentar no sofá na frente deles.

— Por quê? Por acaso planeja resolver esse problema dentro dos próximos dias?— perguntou Leopold, sorrindo devagar. — Ou

pretende fugir tão rápido logo que puder para escapar do alcance da linda moça de olhos verdes?

Argus pensou em dar um soco nos brilhantes e bem alinhados dentes do primo. Contudo, seria inútil discutir a veracidade dessas palavras. Pior ainda, durante a discussão ele poderia mostrar a covardia que o dominava quando se tratava de Lorelei. Em disso, sorriu friamente para Leopold, brindando silenciosamente com o licor.

— As duas coisas.



Capítulo 8

— CUIDADO, OLYMPIA.

Olympia pôs o pé na soleira da porta da frente da casa deserta em que seu irmão do mantido cativo e olhou para Iago. — Você está sentindo algo errado?

—Tem um espírito muito furioso aqui — disse Iago.

— O lugar parece tão triste. Não estou surpresa de que haja algum espírito descontente vagando por aqui.

— Não descontente. Bravo. Furiosamente bravo.

—Perigoso?

— Não acredito que ela tenha capacidade de ser perigosa, não. E morreu há pouco. Faz uma semana, quase no mesmo momento em que Argus foi libertado.

— Droga. — Olympia remexeu na pequena bolsa de suprimentos que havia trazido, dali longas tiras de linho e um frasco com forte cheiro. — Ainda bem que pensei em trazer isto.

— O que está errado? — perguntou Cyrus ao mesmo tempo em que ele e Peter andavam atrás de Olympia.

Olympia olhou para os dois jovens e suspirou. — Acho que talvez seja melhor se vocês ficarem aqui. Tem um corpo dentro da

casa. — Ela acenou com a cabeça enquanto eles empalideciam, olhando fixamente para a porta. — Está aqui há um pouco mais de uma semana, então não deve ter boa aparência, nem cheirar muito bem.

— Como sabe disso? Que há alguém morto aí dentro?

— Lorde Vaughn vê espíritos. E, quanto ao fato de saber que vai ser algo bem repugnante, receio já ter visto outros corpos antes. — Ela não viu medo nenhum nos olhos deles e então ficou mais tranquila. — Argus me disse que vocês sabiam a nosso respeito, mas eu não tinha certeza.

— Ah, sim, sabemos — disse Peter, confirmando com a cabeça. — Sabemos por que Sir Argus sempre obrigava Vale a agir como ele queria para que ela não contasse a todos que ele estava aqui. E também ao condutor da carruagem nos levou a Sundunmoor. — Ele olhou para Iago. —Você pode realmente ver que alguém morreu aqui, *milord?*

— Sim — respondeu Iago. — Uma mulher idosa, e não está feliz com isso. E também não foi a velhice que a matou.

— Devemos avisar nosso pai? E o juiz de paz daqui.

— Seria muito útil, mas é melhor que não haja muitas pessoas aqui por enquanto.

—Vamos trazer papai, apenas — disse Peter, apressando-se, junto com Cyrus, para voltar aos cavalos.

Leopold olhou para os dois jovens enquanto iam embora. — Como eles aceitaram facilmente — murmurou.

—Acho que podemos agradecer ao Duque por isso — disse Olympia. — Pelo pouco aprendi durante o jantar ontem à noite, a porta de Sua Alteza sempre está aberta para parentes e muitos

jovens que perambulam por aí. Acho que o Duque de Sundunmoor é um homem muito bom e de juízo, mesmo que um tanto esquisito. — Ela trocou sorriso com seus primos, mas voltou rapidamente à seriedade enquanto entregava a cada homem uma tira de tecido impregnada de forte perfume. — Ele parece ter transmitido esse juízo e essa calma a muitos de seus parentes. Agora, vamos cuidar disso.

O fedor da morte os golpeou no momento em que abriram a porta. Olympia deixou a porta grande aberta e respirou pelo nariz até poder sentir apenas o forte perfume do pano que haviam amarrado contra o nariz e a boca. Não demorou muito que ela encontrasse o corpo, e precisou apenas fazer um exame superficial para saber exatamente como a velha mulher havia morrido. Olympia deixou Iago juntando informações que pudesse obter do fantasma enfurecido, e com Leopold e Bened atrás dela, foi até o lugar em que seu irmão havia sido mantido preso e espancado.

Olympia entrou na úmida e escura prisão que fora o cativeiro de Argus e quase caiu de joelhos. Não era apenas a visão da corrente que o mantivera preso, mas também a miserável cama suja na qual havia sido obrigado a permanecer, ou a única cadeira em que o sequestrador se sentara enquanto Argus era espancado, que a atingiram no mais profundo do coração. As lembranças dos abusos que ele sofrera eram tão claras que ela temeu ficar doente. Quando Leopold passou o braço em volta de seus ombros, ela se apoiou nele, lutando para recuperar a força necessária à procura da informação que precisava.

— Eles o mantiveram aqui, acorrentado, nu, quase morrendo de fome, sempre sedento e sozinho na escuridão — sussurrou ela. — Por que não conseguimos saber o quanto ele estava sofrendo?

— Sabíamos que estava correndo perigo, Olympia. Acredito que os avisos tenham aparecido logo depois que ele foi trazido para cá. Simplesmente, não conseguimos encontrá-lo. —Leopold deu uma olhada ao redor. — Argus é um homem muito robusto, mas acho que ele teve muita sorte de que essa garota o tenha encontrado. Quando Olympia se afastou de repente dele, aprumando-se, ele perguntou: — Você disse que ele estava nu?

— Foi o que ele me disse quando conversamos ontem à noite, e suponho que logo vou conseguir ler isso nas lembranças que ocupam este cômodo.

— Então isso explica o que aconteceu com o xale de Lady Lorelei.

— Do que está falando?

—Você não se lembra do que ela nos contou quando chegamos? Disse que pensava que Argus não passava de um sonho ou algum tipo de visão que tivera depois de passar tempo demais ao sol, mas ele havia levado seu xale consigo ao desaparecer de sua vista. Não estava mais com ela. Foi por causa disso que ela acreditou tanto no que vira e ouvira e decidiu nos chamar e procurar por ele.

Durante um momento, as sinistras lembranças do cativeiro de Argus desapareceram nas sombras. Olympia olhou fixamente para Leopold, que apenas lhe sorriu de volta. Bened fez o mesmo. Ela deu uma risada leve, meneando a cabeça.

— Então, a filha do Duque não somente viu Argus em toda a sua glória máscula no roseiral do seu pai, como foi atrás dele. Se esse fato se tornasse conhecido, os dois teriam de se apresentar diante de um altar antes mesmo que se tivesse tempo de pronunciar a palavra “nu”.

— Sim, e tire essa ideia da cabeça — ordenou Leopold. — Argus é um homem que vai precisar ir de bom grado até o altar. E isso pelo próprio bem de Lady Lorelei. Para tranquilidade de espírito, se não mais. E também acredito que isso irá acontecer sem sua ajuda.

— Sim — concordou Bened. — Eu também.

—Você viu alguma coisa? — perguntou Olympia.

— Não foi nenhuma visão nem sonho, se é isso que quer saber — respondeu Leopold. — Simplesmente sei.

— Eles combinam perfeitamente — disse Bened. — Ela sabe disso. Ele continua relutante.

— Mas Argus sempre disse que nunca iria se casar — disse Olympia. — Até recentemente, cada casamento que testemunhou foi um grande fracasso, para a infelicidade das partes envolvidas. Isso inclui nossos próprios pais. Devo admitir que, quando vi Lady Lorelei pela primeira vez, pensei que ela seria perfeita para Argus, mas ainda acredito que será necessário dar algum tipo de empurrão para que ele abra os olhos e também perceba isso.

— Tudo bem se for um empurrão — disse Leopold. — Nada mais fácil. Basta garantirmos que fiquem sozinhos sempre que possível. Com isso, a semente da relação não somente será plantada como poderá crescer. — Ele franziu a testa. — Argus vai se opor, mas algo fará ele se render. Não sei o quê, contudo. Somente sei que ele vai enfrentar uma crise de sentimentos, e isso porá um fim em sua luta contra o que ele quer, mas acha que não pode ter. Agora vamos acabar nossa triste tarefa aqui.

Olympia concordou com a cabeça e começou a estudar as lembranças de todo o sofrimento que seu irmão tivera nas mãos de Cornick. O cômodo estava tomado energias oriundas desses

confrontos. Uma vez seu trabalho feito, a única coisa que ela quis foi ficar em um lugar muito privado, enroscar-se e chorar. Ela aceitou que Leopold a ajudasse a subir a escada e sair de sombrio lugar em que seu irmão havia sofrido tanto. Entretanto, no momento em que saíram da cozinha e entraram na sala onde haviam deixado Iago, Olympia duvidou que pudesse ter esse momento a sós. Os jovens Cyrus e Peter, ambos com ar de quem segura à comida dentro do estômago somente graças à força de vontade, estavam na soleira da porta do salão. Nele, estava falando calmamente com Iago. O juiz de paz havia chegado.

Depois que as apresentações foram feitas, o magistrado Dunn olhou de novo para o corpo. — É a velha Belle. Ela achava que era bruxa. Perambulava por aí. Era versada em ervas, embora nem sempre lidasse com aquelas que curam. Quase foi enforcada há dois anos, quando um homem morreu. Ela havia vendido uma poção à mulher dele, a qual estava furiosa contra o marido. Finalmente, a esposa confessou. Disse que a poção da velha não funcionava e que então resolveu fazer uma por conta própria. A velha Belle foi astuta o suficiente para escapar do enforcamento apesar de ter ajudado a esposa a matar seu marido.

— O homem que fez isso não lhe deu a mesma chance — disse Iago. Olympia olhou para Iago e o magistrado Dunn, e percebeu que o homem parecia de modo algum apreensivo pelo fato de Iago declarar que falava com fantasmas. Parecia mesmo que a natureza tranquila do Duque corria no sangue de toda sua família.

— A quem pertence esta casa? — perguntou Iago.

— Pertence a Mr.Wendall. Ele mora em Londres. — O tom irônico da voz do de paz revelou o desdém que sentia. — Ele tira o proveito da generosidade da terra, porém não se preocupa em morar aqui ou gastar um tostão com o lugar. Diz-se que está

querendo vendê-lo.

— Talvez encontre certa dificuldade para tanto. Esse fantasma tem um espírito mau e está muito furioso.

— Bem a cara da velha Belle. Ela poderia criar problemas, não é?

— Ah, sim, se adquirir força e conhecimento. Agora, estou ansioso para saber por que motivo ela ainda está aqui. Pelo que você acaba de me dizer, não é o tipo pessoa que procura um lugar melhor ou mais bonito. E... — Iago pestanejou e fixamente para o chão. — Bem, isso resolve o problema.

— Ela foi embora? Pelo jeito como está olhando para o chão, presumo que ela tenha voado para o céu. Na verdade, você poder ver isso, não é?

— Nem sempre. E alguns fantasmas que deveriam ter sido arrastados diretamente para o inferno demoraram mais do que qualquer um tivesse gostado. Contudo é algo raro.

— Hum... O diabo não costuma ser paciente. — Ele trocou um sorriso com Iago.

Olympia meneou a cabeça. —Você não está incomodado pelo fato de ele poder ver fantasmas, não é?

— Não, milady — respondeu o magistrado. — E não vejo por que motivo deveria estar. A Igreja diz que todos nós temos alma. Por isso, faz sentido que não queiram ir correndo para o céu quando chega a hora deles, como faz sentido que algumas pessoas possam vê-los. Meu primo Roland, o duque, diz que precisamos ter a mente aberta e pronta a aceitar coisas que talvez não entendamos. Cresci

com ele, então algumas suas opiniões também acabaram sendo minhas.

— Claro. — Olympia não pôde deixar de pensar que essa família era perfeita para Argus. — Há alguém por aí que saiba mais a respeito do proprietário desta casa?

— Posso lhe dar o nome e o endereço do procurador, porém também está em Londres. Como pode ver, ninguém está interessado no que acontece com essa casa, e o intendente só vem até aqui para receber aluguéis e rendimentos.

— Então acho que podemos voltar para Sundunmoor — disse ela. — Obrigada senhor.



Argus silenciosamente praguejou e esfregou seu rosto com as mãos. Estava sentado na biblioteca junto com o Duque e Lorelei, folheando livros, cartas e papéis à procura o sobre uma família chamada Cornick. Não era um nome muito comum, mas mesmo assim já haviam seguido várias pistas que não tinham levado a lugar nenhum.

Ele sabia que parte de sua frustração vinha do fato de que estava sentado em uma sala olhando pilhas de documentos, enquanto os outros estavam seguindo a pista de seu sequestrador. Argus sabia que, na verdade, o fastidioso trabalho em que estava envolvido podia levá-los até alguma descoberta, mas detestava aquilo. O fato de sua irmã estar na casa em que ele fora mantido prisioneiro, lendo todas as violentas e sórdidas lembranças daqueles dias, não ajudava a suavizar sua crescente impaciência.

— É como se esse homem não existisse — resmungou ele. — Acho que Vossa Alteza conserva aqui as linhagens de cada homem, mulher e criança da Inglaterra, e mesmo assim conseguimos encontrar um idiota chamado Charles Cornick.

—É possível que esse não seja realmente o nome dele, não? — perguntou o duque. — Afinal ele estava envolvido em um crime. Não é improvável que tenha usado um fuso ou alterado seu verdadeiro nome de alguma forma.

—Nesse caso, todo o nosso trabalho ficaria inútil.

—Não exatamente. Mas seria bom se alguém fosse pesquisar em outra direção.

— Vossa Alteza tem muito mais paciência do que eu.

—A pesquisa exige paciência, e a aceitação de que, às vezes, você possa estar seguindo o caminho errado. — Ele franziu a testa quando alguém bateu na porta. — Pode entrar. Ah, Max, o que é?

—Vossa Alteza tem visitas — anunciou Max. — A viúva Benton e sua filha.

O Duque pareceu horrorizado. — Diga-lhes que não estou aqui.

— Vossa Alteza, elas vieram porque na semana passada o senhor me mandou lhes dizer que não estava aqui, mas que estaria aqui agora, e eles voltaram hoje.

Os ombros do Duque caíram e ele meneou a cabeça. — Lembre-me de nunca mais fazer isso Max. — Ele se levantou. — Bem, é melhor que eu vá fazer meu papel de anfitrião. Por quanto tempo? — perguntou para Max. — Dez minutos?

— Pelo menos meia hora.

— Que purgatório — resmungou ele, saindo pela porta.

— Pretende receber suas convidadas com essa aparência?

O Duque olhou para sua roupa manchada de tinta, encolheu os ombros e passou no cabelo. — E ela que sempre vem me visitar. Pode me ver do jeito que estou. No momento em que a porta se fechou sobre Max e seu pai, Lorelei riu. — Pobre viúva não esconde que gostaria mesmo de ser sua quarta esposa.

— E você se importaria?

— Se ela conseguir pegá-lo em sua rede? Sim, mas somente porque ela o deixaria muito infeliz, e ele já sofreu por causa de dois casamentos infelizes. Casou-se quando tinha apenas catorze anos, com uma noiva da mesma idade. Ela via o casamento como sendo o caminho que a levaria a todos os encantos de Londres, Paris, e qualquer lugar em que pudesse gastar rios de dinheiro. Ele só queria ficar aqui. Ela lhe deu meninos e três meninas e morreu. A segunda esposa, minha mãe, amava o campo e durante pouco tempo, ele foi feliz, mas mamãe morreu ao dar à luz aos gêmeos. A terceira esposa o fez cair em uma armadilha, levando facilmente o pobre papai a situação constrangedora em que a honra exigiu que ele se casasse com ela. Ela também queria brincar de duquesa em Londres.

— O que aconteceu com ela?

— Morreu em um acidente de carruagem logo depois de ter dado a papai seu décimo terceiro filho. Estava fugindo com um artista.

O primeiro pensamento que veio à mente de Argus foi que ninguém precisava ser Wherlocke ou Vaughn para ter um casamento sofrível e ser traído. Ele e Olympia haviam sofrido muito durante o terrível casamento de seus pais, mas a vida de Lorelei e seus irmãos havia sido abençoada com uma constante — o duque. A

constante de Argus era Olympia, e, com esse pensamento, ele sentia de novo a frustração e raiva de ter sido deixado para trás.

Lorelei observou quando Argus se levantou e olhou pela grande janela que minava o jardim. Algo em sua tensa postura lhe disse que estava perturbado. Ela pensar em vários motivos que explicassem seu comportamento, mas desejou que simplesmente lhe dissesse o que o incomodava. Retendo um suspiro, ela se levantou e veio se posicionar ao lado dele.

— Deveriam estar de volta antes do anoitecer — disse ela, apostando que ele estar preocupado com sua família.

— Eu deveria estar com eles — disse ele, com voz rouca por causa da irritação.

— Você não podia e tem de aceitar esse fato. Ainda está com as costelas enfaixadas e montar a cavalo poderia fazer com que você se tornasse para eles mais um fardo que uma ajuda. São tão capacitados quanto você para ir atrás dele. — Ela ficou um pouco surpresa quando ele se virou e, olhando para ela com expressão fechada de raiva, agarrou-a pelos ombros.

— Sou eu que preciso encontrá-lo — disse Argus, dando vazão à sua voz cheia e frustração. — Sou eu que preciso pegá-lo, enfrentá-lo como um homem e não como aquela criatura frágil, espancada e faminta que ele chegou a fazer de mim.

Lorelei se aproximou para afagar seu rosto. — E assim fará logo que estiver melhor. Você não estaria em condições de cumprir o que pretende se tivesse de lutar e suas feridas diminuíssem suas forças e sua agilidade no momento errado, não é? Se você quiser que ele o veja forte, como uma verdadeira ameaça para a vida dele, então cuide de se curar.

Argus pôs as mãos sobre as dela. Ela falara do um jeito muito parecido com o de Olympia, sem querer esconder a verdade atrás de lindas palavras. Ele gostava muito mais do que deveria. Gostava também da maneira que ela o olhava, do daquele olhar que levava seus lábios ao encontro dos dela, apesar dos sinos de aviso que ecoavam em sua cabeça.

No momento em que seu lábios se encostaram nos dela, Lorelei passou os braços em torno de seu pescoço. Dessa vez ela sabia que o beijo ia acabar abruptamente, já que estavam na biblioteca de seu pai, mas não via motivo para não aproveitar o que ele podia lhe dar. Deliciou-se com seu sabor, tremeu com a força do desejo que ele ou nela ao percorrer sua boca com a língua. Carinhosamente, ela devolveu essa caricia com sua língua e ele gemeu levemente, sentido um ligeiro tremor por todo o corpo. Por um instante, seu aperto ficou mais firme, e então ele começou a acariciá-la.

Lorelei não ficava mais chocada com as mãos de Argus tocando suas nádegas: ela se encostou ainda mais contra a dura saliência que esticava o pano das calças do homem. E murmurou de decepção quando ele afastou os lábios dos seus, mas então suspirou de prazer ao sentir que ele estava beijando seu pescoço. Foi apenas quando as mãos dele subiram por seu corpo para acariciar seus seios que ela saiu, apenas por um instante do sensual nevoeiro ao qual ele a havia levado. A surpresa que ela sentiu ante esta carícia tão íntima foi varrida pelo prazer que percorreu seu corpo, um prazer que decuplicou quando os quentes lábios de Argus tocaram a curva de seus seios acima do decote do vestido.

Ele girou o corpo, pressionando-a contra a parede, enquanto continuava acariciando e beijando seus seios. Quando ele puxou para baixo o decote, liberando um dos seios, e então lambeu o duro

mamilo, ela quase gritou de prazer. Passou os dedos pelo cabelo do homem, segurando-o enquanto ele a sugava, cada movimento da boca suando o nó de desejo que ela sentia na barriga.

E de repente tudo acabou. Ela havia sido solta, o vestido fora rapidamente colocado de volta no lugar, e Argus já estava a alguns passos antes que ela pudesse organizar seus pensamentos para entender que havia sido rechaçada — de novo. Sentiu a ira borbulhar dentro de si, mas, antes que pudesse dizer algo, ouviu a voz de seu pai e rangeu os dentes ao lutar contra o rubor que ameaçava invadir suas bochechas.

— Foi uma atitude muito infantil, Vossa Alteza — disse Max, abrindo a porta da biblioteca e deixando o Duque entrar.

— Suponho que sim — respondeu o duque. — E não é surpreendente que eu tenha lido isso com Cornelius.

— Papai, o que você fez? — perguntou Lorelei, feliz ao perceber o quanto sua voz parecia calma.

— Ele ficou tossindo toda vez que ela tentava falar com ele — respondeu Max. — A mulher não ficou muito tempo, e suspeito que tenha achado que o Duque estivesse com algum tipo de infecção e ficou com medo de que fosse contagiosa.

Lorelei não gostou da maneira que os olhares de seu pai e de Max se estreitaram enquanto olhavam para ela e então rapidamente para Argus. Sentia claramente que apostavam que ela e Argus não haviam passado aquele tempo sozinhos conversando e olhando para os nomes nas pilhas de papéis de seu pai. No entanto, nenhum deles disse uma palavra sequer, e ela começou a relaxar, e sorriu diante do truque usado por seu pai para se livrar da mulher.

— Ela vai voltar — disse Lorelei.

— Receio que sim, mas espero que não seja tão cedo — disse o pai.

Trabalharam um pouco mais, procurando nomes, mas finalmente Lorelei foi embora. Não ficou surpresa ao olhar pela janela de seu quarto e ver que Argus estava caminhando em direção à casa da guarda. Supôs que deveria se sentir mais agradecida do que realmente estava pelo fato de ele ter tido presença de espírito suficiente para ouvir seu pai e Max que se aproximavam. Estava se sentindo um tanto cansada de sempre ser desejada e depois rejeitada.

Roland olhou fixamente para a porta por uns instantes depois que Sir Argus Wherlocke saiu. — Diga-me, Max, você acha que minha filha parecia ter feito mais que simplesmente conversar enquanto eu me ausentei?

— Com certeza,Vossa Alteza, assim como Sir Argus, embora eles tivessem tentando esconder o fato de forma admirável — respondeu Max.

—Você acha que eu deva interferir?

— Ainda não, Vossa Alteza. Os homens Wherlocke têm bons motivos para relutar contra o casamento. Pelo que eu li em seus documentos depois que ele chegou, casamentos Wherlocke e Vaughn costumam acabar de maneira totalmente desastrosas. Suponho que ele mesmo sinta um medo profundo dessa honrável instituição. Mas tudo deve se resolver, já que ele está apaixonado por nossa menina. Simplesmente, precisa aceitar esse fato.

— Pois bem. Também pensei que fosse isso, mas um pai sempre se preocupa. Não tenho dúvida do que ela sente por ele, e não quero que ela se machuque.

— Nem sempre os pais podem impedir isso, mas, dessa vez, se eu não me engano a respeito do homem, ela acabará por ser muito feliz.

Argus ainda praguejava contra si mesmo por ter sido tão tolo enquanto caminhava em direção à casa da guarda. Ele havia pressionado a filha de um Duque contra uma parede como se ela fosse uma vadia qualquer e quase fora pego pelo duque. Obviamente, a loucura estava se enraizando em sua mente. Ou em sua virilha, pensou, com certo nojo de si mesmo.

Entrou no salão e rapidamente afastou os pensamentos sobre Lorelei, como sua pele era macia, e também sobre o fato de nunca antes ter ficado tão perto de ser arrastado perante um vigário. Seus parentes haviam retornado, e, pelo ar que estampavam no rosto ou haviam fracassado ao tentarem encontrar algo, ou traziam más notícias. Ele se serviu de um copo de licor e sentou-se ao lado de Olympia, que parecia levemente pálida.

— Não foi bem-sucedido? — perguntou.

— Sim e não — respondeu ela, tomando um gole de licor. — Sei qual é a aparência do louco e de seus cães de guarda. Também sei que ele tem algo a ver com a casa, porém não é o dono. Consegui sentir seu desprezo pela casa, mas nenhum sentido de posse. E encontramos outra coisa ao chegarmos lá. Havia um corpo.

— Um de seus homens?

— Infelizmente, não — respondeu Iago. — Uma velha senhora. Segundo o juiz de paz Dunn, era uma mulher que vagueava à procura de ervas e que até fazia poções que não tinham nada a ver com cura. — Ele rapidamente relatou tudo o que o magistrado havia dito sobre a velha Belle. — Era um fantasma

muito furioso, mas, felizmente quem acabar morando lá, não pôde ficar. Ela recebeu um tiro entre os olhos e foi deixada lá, de maneira que aquele que atirou nela deve ter achado que havia pouca chance de que ela fosse descoberta.

— Deve ter sido a bruxa que Charles declarou que ia trazer — disse Argus. — Ele ia tentar ver se a mulher conseguia transferir o dom de mim para ele, ou algum absurdo do gênero.

— Ela foi suficientemente tola para exigir o pagamento do dinheiro que ele lhe devia, dizendo-lhe que não era sua culpa se ele tinha perdido o prisioneiro, e então a acertou entre os olhos. Eu achava que a crença em bruxas e feitiços havia desaparecido totalmente.

— Não acho que Charles tenha acreditado nisso, de forma alguma, mas alguém quis experimentar.

— Também descobrimos que a casa pertence a um homem chamado Wendall, que em Londres, assim como seu procurador. Dunn não soube dizer quem era o intendente nem mesmo se havia algum, já que todo o lucro com as terras e o aluguel da propriedade é enviado para longe.

—Vou pedir que minha gente o procure — disse Leopold. — O magistrado disse que o nome do homem era Henry, então vou deixar claro que se trata apenas de uma hipótese.

— E quando eu tiver tempo para pensar em tudo que aprendi, talvez possa descobrir algo que não vi claramente, não naquele momento, pelo menos — disse Olympia.

Durante mais de uma hora, eles conversaram sobre o pouco que haviam aprendido até Olympia de repente pedir licença. Argus se precipitou para fora do salão atrás dela, alcançando-a enquanto ela subia a escada. —Você não está bem?

Olympia o olhou e sorriu tristemente. — Não, apenas cansada. As vezes, acho muito aguentar a crueldade que um homem pode infligir a outro. Isso também me fez pensar no passado, nas histórias de nossos infelizes antepassados que foram vistos como bruxos. Não posso deixar de imaginar que essas atitudes não mudaram tanto assim, e isso me entristece. A raiva que sinto de Cornick também me esgotou. Se ele estivesse ao meu alcance, acho que eu teria tentado matá-lo com as próprias mãos. — Ela lhe deu um no rosto e voltou a subir a escada. —Vou me recuperar. Não se preocupe comigo.

Argus meneou a cabeça e desceu de volta para o salão, seus primos e o licor. Estava preocupado com Olympia, já que uma mulher nunca deveria ver tais coisas, mas ela era forte demais para se esconder sob a proteção dos homens da família. Ele também se preocupava consigo mesmo. Estava perdendo o controle quando se tratava de Lorelei, conseguia encontrar seu inimigo, o qual também podia ser uma ameaça para sua família como um todo. Ao entrar no salão, foi diretamente para a garrafa de licor. Talvez estivesse na hora de afogar ali alguns de seus problemas.



Capítulo 9

ARGUS RESPIROU DE ALÍVIO QUANDO MAX RETIROU A FAIXA EM TORNO de suas costelas. — E tão bom ficar sem isso.

— Não comemore ainda. Talvez eu tenha de colocá-la de volta — disse Max. — somente porque gemeu muito que aceitei tirar essa faixa hoje. Mas ainda não pode montar a cavalo nem sair cavalgando pelo campo.

Enquanto Max pressionava a área em volta de suas costelas, onde a contusão apresentava uma cor amarelo-clara, Argus se preparou para esconder a dor que poderia sentir. Ficou surpreso ao perceber que doía pouco. Seguiu as ordens de Max, virando-se, curvando-se, tossindo e respirando profundamente, mas sofreu pouco com relação à dor que costumava ter.

— Parece que você se cura rapidamente, ou suas costelas não estavam tão machucadas quanto havíamos pensado. Descanso, bebida e muito comida também ajudaram — acrescentou Max, enquanto ajudava Argus a vestir de volta a camisa.

— Então, estou curado.

— Está melhor. Nada mais. Você não deve fazer nada para se cansar nem se esforçar demais durante pelo menos mais uma

semana. Não consigo ver dentro de você, e não posso dizer com certeza que esteja completamente curado. Se suas costelas tivessem sido completamente quebradas, você não se sentiria tão bem quanto parece agora. É tudo que eu posso dizer. Agora, os ossos podem ter se curado o suficiente apenas que você não sinta mais dor e tenha maior mobilidade, então tome cuidado. O fato de as costelas terem sido machucadas quer dizer que os ossos vão ficar mais frágeis durante certo tempo. A cura tem de ser mais profunda do que foi até agora.

Argus concordou com a cabeça. O fato de precisar ser cuidadoso era muito melhor de que não poder fazer nada. Agora, ele podia ajudar muito mais sua irmã e primos a tentar encontrar Cornick. Não precisaria mais ficar confinado a ponto de achar impossível lutar contra a tentação que Lorelei provocava constantemente com sua simples presença. Agora, sussurrou uma vozinha em sua cabeça, ele podia dar vazão a covardia e fugir.

Era humilhante, mas ele tinha de admitir que aquela vozinha tinha razão. O fato de ter Lorelei tão próxima o tempo todo havia levado seu controle ao ponto de ruptura algo do qual ele não gostava nem um pouco, já que se orgulhava de ter controle em qualquer circunstância. Com Lorelei, a única coisa que queria fazer era abraça-la toda vez que a via. Agora, ele podia mesmo manter certa distância entre eles.

— Obrigado, Max — disse sorrindo para o homem. —Você se mostrou muito competente em medicar pessoas.

— Com tantos garotos para vigiar, não é muito surpreendente.

— Por que o Duque acolhe tantas crianças quando já tem dezessete suas?

— Sua Alteza não suporta ver crianças passando necessidades. Assim como não aguenta pensar que, por falta de recursos, o filho de algum parente corra o risco de não receber uma educação completa. E acho que isso é bom por outro motivo. Garante que os mais recentes Sundun e sua prole não sejam considerados meros estranhos. Fazem parte da família.

— Sim, isso é bom. Olympia disse que o magistrado Dunn cresceu com Sua Alteza seus filhos podem vir aqui quando querem. Uma família, e não simplesmente um parentesco.

Max concordou com a cabeça enquanto tirava um lindo relógio de prata do bolso. — Agora, preciso deixá-lo, já que Sua Alteza tem uma reunião com seu intendente e preciso ter certeza de que ele tenha se lembrado disso.

Logo que Max saiu, Argus tentou fazer uma série de movimentos apenas para ver quanto suas costelas reclamavam. Não sentiu muitas pontadas de dor, mas prestou atenção em cada uma delas. Não tinha certeza de quanto tempo levaria para acabar com a ameaça que Cornick representava, e não tinha a intenção de fazer coisa alguma que pudesse comprometer seu processo de cura. Então, acabou de se vestir e foi ver onde sua família se encontrava.

Encontrou Olympia sentada no salão, bebericando chá e olhando pela janela. Por um instante, ela parecia triste. Argus se aproximou dela e aquele olhar desapareceu abruptamente, quando ela se virou para cumprimentá-lo.

— Então, tirou a faixa? — perguntou ela.

— Sim, mas Max me alertou de que deverei ser prudente no que fizer. Talvez eu não tenha sido tão ferido quanto pensamos de início, mas ele tem razão ao dizer que, uma vez machucados, os ossos enfraquecem por um tempo. — Ele se sentou ao lado dela e

perguntou: — Você está bem? Quando entrei, você parecia muito pensativa, ou triste.

— Pensativa, claro — disse ela tão rapidamente que Argus soube que estava mentindo, decidindo contudo não pressioná-la para saber o motivo. — Trata-se de uma questão muito preocupante.

— Muito. E o fato de não encontrarmos nenhuma informação sobre Cornick não esta ajudando. E não posso esquecer que as informações que já encontrei haviam sido espalhadas exatamente para que eu as encontrasse.

—Ainda assim, não faz sentido que não possamos encontrar algo. O Duque parece ter informações sobre todo mundo.

— É verdade. Leopold ficou admirado. — Sorriram rapidamente um para o outro. — Onde estão os outros?

— Foram até o vilarejo. Disseram que precisavam de algumas coisas, mas acredito que tenham ido até lá para saber quais são os assuntos que estão sendo comentados e descobrir novos rumores e fazer perguntas. Antes de saírem, Leo enviou um recado seu pessoal a respeito de Wendall, o proprietário da casa em que você ficou prisioneiro — disse ela, tremendo.

— Acabou, Olympia. E definitivamente coisa do passado — disse ele calmamente.

— Agora estou curado, e Cornick vai pagar pelo que fez.

Ela apertou ligeiramente as mãos. — Sei. Ele e quem quer que seja esse "nós". Rezo, pelo bem dos mais jovens membros de nossa família, para que Cornick e seu aliado, ou aliados, não passem de um bando de idiotas. E o que aconteceu com você prova até onde estão prestes a ir para obterem o que querem. Isso me deixa apavorada.

—Também espero que estejamos lidando com um grupo muito pequeno e secreto. E espero ainda que alguém do governo esteja por trás disso, já que o conhecimento que eles têm dos dons de nossa família se limita àqueles de nós que já trabalharam para eles.

— Ah, aí estão vocês — disse Leopold ao entrar no salão, seguido de Iago e Bened.

Argus olhou para os homens enquanto eles se serviam de um pouco de vinho — Aconteceu algo no vilarejo?

— Em outras palavras, vocês conseguiram obter informações? — disse Olympia.

Leopold se acomodou em uma cadeira diante de Argus e Olympia e sorriu para ela. — O Duque é amado por todos, mas poucos admitem com facilidade que falam primeiro com Max quando precisam resolver um problema — respondeu ele, enquanto Iago e Bened se sentavam. — Alguns também disseram que certa viúva está se comportando de forma ridícula ao tentar conquistar o homem, pois ele teve três esposas e não quer ter outra. E nem precisa, já que tem treze filhos. Alguns outros acham que embora seja verdade que ele não precise nem queira esposa, talvez seja melhor ele casar, uma vez que tem apenas quarenta e seis anos.

Argus engasgou com o vinho que estava bebendo e fez uma careta quando Olympia lhe deu umas palmadas nas costas. — Bem, suponho que seja verdade, já que Lorelei me disse que ele havia se casado quando tinha catorze anos e ficara pai com quinze.

— Isso é obsceno, se quer saber o que acho — disse Iago . — Ele não passava de uma criança naquela época.

— É verdade — concordou Leopold. — E daí? Trinta e dois anos atrás o fato de alguém tão jovem se casar era considerado inapropriado. Contudo, até o Duque atual, Sundun tiveram muita

dificuldade para ter filhos. O fato de o velho Duque ter tido um segundo filho foi motivo de muita alegria, mas o herdeiro morreu deixando apenas duas filhas. Foi o Duque que as criou.

— Fascinante — comentou Olympia —, mas o que tudo isso tem a ver com nossos problemas?

— Tem algo a ver conosco, de maneira ínfima, porém importante. Cada homem, cada mulher e cada criança das terras de Sundun sabe que precisa alertar a propriedade ducal se algum forasteiro estiver fazendo mais do que atravessar as terras a caminho outro destino. Que existe alguém por aí que o Duque considera uma ameaça.

— E você acha que eles vão fazer isso?

—Acredito que sim. O pessoal do Duque é totalmente leal. Não consegui encontrar nenhum mentiroso quando falei com eles, nem mesmo um sinal de que alguém estivesse dizendo o que eu queria ouvir embora estivesse fervendo de raiva. O Duque resolve todos os problemas rapidamente, mantém as pessoas bem alojadas, alimentadas e com trabalho, de maneira que elas sempre tenham algum trocado para gastar. Ele também mantém as terras em bom estado e rentáveis. E, melhor ainda, toda vez que aparece por lá, conversa com todos os que ele encontra e sabe o nome de cada um, o nome dos filhos etc.

— Inacreditável. Não há como não admirar sua prodigiosa memória.

— É verdade. Parece também que muitos homens que trabalham aqui se chamam Gregor. Pelo menos sete. Os avós deles se instalaram aqui cerca de sessenta anos atrás. São escoceses. Ainda têm sotaque muito carregado.

— Espere, os Sundun andaram escondendo os Mac-Gregor quando eles ainda eram clã proscrito. Isso lhes poderia ter causado um bocado de problemas, com todo essa historia dos jacobitas[3] — disse Argus, meneando a cabeça. — Mas, por enquanto, nada a respeito de forasteiros.

— Não — respondeu Leopold. — E também nada do meu pessoal até agora.

— Essas pessoas souberam muito bem apagar suas pegadas.

— Parece que sim, mas minha gente é muito competente. — Leopold suspirou.

— Ente, competente ou não, esses coisas demoram. O fato de alguém do governo estar implicado nisso quer dizer que pode demorar ainda mais. Todo o cuidado é pouco para não alertarmos quem está por trás disso. Seria útil se pudéssemos obter alguma informação sobre esse louco do Cornick — resmungou Leopold. — Não sei se vocês poderiam encontrar algo sobre ele que provasse que não é confiável. O que quer que lhe tenha sido mostrado, sumiu há muito tempo. E, sim, pedi que minha gente examinasse os documentos sobre os quais você me falou, mas eles não encontraram nada. Devem ter sido roubados, e quem fez isso é muito hábil.

— Isso vai de mal a pior — disse Olympia. —Tudo o que acaba de dizer aponta para alguém com muitos contatos e poder. No governo. — Leopold acenou com a cabeça e ela franziu a testa. — E na parte do governo em que podem circular facilmente documentos falsificados, bem como pessoas que podem roubar coisas dos outros sem sequer remexer a poeira da mesa, sem que isso levante alguma

[3] Partidários do movimento político britânico que pretendia devolver o trono da Grã-Bretanha a Jaime Stuart após a Revolução Gloriosa, de 1688. O movimento teve muitos seguidores na Irlanda e na onde aconteceram várias revoltas nos séculos XVII e XVIII. (N.T.)

suspeita ou mesmo uma sobrancelha. — Ela olhou para Leopold. — Na parte do governo com a qual todos vocês trabalham.

— Sei. E é por isso que teremos dificuldade para obter tão cedo as respostas de que precisamos, mas vamos conseguir. Meu superior está furioso só de pensar na remota possibilidade de que alguém de sua gente esteja por trás disso. Ele entende perfeitamente que, se nossa família estiver correndo perigo, especialmente da parte de alguém sob as ordens, logo perderá os Wherlocke e Vaughn como ferramentas que lhe foram muito úteis no passado.

Conversaram sobre outras coisas que podiam fazer para tentar pegar Cornick fez a cabeça de Argus começou a martelar sob o peso de sua frustração. Ele decidiu que precisava de ar e saiu da casa, direto para o quintal. Um banco de pedra estava localizado debaixo de uma velha árvore, e ele ali se sentou, descansando a cabeça contra a nodosa casca do espesso tronco.

Devia haver algo que ele não via, algo que os ajudaria a pegar Cornick e quem estivesse por trás de seus atos. Argus sabia que Charles tinha falado muita coisa durante as violentas visitas que lhe fizera, mas, infelizmente, o som dos socos no seu corpo havia feito com que a maior parte do que homem dissera se tornasse indecifrável ou difícil de lembrar. Ele não queria rememorar o tempo passado naquela prisão fria úmida, mas estava na hora de fazê-lo. Argus estava determinado a extirpar das sombras as lembranças de seu cativeiro.

—Você tem certeza de que há um espírito solto por aqui? — disse uma doce e alegre voz, resgatando Argus de seus tenebrosos pensamentos.

Ele olhou através da sombra da árvore debaixo da qual estava sentado e viu Lorelei e sua priminha perto de um espesso

muro de tijolos no fundo do quintal. Todos olhavam para uma pequena porta situada no muro. Todos exceto a jovem prima de Lorelei, que parecia incapaz de afastar os olhos de Iago . Argus não sabia exatamente como seu primo aguentava aquilo.

— Sim — respondeu Iago. — Posso vê-la agora mesmo, sentada bem na frente do muro, olhando para nós. — Ele apontou para um lugar cerca de trinta centímetros a direita da pequena porta.

— Pode vê-la perfeitamente? O vestido e tudo o mais? O rosto? — perguntou a garotinha, aproximando-se furtivamente de Iago enquanto fixava com o olhar o que ele havia designado.

— Está um pouco indistinta, Miss Lilliane — respondeu Iago . — Acredito que esta aqui há muito tempo.

— Por que não foi para o céu?

— Descobri que o espírito demora porque a pessoa à qual pertencia sentiu algo ainda precisava ser feito, algo precisava ser terminado. Uma vez isso feito, a maior parte deles desaparece.

— Eu esperava que pudéssemos ver algo, mesmo que fosse apenas uma sombra.

—Veja bem, Lilliane. Acho melhor não ver muitos fantasmas — disse Lorelei, estendendo de repente o braço em direção à sua prima, trazendo-a para perto de si e longe de Iago . — Acho também que está na hora de você ir para sua aula de dança. E melhor voltar para casa.

Por um breve instante a garota hesitou, e Argus quase riu ao ver que ela estava partida entre dois desejos. Então ela fez uma leve reverência e correu para a casa sem olhar para trás. Argus decidiu que não podia mais se esconder e se levantou.

— Desculpe-me, milord — disse Lorelei para Iago . — Lilliane...

— É uma doce menina experimentando o primeiro amor, paixão, fascinação, chame isso como quiser. Logo desaparecerá. — Ele sorriu para ela. — Assim aconteceu comigo, e a mulher em questão, e seu marido, continuaram muito felizes então.

Lorelei riu e então viu Argus saindo da sombra do enorme e velho carvalho, pelo qual vários de seus antepassados haviam lutado para que não fosse transformado em mastro de navio. A visão do homem fez com que ela sorrisse ainda mais. Era perigoso, e ela sabia disso, mas não havia como ignorar as boas-vindas que ela lhe dera com os olhos e o sorriso. Ele a pegou pelo braço para levá-la de volta para a casa e começou a conversar sobre o fantasma de Iago .

— É triste — disse ela, sentando-se no salão, e ele lhe serviu um pouco de vinho, pois que Iago educadamente havia se retirado. — Acho que vou tentar descobrir se existe alguma antiga história sobre uma garota perdida ou assassinada no passado de minha família. Não gosto da ideia de que algum pobre espírito esteja preso aqui há muito tempo. Querendo que algo seja feito, sem que possamos vê-lo e ajudá-lo.

Argus se perguntou rapidamente onde os membros de sua família haviam desaparecido, já que ninguém fizera menção de plano algum, e então voltou toda a atenção para Lorelei enquanto se sentava ao lado dela no sofá de pelúcia. Estava perigosamente perto da mulher da qual deveria fugir, mas, por enquanto, ele não se importava. Depois de observá-la com sua pequena prima e Iago , ver cuidadosamente como ela lidava com a garota sem mostrar nenhuma dúvida em relação ao que Iago dizia, ele queria ficar perto dela.

Argus precisava de seu cheiro limpo, sua pureza e delicadeza para remover as sombras, lembranças em que havia se espojado antes que ela e Iago o tivessem interrompido. Ela era sua salvação, seu tormento e seu prazer. Era tudo que ele pudesse desejar, pensou de repente. Era inteligente, amável, tinha o tipo de mente aberta que fazia com que aceitasse sua família com seus dons, e fazia seu sangue ferver com apenas um sorriso. E era filha de duque, ou seja, um bom partido, sussurrou uma vozinha cínica em sua cabeça.

— Está franzindo a cabeça tão intensamente — murmurou ela. — Acha que eu deveria simplesmente ignorar esse fantasma?

— Não, se quiser tentar descobrir quem é essa coitada, vá em frente. Sempre achei bom trazer a paz para um espírito inquieto. — Ele afagou o cabelo dela, pois algumas mechas espessas haviam se soltado do cabelo arrumado por causa da brisa soprava no quintal. — Seu cabelo é muito bonito — murmurou ele, acariciando lhe as mechas de seda com os dedos.

Para sua consternação, Lorelei sentiu que estava corando. — É apenas ruivo.

Ele beijou o lobo da orelha de Lorelei e, para seu prazer, ela tremeu. —Você não gosta muito de elogios. E o rico e profundo vermelho de um excelente *Bordeaux*. Quente, espesso, macio como a mais delicada das sedas.

Colocando as mãos em ambos os lados do rosto dela, ele acariciou suas bochechas, subindo pelo rosto até que seus dedos se cravassem profundamente no cabelo da moça. Ela corou levemente e abriu ligeiramente os lábios enquanto seus olhos mergulhavam dele. Argus pensou por um instante que poderia admirar esse rosto para sempre e então a beijou.

Por um momento, Lorelei pensou em afastá-lo para lhe dar o troco, mas ele a puxou para perto enquanto sua língua entrava na boca da mulher, que então se entregou. O ardor e a necessidade eram tão tentadores que não havia como escapar.

Antes que perdesse toda possibilidade de pensar com clareza, disse para si mesmo que resistir à tentação não lhe traria doces lembranças. Havia uma ferocidade paixão de Argus que mexia com seu sangue e que ela queria saborear, em que queria mergulhar.

Logo Argus pôs Lorelei debaixo dele no sofá, O fato de senti-la tão perto, o corpo macio se encaixando tão perfeitamente contra o seu, tornou seu desejo ainda ardente. Uma conhecida vozinha ainda lhe lembrou que ela era uma donzela, mas ele ignorou. Ela compartilhava sua paixão, disso ele não tinha dúvida, e era disso que precisava tão urgentemente.

Um leve toque de ar frio seguido pelo calor da boca de Argus contra sua pele foi o primeiro sinal que Lorelei recebeu de que ele a estava despindo. O fato de que precisava protestar contra isso, já que se encontravam no salão e no meio da tarde, atravessou a mente da mulher, mas foi repentinamente calado quando ele beijou seus seios. A maneira como ele utilizava a língua em seus mamilos fez com que eles ficassem duros e pedissem mais. Ela se permitiu um leve grito de prazer, arqueando-se contra ele, quando ele lhe proporcionou mais, fechando a boca sobre a crista de seus seios. Cada sucção da boca de Argus aumentava o seu prazer até que seu corpo inteiro começava a se consumir de desejo pelo homem.

Ele estava mordiscando o outro seio com sua língua esperta e hábil, enquanto passava a mão debaixo de sua saia, quando um som irrompeu o clima de paixão qual Lorelei havia se entregado. Ela agarrou os ombros do homem, decidida a ignorar o que havia ouvido, porém o som grudou em sua mente até que ela foi ficando-

te ao ouvi-lo cada vez mais perto. Quando percebeu que estava ouvindo as vozes de jovens rapazes aproximando-se da casa, os risos entrando pela janela aberta, Lorelei quase gritou de pavor. Em vez disso, empurrou os ombros de Argus de tal forma, que ele despertou em meio a seu abraço apaixonado.

— Meus irmãos estão chegando — disse ela, contorcendo-se debaixo dele para sair. Um instante depois, ele estava de pé, empurrando-a para fora do sofá, e arrumando sua roupa desordenada com exímia rapidez. Ela apalpou o cabelo, mas percebeu não estava mais desarrumado do que qualquer outro dia no mesmo horário. Lorelei se segurou para não correr e se olhar no espelho quando Argus se afastou dela. Sabia que veria lábios inchados pelos beijos e outros leves sinais que revelavam o que tinham acabado de fazer. Sua única esperança era que seus irmãos ainda fossem jovens para notar essas coisas.

Em silencioso acordo, sentaram-se em sofás frente a frente, cada um segurando um copo de vinho que Argus servira depressa. Ela não podia deixar de admirar a rapidez com que ele havia apagado qualquer rastro do namoro que acabavam de ter. Ele era tão habilidoso que ela se perguntou como havia chegado a tanta destreza, mas logo mudou de pensamento. Pelo menos, desta vez havia sido ela quem o afastara, meditou enquanto bebericava o vinho. Então, desejou que Argus a beijasse de novo em algum lugar em que não houvesse esse tipo de interrupção.

Também se surpreendeu de que pudesse ficar sentada, tomando vinho, como se os momentos apaixonados que acabavam de compartilhar nunca tivessem acontecido. Se não fosse pelo evanescente rubor no rosto de Argus, e pela maneira que ele lutava para acalmar a respiração, ela poderia achar que o desejo de Argus

era de curta duração. Seu corpo ainda ardia de desejo. Era reconfortante pensar que o dele também.

Os gêmeos, Axel e Wolfgang, entraram no salão logo depois, e Lorelei teve de sorrir. Eram muito parecidos com seu pai, até mesmo na maneira desleixada de se vestir. Apesar do fato de serem propensos a fazer travessuras, mostraram ter excelente educação quando cumprimentaram Sir Argus e deram a Lorelei o recado para o qual haviam sido mandados. Pelo visto, Mr. Pendleton e Miss Baker tinham tido uma discussão, e agora Baker estava chorando. Para o pai de Lorelei, uma mulher chorando era uma catástrofe de tamanho bíblico, e Lorelei não ficou surpresa de que ele tivesse imediatamente recorrido a ela.

— Ah, está bem então. E melhor que eu vá e veja o que posso fazer — disse ela, deixando o copo de vinho de lado e levantando-se.

Argus também se levantou, e Axel, totalmente estupefato, olhou fixamente para ele — Cacete, como ele é alto.

— Axel, cuidado com as palavras que usa — disse Lorelei, embora tivesse de concordar e se perguntar como seus corpos combinavam tão bem.

— Perdão, senhor. Perdão, Lolly. Meu Pai, como é alto! — Axel falou de um jeito parecido com o da tia Gretchen que Lorelei teve de se morder para não rir. Ela acenou com a cabeça para Argus, que, obviamente, estava se controlando para refrear um sorriso.

— Estou certa de que logo o verei de novo, Sir Argus — disse ela, sorrindo carinhosamente para ele. — Que pena que desta vez seja eu que precise ir embora.

Antes que Argus pudesse responder, Lorelei e os gêmeos saíram depressa da casa. Enquanto corria para acalmar Miss Baker

antes que seu pai se escondesse atrás da porta trancada da biblioteca e não saísse mais durante dias, esperou que Argus estivesse sofrendo tanto quanto ela. O fato de ter seus desejos constantemente aguçados e em seguida esfriados antes mesmo de que tudo tivesse verdadeiramente começado não era situação confortável. Era justo que quem havia provocado isso, compartilhasse tamanho desconforto com ela.

Argus observou pela janela enquanto Lorelei se apressava em direção à casa principal junto com os gêmeos. Ele queria correr atrás dela, pô-la sobre os ombros e traze-la, de forma que pudessem acabar o que haviam começado. Isso era uma loucura. Tirar a virgindade da filha de um Duque era o caminho mais curto para acabar diante do vigário ou de uma bala. Ele não tinha certeza do que preferia naquele instante.

Meneando a cabeça, voltou para o sofá, esparramando-se, e acabou o vinho devagar. Seu corpo doía de desejo não realizado, mas ele tentou pensar nisso como se fosse um castigo pelas suas ações. Mesmo que ignorasse o fato de quase ter tirado a virgindade da filha de um Duque em um salão em plena tarde, não podia ignorar a total falta de educação que mostrara ao tentar. Ele a empurrara no sofá, desnudara seus seios e passara a mão debaixo de sua saia em um lapso de tempo embaraçosamente curto. Não havia feito amor com uma frágil virgem, mas a violentara, dominado que estava pelo desejo. Teria sido prático desculpar seu comportamento pelo longo período que havia passado sem mulher alguma, mas não passava de uma mentira que ele não podia contar a si mesmo. Era Lorelei e Lorelei unicamente que havia atiçado seu desejo.

O comentário que ela havia feito ao se despedir deixava claro que estava cansada de ser atraída para então ser rejeitada. Ele também estava cansado disso, mas supunha que a solução dela não

combinava com a sua. Ele ia mantê-la à distância. Embora acreditasse que o plano dela consistisse em atraí-lo, ele não conseguia pensar que porque ela queria fazer com que ele caísse na armadilha do casamento. Lorelei não seria tão traiçoeira.

Contudo, isso não queria dizer que ela não quisesse ou esperasse se casar. Era virgem de classe alta. Esse tipo de mulher não arranjava amante, pelo menos enquanto não estivesse casada, não providenciasse um herdeiro ou não fosse viúva. Ele meneou a cabeça. Lorelei nunca faria parte dessas mulheres. A paixão estava mandando nela e ele, que tinha mais experiência, precisava demonstrar algum controle. Era o tipo de mulher para se cortejar e se casar, uma mulher com a qual se planejaria viver a vida toda e ter filhos.

Era um sonho agradável, um daqueles que lhe causavam uma pontada de anseio. Apesar dos recentes casamentos felizes que testemunhara, Argus não acreditava que casamento pudesse dar certo para um Wherlocke ou um Vaughn. Nem pensava em casar para ter filhos. Já tinha dois, e não precisava de herdeiro legítimo, já que não tinha muito para deixar. Tinha dinheiro, porém nenhuma propriedade. A maior parte de sua família havia sofrido por causa de casamentos infelizes, daqueles que deixam maridos e mulheres amargos e, frequentemente, inconsoláveis, com filhos, cujas feridas nunca realmente cicatrizam.

Ele reconheceu para si mesmo que, embora a ideia de se casar, ter um lar e família com Lorelei parecesse um sonho, poderia facilmente se tornar o pior dos pesadelos. Se ela virasse as costas para ele, assim como muitos homens e mulheres entre seus parentes haviam feito, e então o deixasse, ele estaria destruído. Não queria nem pensar no que isso significaria em relação ao que sentia por ela, mas aceitava isso como um fato implacável. E depois do que

acontecera com seus dois filhos, não queria que outra criança fosse rejeitada por sua própria mãe pelo simples fato de ser um pouco diferente.

Ele ia se servir de mais vinho, mas decidiu que não. A bebida podia diminuir a dor e enevoar a confusão que ele sentia, sem resolver nada. Estava na hora de ele tomar uma decisão sobre ela e mantê-la. O fato de atraí-la para então rejeitá-la não era justo para com Lorelei. Argus estava surpreso de que ela ainda falasse com ele.

Precisava analisar tudo aquilo sem pensar na necessidade, na paixão que sentia por ela. Precisava analisar se queria apostar que poderia encontrar o que seus primos recém-casados haviam descoberto, que alguns Wherlocke podiam se casar. Basta encontrar a parceira certa, aquela que poderia viver com o que ele e o restante de sua família eram e com o que um filho que ela lhe desse pudesse ser.

— Droga — murmurou ele. — Pelo jeito, preciso pensar realmente se quero mesmo me casar ou não.



Capítulo 10

— ALGUÉM ESTEVE AQUI.

Argus olhou para os vestígios de uma fogueira para os quais Iago apontara e acenou com a cabeça. Durante três dias eles haviam atravessado com cuidado as terras de Sundunmoor, investigando os mais remotos lugares em que algum forasteiro pudesse ter se escondido. Era o primeiro sinal que viam de que alguém estivera se movendo sorrateiramente pelas terras do duque.

— Pode ser um caçador sem autorização — disse ele.

— Deixem-me dar uma espiada por aí — disse Olympia. — Pode ser difícil juntar informações das lembranças deixadas, mas não custa tentar.

— Não vá muito longe — disse Argus, enquanto ela ia a pé, afastando-se deles.

— Não. Não é necessário.

Iago sorriu para Argus. — Em outras palavras, ela está lhe obedecendo só porque é exatamente o que ela ia fazer. — Ele começou a examinar cuidadosamente as cinzas da fogueira. — Se aqueles que ficaram aqui eram caçadores, então tiveram uma noite bem magra. Não há sinal de que tenham matado algum animal. — Ele se afastou um pouco mais do local, com o olhar fixo no chão. —

Também tinham cavalos, três. Não tenho o dom de Bened, mas, pelas pegadas de botas que vejo, posso dizer também que três homens.

— O número está certo — disse Argus. — Cornick sempre era acompanhado por dois homens. — Uma assombrosa lembrança da dor que os dois homens de Cornick lhe infligiram arrepiou Argus, mas ele a rechaçou imediatamente. — Homens contratados em Londres, a julgar pelo sotaque. Da zona portuária, eu diria. Assim, existe mesmo uma conexão com Londres.

— Então, os homens de Leopold vão descobri-la. — Iago voltou para o lado de Argus. Olhou de novo ao redor e confirmou com a cabeça. —Três homens. Três cavalos. Uma fogueira. Nenhum sinal de animal morto. Não são caçadores.

Argus olhou em direção à área arborizada em que Olympia havia desaparecido. — Então, é melhor irmos embora. Você viu que direção eles tomaram ao sair daqui? As cinzas da fogueira estão frias e úmidas, de maneira que é quase impossível sabe quando foram embora, porém talvez seja possível sabermos que direção eles seguiram.

— Para a floresta — disse Iago , é seus olhos se arregalaram de repente. — A floresta que Olympia foi investigar.

Iago mal havia acabado de falar, e Argus já soltava a arma e corria atrás da irmã com Iago um passo atrás.

Olympia franziu a testa e olhou ao seu redor. Havia ido mais longe do que pretendia e sabia que levaria uma bronca de Argus por causa disso. Aliás, não tinha sentido continuar procurando. Tudo o que encontrara eram meros ecos do que, e de quando havia passado por esse caminho. Um homem furioso e dois outros amantes da violência. Contudo, isso bastava para lhe dizer que os inimigos de

Argus estavam na área. Os ecos dos homens em si se encaixavam quase perfeitamente naqueles que ela vira na prisão em que Argus havia sido mantido. Um dos homens havia dado uma esporada tão brutal em seu cavalo, que a lembrança do medo e da dor do animal lhe dizia que cavalos que eles montavam não podiam ser da raça que caçadores ou viajantes pobres pudessem adquirir. Não era muito, mas era o que ela havia conseguido.

Deu meia-volta para regressar até onde Argus e Iago estavam esperando por ela quando, de repente, sentiu um arrepio que a deixou de cabelo em pé. Olympia girou sobre si mesma, olhando para trás, bem a tempo de ver um grande e horrível homem montando um cavalo. Havia ficado tão absorta em seus pensamentos que não o ouvira se aproximar. No exato momento em que ela se pôs a correr ao encontro de seu irmão o homem deu uma esporada no animal, debruçou-se e, com seu braço muito musculoso, agarrou-a pela cintura, puxando-a para seu lado sobre a montaria.

—Você não é quem ele quer — disse o homem —, mas deve servir mesmo assim.

— Desgraçado!

Ela se contorceu, e bateu no homem com os punhos para tentar impedir que ele levasse sobre o cavalo. Olympia sabia que, se o homem conseguisse, estaria perdida. Amaldiçoou com aquele linguajar tosco dos trabalhadores do porto de Londres o aperto afrouxou quando o punho dela bateu na lateral de sua cabeça, mas, antes ela pudesse aproveitar essa vantagem, ele lhe deu um soco. O movimento do corpo que ela fez para se esquivar do ataque evitou que ela recebesse o soco diretamente cara. Olympia sentiu as articulações da mão do homem batendo duramente antes de deslizar contra sua bochecha esquerda. A dor e a força do soco

fizeram com que cabeça vacilasse, permitindo que o homem voltasse a segurá-la firmemente.

No instante em que Olympia temia ser levada para longe, Argus e Iago apareceram em seu campo de vista. Ela relaxou a resistência que exercia contra o braço do seu sequestrador, ficando totalmente mole. Argus atirou, e ela ouviu um gemido antes de ser arremessada em direção aos seus resgatadores. Bateu violentamente contra o chão. Argus e Iago não conseguiram chegar a tempo de pegá-la. Enquanto caía chão, tentando ficar consciente, ela ouviu que seu agressor estava fugindo.

Com Iago armado e de vigia, Argus se ajoelhou ao lado de Olympia. — Ollie?

— Não me chame por esse nome tolo — retrucou ela, gemendo em seguida, já que o simples fato de ter falado havia alastrado uma ardente dor por toda sua bochecha. — desgraçado me deu um soco na cara. — Ela arquejou quando Argus tentou passar as mãos por seu corpo. — Pare com isso.

— Estou tentando descobrir se tem algo quebrado — disse ele.

— Não tem, então pode parar de me maltratar. Ajude-me.

Argus a ajudou cuidadosamente a se sentar e ficou assustado quando ela desmoronou contra ele.

— Olympia?

— Senti-me um pouco tonta por um instante. Mas agora estou bem.

Ela começou a se levantar, e Argus se apressou em ajudá-la, mantendo um braço volta de sua cintura para equilibrá-la quando vacilava. — Ainda sente tontura?

— Não. Agora minha cabeça se sente como se algum peso monstruoso tivesse o colocado sobre meus ombros e alguém estivesse batendo nele com um enorme telo. Ah, e várias partes de meu corpo estão começando a se queixar da dureza do que acabaram de encontrar.

—Vou levá-la comigo em meu cavalo.

— Acho que será melhor assim. Não suponho que haja qualquer chance de que a ferida que você provocou no homem tenha sido mortal.

— Não.

— Que pena.

Argus ficou com o coração partido ao ouvir os leves gemidos de dor de Olympia, enquanto, com a ajuda de Iago , punha a irmã na sua frente sobre o cavalo. Sabia que estava tentando ficar em silêncio, mas facilmente reconheceu as queixas que ela segurava no fundo da garganta. Ele fizera a mesma coisa havia pouco tempo. Ela batera duramente no chão, e, embora ele tivesse tanta certeza quanto possível de que nada tinha sido quebrado, ela devia estar machucada em várias partes do corpo. Argus queria viajar lentamente para tentar evitar que ela sofresse ainda mais, mas também queria voltar à casa da guarda o quanto antes para que os ferimentos fossem imediatamente medicados. No final, concluiu que precisava mantê-la ereta o máximo que pudesse para aliviar sua dor.

Chegando à metade do caminho, encontraram Leopold, Bened, Wynn e Todd. Argus lhes contou o que havia acontecido e logo ficou na companhia apenas de Wynn. Wynn havia sido deixado de guarda para ele e Olympia. Os outros estavam voltando para o lugar em que ela quase fora sequestrada, na esperança de que pudessem facilmente encontrar a pista de um homem sangrando.

Argus queria que eles estivessem certos, mas seu instinto lhe dizia que não ia ser algo fácil, mesmo com o aguçado dom de caça de Bened para ajudá-los.

Rapidamente, perguntou-se se não estava vendo Cornick como um adversário do que era, alguém mais inteligente e esquivo, apenas porque o homem já o era uma vez. Então Argus meneou a cabeça intimamente. A natureza esquiva de Cornick podia ser mais do que um simples senso de sobrevivência. Até homens muito direitos podiam provar serem bem astutos quando sua vida corria perigo. A impossibilidade de obter informações sobre o homem talvez se explicasse pela inteligência de seus aliados, especialmente se Leopold estivesse certo ao dizer que os problemas causados por alguém do governo.A única coisa da qual tinha certeza era de que Cornick ia continuar a persegui-lo, até capturá-lo ou matá-lo. Argus era o único homem que tinha visto seu rosto.

O fato de ver Lorelei caminhando em direção à casa da guarda, mesmo que fizesse o possível para não demonstrar isso, era muito bem-vindo, e não somente por motivos óbvios. Ela podia ajudar Olympia. Argus reconheceu a garota que estava com Lorelei como sendo aquela que havia se sentado ao lado de Iago no jantar que haviam participado na suntuosa sala de jantar do duque. Enquanto ele desmontava do cavalo, e carregava Olympia nos braços, Lorelei se precipitou ao seu encontro.

— O que aconteceu? Foi arremessada pelo cavalo? — perguntou Lorelei, seguindo-a para dentro da casa.

— Não, ela encontrou um dos homens que tanto estamos procurando — respondeu Argus, subindo a escada. — Ele tentou raptá-la.

Lorelei mandou sua prima ir buscar Max. O fato de ver a resistente e linda Olympia machucada, sendo carregada até seu quarto como uma criança, assustou-a. Ela se precipitou pelo quarto de Olympia na frente de Argus e arrumou a cama para que pudesse deitá-la.

— Não tenho certeza de que Olympia vai querer que Max a examine — disse enquanto ajudava Lorelei a tirar as botas de sua irmã.

— Não há o que temer com relação à sua intimidade, se é isso que o deixa preocupado Max fará questão de me pedir para fazer qualquer coisa que possa constrangê-la. Ele sabe muito bem cuidar de feridas. Contudo, podemos chamar o médico, se quiser.

— Max — disse Olympia. — Parem de conversar como se eu não estivesse aqui.

— Pensei que tivesse desmaiado — disse Argus enquanto tirava mechas do cabelo emaranhado que haviam caído sobre o rosto de Olympia, tomando cuidado para não encostar na ferida da bochecha. — Ele disse por que estava tentando leva-la?

— Disse apenas que eu não era quem ele queria, mas que eu poderia servir. — gemeu quando Lorelei começou a tirar seu casaco.

— Tem certeza de que não há nada quebrado? — perguntou Argus.

— Não há nada quebrado, mas acredito que estou bastante machucada, arranhada e até arrebentada em vários lugares. Deus me perdoe, mas gostaria que você tivesse atirado uma bala no coração daquele desgraçado.

— Eu também.

Com a ajuda de Lorelei, ele conseguiu que Olympia ficasse de camisola antes da chegada de Max. Pelo suor que havia na testa do homem, Argus podia apostar que tinha corrido da casa principal até ali, porém nem suas roupas nem o cabelo parecia ter sido desarrumados pelo exercício. Ele rapidamente se afastou quando Max se aproximou para examinar Olympia. Argus observou atentamente, sentindo seu coração apertar-se de compaixão toda vez que sua irmã gemia ou arquejava de dor. Quando Lorelei se pôs ao lado dele e pegou sua mão, apertando-a, ele devolveu o aperto, com um bem-vindo sinal de apoio. Para ele, ver sua irmã sofrer era algo mais difícil do poderia imaginar.

— Bem, Lady Olympia, não há nada quebrado — disse Max.

— Eu já sabia disso — resmungou ela, mas sua voz estava fraca e um tanto rouca da dor que sentia.

Max ignorou o comentário mal-humorado. — Terá de descansar muito e vou lhe trazer um bálsamo para as feridas e os arranhões. Gelo para sua bochecha, diminuir o inchaço. Mandei algumas criadas lhe prepararem um banho no quarto. Já deve estar pronto. Lady Lorelei pode ajudá-la a tomar banho se quiser.

— Quero.

Argus ajudou Olympia a sair da cama. Rapidamente, Lorelei se posicionou do lado da irmã dele, colocando um braço em volta de sua cintura para ajudá-la. A maneira como Olympia se arrastou para sair do quarto, tentando sem sucesso não se debruçar pesadamente sobre Lorelei, que era menor que ela, fez com que Argus segurasse as mãos para lutar contra a necessidade que sentia de ajudar. Virou-se para Max na esperança de conversar sobre os ferimentos de Olympia e o que precisava ser feito para ajudar sua cura pudesse distraí-lo do desejo de se precipitar para ajudá-la.

— Ela bateu com violência no chão quando ele a arremessou — disse Argus.

— Isso se vê facilmente pelas contusões que estão aparecendo — respondeu Max —, ela é uma mulher robusta.

Depois de olhar irrefletidamente em direção à porta para garantir que Olympia pudesse ouvir, Argus sorriu. — Ainda bem que ela já saiu, porque acho que você não gostaria que ela tivesse ouvido isso.

— Ah, sim, as mulheres frequentemente interpretam as coisas de forma errada. Eu somente quis dizer que ela não é uma senhorita frágil e fácil de quebrar. Nada quebrado, mas ela vai sentir dor durante alguns dias, pelo corpo todo. Ainda que não esteja coberta de contusões da cabeça aos pés, o simples fato de seu corpo ter sido jogado no chão vai lhe causar muita dor.

— E ela não pode fazer nada senão aguentar.

— Sim, a menos que queira algo para interromper a dor.

— Não, ela não tomaria nada, de qualquer modo. Algumas daquelas ervas que costumava me dar goela abaixo, porém, seriam aceitáveis para Olympia.

—Vou verificar nos suprimentos antes de ir embora, e Lady Lorelei pode lhe mostrar como misturá-las.

Houve certa tensão na maneira que Max dissera a palavra lady, e Argus escondeu a surpresa. Sempre a chamara pelo nome. Mesmo na maneira de chamá-la, ele não conseguia pôr a distância necessária para afastá-la, pensou com breve irritação.

— Não deixe Lady Olympia fazer nada cansativo durante alguns dias — continuou Max.— Como eu lhe disse antes, já que ninguém pode ver por dentro do corpo, é difícil avaliar o quanto os

ossos sofreram. E fácil encontrar uma fratura, mas danos menores requerem mais habilidade do que tenho, ou a maior parte dos médicos tem, e não há nada que se possa fazer para consertá-los, de qualquer modo. Precisam se curar sozinhos.

— Farei meu melhor para me certificar de que ela descansará.

— Muito bem. Fique aqui para ouvir caso Lady Lorelei peça ajuda, embora eu não ache que ela precise. Entre a obstinada recusa de Lady Olympia em se entregar ao descanso e a determinação de Lady Lorelei, elas devem se entender, e sua irmã vai se sentir melhor depois de tomar um banho quente. Lorelei pode querer alguma ajuda para pôr sua irmã de volta na cama.



Lorelei percebeu que Lady Olympia tinha um vocabulário dos mais impressionantes. Ela lavava as costas da mulher o mais gentilmente que podia, porém não precisava da diversidade de imprecações resmungadas para entender que o banho causava certa dor à mulher. E quando viu todas as contusões que apareciam nas costas de Olympia, não se surpreendeu.

— Você lutou bravamente — murmurou ela, quase podendo ler a história da luta nas contusões e nos arranhões que cobriam o corpo inteiro de Olympia.

— Tanto quanto pude — disse Olympia, aceitando a ajuda de Lorelei para se encostar contra a parede da banheira de maneira que Lorelei pudesse lavar seu cabelo. — Eu sabia que, se ele conseguisse me levar daquele lugar, seria difícil eu voltar. Não somente teria

sido capturada, se não me matassem primeiro, como também teria me tornado uma arma que poderia ser usada contra Argus.

— Como uma ameaça, talvez para um acordo.

— Exatamente. E não se esqueça de que também sei como eles tratam aqueles que caem em suas garras.

Lorelei estremeceu, dedicando-se a lavar o cabelo de Olympia. Sem precisar falar alto, ambas as mulheres sabiam que aqueles homens não teriam usado apenas os punhos para ferir Olympia. O que haviam feito com Argus já era eloquente em si. Lorelei nem queria imaginar o que eles teriam feito com Olympia.

Quando ajudou Olympia a sair do banho, depois de gentilmente esfregar e escovar o cabelo da mulher até que ficasse mais seco do que úmido enquanto ela permanecia no curativo calor da água, Olympia estava tão pálida quanto à delicada toalha de linho que Lorelei usava para secá-la. Então esta pegou uma camisola macia e espesso roupão que as criadas haviam separado. Ao se vestir, Olympia obviamente gastou suas últimas forças, e Lorelei temeu que ela desmaiasse antes de chegarem quarto, a alguns passos de distância.

— Argus — chamou ela, ignorando a maneira que Olympia entreabriu um olho, encarando-a por causa da familiaridade que mostrava ao usar o nome de Argus. Contudo não era um olhar de ultraje, porém de cálculo, o que deixou Lorelei um pouco nervosa.

Lorelei não ficou surpresa com a rapidez com que Argus apareceu. Suspeitava que ele fosse ficar por perto. Sua preocupação com sua irmã era totalmente verdadeira e profunda. Ele ignorou as reprimidas queixas de Olympia, carregando-a até a cama. Logo depois de ter deitado e bebido a cidra reforçada com ervas que Lorelei rapidamente tinha preparado, Olympia estava dormindo.

— Ela vai sentir dor durante alguns dias, mas, pelo menos, não foi raptada — disse Lorelei, enquanto observava o ar sombrio no rosto de Argus.

— Estes são meus inimigos e a briga é minha — disse ele com voz que parecia rosnado, cheia de tamanha raiva que Lorelei suspeitou que ele pudesse matar aqueles homens com as próprias mãos se conseguisse alcançá-los. — Ela não deveria ter sido ferida, não deveria ter sido envolvida.

Lorelei afagou seu braço de leve, e aqueles tensos músculos lhe diziam o quanto ele estava impaciente para levar esses homens diante da justiça, e fazer com que eles pagassem o que estavam fazendo contra sua família. — Ela precisava estar envolvida. É sua irmã. Você não deixaria que ela lutasse sozinha. Não ficaria em casa se ela desaparecesse durante quinze dias, sem dizer uma palavra sequer.

— Nem você, caso se tratasse de um de seus irmãos, certo?

— Exatamente. Eu amo todos eles. Por que não faria tudo que estivesse ao alcance do meu fraco poder para ajudá-los?

— É exatamente o que Olympia diria, embora, provavelmente, ela não mencionasse com tanta facilidade o amor, já que gosta que todos pensem que é uma mulher e impetuosa.

Ele inspirou profundamente, deixando o ar sair devagar, tentando pôr para fora do coração e de sua mente o pior de sua fúria, e então olhou para Lorelei. O olhar dela manifestava compreensão e simpatia. Ele precisava das duas coisas naquele instante ou, do contrário, sairia correndo da casa em uma vã tentativa de perseguir aqueles homens, sem parar até morrer nas mãos deles ou de exaustão. Sua cólera faria que com ele se mostrasse imprudente, o que seria um perigo. Seu trabalho para o

governo lhe mostrara que ser calmo, preciso e cauteloso era frequentemente a melhor maneira de derrotar o inimigo, e sobreviver ao confronto.

— E não é mais simplesmente uma batalha minha — disse ele, cedendo à tentação, trazendo-a para seus braços, deixando que a doçura dela acalmasse sua mente. — Mas fui o primeiro atrás de quem eles foram.

Ela se aconchegou junto a ele, bastante satisfeita com o abraço caloroso, porém não apaixonado, que ele lhe dava. — E vocês todos podem ter certeza de que eles irão atrás dos outros se não forem detidos agora.

— Com toda a certeza. Segundo eles, o meu dom era aquele do qual podiam fazer uso, de maneira que foram atrás de mim em primeiro lugar. Posso não ter-lhes dado que queriam, mas duvido que isso tenha feito com que acreditem que não pegar esses dons de nós, de maneira que eles vão tentar de novo. Meu maior medo é que possam decidir experimentar suas manobras imundas contra os mais fracos de nosso clã, as mulheres e as crianças.

—Você vai impedi-los.

— Quanta confiança em mim.

Ele sorriu para ela e a beijou, mas de maneira suave e gentil. Argus sabia que não queria nada mais senão se perder nos beijos dela, no seu corpo, mesmo que por uns instantes. Não eram apenas todos os outros motivos que faziam com que ele mantivesse o controle, mas o fato de que nem era o lugar nem o momento para dar vazão às suas necessidades. Não que ele tivesse sido tão cuidadoso antes quanto ao momento e ao espaço, pensou ironicamente.

— Max disse que você pode me mostrar como misturar essa poção de ervas que gostava tanto de me dar — disse ele, afastando-se dela.

Sabendo que o momento de reconforto e simpatia havia acabado, Lorelei acenou a cabeça. Ela o levou até a cozinha e o instruiu detalhadamente sobre a maneira de misturar as ervas na cidra. Assim que teve certeza de que ele sabia como proceder, ela foi embora. Ele estava totalmente preocupado com sua irmã, e ela já tinha feito possível para ajudá-lo. Agora, ele precisava de tempo para dominar sua fúria e tristeza e era algo que precisava fazer sozinho.

Argus estava sentado na beira da cama de Olympia, vigiando o sono dela, quando ouviu que os outros membros da família haviam chegado. Levantou-se, deu um beijo na testa da moça e desceu para encontrá-los. Chegando ao pé da escada, lembrou-se de que Lorelei sempre lhe beijava a testa quando pensava que ele estava dormindo. Não seria isso uma mostra de que desde o início ela já se preocupava com ele, sempre repetira esse gesto? E por que essa possibilidade o comovia tanto agora estava decidido a mantê-la à distância? Ele varreu esses pensamentos da cabeça, prometendo a si mesmo que ia pensar neles mais tarde, e foi se encontrar com seus primos.

— O desgraçado fugiu — disse ele, ao olhar para os primos, vendo a decepção seus rostos cansados. E foi se servir de um copo do conhaque que todos já estavam tomando.

— Pois é — respondeu Bened. — Mesmo eu perdi seu rastro, o que, como sabem acontece raramente. Estou me perguntando se o danado não tem algum tipo de dom do qual nem sabe da existência. Ele certamente deve ser astuto. Tomou todo o cuida para só ser visto cavalgando por estradas, de maneira que os cavalos de outras

pessoas apagassem sua pista. E de algum modo conseguiu parar o sangramento, de forma o rastro logo acabou, e até passou por um rio para disfarçar suas pegadas. Nem posso dizer que tenho ideia da área em que se encontra, já que pode facilmente ter dado meia-volta e estar vindo para cá.

— Não são boas notícias, exceto pelo fato de que nos dão alguma explicação sobre o motivo pelo qual encontramos tanta dificuldade para achá-lo — disse Argus.

— Como está Olympia? — perguntou Leopold.

Argus lhes deu um relatório completo do estado de sua irmã, e viu que se mostraram aliviados. — O pior de tudo isso é que ela não está tão machucada e ficaria de cama apenas por uns dias. Não me interpretem mal, eu não desejaria que minha irmã tivesse sido gravemente ferida, porém de maneira que ficasse impedida de correr riscos enquanto estamos indo atrás daquele desgraçado. — Argus ficou feliz ao o que todos os homens concordavam com ele.

— Idiota. Eu deveria deixá-lo sangrar até morrer — disse rispidamente Charles enfaixar o braço de Tucker, ignorando os fracos resmungos do homem enquanto infligia o máximo de dor que podia. Fizera o mesmo ao extrair a bala.

— Deparei-me com eles de repente — disse Tucker. — Pensei que, se conseguisse pegar um deles, isso iria facilitar as coisas com seu chefe.

—Você não sabe nada a respeito do meu chefe. Ele quer Sir Argus.

Charles foi até a tosca mesa onde estava seu conhaque. O lugar em que se escondeu era uma pouco maior que uma cabana,

mas ele fizera questão de trazer consigo coisas das quais gostava enquanto esperava pegar de volta Sir Argus. Bastara uma trocas de missivas para que ele entendesse que as escolhas eram poucas. Ou conseguia Sir Argus de volta, ou fugia, tão rápido e para tão longe quanto pudesse. Já que não tinha dinheiro suficiente para garantir um exílio confortável, Charles havia decidido que pegaria Sir Argus de volta.

— Você disse que está certo de que ela era da família dele? — perguntou a Tucker.

— Parecia ser.

— Obviamente, os outros começaram a se juntar a ele.

— Então, por que não prender um deles, um que não seja tão difícil de pegar e dominar? Aposto que poderia ter domado aquela linda mulher sem problema.

— Como ela era?

— Bastante parecida com ele. Uma mulher imponente. Alta e forte, de cabelo comprido e preto.

— Bem o tipo de descrição feita por um homem cujos pensamentos não ultrapassam o nível da cintura. Ela parece ser irmã dele e poderia ter sido útil para trazê-lo às nossas mãos.

—Talvez um dos outros. Aposto que agora a mulher não virá mais por aqui.

— Não, eles vão ficar perto dela. Você viu os outros?

— Sim, aqueles malditos me perseguiram durante horas. Um sujeito grande, parecia capaz de encontrar minha pista, independentemente do que eu fizesse para escondê-la. — Ele descreveu os homens que o haviam caçado por horas.

— Um deles se parece com Lorde Leopold Wherlocke. — Charles cuspiu uma série xingamentos. — A lama em que estamos nos afundando está cada vez mais profunda.

— Claro, poderíamos pegar aquela mocinha que sempre está correndo para onde o desgraçado se esconde.

—Você sabe onde se escondem? E não achou que eu gostaria de saber?

— Pensei que você soubesse e que era por causa disso que estamos aqui.

— Seguimos as mais ínfimas pistas possíveis. Tudo que conseguimos saber foi que havia vindo de Dunn Manor até aqui. Era o único lugar do qual eu tinha a visto. embora aquele velho não tivesse nos ajudado em nada. Mas você viu mesmo onde eles estão?

Tucker confirmou com a cabeça, coçando a barriga. — Sabe aquele lugar que chamou de "maldito palácio"? Aquele é o palacete do duque?

— Por favor, não me diga que ele está na mansão do duque.

— Não exatamente. Está em uma casa no fim daquela longa estrada que leva ao palacete do duque. Peguei a direção errada e acabei chegando perto daquele lugar, mas antes que eu tivesse dado meia-volta, vi uma garotinha bonita com um lindo cabelo encontrando nosso rapaz na porta. Acho que são próximos.

— Cabelo ruivo, você disse? E era boa de bunda?

— Muito boa. Ah, acha que é aquela que você viu?

— O Duque e Sir Dunn são parentes. E próximos. Seguimos Sir Argus de lá até aqui. Há apenas uma filha na casa. Claro que poderia ter sido uma criada.

— Não com aquelas roupas.

— Preciso pensar bem sobre isso. Você acha que podemos chegar perto o suficiente que eu possa ver aquela casa? E eu mesmo ver Wherlocke?

— Eles têm vários guardas, muitos criados e empregados, mas acho que você chegar perto. Precisa ter cuidado com os homens que estão atrás de nós.

— Preciso apenas ver se ele está lá, talvez eu possa ver a mulher, se estiver sorte, e então poderemos voltar a nos esconder aqui, enquanto planejo uma maneira de fazer com que ele caia em uma armadilha.

— Será meio arriscado, mas acho que posso levá-lo perto o tempo suficiente que você possa vê-lo.

Charles sentiu a primeira onda de esperança desde que havia descoberto que Argus tinha fugido. O caminho que os havia levado até ali havia sido mapeado de rumores e suspeitas, e poucos fatos, mas os problemas que haviam enfrentado desde então só confirmavam sua opinião de que Sir Argus estava ali. Era arriscado sequestrar a filha de um duque, mas, mesmo que ela e Sir Argus não fossem próximos, o homem faria qualquer coisa que Charles quisesse para devolvê-la sã e salva ao pai. Havia possibilidade, mesmo que remota, de que ele finalmente saísse dessa confusão com o bolso cheio de dinheiro.



Capítulo 11

DEPOIS DE RAPIDAMENTE VISITAR OLYMPIA, QUE JÁ ESTAVA DE PÉ APÓS uma noite, Lorelei foi pegar seu material de desenho. Pretendia passar o tempo em seu lugar predileto, o pomar de macieiras. Era um dos raros lugares em que conseguia ter um pouco de paz, já que as crianças raramente o visitavam. Até mesmo Gregor Terceiro já deveria ter acabado a inspeção que fazia diariamente em suas preciosas árvores. Por alguns instantes, ela queria estar completamente sozinha com seus pensamentos, no momento do dia em que sua mente estava mais clara, e o fato de desenhar frequentemente a ajudava a pensar.

Ela se acomodou confortavelmente debaixo de uma árvore no ponto mais reto do pomar, onde havia um grupo de árvores que impedia que fosse vista, a não por quem se aproximasse muito. Gregor Terceiro reclamava o tempo todo de que as jures cresciam livremente, porém sem fazer nada para que isso mudasse. Havia muito pelo que as árvores não davam muitos frutos, mas Lorelei achava que elas davam as doces maçãs.

Quando começou a desenhar, não ficou surpresa ao ver o rosto de Argus aparecer no papel. Pensava nele o tempo todo. De noite, na cama, podia sentir o calor das mãos do homem sobre seu corpo, o gosto de seus beijos nos lábios. Apesar da maneira que a afastava, ela sabia que estavam prestes a se tornar amantes. Toda

vez que ele a beijava, a paixão entre eles se intensificava e ele demorava cada vez mais para recuperar os sentidos, para se lembrar de que precisava afastá-la. Era uma dança exasperante na qual a havia convidado a entrar.

Lorelei sabia que precisava decidir se ela ia se tornar ou não sua amante. Precisava tomar essa decisão quando não estava de sangue quente e com as idéias enevoadas pelo dos beijos de Argus. Ter um amante não era uma escolha leviana ou uma decisão a ser tomada na cegueira do calor da paixão. A maior parte dos homens insistia em que esposa ainda fosse intocada ao ser levada para o leito marital.

Ela estaria pondo em jogo seu futuro na esperança de que o desejo de Argus um dia se transformasse em amor, de que já tivesse se tornado algo mais profundo do que a necessidade que um homem sente de uma mulher, qualquer que seja ela. A questão era saber se ela podia acreditar em seu próprio julgamento. Não era algo em que tivesse grande experiência. Uma vez que a virgindade fosse perdida, não poderia recuperá-la apenas porque o homem que escolhera não queria se casar, ou não podia retribuir o amor que ela sentia por ele.

E ela o amava de verdade. Ele estava firmemente enraizado em seu coração, sua mente e sua alma. Sir Argus Wherlocke era o homem que ela desejava ao seu lado pelo resto de seus dias. Queria ter filhos dele. Se ele a deixasse, voltasse para sua antiga tão logo os inimigos fossem derrotados, ela sabia que seu coração sempre ansiaria ele. Provavelmente, terminaria por ser chamada de querida "tia Lolly", a solteirona.

Lorelei examinou o desenhou que fizera e suspirou, uma nova mania que estava começando a irritá-la. O rosto de Argus a olhava com aquele ar de desejo que gostava tanto de ver nos olhos

dele. Valia à pena apostar em um homem como esse, pensou ela. Assim como no seu amor, o prêmio que ela queria. Se não houver nada mais, meditou, se eu me tornar sua amante e, mesmo assim, ele me abandonar, ainda ficarei com lindas lembranças para me distrair ao me dedicar aos bordados.

Argus estava atravessando o pomar, tentando não se sentir culpado por ter deixado Olympia sozinha. Havia voltado cedo da busca diária pelas terras do Duque ver como estava sua irmã e lhe fazer companhia. Esta, de maneira concisa e um tanto áspera, respondera que lhe doía o corpo todo antes de despedi-lo. Olympia não era uma boa paciente. Ele sorriu. Na verdade, ela era mal-humorada e grosseira. Ele suspeitava ter tido a má ideia de chegar logo depois que ela tinha tentado fazer algo lhe havia provocado dores em cada contusão do corpo, notadamente, como ele bem sabia, no pobre rosto machucado. Depois de tudo pelo que ele passara, achava até fácil compadecer-se dela.

Era agradável fazer um revigorante passeio ao sol. O fato de ter ficado sentado ou montado a cavalo durante muito tempo não era bom e lhe causara dores suficientes para lembrar-lhe que suas feridas ainda não estavam totalmente curadas. Argus sempre acreditara que caminhar era um ótimo exercício para organizar as idéias. Ou isso ou conversar sobre o problema com alguém de sua confiança. Infelizmente, além de pegar Cornick, o assunto que mais o atormentava era o que fazer com Lorelei. E não estava disposto a falar sobre isso com ninguém.

Ele ansiava por ela, sonhava que fazia amor com ela, e não conseguia manter as mãos longe dela. Lorelei sorria, e seu coração disparava como o de um rapaz inexperiente e apaixonado. Se não tomasse cuidado, começaria a suspirar como uma donzela chorando por um amor perdido. Ou piscando-lhe os olhos apaixonada e

timidamente como fizera aquela garotinha com Iago. A simples ideia disso o fez estremecer.

Na noite anterior, ele havia pensado ir até o vilarejo para aliviar o desejo que tomava conta dele. A garçonete da taverna havia mostrado mais do que claramente que estava disposta a servi-lo de maneira mais íntima, e ele tinha certeza de que ela sabia como saciar os desejos de um homem. Claro, ela também havia lançado olhares sedutores para Iago, Leopold, Wynn e Todd. Contudo, isso não havia sido suficiente para que ele afastasse o desejo de sua mente. Não apenas ele ficara relutante em procurá-la, como também sentira culpa diante da possível infidelidade a Lorelei pelo simples fato de ter nado em tocar outra mulher. Isso imediatamente havia afugentado o seu desejo.

— Perigoso — murmurou ele.

Ele não tinha feito nenhuma promessa a Lorelei. Ainda sentia na boca o gosto doce dos beijos que eles haviam trocado, os quais, embora o deixassem excitado, queriam dizer nada em si. Havia sido a mesma coisa com as outras mulheres. No entanto, ele sabia que seu coração e sua cabeça haviam recuado diante da simples ideia de tocar outra mulher porque ambos estavam amarrados a ela como um homem atado ao mastro de um navio em plena tempestade. Isso fazia com que seu ser racional quisesse se afastar o mais longe e mais rápido possível de Lorelei, mas ele estava descobrindo que, quando se tratava dessa mulher, não conseguia ser o homem racional sempre.

— Definitivamente perigoso.

— O que é definitivamente perigoso?

Foi o fato de ouvir uma voz por perto quando se achava sozinho que assustou Argus, já que essa voz melodiosa emergindo

das árvores lhe era dolorosamente familiar. Ele olhou ao seu redor e finalmente descobriu um pequeno pé com uma sandália vermelha aparecendo sob uma árvore. Entrando no espesso bosque de macieiras, ele encontrou Lorelei sentada no chão, com o caderno de esboços no colo.

— É perigoso ficar sozinho para todos nós — disse ele e, apesar de o seu lado racional reclamar, sentou-se ao lado de Lorelei, enquanto ela fechava depressa o caderno. — A pobre Olympia é a prova clara de que meus inimigos estão muito perto.

— Pobre Olympia — disse ela. — Realmente dá pena, mas Max me assegurou de que suas feridas vão cicatrizar rapidamente, já que não encontrou nada grave. Foi seu rosto que mais sofreu pelo soco daquele brutamonte. Temo que sua bochecha continue machucada durante certo tempo, contudo Max não acredita que fique alguma cicatriz.

— Desde que a dor se abrande, ela não vai se preocupar muito com isso. Espero que esteja certo, já que, quando sofre, Olympia não é das melhores companhias.

—Você fugiu da casa, não é?

—Tão rápido quanto pude. E você, também escapuliu?

— Bem, não de Olympia, já que estava de humor razoável quando a visitei. Mas fugi, de certo modo. Venho aqui por causa da tranquilidade, para ter um momento meu. Isso às vezes é difícil em casa e ter de me trancar no quarto acaba sendo muito tedioso. Não que isso impeça que sempre haja alguém pronto para bater na porta. Então, eu disse ao amuado Mr. Pendleton que não esquecesse que ele não era o único tutor, peguei meu caderno de esboços e fugi do caos.

— E seu pai vai mantê-lo, assim como Miss Baker, depois que eles se casarem?

— Sim. Papai diz que é tolice exigir de um dos criados que permaneça solteiro ou alcance um nível de moralidade superior àquele da maior parte de seus subordinados. — Ela sorriu ao vê-lo rir. — A única coisa que ele quer é que façam o trabalho pelo qual são pagos, mostrem respeito, sejam leais e não cometam nenhum delito.

— É muito sensato. Então, o que esteve desenhando? — Ele tentou pegar o caderno, mas ela manteve as duas mãos sobre a capa. — Não precisa ser tímida. Tenho certeza que você desenha muito bem.

— Não, não mesmo — protestou ela, enquanto ele puxava o caderno. — Não há nada de interessante. Meus esboços são sofríveis.

O fato de ela tentar a qualquer custo impedir que ele visse os desenhos apenas fez com que Argus ficasse mais determinado em dar uma olhada. Ele a beijou e, assim que ela se distraiu, arrancou o caderno de suas mãos. O trabalho era excelente, pensou ele, virando as páginas, admirando os desenhos de paisagens de Sundun e ignorando o olhar zangado que ela lhe dava. Então ele ficou estático. Estava olhando para seu próprio retrato. Virou a página lentamente e encontrou outro, e outro. Quando chegou ao retrato no qual ela estava trabalhando quando ele havia chegado, seus olhos se arregalaram. Ela o representara ainda mais bonito do que era ou já fora, mas havia captado perfeitamente o ardor de seu olhar.

—Você é modesta demais — disse ele. — Tem muito talento. Seu único erro talvez esteja no fato de ter-me deixado mais bonito

do que realmente sou. — Ele deu riu uma olhada no desenho. — No entanto, conseguiu reproduzir este meu olhar de maneira perfeita.

Argus estava provavelmente prestes a cometer um grande erro, pensou, ao colocar o caderno de lado. Sabia que ia cometê-lo, de qualquer modo, e mais tarde iria lamentar as consequências. O fato de ter visto os retratos que ela fizera dele, ter testemunhado essa profunda prova da admiração que ela sentia por ele, despertou o desejo que sentia dela. Ela o queria. A prova disso estava nesses desenhos. Não se tratava de sedução, mas da saciedade de um desejo mútuo, algo compartilhado. Argus viu que não tinha mais forças para fugir disso.

Ao olhar para ela, achou adoráveis seu rubor e desconforto, mas foi suficientemente sensato para não fazer nenhum comentário a esse respeito. Então a abraçou e a beijou, fazendo com que ela sentisse o desejo que despertava dentro dele. Como supunha, e de fato esperara, ela respondeu rápido, deixando-o totalmente ciente de que sentiam a mesma avidez sensual. Lady Lorelei podia ser inocente, mas não hesitante, e ele pensou em se deleitar em tamanha audácia.

Lorelei não protestou quando Argus a deitou no chão. Os olhos do homem lhe disseram que ele não iria fugir dessa vez, que não levaria sua paixão ao ponto de fervura para de repente afastá-la. Dessa vez, ela teria o que seu corpo tanto pedira desde o dia em que vira o homem no jardim. O pomar em um dia ensolarado não era o que ela havia esperado como cenário de sua primeira experiência na arte do amor, porem não ia recusar agora.

Ela inclinou a cabeça para trás quando ele a beijou no pescoço, deixando que ele desatasse seu vestido. Lorelei se lembrou rapidamente de que nunca encontrara nenhum defeito gritante em seu corpo, de maneira que um homem inflamado pela paixão

também não acharia nada. Apesar disso, ela mal conseguiu reprimir um movimento para cruzar os braços sobre os seios quando ele puxou seu vestido para baixo, até a cintura.

Argus percebeu a timidez de Lorelei e fez o possível para manter o desejo da mulher suficientemente aceso para que ela se soltasse. Queria vê-la por inteiro, tocar cada centímetro de sua pele macia, e prová-la, beijando-a da cabeça aos pés e vice-versa. Quando ele beijou seus seios, e então sugou um dos duros mamilos, ela se arqueou contra ele com um leve grito de anseio, e ele soube como mantê-la nesse estado de paixão enquanto retirava o resto de sua roupa.

Lorelei pensou que ia se consumir ou morrer por causa do desejo que ardia em seu ventre. Quando Argus cessou de atormentá-la com o assalto apaixonado a seus seios, ela tentou trazê-lo de volta para seus braços. Foi apenas quando ele se sentou de volta sobre os calcanhares para se despir com incrível rapidez que ela percebeu que ficara nua. Estava deitada no chão debaixo de uma macieira, banhada de sol, sem nenhuma roupa sequer sobre o corpo.

— Não — disse Argus, impedindo-a rapidamente de se cobrir com as mãos. — Você é linda, e gosto de olhá-la. Deixe-me olhá-la. — Ele beijou a palma de cada mão, abaixado os braços da mulher de cada lado do corpo. — E logo estarei tão nu quanto você. — Lentamente, ele soltou suas mãos e, quando ela tentou se cobrir de novo, ele rapidamente tirou o resto de suas roupas.

De fato, ela era muito linda, bem torneada como deveria ser toda mulher, porém com corpo flexível. Argus pensou que nunca vira antes mulher tão bonita quanto Lorelei. Sua pele lisa e macia ficava dourada à luz do sol. Seus seios eram redondos, altos e firmes; os mamilos, de um delicado rosa, eram grandes e convidativos. Os pelos na junção das delgadas e fortes coxas eram

de um tom ruivo mais brilhante do que seu cabelo. Um pequeno e denso escudo de pelos que ele pretendia logo conhecer intimamente.

Ele jogou de lado a última peça de roupa e olhou para o rosto da mulher. A expressão de admiração que nele encontrou afagou seu orgulho muito mais do que qualquer palavra, e ele teve de resistir à vontade de se pavonear diante dela. Então o olhar dela pousou em sua virilidade, e ela arregalou os olhos. Argus de repente percebeu que embora ela já o tivesse visto nu, essa parte de seu corpo sempre estivera protegida de sua vista. Pelo olhar estampado em seu rosto, teria sido sensato mantê-la protegida, pelo menos até que ela soubesse o prazer que podia lhe dar.

Lorelei pensou que ficaria feliz ao poder admirar a nudez de Argus durante horas. Ele tinha pele morena e músculos bem definidos que corriam de seu largo peito até as longas e fortes pernas. Contudo, apesar da pele morena, Argus não tinha pelos excessivos no corpo, e Lorelei percebeu que gostava disso, pois assim podia tocar mais diretamente na pele dele, quente e macia. Então seu olhar se deparou com a virilidade do homem e quase arquejou. Essa parte de seu homem não era tão grande quanto naqueles desenhos que vira na biblioteca de seu pai, porém, mesmo assim, não era pequena. Erguia-se, longa e dura, de um ninho de pelos pretos. Ela estava começando a se sentir um tanto nervosa quando Argus voltou para seus braços, e aquela pele macia e quente que tanto admirava pressionou firmemente a dela. Sua preocupação com aquela parte do homem desvaneceu quando ela começou a tocar aquele linda pele até onde alcançava.

A maneira como ela o acariciava, com suas pequenas mãos macias, fez com que Argus tivesse de lutar para não perder o autocontrole. Ele precisava, e queria, ir devagar para não assustá-la com a ferocidade de sua paixão. Beijou-a, acariciou-a e descobriu

que a paixão da mulher era tão ardente quanto a sua. Determinado a garantir que a primeira vez de Lorelei com um homem não se tornasse um completo desastre, Argus se esforçou para deixá-la tão louca de paixão a ponto de acolher a perda de sua virgindade como uma maneira de tê-lo dentro dela, exatamente onde ele queria estar.

Lorelei deixou escapar um gemido de protesto quando Argus saiu lentamente de seu alcance, descendo os lábios pelo corpo da mulher. A ligeira mordiscada que ele lhe deu de repente, atenuada pela língua, fez com que tremesse de prazer. Ela despertou abruptamente da névoa da paixão que embaralhava sua mente quando sentiu que Argus lhe beijava a parte interna das coxas, roçando o sedoso cabelo contra sua feminidade. Antes que ela pudesse reclamar ou se afastar, ele a beijou ali. Lorelei, chocada enrijeceu-se, mas sua resistência foi dominada por apenas alguns toques de língua. Ela podia ouvir-se arquejar, sabia que estava se abrindo sem pudor para ele, mas o que estava fazendo a deixava tão enlouquecida de vontade e prazer, que ela não se importava mais. Era como se cada gota de desejo estivesse correndo por toda a sua feminilidade para receber os beijos mais íntimos.

Quando a dor que sentia ficou mais penosa do que prazerosa, ela chamou seu nome, porém ele a ignorou. E, de repente, a dor se transformou numa enxurrada de maravilhoso prazer correndo por todo o seu corpo, uma sensação que fez com que e gritasse o nome dele sem parar. Ainda estava desfrutando essa sensação quando ele se posicionou por cima dela, acomodou-se entre suas pernas e a penetrou.

Uma dor rápida e aguda a fez arquejar, mas ela o agarrou. Ele estava dentro dela, em torno dela, beijando-a como se ela fosse um poço e ele, desesperado de sede. E ele se mexeu para dentro e para fora dela, enquanto ela continuava a agarrá-lo, eu vendo a

cintura dele com as pernas, e não sentiu medo algum quando a dor voltou se manifestar. Ele introduziu a mão entre os dois corpos, tocando-a de uma maneira que provocou uma deliciosa explosão de prazer formigante, que correu por todas suas veias. Ainda envolvida nessa intensidade, ela mal conseguia perceber que ele entrara nela com ferocidade redobrada, e então estremeceu enquanto gritava o nome dele. Sentiu um calor percorrê-la brevemente por dentro, no lugar em que ele descansara, e então Lorelei, entendendo que era o sêmen de Argus, segurou-o ainda mais perto de si.

Argus despertou de seu saciado estupor para perceber que havia desmoronado por cima de Lorelei e esquivou-se rapidamente de lado. Ele soltou seu corpo do dela ai de abraçá-la. Seu coração disparava e ele se sentia um pouco fraco, mas o prazer ainda corria por suas veias, esquentando-o. Ele se aconchegou contra o pescoço da mulher, na junção com o ombro, e soube que nunca ia lamentar esse momento. Nunca antes sentira tamanho prazer com uma mulher. Argus desejou ser homem o suficiente para pedir a mão dela de maneira à nunca renunciar a esse prazer, mas não tinha como ignorar a verdade nua e crua. Um cavaleiro não se casava com a filha de um duque. E já que a ideia do casamento ainda o fazia se arrepiar, ele não tinha como lhe propor essa opção de qualquer modo. Para os Wherlocke, os casamentos nunca acabavam bem.

Argus se equilibrou sobre um cotovelo para olhá-la. — Lorelei, estou... — Ele franziu o cenho quando ela pôs a mão sobre sua boca.

Pelo tom da voz do homem, Lorelei podia dizer que ele estava prestes a apresentar educadas desculpas, ou, ainda pior, chamar de erro o que eles tinham acabado de fazer.

— Não me diga que isso foi um erro.

Argus afastou a mão dela. — Não foi um erro. Foi perfeito, uma suprema felicidade. Contudo, eu sou errado. Sou errado para você. Você merece muito mais do que eu tenho para lhe oferecer.

—Argus, você não se faz justiça. Você não é cavaleiro do reino? Você não é de boa linhagem? Não recebeu honras servindo seu rei e o país? Como pode dizer que é menos do que eu mereço?

Ele encostou a testa contra a dela. — Os Wherlocke são péssimos maridos. Acredite em mim. Nossa história está repleta de casamentos arruinados e filhos abandonados. Ela suspirou e afagou suas costas distraidamente. Parte dela queria insistir até que lhe contasse tudo a respeito dessa história, porém ela se reteve. Argus achava que ia lhe propor casamento, mas, por motivos que não estava disposto a lhe contar, acreditava que era uma pobre perspectiva. Ele parecia achar que havia alguma história importante de casamento infeliz para contar, mas não queria dizer por que motivo, e ela não podia entender o que tinha acontecido no passado e que agora importava para eles. Era algo com o qual ela teria de lidar outra hora. Agora descansava nos braços do homem que desejava e não estava disposta a estragar esse momento conversando sobre o motivo pelo qual ele não servia para ela. Pelo menos, não queria que aquele lindo interlúdio fosse estragado por assuntos envolvendo culpas e erros, e tinha certeza de que aquelas palavras levariam a uma discussão, se deixasse.

A única solução na qual pensava era aliviá-lo desse problema. Ele pensava que deveria tê-la deixado sozinha porque não podia lhe propor casamento. Então, ela tinha de deixar claro que não pretendia esperar isso dele. A única coisa que podia fazer era esperar que ele acreditasse nela.

— Agora somos amantes — disse ela, acariciando suas costas, deliciando-se com a textura de sua pele queimada pelo sol.

— Sim, somos. — Ele não tinha certeza do que ela pretendia dizer com isso, mas percebeu que ela não queria discutir sobre o que havia de certo e errado no que tinham acabado de fazer.

— Então, como é que amantes que vivem no meio de tanta gente conseguem achar tempo para ficar a sós?

— Onde e quando podem.

—Você está pensando em algum lugar especial?

— Bem, existe aquele velho carvalho no quintal da casa da guarda. Seu tronco é tão largo e espesso quanto qualquer parede.

Lorelei riu. — É verdade.

— Contudo, não é muito sensato brincarmos dessa maneira. Cornick já tentou pegar um de nós, quem sabe que armadilha ele pode inventar. Qualquer um de nós poderia se tornar vulnerável ao ir e vir discretamente durante a noite.

—Tantos detalhes práticos. Por mim, eu diria que poderíamos perfeitamente permanecer na escuridão, fazendo da noite um escudo perfeito.

Ele riu e a beijou sobre o nariz. — Vamos achar alguma maneira, mas agora que acabo de tê-la em meus braços, não acredito que possa ficar muito tempo sem poder abraçá-la de novo.

Lorelei achou que essa declaração era o máximo que ela podia obter dele e lhe deu um beijo. Não demorou para que eles voltassem a fazer amor. Ela ficou surpresa ao sentir o mesmo prazer correr por seu corpo inteiro, sem que a sensação diminuísse diante de sua crescente experiência do que estava acontecendo entre eles.

Sua timidez não demorou a se manifestar de novo logo depois que o calor do amor começou a deixar seu corpo. Corando

tanto que pensou que seu rosto tivesse ficado tão vermelho quanto seu cabelo, ela pôs rapidamente a roupa. Mesmo assim, deu um jeito de olhá-lo atentamente enquanto ele se vestia. Mal acreditava que havia acabado de compartilhar tanta intimidade quanto um homem e uma mulher podiam ter com um homem tão bonito. Afastou da mente a lembrança do corpo dele, tendo certeza de que agora poderia pensar nisso toda vez que sentisse necessidade.

Foi somente quando chegou em casa, entrando furtivamente em seu quarto para se lavar, que Lorelei se deu conta de que não haviam feito plano nenhum para outro encontro. Por um instante, seu coração ficou triste, sua mente declarando que ela já havia sido deixada de lado. Lorelei respirou profundamente para acalmar o pânico que crescia dentro de si. Argus já havia escolhido o lugar em que iam se encontrar. Ela supunha que era sua preocupação com os inimigos que impedia o homem de já escolher também o momento em que iam se encontrar. Ele simplesmente queria planejar a maneira mais segura de eles terem um encontro amoroso.

Não ia ser fácil namorá-lo, pensou ela. O fato de eles precisarem se manter escondidos a perturbava, assim como o fato de ele ter apenas dito palavras de desejo, não amor, nem ter evocado essa emoção. Ele não lhe dera nenhuma dica de que existia uma semente de amor que ela pudesse alimentar. Ela ia precisar de muita paciência se quisesse segurar Sir Argus Wherlocke.

Argus estava no quintal da casa da guarda, olhando para o grande e velho carvalho. Seria um lugar perfeito para se encontrar com Lorelei. O problema era como conseguirem ficar juntos sem

deixá-la em risco. Cornick e seus homens andavam por ali já haviam atacado um membro de sua família. Ele não queria que o desejo que sentia o fizesse agir de maneira imprudente.

Como se já não tivesse feito isso, pensou, chutando uma pedra no caminho onde estava. Havia se deitado com a filha virgem de um duque, um homem que apreciava e respeitava. Um homem que lhe abrira sua casa e estava prestes a ajudá-lo a se manter seguro enquanto perseguia seus inimigos. Se essa não era a definição de um verdadeiro cafajeste, ele não sabia o que era.

Mesmo se sentido enojado de si mesmo, Argus olhou de novo para aquela arvore. Quase podia se ver junto de Lorelei, fazendo amor sob a proteção do carvalho, cujo enorme tronco iria protegê-los de olhares indiscretos. Argus sabia que continuaria a relação que havia começado hoje porque a ideia de nunca mais tocá-la, nunca prová-la, era mais do que ele podia suportar.

— É talvez eu tenha de pensar mesmo nisso — murmurou.

— Falando sozinho?

Argus se virou e viu seu primo Iago. — Estou tentando resolver alguns problemas.

— O primeiro dos quais é uma jovem donzela de cabelo da cor do mais delicado o tinto?

—Acredito que se trate de um problema meu — disse ele, mas o tom repressivo com o qual falou fez Iago sorrir. Seus parentes não se deixavam intimidar tão facilmente.

—Já que estamos aqui pela condescendência do pai dela, talvez você deva reconsiderar essa opinião — disse Iago, dando-lhe tapinhas no braço antes de se dirigir para a casa — Vim até aqui apenas para lhe dizer que a comida está na mesa. Talvez você

consiga organizar melhor suas confusas idéias com o estômago forrado.

— Minhas idéias não estão confusas — protestou Argus, indo atrás de Iago .

— Não? Uma linda mulher salva sua vida, olha-o como se você tivesse movido montanhas, e, acredito, compartilha uma paixão com você capaz de incendiar a floresta, e você continua hesitando como se tivesse um enorme peso sobre os ombros.

— E tenho. Ele se chama Cornick.

—Verdade, mas agora está tentando me confundir. Muito bem, não vou interferir.

Argus duvidava sinceramente que seu primo conseguisse não interferir por muito tempo. Por que alguns membros da família sempre achavam que tinham o direito de se intrometer nos negócios dos outros? Perguntou-se, olhando as largas costas de Iago com expressão carrancuda. No entanto, tinha a angustiante sensação de que Iago era apenas o primeiro, e que isso não ia acabar tão cedo, de modo algum.



Capítulo 12

— MILADY, HÁ ALGUÉM LÁ FORA EXIGINDO VER SIR ARGUS WHERLOCKE.

Lorelei levantou os olhos do livro que estava tentando ler sem sucesso. O fato de escolhido vir ao salão para ler não a impedia de querer se precipitar até a casa e ver Argus. Embora agora ela soubesse como era delicioso fazer amor e quisesse não ia se precipitar nos braços do homem antes da hora. Queria lhe mostrar que para ser uma mulher madura capaz de ser amante sem apressá-lo para obter mais do que podia dar. Em vez disso, Lorelei esperava que ele viesse até ela ou que, pelo me ele tentasse organizar algum encontro galante. Contudo, era difícil ter paciência, e franziu o cenho para Max, esperando que o que ele tinha para lhe dizer ocupasse mente melhor do que a leitura fizera.

— Exigindo?

— De forma bastante enérgica.

— Com certeza, nenhum inimigo de Sir Argus viria até a porta de Sundunmoor exigindo saber onde ele está — murmurou ela.

— Ah, não. Esses não são inimigos. São dois jovens rapazes.

—Jovens como?

— Cerca de doze anos, talvez um pouco mais, ou um pouco menos. É difícil naquela idade.

— Não há ninguém mais com eles? Apenas os dois garotos?

— Pelo visto. Devo trazê-los até aqui?

— Sim, Max. Acho que é melhor fazer isso, sim. Não queremos levá-los diretamente para Sir Argus sem saber o que realmente eles querem. Pode ser algo de que ele precisa ser avisado. Traga também bebida e comida para eles. Vou tentar descobrir do que se trata.

Ela franziu a testa quando Max saiu. Era como se ele tivesse dito "não pense que vai gostar disso". Não tinha sentido. Por que ela não gostaria dos dois rapazes? Sua casa estava repleta de rapazes e ela gostava de todos eles. Também não achava que houvesse algo no que esses garotos pudessem fazer ou dizer que a deixaria aborrecida. O fato de falar com eles antes de se encontrarem com Sir Argus era apenas uma precaução que, como não pôde deixar de reconhecer, também satisfazia sua curiosidade.

Lorelei mal teve tempo de deixar seu livro de lado, levantar-se e alisar a saia quando Max introduziu os dois rapazes no salão. Pareciam ter feito uma longa e difícil viagem. Ao observá-los com mais, atenção, ela teve certeza de que, de algum modo, os rapazes eram relacionados aos Wherlocke e aos Vaughn. Definitivamente, a família tinha traços distintos ou, como seu pai gostava de dizer, eram de uma safra pura.

— O que fez com o nosso pai? — perguntou o mais alto dos dois rapazes.

— Calma aí — disse Max, com o mais severo tom de voz possível. — Não é assim e cavalheiros falam com uma Lady. Trata-se de Lady Lorelei, filha do Duque de Sundunmoor, e vocês vão lhe manifestar o respeito que ela merece. Agora, façam reverência e apresentem-se.

Por um momento, Lorelei temeu que os rapazes cometessem o erro de querer discutir com Max. Sua família inteira poderia comparecer para atestar que isso simplesmente era uma perda de tempo. Max era o rei incontestável do olhar que intimida e da palavra final, fazendo com que quem se obstinasse a argumentar com ele acabasse se fazer de verdadeiro tolo. Eles o encararam, mas então o rapaz mais alto deu uma leve cotovelada no outro, e ambos os garotos se viraram para Lorelei. Nenhum dos dois parecia especialmente simpático, mas fizerem reverência com graça e sem nenhuma manifestação de desrespeito.

— Sou Darius Wherlocke — disse o mais alto —, e este é meu irmão Olwen. Somos filhos de Sir Argus e queremos saber onde ele está.

Lorelei, chocada, permaneceu calada pelo que lhe pareceram horas, embora soubesse que não podia ter sido mais de que um ou dois minutos. Max havia falado sem rodeios. Havia dito exatamente o que ela pensara que tivesse dito quando saíra do salão para ir buscar os rapazes, e, como sempre, tinha razão. Ela não estava gostando disso. Varias emoções estavam apertando seu coração e nenhuma delas era boa.

Somos filhos de SirArgus.

Diz-se com frequência que as palavras podem machucar, mas Lorelei nunca acreditara muito nisso, pensando que comentários desagradáveis podiam facilmente ser esquecidos da mesma maneira

que a ignorância da pessoa que os havia feito. Agora, ela sabia que não era bem assim. Argus tinha dois filhos e nunca lhe dissera. Será que também se esquecera de mencionar a existência de uma esposa? Ela procurou se lembrar das palavras que sua governanta lhe dera, protegendo-se atrás de um véu de boas maneiras até que sua confusão e dor se acalmassem.

— Por favor, sentem-se — disse ela, levando os rapazes para cadeiras junto a uma pequena mesa colocada diante das amplas portas que levavam ao jardim. — Max vai nos trazer algo para beber e conversaremos. — Ouviu que Max se retirava enquanto ela se acomodava à mesa, e os rapazes mostraram ter boas maneiras, esperando que ela estivesse sentada para então fazer o mesmo. — Antes que eu responda às suas intimações — disse ela, satisfeita ao ver que ambos os rapazes tinham corado levemente —, quero que me contem como chegaram aqui, e onde está o adulto que deveria acompanhá-los.

—Viemos até aqui de carruagem — respondeu Darius. — Com cocheiro. Estamos morando em Radmoor com nossa prima Penelope e seu marido Ashton Pendellen Radmoor, Visconde de Radmoor.

— É um lugar enorme, como aqui — disse Olwen —, mas logo que nosso pai acabar de arrumar nossa casa em Londres, vamos ficar com ele de vez em quando.

—Apenas de vez em quando?

— Bem, não queremos deixar os outros.

— E a mãe de vocês? — perguntou ela, ao mesmo tempo em que Max entrava, trazendo a comida, que consistia em várias fatias grossas de pão em volta de uma boa porção de carne e queijo.

— Nossas mães nos deixaram com Penelope. Todos os outros também foram deixados por suas respectivas mães.

Max se enrijeceu e olhou para os rapazes. — Então, vocês vieram até aqui sozinhos. Fugiram como covardes porque sabiam que não seriam autorizados a fazer essa viagem.

— Deixamos um recado para Pen — disse Darius. — Porém tínhamos de vir. Ouvimos dizer que algo havia acontecido com nosso pai, mas ninguém quis nos contar o que era, mesmo quando perguntamos. Disseram que iam nos contar quando tivessem certeza. Então ouvimos dizer que ele estava aqui. Iago, Leopold, Bened,Wynn,Tod e até tia Olympia também estariam aqui. Assim, decidimos que devíamos vir até aqui e ver o que estava acontecendo com ele.

— Max, precisamos de algo para escrever, por favor — disse Lorelei.

— Imediatamente, milady — disse ele, saindo para buscar o material.

— Mas deixamos um recado — protestou Olwen.

— Comam. — Assim que começaram, ela continuou: — Que idade vocês têm? Doze?— Ambos acenaram com a cabeça. — E mesmo assim viajaram até aqui sozinhos. Acredito que sejam suficientemente inteligentes para entender que foi um erro. E suficientemente inteligentes para entender que o simples fato de deixar um recado dizendo onde foram não repara esse erro. O visconde e a viscondessa devem estar muito preocupados, se já não se dispuseram a vir atrás de vocês.

— Não estavam em Radmoor quando fomos embora.

— Ah, isso está ficando cada vez melhor — disse Max, deixando o material de escrever sobre a mesa.

— Eu não tentaria encarar Max — disse Lorelei, e ambos os rapazes pararam imediatamente de olhar para ele, voltando sua atenção para ela. — Ele tem muitos anos prática de encarar crianças enganadas. Logo que acabarem de comer, vocês vão escrever uma carta para os Radmoor. Nela, explicarão onde estão e pedirão desculpas, muitas por tê-los deixados preocupados. — Ela pegou uma folha de papel e mergulhou a pena no frasco de tinta. —Vou acrescentar uma mensagem pessoal para assegurar-lhes de vocês estão aqui. Então, vocês vão explicar o que fizeram quando encontrarem seu pai.

— Ele está aqui! — declarou Darius. — Onde está? — Olhou de soslaio para Max, que já franzia o cenho, e acrescentou: — Milady.

—Vou acompanhá-los até ele quando tiverem acabado de escrever para os Radmoor. Então, vocês poderão averiguar que ele está bem enquanto tentam justificar essa tolice. — Ela levantou os olhos da mensagem que escreviam e descobriu que a estavam olhando fixamente.

—Você tem irmãos? — perguntou Darius.

—Treze. Três mais velhos e dez mais novos. — Sorriu para si mesma quando Olwen engasgou levemente e Darius teve de lhe dar tapinhas nas costas, especialmente quando recuou diante da nuvem de poeira que saía do casaco de Olwen.

Acompanhada do som de dois rapazes enchendo a barriga obviamente muito vazia sob o olhar severo de Max, Lorelei escreveu para os Radmoor. Contudo, o fato de ter de se concentrar no que dizer não bastava para silenciar seus pensamentos, e ela tinha de

lutar para manter a compostura. Temia ficar facilmente doente por causa de tantas emoções violentas.

Tudo o que ela queria fazer era se precipitar para a casa da guarda e exigir respostas de Argus. No entanto, parte dela não queria saber como Argus havia conseguido dois filhos de idade tão idêntica com mulheres diferentes. E por que seus filhos estavam morando com os Radmoor? Afastou rapidamente esses pensamentos, já que ameaçavam o frágil controle que conseguira ter sobre suas tumultuosas emoções.

Quando ela acabou seu recado, os rapazes estavam prontos para escrever cada um sua carta de desculpas. Lorelei bebericou o chá que Max lhe servira e observou enquanto ele instruía os rapazes a escrever o que precisava ser dito. Uma vez as cartas escritas, eles observaram atentamente Max enquanto este relia o trabalho, e suspiraram de alivio quando ele acenou com a cabeça. Ela sempre ficara surpresa ao ver como as crianças, especialmente os meninos, sempre queriam receber esse aceno de aprovação de Max, inclusive ela.

Max juntou as cartas. —Vou cuidar para que sejam enviadas imediatamente, milady. Também vou pedir a Gregor Quarto que os acompanhe até a casa da guarda.

— Obrigada, Max. — Ela não queria andar com um guarda, mas não quis discutiu. Depois do que acontecera com Olympia, Lorelei duvidava que pudesse dar dois passos para além da porta sem um guarda, antes que Max a trouxesse à força para dentro de casa.

— Por que precisa que alguém a escolte em sua própria casa? — perguntou Olwen.

— Seu pai vai lhe explicar — respondeu ela —, depois disso, vocês terão muita sorte se ele não os trancar no porão sem nada senão pão e água por terem se comportado de maneira tão tola.

— Você costuma falar desse jeito com seus irmãos?

— O tempo todo. Venham — disse ela, levantando-se, imediatamente imitada pelos rapazes. —Vamos levá-los até seu pai. O simples fato de pronunciar a palavra "pai" lhe causou dor, e ela disse rispidamente a si mesma para não ser tão tola.

— Este lugar é mesmo grande — disse Olwen enquanto seguiam o caminho que levava à casa da guarda.

— Sim, pertence à família Sundun há muitos, muitos anos — respondeu Lorelei.

— Aquela casa ali é onde ficam nosso pai, nossa tia e nossos primos? — perguntou Darius, apontando para a casa da guarda, que havia acabado de entrar em seu campo de vista.

— É, sim. E lá que hospedamos nossos convidados, já que quem vem nos visitar nem sempre aprecia a liberdade dada às crianças daqui. Papai sabe quem eles são e sempre lhes oferece essa casa, permitindo que eles aceitem graciosamente e que, assim, todo mundo fique contente e não haja problema nenhum.

— Esperto — disse Darius, acompanhando o comentário com um sorriso.

— Prefiro a palavra "inteligente". Soa mais diplomática.

— E até mais simpática — disse Olwen.

— Vocês sabem que não deveriam ter viajado até aqui por conta própria, sabem? — perguntou ela, quase sorrindo quando eles suspiraram pesadamente.

— Sim, mas ninguém se dispunha a nos dizer o que havia acontecido com nosso pai, e Olwen estava preocupado — disse Darius.

Lorelei meneou a cabeça. Obviamente, a culpa sempre era de Olwen, já que Darius era o mais forte dos dois. Dando uma olhada em Olwen, ela supôs que ele tivesse uma índole mais doce. Também percebeu que os Wherlocke deviam ter sido criados no campo, já que todos os adultos hospedados na casa da guarda costumavam usar expressões campestres. Sua governanta havia insistido para que ela não as usasse embora ambas as mulheres soubessem que Lorelei nunca ia passar muito tempo junto à aristocracia de Londres.

Quando chegaram à porta da casa, Lorelei hesitou por um instante. De repente ela não queria ver Argus reconhecendo os meninos como sendo seus filhos. Tudo então ficaria real demais. Em vez de pensar que ele tinha escondido um grande se dela, agora ela saberia a verdade. Olhando para os rapazes, ela se libertou da influência que a incerteza tinha sobre ela. Eram apenas garotos preocupados com seu pai. Ela não permitiria que eles presenciassem uma discussão entre ela e Argus, mesmo que achasse que um homem deveria informar sua nova amante de que já tinha filhos.

Lorelei bateu à porta e esperou. Iago atendeu e sorriu para ela. Porém, esse sorriso logo desapareceu como o orvalho diante do sol da manhã quando ele viu os garotos. Em seguida, olhou para ela com ar de incerteza e com certo alarme. Ela acabara de ter a resposta ao fiapo de dúvida que ainda mantinha. Esses meninos eram mesmo filhos de Argus.

Antes que o homem pudesse dizer algo, Darius perguntou:
— Onde está nosso pai?

— Argus, é melhor você vir até aqui — disse Iago por cima do ombro.

— O que é? — disse Argus logo depois, aproximando-se da porta.

—Você tem convidados.

Argus olhou para Lorelei, perguntando-se por que ela não estava sorrindo para ele e então uma cutucada de Iago fez com que ele olhasse à direita dela. Ele se enrijeceu chocado ao ver o rosto de Olwen. Olhando à esquerda deste encontrou seu outro filho Darius, que parecia aborrecido. Não era a maneira que ele teria gostado que Lorelei descobrisse a existência de seus dois filhos.

— Como chegaram até aqui? — perguntou ele a seus filhos.

— Viemos atrás de você — disse Darius, sem responder à pergunta.

Argus olhou para Lorelei. — Entrem e vamos esclarecer tudo isso — disse ele, esperando que ela entendesse que ele queria dizer mais do que simplesmente falar que seus filhos estavam fazendo tão longe de casa.

— Não, acho que não — disse Lorelei. —Trata-se de um assunto de família. Os meninos e eu já escrevemos para os Radmoor, contando que chegaram aqui sem problemas e estão com o pai deles. Agora, eles vão lhe contar por que estão aqui e como chegaram. É melhor que estejam a sós, como uma família. — Ela olhou para os dois rapazes. — Fiquei feliz por conhecê-los e tenho certeza de que voltaremos a nos ver. — Acenou com a cabeça para Argus. — Tenha um bom dia, Sir Argus.

Enquanto ia embora, Lorelei se sentiu orgulhosa por ter sido tão calma e educada. O que ela queria fazer mesmo era achar algo

muito pesado para bater na cabeça de Argus. Nunca experimentara sentimentos tão violentos, e achou que Argus era o único culpado por isso. Se ele pensava que ela ia ignorar esse fato, estava bem enganado. Sir Argus ia ter de se explicar, e então ela iria decidir se podia perdoá-lo.

Iago limpou a garganta. — Um tanto fria — murmurou ele.

— Um tanto? — disse Argus, apressando seus filhos para dentro do salão. — Gelo. Puro gelo.

— Ela estava furiosa com você — disse Darius, sentando em um dos sofás.

— Acho que sim, também notei. — Argus sentou-se em frente aos seus filhos e u os braços sobre o peito. — Agora, vocês podem me contar por que estão aqui e não em Radmoor, onde supostamente deveriam estar.

— Olwen teve uma visão — disse Darius.

— Uma pequena — murmurou Olwen.

— Sabíamos que estava correndo perigo, mas ninguém quis nos contar, então descobrimos onde você estava e decidimos que precisávamos vir até aqui para ver se estava bem. Olwen não tinha certeza.

— Se já tiver acabado de tentar fazer com que Olwen carregue toda a culpa por tolice, eu gostaria que respondesse à pergunta e me contasse como conseguiram chegar aqui.

Enquanto eles lhe contavam a viagem de Radmoor a Sundunmoor, Argus sentiu seu sangue gelar. Era pura sorte que tivessem conseguido chegar até ele ilesos. Olhou Iago, que parecia tão horrorizado quanto ele. No momento em que ia abrir a boca para começar um longo e veemente sermão, alguém bateu à porta.

Iago se levantou para ver quem era, e Argus se perguntou se o homem havia sentido que o sermão estava prestes a começar.

A voz que ele ouviu falando com Iago era suficientemente reconhecível para que Argus parasse com o sermão antes mesmo de começar. Não ficou surpreso quando Iago trouxe Stefan para o salão. A maneira que Stefan olhou para Darius e Olwen revelou a Argus por que exatamente o jovem estava ali.

—Ainda tem alguém em Radmoor, ou será que a pobre Pen vai chegar em casa para descobrir que seus passarinhos fugiram? — disse ele com voz arrastada.

Stefan fez uma careta ao se sentar. —Vi o recado que deixaram para Pen e pensei que pudesse pegá-los antes que tivessem ido longe demais.

— E por que veio aqui primeiro e não subiu até a casa principal?

— Parei para perguntar ao homem que cuida dos carneiros do outro lado da estrada onde tinha visto dois garotos. Ele perguntou meu nome e eu respondi. Ele me olhou fixamente por um momento, acenou com a cabeça e disse "Sim, você é um deles", e me mandou aqui.

— Suponho que seja um dos Gregor — disse Iago . — Acho que um deles é pastor. Todos eles têm um olhar aguçado, e Stefan é bem parecido conosco.

— Sim, bem, Stefan, você chegou bem na hora para ouvir o que vou dizer aos meus filhos — disse Argus, quase sorrindo diante do olhar desanimado do jovem.

Os três rapazes sentaram-se estoicamente enquanto Argus os informava da tolice que haviam cometido, de cada perigo que

tinham tido a sorte de evitar e como teriam de pedir o perdão de Penelope, que ficaria preocupada com eles. Contou-lhe também sobre Cornick, insistiu sobre o fato de que haviam passado cegamente por vários perigos, já que o homem estava rodeando Sundunmoor. Argus não achava necessário explicar como eles poderiam ter sido facilmente capturados e usados contra ele, mas mesmo assim não se conteve. Então, pegou papel e pena e mandou Stefan escrever para Pen, e acrescentou algumas informações pessoais. Não era um bom momento para que os três garotos estivessem em Sundunmoor, mas seria ainda mais arriscado tentar mandá-los de volta para casa.

— Lady Lorelei disse que teríamos sorte se você não nos mandasse ficar no porão somente com pão e água — disse Olwen, que ainda parecia prestes a chorar.

— De fato, vocês têm muita sorte que eu não seja o tipo de homem que acredita no ditado "é apanhando que se aprende" — disse Argus.

— Meu Deus — disse Olympia, que entrou claudicando no salão. — Estamos esperando que o resto de Radmoor logo chegue aqui? — Ela hesitou por um instante antes de permitir que Iago a ajudasse a se sentar.

— Tia, o que aconteceu com você? — disse Olwen assustado, precipitando-se com Darius para o lado dela. — Caiu do cavalo?

— Olwen não viu isso, hein? — disse Argus, controlando-se para não sorrir ao ar de culpa que passou pelo rosto de Darius.

— Infelizmente, deparei-me com um homem muito mau — disse Olympia, passando a mão no cabelo dos meninos e sorrindo quando resmungaram.

— O homem mau de cuja existência vocês não sabiam enquanto estavam a atravessando cegamente a área em que ele está emboscado — disse Argus, sorrindo quando três garotos o olharam desconfiados.

— Posso ajudar — disse Stefan, dando um passo adiante em direção a Olympia.

— Já que acaba de chegar de uma longa viagem, não está cansado demais? Posso esperar até que tenha descansado — disse Olympia.

— Não, você está sentido bastante dor, porém as feridas não são tão graves.

Argus observou enquanto Stefan fazia sua magia. Os curandeiros sempre o surpreendiam, e até o impressionavam. Ele não sabia exatamente como funcionava esse dom, mas era milagroso ver as contusões de Olympia desaparecerem e perceber que ela se endireitava na cadeira, o exausto ar de sofrimento sumindo de seu rosto. Stefan somente pareceu um pouco mais pálido ao acabar, recebendo o beijo de gratidão de Olympia e corando, antes de voltar para seu assento.

— De onde eles saíram? — perguntou Olympia quando Iago voltou da cozinha com a grande jarra de cidra e alguns doces de mel para Stefan.

Argus rapidamente repetiu o que lhe havia sido contado, e acenou com a cabeça quando Olympia olhou os três garotos com ar de terror. — Sim, tiveram muita sorte.

Olympia olhou para Argus depois de estudar cada um dos rapazes por uns instantes como se quisesse se assegurar de que eles estavam saudáveis. — Foi Lorelei que os trouxe até aqui?

— Darius e Olwen primeiro foram para a mansão — respondeu Argus, acenando com a cabeça diante do olhar desapontado da mulher.

—Acho que ela estava infeliz — disse Darius. — De início, quando eu a vi, achei que ela tinha uma aura linda e brilhante, porém, depois de termos dito quem éramos, vi uma escuridão, como um grande ferimento.

Argus se contraiu. — Ela apenas ficou surpresa porque não sabia que tenho filhos. — Ele tentou ficar calmo diante dos olhares que os três rapazes lhe deram enquanto via ceticismo nos olhos deles. — É ela a mulher que me salvou — disse ele, dando-lhes um breve resumo da maneira que Lorelei o libertara de seu cativeiro.

—Aposto que Max não gostou disso — disse Darius.

— Ah, então vocês conheceram o mordomo.

— Sim. Ela nos disse que era inútil tentar desafiar o olhar do homem, e pudemos ver que é verdade. Ele tem uma aura parecida com a de alguns soldados que já vi e age como se estivesse no comando de um exército.

—Já que vocês vão ficar aqui por um tempo, suponho que irão conhecer a família de Lady Lorelei e verão que, de certa forma, é exatamente o que Max faz.

— Ela tem mesmo treze irmãos? — perguntou Olwen, mostrando-se assustado diante de tal possibilidade.

— E três irmãs, e um grande número de primos, que vivem ali ou estão de visita. E pelo menos uma tia. — Ele deu uma olhada rápida em três echarpes que haviam sido entregues mais cedo e então no lindo xale bordado de Olympia. — Acho que logo vocês vão ter novas echarpes — murmurou. — Agora, acredito que

precisem fazer a toalete e queiram descansar depois dessa longa e irresponsável viagem.

Stefan e os garotos se levantaram e foram em direção à porta. Ao saírem do salão, Olwen parou. — Darius e eu não trouxemos nenhuma roupa — disse, olhando para a trouxa de seu primo —, como Stefan fez.

Argus suspirou, mas antes que pudesse dizer algo, alguém bateu à porta, e Iago se levantou para atender, atentamente seguido pelos olhos dos rapazes. Quando voltou, posicionou-se na frente deles com um grande pacote.

— Max lhes mandou algumas coisas para vestirem — disse Iago aos rapazes, entregando-lhes o pacote —, já que, como escreveu neste recado, vocês certamente precisam despiolhados.

Apesar da vontade, Argus se segurou para não rir até que os três garotos tivessem ido embora. Stefan garantiu que ele mesmo ia verificar se os mais jovens se esfregavam cuidadosamente. — Estou começando a pensar que é bom mesmo que os Sundun não se misturem com o resto da sociedade, ou alguém já teria roubado aquele mordomo.

—Teria tentado — disse Olympia, levantando-se —, porém, Max vai ficar até morrer seu duque.

Argus não precisou pensar muito nessas palavras para saber que ela tinha razão. — Sim, é verdade. Você parece estar bem melhor. Não posso deixar de me perguntar se foi o destino que mandou Stefan descobrir o que os meninos estavam fazendo.

— Se for assim, mando meus mais calorosos agradecimentos ao Sr. Destino. Agora, vou ver se Stefan precisa de ajuda e então depois dar uma caminhada.

— Olympia, você mal conseguia firmar o pé há alguns minutos. Acha mesmo é sensato sair para caminhar?

— Muito sensato. Existem coisas nas quais preciso pensar — murmurou ela, saindo do salão, parando na porta apenas para acrescentar: - Vou levar Todd comigo.

— Ela vai tentar encontrar Lorelei — disse Iago, sentando-se e sorrindo para Argus.

— Que mulher invasiva — resmungou Argus.

— Bastante, mas acho que ela decidiu isso quando Darius falou sobre a aura ferida de Lorelei. Talvez você devesse ter mencionado a existência de seus filhos.

— O fato de ter dois filhos ilegítimos não é algo que se deva mencionar para uma mulher bem-nascida.

— Mas é algo que se deve falar para uma amante.

— Eu nunca disse que éramos amantes.

Iago deu de ombros. — Nem precisava. Você tem a aparência de um homem que finalmente afrouxou um nó apertado de frustração. E tinha de acontecer, já que, como eu suspeito, vocês dois estão sedentos de desejo desde o dia em que se conheceram. Nunca vi duas pessoas com tanto, bem, fogo interno.

Argus resmungou de leve e se levantou. — Há momentos em que eu gostaria de mandar muitos membros de minha família para o inferno — disse rispidamente, ouvia o leve riso de Iago enquanto saia do salão.

O som dos passos de Argus mal havia sumido quando Iago ouviu o suave passou sandálias no chão. — Olympia — chamou ele,

sorrindo, enquanto ela dava uma olhada para dentro da sala. — Está indo conversar com Lady Lorelei, não é?

— Primos inteligentes podem se tornar o flagelo da existência.

— Vivo para servi-la. Você deveria tentar o pomar, já que Argus estava tirando folhas de macieira da roupa quando voltou de sua caminhada ontem. Sugiro também que faça o possível para não ver o que aconteceu por lá.

— Ah. Você acha mesmo que Lorelei iria para o lugar onde ela e Argus fizeram amor agora que está tão furiosa com ele? Acho que isso a feriria ainda mais.

— Posso estar errado, mas acredito que é exatamente aonde ela foi. O que pretende lhe dizer?

— Umas coisas e outras — disse ela, suspirando quando Iago a olhou fixamente.

— Quero saber exatamente como ela se sente com relação aos meninos, e pretendo lhe contar algumas coisas que explicam por que meu irmão reluta tanto até mesmo em dizer a palavra "casamento". — Olympia se virou e saiu.

— Boa sorte!



Capítulo 13

ELA NÃO IRIA MAIS À CASA DA GUARDA. NEM OLHARIA PAPA A DIREÇÃO DA casa. Simplesmente esqueceria que a casa estava lá, com um mentiroso e lúbrico miserável vivendo nela.

Lorelei repetia essa litania para si mesma enquanto andava em direção ao seu lugar predileto no pomar. Era provavelmente o local menos indicado para se esconder e cuidar de seus ferimentos, mas não existiam muitas opções que lhe dessem a privacidade de que precisava. Certamente não ia se esconder no seu quarto como uma donzela abandonada pelo namorado. E talvez, ao se sentar no exato lugar em que um mentiroso e lúbrico miserável lhe havia roubado a virgindade, ela deixaria sua ira se expressar plenamente, apaziguando a dor que sentia e que estava prestes a derrubá-la no chão.

Ao chegar ao seu recanto privado no pomar, sentou-se, cruzou os braços sobre o peito, e olhou para o mundo através da folhagem. Por uns instantes, ficou chamando silenciosamente Sir Argus dos piores nomes nos quais conseguiu pensar. Então, começou a criar novos. Quase esperava que ele pudesse estar por ali para que ela expressasse sua opinião a seu respeito, na sua cara de mentiroso e lúbrico. Demorou um pouco, mas finalmente conseguiu

extravasar toda a sua raiva e, então, encostou-se no tronco da árvore.

Argus tinha dois filhos ilegítimos. Considerando-se a idade bem próxima de Darius e Olwen, Argus devia ter tido uma vida bem ocupada cerca de treze anos antes. Ela não sabia a idade de Argus com certeza, estimando que ele tivesse cerca de trinta anos, e portanto, não era muito mais que um garoto quando ficou pai.

Lorelei franziu o cenho, pensando nisso demoradamente. Argus devia ter dezesseis dezessete anos, ou até menos. Ela arregalou os olhos. E ele tinha tido duas amantes? No momento em que começava a ver em tudo isso uma loucura da juventude, os fatos o retrataram como um furioso trapaceiro, e isso desde garoto.

O que Lorelei realmente pensava em fazer era ter um verdadeiro ataque de cólera daqueles cheios de socos, xingamentos e cabelos arrancados. Ela havia apostado seu futuro e coração naquele homem. Odiava pensar que arriscara tanto apenas por causa de um lindo peito e do talento que Argus mostrara em beijar mulheres tolas.

— Zangada?

Lorelei levou um sustou, colocando a mão sobre o coração disparado e cravando os olhos em Olympia, enquanto a mulher se sentava ao seu lado.

Dando uma olhada através da folhagem, ela viu um homem robusto passeando, longe o suficiente garantir-lhes privacidade. Então, de repente lembrou-se do dom de Olympia, de que mulher provavelmente sabia o que havia acontecido aqui, e se reteve para não corar e fugir. Em vez disso, observou à visitante. Para alguém que recentemente havia sido ferida e espancada, Olympia se movia

com graça e agilidade. O horrível ferimento seu rosto também havia quase desparecido.

—Você parece estar bem melhor que ontem — Lorelei conseguiu dizer finalmente.

— Logo depois que você foi embora, chegou nosso primo Stefan. Ele encontrara o recado que aqueles garotos tolos haviam deixado e veio atrás deles. Outra carta mandada para Penelope. Stefan já é mais homem que garoto, mas, mesmo assim, tem dezesseis anos apenas e é o irmão dela, de maneira que ela pode ter ficado preocupada. Também é curandeiro, e usou sua magia comigo. — Sorriu rapidamente para Lorelei. — Sim, é outro bastardo, mas Argus só teve dois filhos. Penelope cuidou de todos eles desde que ela mesma não era muito mais que uma criança.

— Todos? Quantos são?

— Com Penelope? Onze. Os homens de nossa família nem sempre tomam todos os cuidados que deveriam. Claro, Argus não era muito mais velho quando se tornou pai. Duas vezes. Desde então, ele aprendeu a ser mais comedido e a tomar cuidado.

— Essas crianças foram abandonadas?

Olympia confirmou com a cabeça. — Apesar de cada uma delas ter recebido uma pensão bem gorda, todas as mães rejeitaram os filhos. Os dois irmãos de Penelope ambos ilegítimos, foram renegados porque a mãe deles se casou de novo e o atual marido não quis saber deles. Penelope arrumou um lugar para eles, e logo os outros rejeitados começaram a chegar. No caso dos irmãos de Pen, foi o ciúme que levou a mãe dela a abandoná-los, já que seu pai tinha tido um caso, vamos dizer, do qual os meninos eram a prova. Também tiveram um padrasto que não quis saber deles. As crianças deixadas aos seus cuidados em grande parte foram rejeitadas

porque ficou evidente que tinham algo diferente. Como você pode ver, nossos dons também são nossa maldição.

— Não tenho certeza se entendo.

— Os Wherlocke e os Vaughn têm uma triste história marital. As coisas parecem estar mudando, mas muitos casamentos acabaram mal ou provocaram bastante sofrimento. Mães ou pais, aqueles que não eram Wherlocke nem Vaughn, em geral acabaram indo embora. Abandonando seus filhos aos cuidados dos parentes dotados; alguns tentaram renegá-los. Eles têm medo da própria prole, e culpam o parceiro que é da família pela maldição que assombra o filho. Nossa própria mãe ficou mais tempo que muitas outras, mas talvez tivesse sido melhor que tivesse ido embora antes. Espalhava seu sofrimento entre todos nós e, ao mesmo tempo, temia e rejeitava os filhos. Claro que, como esposa dedicada, cuidou deles. Não como esposa fiel, mas dedicada. Na verdade, meu pai ficou feliz de que cada um de nós fosse um Wherlocke. E acho tivemos muita sorte de que nossa mãe não nos tenha matado assim que saímos de sua barriga. Papai acabou se tornando uma pessoa amarga e, de certa maneira, também acabamos os por perde-lo. Muito antes de ele morrer. Ambos deixaram, como herança, dívidas e filhos assustados.

— É por isso que Argus se recusa a se casar?

— Sim. Ele viu que a situação se repetia de forma mais ou menos igual em todo o clã e resolveu que o casamento não era para os Wherlocke. Recentemente, três mulheres de nossa família tiveram um casamento sólido e feliz, mas acho que ele as vê como exceções.

— Então, ele se recusaria a se casar comigo mesmo que realmente quisesse. — Olympia confirmou com a cabeça. — Ele

acredita que a está poupando de um casamento fracassado com um Wherlocke.

— Que idiota.

Rindo suavemente, Olympia afagou um dos punhos fechados de Lorelei. — Sim, isso ele é, não posso contestar. Mas isso não quer dizer que você não possa mudar as opiniões dele sobre o assunto, se quiser. A menos, claro, que tenha procurado apenas um amante. — Olympia deu de ombros quando Lorelei a encarou com ar de nojo.

— Não sou louca a ponto de pôr em jogo todo o meu futuro apenas por causa de homem que me beija gratuitamente. — Ela suspirou. — Desde o primeiro momento que o vi aparecer no roseiral, soube que era o homem que eu queria. Posso ser uma moça do campo, mas alguns homens já me cortejaram, convidando-me para festas e tudo o mais. Nada. Nem uma faísca de atração, embora alguns desses homens tenham sido agradáveis, interessantes e bonitos. Comecei a pensar que talvez houvesse algo errado em mim, algo que estivesse faltando dentro de mim.

— E então Argus apareceu.

— Sim, e então Argus apareceu. Talvez eu devesse ter aberto mão dele todas as vezes que me rejeitou.

— Não. A persistência é necessária neste caso. Mas, primeiro, veja o que acha de Darius e Olwen.

— São os filhos dele. Minha única preocupação com tudo isso é ele nunca ter me contado que tinha filhos. E, sim, tenho um pouco de ciúme. — Ela fez uma careta ao Olympia permanecer em silêncio, olhando fixamente para ela. — Está bem. Muito ciúme. E isso é uma loucura, já que eu ainda era criança quando ele teve seus filhos. Porem apenas me faz lembrar que ele já esteve com muitas mulheres.

— Os Wherlocke e os Vaughn procriam lindos demônios. Com certeza, já conheceram algumas mulheres antes de chegarem à idade de se casar. A maior parte dos homens faz tudo para adquirir o máximo de experiência nessa área.

— Sei. Tenho treze irmãos. Assim que a voz começa a ficar mais grave, eles se transformam em desenfreados libertinos. — Ela sorriu ao ver Olympia rir, mas logo voltou ficar séria. — Então, os filhos também têm dons?

— Darius vê, bem, o que chamamos de aura. As luzes e cores que envolvem cada um de nós, as diferentes cores, que significam várias coisas. Darius está estudando para entender melhor o que vê. Olwen tem visões.

— E esses dons aterrorizavam as mães deles a ponto de fazerem com que fugissem de seus filhos?

—A superstição ainda está bem viva neste país. Darius diz que você tem uma aura linda e brilhante.

— Ah. — Lorelei não sabia o que pensar disso. — Isso é bom? Parece bom.

— É bom. Ele também disse que Max tem uma aura parecida com a dos soldados que já viu.

— Ah, faz bastante sentido. De certa forma, Max é o general de divisão Sundunmoor.

— Agora você entende melhor o meu irmão?

— Ele tem medo de se casar.

— De certo modo. Tem medo de, se encontrar a mulher com a qual gostaria de casar, e se vier a se casar com ela, o casamento acabar em fracasso. Tem medo da dor que isso possa trazer, embora

nunca tenha dito isso expressamente. Tem medo de encontrar o amor e perde-lo, encontrar a felicidade e vê-la se transformar em amargura.

— Ele nunca vai reconhecer isso.

— Claro. Não seria nada viril.

Lorelei riu, meneando a cabeça. — Não sei o que fazer.

— Deve tentar fazer com que ele veja que você realmente se importa com ele e que não tem medo do que somos, e que nunca abandonaria seus filhos. Por qualquer motivo que seja, exceto a morte.

— Não acho que eu simplesmente possa dizer isso — murmurou ela, sabendo que não funcionaria. — Essas coisas não são fáceis de provar se a pessoa à qual você quer prová-las não acredita em você, mesmo quando você as diz com todas as palavras.

— Não. Mas acho que você vai encontrar um jeito. — Ela se levantou alisando a saia. — Apenas acredito que estava na hora de alguém lhe dizer por que Argus é tão contrário ao casamento. Como mulher, entendi que era fácil você se sentir culpada, mas não vem ao caso. Nunca vi meu irmão tão interessado em uma mulher. Nem apaixonado por alguém a ponto de quebrar todas as suas regras, como seduzir a filha virgem de um duque.

— Na verdade, eu não diria que ele me seduziu — murmurou Lorelei, lembrando-se então do dom de Olympia. — Deus do céu — suspirou ela, sentindo o calor de suas bochechas, que imediatamente ficaram coradas. —Você pode ler tudo o que aconteceu aqui.

— Posso, mas não fiz isso. Sou capaz de criar uma barreira entre mim e as lembranças deixadas em qualquer lugar e em

qualquer coisa. Tive de aprender a agir assim para não ficar totalmente louca. Não, eu soube principalmente por causa de Iago. Acho que é algo que os homens conseguem ver uns nos outros. Isso e várias folhas de macieira que Argus trouxe grudadas em suas roupas ontem.

—Você deve achar que sou...

— Uma mulher apaixonada, e é disso que meu irmão está precisando. Ele precisa de alguém que o ame pelo que ele é. E é isso que desejo para ele. E aqui está você. O dom dele é assustador, e mesmo assim você ama esse tolo.

Lorelei avaliou que não tinha sentido querer negar seus sentimentos. — Na verdade, o dom dele não funciona comigo nem com Max.

— Fascinante. É melhor assim. Meu irmão e eu somos muito próximos. Tivemos de nos aproximar porque éramos os mais jovens de uma grande família, com uma mãe que não suportava ficar perto de nós. Eu até o conheço melhor do que ele próprio se conhece, e vice-versa. Sei que ele almeja o que chama de "vida normal" com uma esposa que o ame, fique com ele e ame os filhos que eles tiverem.

— Iguais aos dois tolinhos que viajaram sozinhos até aqui? — Ela sorriu quando Olympia acenou com a cabeça e deu uma risada.

— Contudo, acredito que esses dois venham a fazer parte da vida de vocês somente de vez em quando, já que construíram uma família com Penelope e as outras crianças que ela acolheu. É um vínculo muito forte. O marido dela, sabendo disso, reformou toda uma ala da mansão para que eles pudessem ficar juntos. Argus ama seus filhos e eles o amam, porém Argus aceita o fato de Penelope e todas aquelas crianças serem a verdadeira família dos garotos.

— Sim. Disseram que ficavam com seu pai apenas parte do tempo porque não podiam deixar os outros. Acredito que essa estreita relação entre eles venha do fato de todos terem sofrido a dor da rejeição. Conhecem e entendem as cicatrizes de cada um deles.

— Muito bem pensado. — Olympia olhou para o céu. — Está ficando tarde. Talvez seja melhor você voltar comigo e então Todd pode escoltá-la até sua casa. Você não deveria estar aqui sozinha.

— Esperta — disse Lorelei, brincando enquanto se levantava e alisava a saia.

— Sim, também acho.

Lorelei riu e foi andando ao lado de Olympia, enquanto Todd, silencioso e atento, ficava um passo atrás. Ela entraria no jogo, andaria com Olympia como se precisasse ter um guarda-costas para acompanhá-la até a casa. De qualquer modo, a casa da guarda ficava perto da área do pomar em que ela havia se escondido. Se Argus quisesse falar com ela, ela não o ignoraria, mas, por enquanto, ela não ia procurá-lo.

— Ah, Olympia voltou e trouxe companhia — disse Iago, olhando pela janela. Argus deixou de lado os papéis que estava lendo e se aproximou da janela. — Mulher invasiva.

Sem dúvida, mas, pelo visto, ela fez isso porque Lady Lorelei estava passeando sem nenhum guarda. Parece que Todd está esperando para escoltá-la até a casa. — Ele olhou para Argus. — Você não tem de lhe dizer algumas coisas antes que ela vá embora?

— Eu deveria deixar as coisas como estão — disse Argus, precipitando-se para fora do salão para alcançar Lorelei antes que ela fosse embora.

Ele quase colidiu em Olympia quando saiu pela porta. Resmungando que ela podia cuidar da própria vida, Argus a contornou e foi em direção a Lorelei. Não tinha ideia do que dizer para a mulher, mas sabia que provavelmente seria melhor para os dois se ele simplesmente a deixasse vê-lo como uma pessoa desprezível e lúbrica de quem tinha de se afastar, mas ele não conseguia aceitar que ela fosse embora.

— Lorelei — disse ele, pegando-a pelo braço. — Por favor, ande um pouco comigo no jardim antes de voltar para casa.

A primeira coisa em que ela pensou ao ouvi-lo falar isso foi que ele havia mencionado que o velho carvalho do jardim era um lugar perfeito para um encontro galante.

— Por quê? — perguntou ela.

Argus sorriu de um jeito que ele esperava ser convidativo, com um toque de pedido de desculpas por trás. — Para conversarmos. — Ele segurou-lhe o braço até que, depois de resistir um pouco, ela aceitou andar com ele no jardim.

Lorelei olhou para trás e não conseguiu ver Todd em lugar nenhum. Os homens, pensou ela, são todos aliados quando se trata de histórias de amor. Os que rompem as regra eram raros. Determinada a não cair simplesmente em seus braços, ela se afastou no momento em que entraram no jardim e se sentaram em um banco, longe do carvalho.

— E sobre o que você acha que precisamos conversar? — perguntou ela, olhando com ar de suspeita quando ele se sentou ao lado dela.

— Está me tratando de um jeito tão frio — murmurou ele —, mas sua fúria tem *alguns bons motivos.*

— *Alguns?* — enfatizou ela. Lorelei gostaria de ver se ele ficaria tão amável se de repente aparecessem duas crianças afirmando que eram filhas dela. — Acho que o fato de você ter dois filhos é algo que você deveria ter me contado. Bem no começo, antes de nos tornamos amantes. Fiquei muito surpresa quando eles apareceram à minha porta.

— Claro, acredito que sim. Eu não era muito mais que um garoto que se achava homem quando me tornei pai, Lorelei. E difícil explicar por que acho um tanto constrangedor o fato de eu ter sido tão arrogante e presunçoso. Tive duas amantes, mais velhas do que eu, e que foram de grande ajuda para o desenvolvimento de minha masculinidade durante o primeiro ano que passei em Londres. O nascimento de Dar depois o de Olwen foram um choque. Apesar de minha estupidez, soube me cuidar porque eu não queria ficar doente. Dei um jeito de pagar um bom dinheiro às duas mulheres com regularidade para que cuidassem das crianças, mas logo que estas mostraram sua herança Wherlocke, essas mulheres não quiseram saber mais delas. Levei meus filhos e aquele dinheiro para Penelope.

— Pelo menos, você cuidou do bem-estar deles — disse ela, percebendo que não gostava do tom de voz que ele usara para falar da própria juventude.

— Tentei cuidar, mas não fiquei suficientemente atento para perceber que Penelope estava sendo roubada da maior parte do dinheiro que eu e outros mandávamos que ela cuidasse das crianças, ou para ver que deixar tamanha responsabilidade sobre os ombros de uma garota era muito errado. Isso desde então foi resolvido, porém, nos anos em que continuei a viver minha vida conforme o meu prazer, embora com menos petulância e necessidade de provar ao mundo que eu era homem, perdi meus filhos.

— Não, Argus, você não os perdeu, apenas acabou compartilhando-os.

Ele olhou para ela. — Suponho que seja verdade, mas mesmo assim acredito que isso se deva ao fato de eu ter sido um pai negligente e interessado demais na própria vida. E, por favor, não venha me dizer que eu era jovem, já que isso não é uma boa desculpa. Revelei meu sangue Wherlocke ao tratar meus próprios filhos com negligência.

— Sangue Wherlocke, sem dúvida — murmurou ela, perguntando-se como um em feito e inteligente podia estar tão enganado. —Você era um cavalheiro solteiro, e eles não eram seus herdeiros. A maior parte dos homens os teria esquecido logo ao sair da cama da mãe. Pelo menos, você os salvou do pavor da mãe deles e duas ruas. Eles o amam, então você não pode ter fracassado tanto. Você sempre terá de compartilhá-los, mas não por causa do que fez.

— O que quer dizer? Deixei-os com Penelope, permitindo que uma jovem garota se encarregasse de criá-los.

— E, visivelmente, foi uma boa escolha. Você tem de compartilhá-los ainda mais porque outras crianças se juntaram a eles. Cada uma chegou lá porque havia sido rejeitada pela única pessoa que deveria tê-la amado sem restrições, a mãe. Toda vez que chegava uma nova criança, as que já sabiam exatamente o que ela estava sofrendo a traziam para dentro do rebanho. Este é o laço entre elas, e é isso que o obriga a com seus filhos.

“Pelo visto, muitos adultos de sua família também sofreram, mas duvido que isso tenha sido conversado com os mais jovens. De qualquer modo, as crianças se entendem melhor entre si. Por isso, elas se apoiam umas nas outras, protegendo-se e aliviando mutuamente suas dores.Você poderia ter estado com elas o tempo

todo e mesmo assim duvido que tivesse conseguido suplantar esse laço, uma vez criado. Duvido que ele chegue a ser rompido."

Ele a beijou. —Você tem um jeito maravilhoso de ver o que outros não conseguem, de ver as coisas de forma profunda. Está certa. Eles têm um laço que nada poderá mudar. Vi isso, porém sem me atentar o suficiente. A única menina do grupo que foi protegida e mimada pelas crianças desde o momento em que chegou. Até se opuseram à mãe dela, que, embora quisesse empurrar a coitada para o colo de Penelope, não hesitava em chamá-la de diabo e outros nomes absurdos. Penelope me disse que todos olharam para a mulher e disseram que ela podia ir embora, que daí em diante Jude era deles. Fiquei comovido com a história e orgulhoso das crianças, mas não entendi exatamente o que havia acontecido.

— Eles a reivindicaram.

— É isso mesmo, como os que haviam chegado antes reivindicaram os que lhes seguiram.

Ele passou o braço em volta dela, aliviado por ver que ela não se afastava, não parecia mais tensa. Tudo que ele queria era fazer amor com ela, mas não porque ela acendera seu desejo, sentada ali tão cheirosa. Ele queria ter certeza de que não tinha perdido a paixão que compartilhavam. Cuidadosamente, ele se levantou, pegou as mãos dela, convidando-a a se levantar.

—Você teve razão de ter ficado furiosa — disse ele, dando dois passos para trás em direção ao carvalho. — Eu deveria ter-lhe contado antes que nos tornássemos amantes. Adoro meus filhos, mas, às vezes, olho para eles e vejo o arrogante irresponsável que era, e isso me entristece. Não era algo que eu quisesse que você visse em mim. Agora, quero lhe pedir desculpas de forma apropriada.

Lorelei olhou para o carvalho que surgia atrás deles e meneou a cabeça. — Se estiver me levando para trás dessa árvore, duvido que esteja planejando se desculpar de forma apropriada, seu malandro.

Ele sorriu, levando-a para trás da enorme árvore, que os escondeu imediatamente da vista de quem estivesse na casa. Argus a empurrou gentilmente contra o tronco e beijou. Quando ela passou os braços em torno de seu pescoço, pressionando suas macias curvas contra o corpo dele, sumiu a pontada que ele sentira na barriga desde momento em que a vira com seus filhos. A paixão que ela sentia por ele ainda ardia.

Por uns segundos, Lorelei se perguntou se não estava se entregando facilmente demais, perdoando-o rápido demais, e então decidiu que não. Ele havia lhe explicado como os garotos tinham nascido, até havia compartilhado o nojo que sentira do garoto que ele próprio tinha sido. Nada disso havia comovido a mulher, contudo. E sim o fato de ele ter dito que não queria que ela o visse como o garoto que ele fora naquela época. Ele não queria ser diminuído aos olhos dela, e um homem não se preocupava com essas coisas a menos que a mulher e suas opiniões lhe importassem.

Deixando escapar um suspiro de prazer enquanto ele se aconchegava em seus seios, ela resolveu que estava na hora de perdoá-lo. Isso também lhe permitia começar sua campanha para mostrar-lhe que era amado, amado por tudo que era, e até mesmo por esse homem-criança que já fora. Se Olympia tivesse razão, era isso que Argus queria, e ela pretendia amá-lo tanto que terminaria por deixá-lo ansioso por esse amor.

Lorelei se deleitava no calor do desejo que ele havia despertado nela. Simplesmente recuou, brevemente surpresa, quando as mãos dele deslizaram entre suas coxas para acariciá-la. O

desejo varreu o momentâneo lapso de incômodo diante daquele toque tão íntimo, e logo ela recebeu sua mão de bom grado, acolhendo a paixão isso provocava nela.

— Coloque as pernas em torno do meu quadril, querida — disse Argus enquanto abaixava as calças, não surpreso ao sentir que seus dedos eram desajeitados, já que ele tremia sob a necessidade de estar dentro dela.

— Não vamos nos deitar? — perguntou ela, enquanto fazia o que ele havia pedido.

— Ah, amor, você vai aprender que existem várias maneiras de encontrar o que ambos almejamos.

Quando ambos os corpos se uniram após um rápido movimento, Lorelei viu que ele tinha razão. O último pensamento claro que ela teve, enquanto mergulhava no desejo que compartilhavam, foi para se perguntar quantas maneiras mesmo existiam.

— Acho que eu deveria ir até a casa da guarda e dar um tiro nele — disse o Duque vendo Lorelei entrar furtivamente na casa e desaparecer por uma das portas menos utilizadas.

— Acredito que isso poderia aborrecê-la, Vossa Alteza — disse Max.

— Quando decidi dar um passo para trás e não insistir em assuntos como propriedade e uma corte feita do modo tradicional, eu esperava que isso não fosse acontecer. Você tem alguma dúvida de que ele a tenha arruinado?

— Nem um pouco, embora eu questione o uso da palavra “arruinar”.

Roland se virou e olhou furioso para seu mordomo e melhor amigo. —Você a viu. E não vai querer me dizer que ela não se envolveu em algum tipo de relacionamento muito íntimo.

—De jeito nenhum.

— Eu não quis impedi-la de vê-lo. Foi ele que acendeu aquele brilho em seus olhos. Talvez tenha sido um erro.

— Brilho,Vossa Alteza?

— Brilho, luz, faísca — disse o duque, agitando a mão no ar. — Vida. Lorelei tem vinte e três anos e já foi cortejada por homens muito interessantes, mesmo assim desta vez houve aquela luz, aquele interesse que faz com que os olhos brilhem. A primeira vez que eu a ouvi dizer o nome dele, vi aquele brilho. Pelo menos, minha filha havia encontrado o homem certo, aquele que fizera com que ela se sentisse viva.

— E, obviamente, ele está fazendo um ótimo trabalho.

— Max! Ela se tornou amante dele. Posso apostar nisso.

— E eu seria louco de apostar o contrário, porque iria perder.

— Ele deveria me pedir a mão dela em casamento.

— Deveria, mas vai demorar um pouco até que isso aconteça. O homem acredita que o que ele é pode arruinar qualquer casamento que quiser firmar. Lady Olympia me confiou isso alguns dias depois de ter chegado e visto para que lado o vento estava indo. Até recentemente, ele nunca testemunhou nada nos casamentos de sua família senão desgraça. Acha que se trata de uma maldição dos Wherlocke. E também dos Vaughn, se eu entendi bem. Lorelei precisa mudar a cabeça dele.

O Duque franziu a testa. — Houve casamentos infelizes na família dele?

— Muitos, nos quais esposas abandonaram maridos e maridos abandonaram esposas, ninguém levando os filhos consigo nem se preocupando com eles. Se estudarmos cuidadosamente as informações que temos sobre eles, é o que encontraremos. Os dons que têm são transmitidos aos filhos, e isso parece ser o ponto de ruptura de todos os casamentos.

— É triste, mas o que isso tem a ver com o fato de ele se casar com Lorelei?

— O senhor está a fim de se casar de novo depois da experiência que teve com sua última esposa?

— Deus me livre, não. Então, o que devo fazer? Fico sentado aqui até que ela me entregue um neto sem pai?

— Não. Ele vai entender antes que isso aconteça. Eu os observei, Vossa Alteza. O homem talvez não o admita, mas está apaixonado. Ele pode tentar ir embora, mas vai voltar.

— Espero que esteja certo, Max, porque eu realmente não quero ter de atirar nele. Provocaria uma grande confusão, Lorelei iria chorar, e gosto bastante do homem, mesmo que esteja seduzindo minha filha.



Capítulo 14

— PAPAI, AXEL E WOLFGANG QUEREM NOS LEVAR PARA PESCAR COM ELES.

Argus olhou para seus filhos e então pela janela do salão que dominava a entrada da casa da guarda. O duque, seis de seus filhos e o taciturno Mr. Pendleton estavam esperando fora. Seus filhos haviam chegado a Sundunmoor apenas três dias antes e tinham sido aceitos pelo grupo. Argus não sabia bem o que fazer com isso, porém não podia negar que os garotos participassem da pescaria.

— Podem ir então — disse ele —, mas tomem cuidado. Não retribuam a gentileza do Duque com travessuras e mau comportamento.

—Vou com eles — disse Stefan, seguindo os rapazes.

Argus olhou o grupo ir embora. Stefan ia atrás com o duque, obviamente envolvido em uma profunda conversa com o homem. Ele lembrou o que Darius disse a respeito da aura do duque. O rapaz havia declarado que ela dava vontade de sorrir e Argus não tinha como contestar isso. Apesar de todas as suas excentricidades, o Duque realmente era um homem bom, que se preocupava com o bem-estar de sua gente e amava seu pequeno exército de filhos, tanto os seus próprios como aqueles que havia acolhido.

Ele cruzou os braços sobre o peito e franziu o cenho. Pelo que Lorelei lhe tinha dito, dois dos três casamentos do Duque não haviam sido bem-sucedidos, mas, mesmo assim, o homem era feliz com a vida que levava. Argus não pôde deixar de se perguntar se chegaria a aprender algumas lições com isso, e então meneou a cabeça. Os Sundun não tinham de lidar com a maldição que assombrava os Wherlocke e os Vaughn. Os filhos do Duque nunca iriam lhe dizer que havia um fantasma sentado à mesa ou fazer com que o padre levasse suas conversas sobre diabos e danação de volta a igreja e nunca mais aparecesse por ali, nem mesmo olharam para o pai e perguntaram por que sua esposa havia feito amor com um homem que não era seu marido no salão. Hoje em dia, Olympia tendia a achar graça em tudo isso, mas ele sabia que o verdadeiro ódio que sua mãe sentira contra ela naquele dia ainda conseguia se manifestar para atormentar sua mente.

E por que o fato de relembrar toda essa desgraça fazia com que ele quisesse sair para encontrar Lorelei? — ele se perguntou. A resposta veio logo. Ela o acalmava, aliviava as antigas feridas, fazendo-o pensar, mesmo que por alguns instantes, que ele seria capaz de levar uma vida normal com uma esposa amada e filhos. Era uma pena que ela fosse filha de um duque, ainda mais um Duque tão rico. Ele não era um bom partido para qualquer mulher que fosse, e certamente não para aquela que podia escolher quem quisesse para se casar. A simples ideia de imaginar Lorelei com outro homem lhe dava um nó na barriga. Ele realmente precisava tomar uma decisão sobre o que fazer com relação a ela, além de despi-la, pensou ironicamente.

—Ah, você está aqui.

Argus olhou para Leopold, mas a satisfação que sentiu ao ser distraído de seus pensamentos imediatamente desapareceu diante da séria expressão de Leopold. — Há algum problema?

Leopold lhe entregou uma carta. A medida que Argus lia o que seu primo Andras Vaughn havia escrito, sentia o sangue gelar. Outros membros da família estavam sendo vigiados e seguidos. Alguém já havia tentado sequestrar Andras na rua, bem em frente à sua casa.

— Então, embora aquele que me perseguiu ainda esteja rondando por aí, quem começou tudo isso agora está tentando pegar outra pessoa. Havíamos considerado a possibilidade, mas eu esperava, do fundo do coração, que os fatos provassem o contrário.

— Eu também. — Leopold deu uma olhada na segunda carta que tinha em mãos. — Por outro lado, recebemos boas notícias. Agora, minha gente acredita saber quem esta por trás disso. O homem está sendo vigiado com muito zelo.

Argus não tinha certeza de que a notícia fosse tão boa, já que Leopold olhava para carta como se ela mencionasse que quem a tocasse fosse pegar varíola. — Alguém que conheço?

— Sir Sydney Chuffington.

— Aquele desgraçado! Agora entendo por que fui tão facilmente enganado. É o homem ao qual pedi que verificasse se eu podia confiar em Cornick. — Por uns instantes, Argus se sentiu o último dos tolos, até perceber que não tinha tido como descobrir a verdade, já que tudo o que fizera tinha sido pedir ao homem de confiança do governo que fizesse o que ele sabia fazer melhor, ou seja, descobrir informações sobre alguém.

— E suponho que o que ele lhe mostrou deve parecer bem documentado. — Chuffington sempre foi bom com documentação.

— O que não entendo é por que ele precisava fazer isso.

— Pelo poder. Ele é próximo o suficiente da nata e de todos os seus segredos para saber quais são nossos dons e para que servem. Ele quer dominar tudo isso. Ou, pelo que você nos contou, ele deve achar que pode pegar esses dons de nós para usá-los e obter poder que almeja. Quem sabe, talvez dinheiro e mulheres também. Como eu lhe contei, ele está sendo vigiado de perto. Não vai ser um problema por muito mais tempo. E, finalmente, talvez tenhamos descoberto quem é Charles Cornick.

— Não me diga que o Duque já fracassou em descobrir informações sobre alguma família deste país.

Leopold sorriu. — Ah, não. Os livros e documentos do homem são um verdadeiro tesouro, agora que recebi a permissão de fuçar onde eu quiser. Em nome do rei e do país, sabe como é?

— Quem sabe um dia você finalmente encontra a chave do tesouro. Então, o que descobriu sobre Cornick?

— Na verdade, seu Charles Cornick pode ser William Charles Cornick Wendall.

— Bem, não estou surpreso por não o termos encontrado. Estávamos usando o nome errado. Tem relação com o louco que deixa sua linda casa de campo se deteriorar enquanto esgota suas terras e explora os camponeses?

— Irmão do homem. Cornick faz o papel de intendente de seu irmão e também é auxiliar de escrivão no escritório de Chuffington, embora tenha tido de se afastar do cargo por causa de um suposto parente doente. Pelo que sabemos, o Wendall que é verdadeiro dono da propriedade não está sabendo nada do que aconteceu, ou do seu irmão está aprontando. O tolo confia no irmão, gabando-se de ter sido escolhido por Deus para levar a Bíblia aos

pobres pecadores deste mundo. Atualmente, e pelos últimos meses, ele está na África. Suponho que pregando.

— Pelo jeito, todo esse problema logo deve acabar — disse Argus com satisfação de modo que não entendia por que algo parecia lhe apertar o coração.

— Sim, e então você poderá dizer adeus à linda Lorelei e voltar correndo para sua vida que sempre teve. Vazia.

Argus se assustou diante do tom de raiva da voz de Leo. — Não sou uma boa escolha para Lorelei.

— Ela discorda totalmente ou do contrário não viria todas as noites às escondida para encontrá-lo no jardim.

—Você esteve nos espiando?

—Tenho visto vocês, nada mais. Visto os encontros — disse Leopold, dando de ombros e sorrindo. — Aliás, não pude ver mais do que isso, já que sempre estão escondidos daquele maldito e enorme carvalho. — De repente, voltou a ficar sério. — Não ia dizer nada, mas já que não tenho nenhuma vocação para a santidade, dane-se, ela é uma ótima mulher e você a está usando de maneira muito mesquinha. Ela tem um grande coração e você obviamente compartilha com ela uma paixão tão ardente quanto uma brasa. E, a menos que já tenha esquecido, ela salvou sua maldita vida!

— Sei — disse Argus, com voz calma, sentido um nó de culpa lhe apertar o mago. — Mas não sou bom o suficiente para ela.

— Bobagem. Só porque você é cavaleiro e ela, filha de duque? Você realmente acredita que o pai dela se importa? Claro que não, e você sabe muito bem. Nem pobre você é, então isso não pode ser o motivo. Nem ela está incomodada com nossos dons.

— Com os nossos não, mas uma mulher muda quando o filho demonstra ter algum, especialmente um dos mais poderosos.

Leopold meneou a cabeça. — Argus, você tem de esquecer o passado. Será que os recentes casamentos que presenciamos não lhe provaram que não deveríamos nos apegar a antigas histórias? Talvez sejamos nós que devamos romper esse trágico círculo de amargura e filhos rejeitados, nós é que podemos aprender com os erros de nossos antepassados. Greville já tem filho, o qual mostra sinais de que irá se tornar um dos maiores curandeiros de nosso clã em gerações, mas o homem não conseguiu sentir mais que amor pelo garoto, nem Alethea, sua esposa. Radmoor se encarregou de onze crianças ao se casar-se com Penelope. Onze. E ele está aprendendo o possível para ajudar seus próprios filhos e os filhos que Penelope trouxe, à medida que eles vão crescendo. É a mesma coisa com Colinsmoor e nossa pequena Chloe.

— Ainda é cedo — disse Argus.

Leopold o interrompeu, batendo as mãos. —Você pode bater em mim se quiser, mas não vai me impedir de falar. Santo Deus, Argus, eu daria tudo que tenho para encontrar uma mulher como Lorelei Sundun. Linda, inteligente, corajosa, que gosta de crianças e de sua família, não mostra medo do que podemos fazer, e, obviamente, está apaixonada. Ela está arriscando tudo o que tem de importante em uma mulher de sua classe social para ficar com você. E, se eu tivesse uma mulher que me olhasse como ela para você, seria um homem feliz. Se você for inteligente, vai cortar as amarras do passado e correr, o mais rápido que puder, em busca do vigário mais próximo. — Leopold saiu às pressas do salão, antes que Argus pudesse responder, ou bater nele.

Argus não conseguia entender por que seu primo havia ficado tão furioso. Sempre não conseguia entender por que o primo

estava sozinho por escolha própria, já que, como dizia, não era nenhum santo, embora também não fosse nenhum cafajeste. Agora, perguntava-se se Leopold queria a mesma coisa que ele, uma vida normal com uma esposa amorosa e filhos, embora não tivesse sido capaz de encontrar uma mulher que o aceitasse do jeito que era. Na verdade, a capacidade de Leopold de perceber mentiras e meias verdades era algo difícil de lidar, mas ele tinha outros atributos que, em geral, as mulheres procuravam maridos.

Argus passou a mão pelo cabelo. Estava sendo assediado por sua família, criticado por seu comportamento e pela maneira como tratava Lorelei, e repreendido pela forma de como encarava o casamento. Até Olympia, que havia sofrido tanto quanto ele, rejeitava a opinião segundo a qual ele apenas machucaria Lorelei caso se casasse com ela.

Foi até a janela e olhou às cegas na direção que o Duque havia seguido com as crianças. De novo, pensou no quanto o homem havia sofrido com dois casamentos ruins e mesmo assim ainda curtia a vida. Ele tivera momentos de felicidade com a mãe de Lorelei, e a amargura que deveria ter brotado nele com seu último casamento não existia. Além disso, o coitado havia entrado nessa roubada quando ainda era criança.

Embora o Duque não sofresse da maldição de todos os Wherlocke e Vaughn, aqueles estranhos dons que amedrontavam as pessoas, ele era um tanto excêntrico e claramente preferia a vida do campo à da cidade, o que, aparentemente, havia sido um ponto de discórdia com duas de suas esposas. Ele também amava seus filhos, que não apresentavam mágoas pela perda da mãe. Era algo em que pensar, que talvez pudesse ter uma boa vida com Lorelei como todos sugeriam, igual àquela que o Duque tinha levado com sua

segunda esposa, tendo superado os casamentos ruins que haviam ocorrido antes e depois.

Mas ainda sentia calafrios ao imaginar Lorelei se afastar dele. Ele quase riu, já que esse pensamento lhe revelou que era passadista. Não era mais sua esposa que ia embora, porém Lorelei. Não era mais uma mulher sem rosto assustado por seu próprio filhos, mas Lorelei. Seus parentes não entendiam, mas não haviam visto seu pai derrubado, chorando com o coração partido porque a esposa o tinha traído. Não haviam visto pai se transformando, de homem sorridente e afável, em um recluso amargo que não tinha mais interesse em nada, senão esperar a morte.

O mais estranho era que ele não imaginava poder se salvar se a deixasse. Ele sabia que se sentiria tão mal quanto seu pai quando tivesse derrotado seu inimigo e deixado Sundunmoor. Se não permitisse que a vaidade confundisse seus pensamentos impedindo-o de ver o que ele queria ver, teria de reconhecer que Lorelei se importava profundamente com ele. A questão não era mais saber se ele podia se arriscar a apostar em um casamento que no final pudesse torná-los infelizes, mas se ele podia deixá-la sem pelo menos dar-se a chance de ter um casamento bem-sucedido.

O som de passos descendo a escada o tirou de seus pensamentos, e ele se precipitou até a porta do salão. Levantando os olhos, viu Olympia descendo às pressas, a saia levantada até os joelhos. Leopold e Iago apareceram, alertado assim como ele pelo barulho.

— Olympia, o que está acontecendo? — perguntou ele, enquanto ela entrava saguão e o contornava tão rápido quanto podia.

— As crianças. Algo está ameaçando as crianças. A que distância fica esse maldito charco?

— Perto daqui — disse Argus, verificando se ainda carregava sua pistola enquanto a seguia para fora da casa.

Ele pôde ouvir que Leopold e Iago os estavam seguindo. Enquanto corriam estábulo, Wynn e Todd se juntaram a eles. Ninguém fez perguntas. Todd e Wynn simplesmente seguiam como robustos e bem treinados guardas que eram, e os outros sabiam que era inútil pedir a Olympia que lhes contasse mais. Ela não era uma verdadeira vidente, simplesmente conseguia captar um vislumbre de algumas coisas. Apesar de seus limites, nunca se enganara, e Argus lutou contra o medo que sentia pelas crianças, todas elas, mas principalmente por seus filhos. Seu instinto lhe dizia que eram eles que corriam o maior perigo.

Roland sentou-se à beira do charço, com a vara de pescar na mão, alegrando-se o sol da tarde que esquentava seu rosto. De vez em quando, dava uma olhada nas crianças que estavam ao seu lado e ao lado de Mr. Pendleton, notando distraído que todos pareciam felizes, menos o próprio Mr. Pendleton. Era um lindo dia de daqueles que requerem que as pessoas saiam de casa e se divirtam. Mr.Pendleton não era do tipo que gostava da natureza.

Depois de passar a noite preocupado, o Duque havia decidido apenas observar, permanecer calado, e deixar que sua filha e Wherlocke se entendessem. Embora tivesse tido dois casamentos terríveis e ainda curtisse sua vida, sabia que não tinha mesmos problemas que Wherlocke e seus familiares. Nem todo mundo era racional, capaz de refletir e não se entregar ao medo e à superstição. Bastava o homem abrir os olhos para ver que Lorelei fazia parte das pessoas que realmente pensam. Era insultante que ele considerasse Lorelei capaz de abandonar o homem com o qual ia se casar,

especialmente sendo por amor, e de deixar seu filho, mas ele podia entender o medo quando olhava para o histórico dos casamentos de sua família.

Isso também o ajudara a entender o homem quando pensara nos seus próprios dois casamentos ruins. Na verdade, o primeiro tinha sido pior, já que ele era jovem demais, virgem assim como sua esposa, e sua primeira experiência da paixão, um sentido unilateral infelizmente, havia feito com que ele fosse enfeitiçado pela noiva. Ela mostrara aversão à família e assim permanecera até morrer. Havia ficado tão horrorizada com a gravidez que nunca perdoara os filhos e nem ele por ter sido obrigada a passar tamanho suplício. Também o considerara um tolo, já que ele não usava seu título para obter vantagens, não exercitava seu poder sobre todos, e tratava intendentes os empregados como gente. Ele ainda acreditava que seu maior pecado havia sido pedir a demissão de Max porque, a ser ver, o homem se comportava com se tivesse mais deveres que aqueles que seu cargo de fato lhe dava.

Sua terceira esposa havia esperado que ele se tornasse um londrino. Primeiro, ele a acalmara, indo até a terrível cidade para que ela pudesse exibir seu título diante de todos e gastar o suficiente para vestir toda a cidade. Mesmo assim, ela havia se queixado muito. Sobre suas roupas, seus livros, os outros filhos, os filhos que tivera de parir para ele, e assim por diante, até o dia em que ele parou de ouvi-la. A única coisa da qual ela obviamente gostava era a cama, a ponto de querer experimentá-la com outros. Os últimos fracos laços do casamento se rasgaram quando ela exigiu que fossem para Londres e ele recusou. Claro, antes disso, ele dissera uma série de coisas sobre sua moral e suas maneiras perdulárias, porém foi principalmente o fato de ele ter se recusado a ir a Londres ou até mesmo a financiar lhe a viagem que a fez partir.

Uma coisa que ele aprendera com isso havia sido que, embora tivesse sido difícil para as crianças, elas haviam sobrevivido porque tinham a ele e a Max. Eles haviam sido uma âncora na vida das crianças. Roland estava se perguntando se poderia compartilhar alguns de seus pensamentos com Sir Argus quando Olwen, pálido, apareceu de repente ao seu lado, olhando-o fixamente.

— Precisamos ir embora — disse o garoto.

O Duque pôs a vara de pescar de lado e pegou as mãos do garoto. Aquelas pequenas mãos estavam geladas. Quando ele olhou nos olhos de Olwen, viu que o olhar dele estava desfocado, vendo algo que ninguém mais podia ver. Roland não pôde reprimir totalmente um arrepio de excitação, já que sabia estar presenciando um dos dons que todos os Wherlocke e Vaughn tinham.

— Por quê, Olwen? — perguntou ele. — Por que devemos ir embora agora mesmo?

— O perigo vem vindo. — Os olhos de Olwen ficaram mais claros e ele olhou para Duque com ar de preocupação. — Onde está Darius?

Olhando ao seu redor, o Duque percebeu que o garoto havia desaparecido de vista enquanto ele estava perdido nos seus pensamentos. Deu uma olhada para Mr. Pendleton e viu que o homem estava conversando sobre o curso da água do charco, que era alimentado por uma fonte, com os gêmeos Axel e Wolfgang. Todos estavam atarefados e ninguém ainda havia percebido que Darius tinha sumido.

— Pendleton! — gritou ele, ao mesmo tempo em que se levantava. — Darius Desapareceu. — Ao seu favor, o instrutor se levantou depressa, olhando ao redor. — Stefan você faz ideia de onde o garoto pode ter ido?

Stefan se levantou e passou a mão no cabelo. — Ele estava falando sobre castanhas e sementes há uns minutos.

O Duque olhou em direção à floresta que envolvia cerca de um terço do charco.

— Alguém viu Darius se afastar? — Ele franziu o cenho quando apenas um garoto mais jovem, apontou para a floresta, o que não ajudava a não ser para confirmar as suspeitas de Stefan. — Quero que todos vocês fiquem perto de mim, Pendleton e Stefan vamos procurar Darius.

Haviam dado apenas alguns passos entre as árvores quando ouviram um grito agudo ecoar em torno deles, O Duque fez um rápido sinal de mão para que Pendleton ficasse com as crianças, sacou a arma que carregava desde o dia em que Lady Olympia fora atacada, e partiu em direção ao som. De soslaio, podia ver Stefan andando ao lado, com uma grande faca na mão. O garoto olhou para ele e levantou uma sobrancelha de maneira muito adulta.

— Não sei atirar — disse ele, quase sussurrando.

— E sabe como usar isso? — perguntou o Duque no mesmo tom.

Stefan apenas sorriu de um jeito que, segundo Roland, faria qualquer canalha tremer da cabeça aos pés. Ele voltou sua atenção à tarefa de descobrir onde estava. Então se ouviu uma litania de xingamentos, muitos dos quais o Duque nunca tinha ouvido. Eram proferidos por uma voz adulta e outra de criança.

O Duque parou ao ver um cavalo e Stefan manteve-se atrás dele. Então se aproximou até finalmente ver Darius. O garoto estava sendo carregado nos braços de um homem forte, que estava prestes a chegar ao seu cavalo para ir embora com o menino. Darius estava lutando furiosamente, porém usando xingamentos que apenas

serviam para pôr à prova a calma do homem. O que deixava o Duque mais incomodado era que ele não conseguia focar no alvo para poder atirar.

Decidiu então partir para o assalto frontal, levantando-se de repente e aparece no campo de visão do homem, com Stefan ao seu lado. Percebeu que o jovem havia escondido a faca no seu flanco. O Duque então se deu conta de que Stefan talvez tenha vivido em algum lugar que não fosse tão tranquilo quanto Radmoor. Ele tinha prática que parecia ter sido adquirida em algum bairro violento de Londres.

— Ponha o garoto no chão — disse o duque. — Eu gostaria de não ter de atirar em você. — A maneira irônica que o homem brevemente o olhou parecia um insulto, e o Duque se sentiu tomado pela raiva, fato raro nele. — Não vou pedir outra vez.

— Se você atirar em mim, corre o risco de atingir o garoto — disse o homem, com carregado sotaque londrino. — Acho que deveria pensar nisso.

— O que estou pensando é que você está sequestrando uma criança sob minha responsabilidade e não posso permitir que isso aconteça. Vejo que, por algum motivo você me acha engraçado, mas permita-me assegurar-lhe que os duques de Sundun sempre foram exímios atiradores.

— Se você for mesmo o duque, então esse moleque não é nada para você. É um desses Wherlocke.

— Pode ser, mas ainda assim está sob meus cuidados. Agora, sugiro que o ponha no chão.

O homem agarrou tão firmemente o garoto com um só braço que Darius mal podia respirar, e então mirou o Duque com sua pistola. — Nunca matei um duque.

Ele ficou tenso, e Roland aproveitou para dar urna olhada rápida ao redor e ver o motivo. Seu coração quase parou quando viu seus filhos e Olwen cercando a área em volta o homem e de sua montaria. Pendleton também estava lá, pálido e suando, porém firme.

— O que foi que fez, duque? Trouxe toda a creche? — zombou o homem, colocando a arma contra a cabeça de Darius. — Você quer que eles me vejam atirar na cabeça do garoto? Do contrário, acho melhor mandá-los embora.

O Duque sentiu Stefan se posicionando por trás dele como se estivesse se escondendo de medo, e então o rapaz sussurrou: — Vou dar um jeito de ele apontar a arma para mim. O senhor acha que consegue ser rápido e preciso o suficiente para atirar e matar o desgraçado, ou atirar na mão dele?

O Duque confirmou com a cabeça, não podendo protestar, já que o homem o observava de perto. Não queria que o rapaz arriscasse sua vida, e não somente porque a mente mais viva com a qual Roland se deparara havia muito tempo. Dezesseis anos era muito pouco para morrer de uma bala no coração.

— Agora — sussurrou Stefan, emergindo de trás do duque, prestes a lançar sua faca.

O homem que segurava Darius imediatamente girou a pistola, apontando-a em direção de Stefan. Rezando silenciosamente para que tudo desse certo, o Duque apontou a arma para o punho do homem e atirou. O gritou que rachou o ar o fez se contrair. O homem deixou escapar a arma, mas a bala ricocheteou, pulando no ar. Darius caiu chão no mesmo momento em que o homem, segurando o próprio punho, que sangrava abundantemente, tentava fugir. Seu rosto, deformado por uma careta de dor e fúria, fazia com

que ele parecesse tudo menos humano, então ele começou a correr. No instante em que virou as costas, Stefan lançou sua faca, que se cravou entre os ombros do homem, causando outro grito, capaz de afugentar os pássaros da floresta.

— Ele está fugindo — disse Darius, precipitando-se atrás do homem.

Todas as crianças seguiram Darius, e Roland praguejou. Com Pendleton e Stefan ao seu lado, o Duque correu atrás do jovem exército que se espalhava pela floresta. Seu conforto era que agora o homem não tinha mais arma, nem força para segurar coisa alguma.

—Tiros! — gritou Olympia, virando-se ligeiramente em direção ao som.

—Você fica aqui — ordenou Argus. — Não tem arma, e não sabemos o que vamos enfrentar. Se alguém aparecer no meio dessas árvores, você se esconde.

Ele não esperou para ver se ela obedecia, precipitando-se em direção ao som dos tiros, com os outros homens logo atrás dele. Então, ouviram o som de várias pessoas correndo na direção deles, vaias e gritos de crianças, e um homem praguejando em voz baixa e grave. Argus levantou a mão e parou; seus parentes e os homens de Leopold formaram praticamente uma linha com ele. Quando o homem surgiu da floresta, ele levantou sua pistola, mas, antes que pudesse atirar, o homem caiu de joelhos e ficou ofegando por uns segundos antes de cair de cara no chão. Saindo de repente da floresta apareceram Darius, Olwen e meia dúzia de outras crianças. Mr. Pendleton, cambaleando até parar, pôs as mãos sobre os joelhos, tentando recuperar o fôlego, enquanto o Duque e Stefan apareciam. O Duque ainda segurava a pistola, que, segundo Argus, não devia

estar vazia. Ele reconheceu a grande faca espetada nas costas do homem que caiu no chão como sendo a de Stefan.

— Olympia! — gritou ele, sem se surpreender ao vê-la aparecer rapidamente, já que supunha que, mesmo sem interferir, ela ia ficar por perto. — Por favor, escolte Mr. Pendleton e os filhos do Duque de volta para a casa. Todd vai acompanhá-la.

— Talvez seja melhor se seus filhos também forem — disse calmamente o Duque enquanto olhava para o homem no chão. —Já que, embora eu não tenha certeza, é bem provável que logo tenhamos de lidar com um morto.

— Darius e Olwen passaram os primeiros anos de vida em uma parte não tão chique de Londres, Nossa Alteza — disse Argus. —Temo que a visão da morte não seja nenhuma novidade para eles. — Ele se aproximou de Stefan, que havia retirado a faca das costas do homem de maneira que Leopold pudesse virar o corpo. — Este é Jones — disse antes de perguntar a Stefan: — Ele tem alguma chance?

Stefan meneou a cabeça. — Foi mortal. A faca atravessou poucas coisas importantes, mas o tiro que o Duque lhe deu abriu seu punho, por onde acabou perdendo muito sangue. Esse fluxo, saindo continuamente, ainda aumentou enquanto ele corria.

Argus se agachou ao lado do homem, cujos olhos abertos tremiam. — Olá, Jones.

— Desgraçado — disse Jones. — Eu sabia que você ia dar problema desde a primeira vez que o vi.

— Onde estão Cornick e Tucker?

— Não vou entregá-los, então pare de me fazer gastar o pouco tempo que me resta.

— Sendo assim, responda a esta pergunta: quem dá ordens a Cornick e está bancando essa caça aos Wherlocke? Você sabe o nome dele?

— Chuff alguma coisa. Cornick costuma chamá-lo de Chuffy. — Ele olhou Stefan. —Bom arremesso, rapaz. Aposto que já passou um tempo na minha cidade. E o Duque conseguiu me enganar. Fui pego por dois malditos idiotas.

Argus ficou surpreso ao ver o homem morrer tão rápida e calmamente. Levantou-se, praguejando em voz baixa. Não havia tido tempo de fazê-lo falar e obrigá-lo a contar onde Cornick e Tucker estavam. A única coisa boa era que agora precisavam se preocupar apenas com dois homens. O fato de Cornick e esses dois homens serem os únicos a persegui-lo mostrava a Argus que Chuffy não estava enviando nenhuma outra ajuda.

— Ele não lhe deu muita informação, não é? — disse o duque. — Eu devia ter mirado a pistola, mas pensei que atirar no punho dele seria melhor.

— E deu certo. Infelizmente, ele sangrou até morrer — disse Argus. — Mas ainda é um a menos para nos preocupar. E quero lhe agradecer por ter protegido meus filhos.

— Foi Darius que o homem pegou — disse o duque. — Olwen nos alertou, conseguimos chegar antes que o homem pudesse pôr o garoto sobre o cavalo. Tenho a horrível impressão de que o homem observou por um bom tempo nossas idas e vindas esperando uma oportunidade para obter algo que pudesse usar contra você. Ele deve ter pensado que Deus o estava ajudando quando o jovem Darius resolveu fazer um passeio.

— Agora, se me permitir, acredito que eu deva falar com meus filhos sobre uma de coisas relacionadas a esse incidente, como,

por exemplo, não querer prestar socorro, quando o único lugar que você consegue alcançar de seu inimigo são os joelhos.— Ele sorriu levemente quando os homens riram e então afagou a cabeça de Darius e Olwen. — Espero agora que entendam que o perigo sobre o qual seu pai lhes falou é realmente sério. —Ambos os rapazes acenaram com a cabeça, e o Duque se virou para Stefan. — Parabéns, senhor. E talvez logo possamos fazer uma caminhada e conversar sobre a maneira pelo qual conseguiu saber tão facilmente que o homem estava morrendo.

Depois que o Duque foi embora, Argus olhou uma última vez para o corpo de Jones e então a Stefan. — Corrija-me se eu estiver errado, mas acho que foi o tiro do Duque que de fato matou o homem.

— Certamente, e de forma muito rápida — respondeu Stefan, contando então sucintamente para Argus o que havia acontecido. — Os filhos do Duque não gostam que ele se exponha a perigos. Ele é o ímã deles.

— O coitado deve ter achado que ia ter um ataque cardíaco. — Argus meneou a cabeça. Agora precisamos levar esse corpo para algum lugar.

—Vou buscar o cavalo dele — disse Stefan.

Na hora em que chegaram à casa da guarda, Max já estava lá, esperando. Ele e dois jovens pegaram o corpo, declarando com certa amabilidade que o duque, o magistrado da área, cuidaria do caso. Argus considerou que o fato de ter um Duque por perto podia ser muito útil, e então foi procurar algo para beber. Passou os braços em volta dos ombros de seus dois filhos enquanto entravam juntos na casa, percebendo que havia ficado muito perto de perder um deles. Demoraria muito antes que ele esquecesse isso. Bastou-lhe olhar

rapidamente o rosto de seus familiares para saber que a decisão acabara de tomar não seria contestada.

Cornick precisava morrer.



Capítulo 15

LORELEI FRANZIU A TESTA DIANTE DO RECADO QUE O FILHO CAÇULA DO padeiro lhe havia entregado. Apesar de seu conhecimento de ervas e bálsamos, não era com frequência que as pessoas a chamavam para que ela tratasse de doenças. Desde que um médico havia chegado à aldeia, os talentos curativos da senhora do castelo não eram tão procurados. Contudo, o padeiro dizia que não conseguira encontrar o médico e que as queimaduras de seu filho primogênito eram muito graves. Em um dia normal, ela teria ido colher o que precisava antes de se precipitar a ajudar, mas não se tratava de um dia normal. Os guardas estavam por todo lado, como se sua família tivesse sido sitiada, o que era verdade de certa forma, embora ela não soubesse exatamente o que Cornick e o único escudeiro que lhe restava pudessem fazer. No entanto, embora o ataque contra as crianças três dias antes tivesse acabado com a derrota de um dos homens de Cornick, seu pai havia ficado inconformado com isso. O Duque estivera com seus filhos e os de Argus. Além disso, ainda enxergava Stefan como uma criança, embora essa criança o tivesse ajudado a lutar contra o homem arremessando uma faca nas costas de Jones. Agora ele exigia que todos eles ficassem dentro de casa, sob um dispositivo de segurança, até que Cornick e seu capanga fossem pegos. Lorelei estava um

tanto surpresa de que seu pai não estivesse rondando a casa, de pistola na mão. Nunca o vira tão furioso.

Mesmo assim, o padeiro fazia parte das pessoas de Sundunmoor. Ela não podia ignorar o pedido de ajuda. Por um instante hesitou, pensando que deveria se pentear, já que seu cabelo estava simplesmente trançado, descendo sobre os ombros, mas meneou a cabeça. Não tinha tempo para vaidade. Lorelei colocou o recado em um bolso escondido de seu vestido e foi buscar os suprimentos dos quais precisava para tratar queimaduras. E levaria consigo um guarda bem robusto, armado, para ter certeza de que estaria protegida na aldeia.

Ficou surpresa ao ver Wynn se oferecer para ser seu guarda. Depois de ter deixado o recado do padeiro, acompanhado de outro escrito por ela, sobre a mesa de trabalho de seu pai, encontrou Wynn, que estava esperando por ela na porta da casa. — Espero que não se incomode de andar — disse ela, enquanto se dirigia para a aldeia com passo rápido.

— Gosto mais de andar do que de montar a cavalo, milady — disse ele, com tom arrastado.

Era um lindo dia, quente, porém nem tanto, e ensolarado. Eles haviam sido abençoados com tempo delicioso, embora os fazendeiros estivessem começando a reclamar da falta de chuva para as safras. Lorelei pensou que teria de aguentar um sermão de seu pai por querer sair de casa, talvez outro de Argus quando fosse encontrá-lo à noite. Ela esperava que o filho do padeiro não estivesse machucado demais, já que se tratava de um ferimento muito doloroso, daqueles que podiam deixar cicatrizes e até mutilar uma pessoa.

Seus pensamentos se dirigiram para Argus, como faziam com muita frequência. Embora o romance dos dois continuasse, ele ainda não havia se declarado para ela. Lorelei estava cada vez mais apavorada com a ideia de que pudesse perder a partida. Ela não tinha nenhum dos dons dos membros da família de Argus, mas tinha certeza de que essa briga com Cornick logo chegaria a seu desfecho. Mesmo assim, Argus não lhe dava nenhum sinal de que fosse ficar com ela ou de que quisesse que ela ficasse com ele. Isso doía, e aquela dor era cada vez mais difícil de esconder.

Ela fizera o melhor que podia para tentar acalmar os receios que, segundo Olympia, amarguravam Argus. Lorelei tentara lhe mostrar quanto o amava. Até havia sussurrado essas palavras enquanto eles faziam amor, mas ele nunca havia se manifestado ou respondido mesmo sentido. Outra ferida a tratar, mas ainda assim ela aguentava.

Era mais difícil lhe mostrar que ela nunca o deixaria, nunca o abandonaria ou aos filhos que tivessem. A única coisa que ela tinha sido capaz de fazer era lhe mostrar o quanto amava sua família e aceitava os filhos dele. O ciúme que tivera ao descobrir a existência dos garotos havia desaparecido, ou quase. Ainda sentia um pouco de ciúme quando temia nunca ter filhos dele, já que ele não ficaria para gerá-los. Mas isso também ela conseguia aguentar.

— Sou uma tola — murmurou.

— Não, milady — disse Wynn. — É o outro que é. Lorde Starkly teve uma conversa com ele outro dia, mas achou que ele não considerou nada do que lhe foi dito.

Santos Deus, pensou ela, então todo mundo sabia o que estava acontecendo entre ela e Argus? — Hum, sim, bem... Às vezes,

uma pessoa precisa levar uma pancada na cabeça antes de aceitar mudar uma opinião errada e forjada há muito tempo.

— E verdade. Eu não ficaria surpreso se um dos outros logo tentasse fazer isso. Era desagradável ver que até Wynn sabia perfeitamente o que estava acontecendo, ela não conseguiu deixar de rir. Talvez fosse exatamente disso que precisava. Por tudo o que Olympia lhe contara, não havia quase nenhum Wherlocke ou Vaughn que não tivesse sofrido por causa de parentes presos a um casamento fracassado ou que não tivesse sido abandonado pelo parente que não tinha o sangue do clã. Esses problemas deixavam profundas cicatrizes. Se outros que também haviam sofrido fossem falar com Argus, incentivando-o a superar seus medos, isso poderia ajudar sua causa. Ela estava decidida a recorrer a toda ajuda que pudesse obter.

— Ah, aqui está a padaria — disse, aproximando-se da porta.

Wynn se pôs diante dela, entrando primeiro e dando uma olhada ao redor antes de deixá-la entrar. Lorelei se perguntou quais perigos Leopold corria no seu trabalho junto ao governo para ter guardas tão bem treinados. Ao entrar na loja, ela rapidamente se perguntou o que podia ter acontecido com o filho caçula do padeiro, mas pensou em outra coisa. Então sentiu um calafrio correr por seu corpo ao se deparar com o rosto pálido do padeiro. Ele também parecia nervoso. Lorelei temeu que as queimaduras do filho fossem mesmo graves.

— Nenhuma notícia do médico, Mestre Padeiro? — perguntou ela, aproximando-se dele.

— Não. Nenhuma notícia do homem.

O olhar do padeiro não parava em lugar nenhum, deixando Lorelei um pouco enjoada. Nunca vira esse homem robusto e bem-

humorado tão nervoso e abo isso fez com que ela se sentisse incomodada, mas conseguiu se controlar. O filho estava muito ferido, e todo mundo na aldeia sabia que o padeiro amava e tinha orgulho de seus filhos, assim como todo pai.

— Mostre-me o garoto, então, Mestre Padeiro, e vou ver o que posso fazer

Um barulho estranho saiu da garganta do homem ao mesmo tempo em que ela ouviu algo pesado bater no chão. Virou-se e viu Wynn ajoelhado, com uma faca plantada nas costas. Lorelei fez um movimento para ajudá-lo enquanto ele caía lentamente, contra o chão, mas uma mão em seu braço a obrigou a parar. Ela se virou para ver o que era e seu coração disparou tanto que ela teve de pôr a mão sobre o peito. Um homem que ela suspeitava fortemente ser Charles Cornick estava ao seu lado, segurando-a firmemente pelo braço a ponto de machucá-la, e olhando-a com tanta satisfação e arrogância que Lorelei sentiu as palmas de suas mãos formigarem de tanto querer esbofeteá-lo.

— Pegaram seu filho, Mestre Padeiro? — perguntou ela, vendo lágrimas brotarem nos olhos do homem.

— Os dois e minha mulher.

Ela lhe afagou o braço. —Vai dar tudo certo.

— Para ele sim, mas não para você.

Lorelei ignorou Cornick. — Papai entende que é necessário proteger os filhos.

— Que lindo. Agora, você vem comigo — disse Cornick, puxando-a pelo braço.

Ela se abraçou, lutando contra o homem. —Acho que não. Você vai querer me usar como arma contra Sir Argus.

— Deixe-me fazer com que você mude de ideia. Olhe ali e me diga não de novo.

Ele acenou com a cabeça na direção onde Wynn tinha caído.

Ela olhou e praguejou em voz alta. De soslaio, viu a expressão chocada do padeiro e meneou a cabeça. Ele esperava que ela fosse educada, talvez desmaiasse delicadamente. A cena diante dela poderia ter levado até um padre a praguejar. Um homem feio e sujo estava agachado ao lado de Wynn, segurando contra a garganta do rapaz a faca que antes estivera nas suas costas.

— Quanta coragem — disse ela, sorrindo desdenhosamente. — Usar crianças e mulheres para obrigar meu padeiro a me trair e agora ameaçar a vida de um homem ferido e inconsciente.

— Dane-se, foi sua gente que matou Jones — disse o homem da faca.

— Peço-lhe desculpas, mas ele estava tentando sequestrar uma das crianças, achamos que não era o momento apropriado para conversar diante de uma xícara de chá.

— É melhor você parar, sua vadia.

— Ou o quê? Vai me matar? Tudo isso já foi planejado, não é? E vocês esperam que vá ajudá-los a trazer outra pessoa para sua armadilha? Não vou, não.

—Você não precisa fazer nada — disse Cornick. —A única coisa que precisa é ser a isca.

Ela abriu a boca para gritar, mas ele conseguiu calá-la antes que ela pudesse responder. Lorelei tentou lutar para se soltar, mas ele segurou suas mãos nas costas e a única que ela conseguiu fazer foi lhe chutar as pernas, em vão. Em resposta, ele a esbofeteou no

rosto, fazendo com que ela quase caísse no chão, mas Cornick a manteve de pé, segurando-a firmemente.

— Escute-me, mulher — assobiou ele no ouvido de Lorelei. — Estou desesperado e não é muito sábio querer cutucar um homem desesperado com vara curta. Você sabe o que se diz a respeito de animais encurralados, não sabe? Então, sinto-me muito encurralado agora.

— Senhor — chamou o padeiro, com voz tremendo de medo. — E a filha do duque. Ele vai ficar muito zangado se algo acontecer com ela.

— Ele tem uma casa cheia de malditas crianças — respondeu Cornick, rispidamente. — Com certeza, vão se passar dias antes que ele perceba que uma está faltando.

— Ele vai saber, e mais cedo do que você pensa. Ele conhece todos os seus filhos, e os demais que estão morando lá, e quase todo mundo, na aldeia e em suas terras. E quando ele não se lembra de algo, seu mordomo Max se lembra por ele. E ele vai querer se vingar quando souber que você pegou sua menina.

Lorelei viu que Cornick e seu capanga trocavam sorrisos de desdém e entendeu que eles não acreditavam em uma palavra sequer do aviso do padeiro. Era interessante perceber como as pessoas conheciam bem o duque, pensou ela. Precisava se lembrar de contar isso a seu pai. Recusava-se até a considerar a possibilidade de nunca se libertar desse homem.

—Você — disse Cornick ao padeiro —, espere uma hora antes de contar àquele desgraçado do Wherlocke que um de seus homens está aqui e ferido. Uma hora inteira, e não pense que não saberemos se você não fizer exatamente o que mandamos. A

punição em caso de desobediência será executada contra sua graciosa esposa.

Ela sutilmente meneou a cabeça, porém não teve certeza de que o pobre padeiro entendia o que ela tentava lhe dizer. Ele não sabia que Cornick e seu capanga Tucker eram os únicos homens a ameaçá-lo, e que, no minuto em que fugissem a cavalo, o padeiro poderia fazer o que quisesse. Olhando rapidamente para Wynn, ela viu que suas sobrancelhas estavam tremendo levemente e suspeitou que ele não estivesse tão ferido quanto Cornick acreditava.

— Talvez seja melhor amarrar esse tolo como fizemos com a esposa e os moleques — disse Tucker.

— Pode ser uma boa ideia — concordou Cornick —, mas seja rápido. As pessoas vão começar a achar estranho se ele mantiver a loja fechada, mas puderem vê-lo dentro. Amarre-o atrás do balcão — acrescentou ele, enquanto Tucker obrigava o homem a se virar, atando-lhe os punhos e os tornozelos.

Lorelei se enrijeceu quando Tucker jogou o homem no chão, dando-lhe chutes com indiferente crueldade. Então ele amordaçou o padeiro, que ainda protestava. Não poderia ajudar Wynn nem sua família se estivesse amarrado. Isso seria o suficiente para que conseguissem a hora que queriam, uma hora para ficar longe Argus e de qualquer perseguição. Ninguém iria arrombar a porta da padaria, e as pessoas passariam muito tempo conversando sobre o que fazer e por que a loja do padeiro estava fechada. Cornick com certeza achava que isso seria suficiente.

Enquanto ele a arrastava pela saída do fundo da loja, ela rezou para que ai fosse quem fosse, encontrasse o homem. Já que Tucker dissera que eles também haviam atado toda a família do padeiro, ela rezou para que a esposa do homem tivesse muitas

amigas que quisessem visitá-la para jogar conversar fora, amigas que soubessem que a mulher devia estar em casa e alertassem alguém. Ela precisava que alguém fosse alertado sobre o que estava acontecendo, de maneira que o resgate fosse planejado, porque tinha certeza de que, mesmo que Cornick obtivesse o que queria, ela ia morrer.

— Onde está meu pai? Preciso ver meu pai — exigiu Olwen, precipitando-se na casa do duque.

Max agarrou o garoto desesperado pelos ombros no exato momento em que entrava correndo na casa, atrás de seu irmão. Ele viu que Darius parecia quase tão frenético quanto Olwen. Pegando o rapaz pelo braço, Max os segurou onde estavam.

— Respirem profundamente e me digam por que precisam ver Sir Argus imediatamente — disse Max.

— Ele precisa ir até a aldeia — disse Olwen, ofegando levemente enquanto te se acalmar. — Sua amada está correndo perigo na aldeia.

— Lady Lorelei está aqui — disse Max.

Olwen meneou a cabeça. — Não, ela está na aldeia e está correndo perigo.

Argus se precipitou para fora do salão, onde ele e os demais membros da família estavam conversando sobre o que podia ser feito para prender Cornick. O homem parecia ter mandado seus capangas sequestrarem pessoas de um jeito que parecia totalmente não planejado, e mesmo assim não podia ser encontrado. Até Bened tinha dificuldade para seguir o rastro do homem e de seu cúmplice remanescente. Agora, podia ouvir que algo estava aborrecendo Olwen e temia que tivesse sido outra tentativa de sequestrar alguém

de sua família. Percebeu que sua família e o Duque o estavam seguindo, mas sua atenção estava totalmente focada em Olwen.

— Olwen — disse ele, e, assim que Max o soltou, o menino correu para os braços Argus, colidindo nele com tanta força e velocidade que Argus se espantou. — O que é ? O que o está incomodando?

— Sua amada está na aldeia e corre perigo — respondeu Olwen. — Eu vi. Precisa ir até lá e trazê-la de volta.

Argus franziu o cenho. — Lady Lorelei não pretende ir até a aldeia.

— Por que você não quer me escutar? — gritou Olwen. — Ela está na aldeia e precisa de ajuda. Assim como o homem do pão.

— O padeiro — disse Max, aparecendo diante deles.

Argus nem tinha notado que o homem havia saído, mas, obviamente, ele tinha ido para algum lugar e agora segurava dois pequenos pedaços de papel. Ele os pegou das mãos do mordomo, lendo-os antes de entregá-los ao duque, sentido um nó de medo apertar seu estômago. O padeiro, que obviamente era o homem do pão de Olwen, havia chamado Lorelei até a aldeia com o motivo que seu filho havia se queimado gravemente e que ninguém conseguia achar o médico.

— Acho melhor irmos até lá e ver se o garoto tem mesmo um bom motivo para ficar desse jeito — disse o duque, seguindo Argus para fora da casa.

Dando ordem aos garotos para que ficassem com Max, Argus se precipitou atrás do duque, que já estava a meio caminho dos estábulos. Iago, Leopold, Stefan e Bened o seguiam com certa dificuldade. Ele demorou uns instantes antes de perceber que Wynn

não estava com os cavalos, nem conversando como de costume com os empregados do estábulo. — Acho que Wynn foi com ela — disse ele, enquanto os empregados encilhavam cinco cavalos. — Assim, ela deve estar bem protegida.

— Então a encontraremos a salvo e ela pode ficar aborrecida de ver que viemos correndo atrás dela e interrompemos sua medicação. — O Duque franziu a testa. — O fato do recado mencionar que o médico não está por lá me preocupa. Ele quase sempre está presente, e aqueles que moram fora da aldeia costumam ir até ele em vez de esperar que venha visitá-los. Mas é possível que ele esteja cuidando de algum parto complicado. Mable Sears estava prestes a dar à luz, mas nunca teve problema antes, com nenhum de seus onze filhos.

Argus não tinha o que responder, então deu de ombros. Contudo, era um sinal de que as coisas não estavam indo bem. Um instante depois, eles cavalgavam em direção aldeia. Podiam ter ido a pé, mas ele sabia que talvez precisassem de cavalos. Era melhor tê-los à mão em vez de perder tempo e voltar para pegá-los.

Quando pararam em frente à padaria, Argus soube que havia algo errado, que Olwen não tinha sido confundido pelo que vira. Era quase meio-dia e a padaria estava trancada. Havia uma pequena multidão agrupada diante da loja, tentando ver através das janelas. Afastaram-se rapidamente quando o Duque se aproximou.

Na hora em que o Duque começou a perguntar se alguém havia visto algo, surgiu na pequena mulher rechonchuda, que vinha de trás da loja. — Não consigo nenhuma resposta de Millie — gritou ela. — Íamos ver os novos tecidos no mercado e ela não está respondendo quando bato à porta. E parece que seus filhos também não estão lá, embora eles sempre estejam por aí.

O Duque olhou para a porta da loja e então para Bened, o maior do grupo Wherlocke. — Sei que é possível arrombar uma porta, mas nunca aprendi a fazer isso.

— Permita-me — disse Bened, avançando em direção à porta, flexionando os braços pra o prazer das senhoras presentes, antes de dar um forte chute na porta.

No momento em que a porta agora arrombada se abriu, o Duque se precipitou pra dentro da loja. Argus ia segui-lo, mas parou ao lado de Bened. — Estranho. Você fez toda aquela ginástica com os braços e então usou o pé — disse ele.

Bened se contentou em sorrir e piscar o olho antes de entrar na loja. Então praguejou, precipitando-se para Wynn, que estava resmungando e se esforçando para tentar se levantar. A traseira de seu casaco estava escurecida com sangue. Já que Wynn estava vivo, e Bened cuidando dele, Argus se precipitou para onde o Duque havia se agachando atrás do balcão. O Duque estava desamarrando o homem, e Argus soube antes mesmo que o padeiro pudesse falar que Cornick havia sequestrado Lorelei.

— Eles a pegaram, Nossa Alteza — disse o padeiro, enquanto o Duque o ajuda se levantar. — Peço perdão, Nossa Alteza, mas pegaram minha esposa e meus filhos dizendo que iam cortar a garganta deles se eu não fizesse o que mandavam. O eu podia fazer? Nem sei se pouparam a vida de minha mulher e de meus filhos.

— Estão vivos — disse Leopold. — Iago e eu os soltamos, e a amiga de sua esposa está com eles.

O homem acenou com a cabeça e então enxugou as lágrimas no rosto antes olhar para Wynn. — Ele está vivo, não é? Pude ouvi-lo gemer, mas eu...

— Calma, Mestre Padeiro — disse o duque, dando tapinhas no braço do homem. — Sua esposa e seus filhos estão vivos, nosso Wynn está vivo, e vamos recuperar minha filha viva. Você fez o que precisava fazer. Precisava salvar seus filhos. Entendo isso.

— Ela disse que Nossa Alteza entenderia — disse ele. — Agora preciso ir vê-los.

— Claro. Cuide de si. Agora vamos cuidar do assunto.

O Duque olhou para os homens que se precipitavam até o findo da loja e virou-se para Argus. — Precisamos nos livrar desse Cornick. Ele ataca meus convidados, meus filhos, e agora minha gente. E então rouba minha Lolly. Não, esse homem deve sair de minhas terras, seja de um jeito ou de outro. — Ele respirou profundamente. —Wynn precisa de cuidados, e acredito que logo vamos receber uma mensagem com proposta de resgate.

Argus observou o Duque enquanto este abria um caminho no meio da multidão cada vez maior, tranquilizando todos. Ele sabia que o homem não estava tão calmo quanto parecia. Vira os olhos de Roland e a promessa de que Cornick e de quem estivesse ajudando iam pagar muito caro por terem raptado sua filha. O doce e excêntrico Duque de Sundunmoor estava furioso, extremamente furioso. Argus se sentia do mesmo jeito. Ele não se achava capaz de parar e reconfortar os inquietos moradores aldeia, como o Duque estava fazendo. A única coisa que tinha em mente naquele mento era uma necessidade cega de encontrar Cornick e espanca-lo até a morte.

Ele ainda encontrou a força necessária para permanecer um instante ao lado de Bened, que, na soleira da porta, observava o comboio voltando lentamente para a residência do Duque. — Encontrou um jeito de transportar Wynn?

— Foram os moradores que ofereceram — respondeu Bened. —Todos eles agora vêem o Wynn como sendo um dos homens do Duque, e no momento em que percebei que estava ferido, vários homens se apressaram em encontrar uma carroça para ele. Eles amam o duque. Acho que sei o motivo. Aquele homem está fulminando e, mesmo assim faz questão que todos saibam que tudo vai ficar bem, aceita de bom grado ouvir as preocupações dos tolos como dos sábios, e não faz o que ele realmente gostaria de fazer.

— E o que é?

— A mesma coisa que acho que você quer fazer, ou seja, pegar um cavalo e ir de Cornick para cortá-lo em tirinhas. Esse Duque afável, que todos acham tão excêntrico e perdido nos seus livros, agora tem a mente focada em um único objetivo, a sua filha de volta e ver este Cornick morto.

— A meu ver, esse plano é muito bom.

— Pode ser, mas espero que o nosso amigo duque, tão inteligente, saiba usar essa demonstração de troca de cortesias e conversa jogada fora para se acalmar e clarear suas ideias. Uma vez isso feito, todos nós pensaremos em um plano para lhe dar o que ele quer: a cabeça de Cornick em uma bandeja.

— É exatamente o que ele está fazendo — disse Leopold, juntando-se a eles. —Vocês viram com que fúria ele saiu daqui, mas agora ele está mais ameno. — Ele olhou para Argus — A família do padeiro está bem. Totalmente apavorados, porém ilesos, exceto por algumas contusões.

— Ele entregou Lorelei a eles — disse Argus, sabendo que o homem não tivera outra escolha, mas mesmo assim furioso pelo fato de o padeiro ter feito isso.

— Cornick conhecia sua fraqueza: sua família. Ele deve ter conversado com pessoas por aqui que lhe disseram que o padeiro adorava sua pequena família. O que me preocupa é como Cornick soube disso. Ele ou um de seus capangas deve ter vigiado de perto os moradores da aldeia, procurando fraquezas, daquelas que podiam levá-los a fazer exatamente o que eles queriam.

— Disfarçados? — perguntou Argus.

— É possível. Ele trabalhou em um departamento que lhe dava acesso a vários tipos de disfarces, os quais costumavam ser usados por aqueles que iam atrás de informações.

— Que inferno, talvez tenhamos cruzado com ele ou com um de seus homens na rua.

— Com ele. Seus homens são brutamontes altos e de pescoço largo, facilmente identificáveis.

Seus companheiros concordaram com a cabeça, e Argus se dirigiu para seu cavalo. Ele não aguentava mais ficar ali conversando, ainda mais no exato lugar em que Lorelei havia sido raptada. Argus estava surpreso de que, no momento em que soubera o que havia acontecido, o Duque não tenha atirado nele. Cornick estava aqui por sua causa, e Lorelei também estava correndo perigo por causa dele.

Ao chegar à residência do duque, encontrou Darius e Olwen sentados sobre os degraus da grande escada de pedra. Ambos pareceram esperançosos por um momento e então observaram seu rosto. Por um instante, Argus achou que Olwen ia chorar e se perguntou por que seu filho havia ficado tão apegado a Lorelei. Desmontou do cavalo, sentou-se entre eles e abraçou os dois meninos.

— Foi tarde demais — murmurou Olwen.

— Seu aviso nos deu mais tempo para planejarmos como tê-la de volta — disse Argus.

— Isso quer dizer que este homem, Cornick, está com ela? — perguntou Darius.

—Temo que sim. — Temor não era uma palavra suficientemente forte para traduzir as emoções que ele sentia naquele momento, pensou Argus. — O Duque acredita que logo teremos notícias, que ela foi raptada porque Cornick quer algo de nós em troca.

— É você que ele quer — disse Darius.

— Bem, ele não pode tê-lo — disse Olwen.

— Não tenho certeza de saber o que ele quer agora, meninos — disse Argus, sem comentar o quanto essa incerteza o incomodava. — Mas não se esqueçam de que, sem essa mulher, eu não estaria sentado aqui. Ela me salvou, tirando-me da prisão onde Cornick me mantinha, cuidou de minhas feridas e me protegeu, escondendo-me até que eu tivesse recuperado forças. É minha obrigação fazer tudo que estiver ao meu alcance para ter certeza de que ela volte a seu pai salva e ilesa, na medida do possível.

— E você também, pai, precisa ficar ileso — disse Olwen. — Precisamos que você volte são e salvo.

— Esse é meu plano, Olwen. Aí está o Duque.

— E Olympia e Stefan também.

O Duque chegou primeiro à escada, e Olwen se levantou para ficar diante dele.

— Estou desolado, Vossa Alteza — disse ele. — Demorei demais para avisar.

— Você fez seu melhor, rapaz — disse o Duque —, e é somente o que um homem pode fazer.

Argus observou Olwen se endireitar um pouco mais e acenar com a cabeça. Por isso, ele poderia ter beijado o Duque, mas suspeitava que a única coisa que obteria ao se aproximar do homem seria um soco na cara. E isso era o mínimo que ele merecia.

Olympia e Stefan foram enviados para cuidar de Wynn. Argus disse calmamente aos seus filhos que fossem ver as crianças Sundun, e então seguiu o Duque para dentro da residência. Darius e Olwen foram silenciosamente até o quarto das crianças, que estavam abarrotados de brinquedos para todas as idades. Max estava esperando, e, ao ver a expressão no rosto do Duque, afagou seu ombro, levando-o até a biblioteca. Argus ficou um pouco surpreso quando a porta foi fechada antes que ele pudesse entrar, porém deu de ombros e foi esperar sentado no salão. Demoraria um pouco antes que Cornick mandasse um recado para dizer o que queria em troca de Lorelei, mas Argus duvidava que tivessem de esperar muito tempo. Mesmo assim, essa espera ia pesar.

Roland afundou-se na cadeira, olhando para suas mãos. — Pegaram minha Lolly. Max. Pegaram minha linda garotinha. Não vou aguentar isso.

Max lhe deu um cálice de conhaque. — Beba. O senhor não vai ajudá-la entregando-se à melancolia. Ela precisa que o senhor esteja forte e esperto.

—Você acha que eles vão machucá-la? — perguntou o Duque depois de tomar longo gole da bebida.

— Não sei, mas acho que não. Ele nos fez andar em círculos por um bom tem É alguém bastante esperto. E isso deve levá-lo a pensar que seu grande plano só terá êxito se ela permaneça ilesa.

Sem ela, ele não tem nada para trocar nem escudo para se proteger enquanto fugir, e nada que possa impedir o senhor de caçá-lo como a um cão sarnento.

— E você também — disse o duque, sorrindo levemente para Max. — Se eu fosse ele eu já me preocuparia com o que você vai fazer quando achá-lo.

— É verdade. Ou Sir Argus.

— Não precisa me olhar desse jeito. Não vou atirar no homem, embora isso tenha atravessado minha cabeça por um momento. Estávamos tranquilos e seguros antes de ele chegar.

— Sim, mas havia tempo demais que não acontecia nada. E ele não fez nada contra o homem que justificasse essa perseguição: não teve dívidas de jogo, nem seduziu esposas, é apenas um homem que pode enganar a mente das pessoas fazendo com elas obedeçam às suas ordens. Claro, isso não funciona conosco porque somos muito determinados. — Ele cruzou os braços sobre o peito. — Está pronto para enfrentar todos agora?

Roland se levantou e acenou com a cabeça. — E você, não sente vontade nenhuma de pelo menos esbofetear Sir Argus?

— Muita, mas controlei minha ira, que, de qualquer modo, não deve ser dirigida contra ele. Quando sinto vontade de dar um soco nele, lembro-me de que foi sua filha que o trouxe para cá. Ele só queria procurar alguns parentes.

O Duque meneou a cabeça. — E, em vez disso, foram seus parentes que vieram até aqui. Bem, vamos encontrar os outros e rezar para que Cornick não nos faça esperar muito tempo.



Capítulo 16

— DISSERAM QUE VÃO SOLTÁ-LA SE VOCÊ SE ENTREGAR A ELES, SIR ARGUS.

Argus olhou para o Duque, mas não conseguiu ler a expressão do homem. O cavalheiro facilmente distraído que conhecera não existia mais. Toda a afabilidade havia desaparecido dos olhos do homem. Hoje, quem estava diante dele era o conde de Sundunmoor.

— Então é isso mesmo que farei — disse ele, e não apenas para agradar ao Duque cuja filha agora estava correndo perigo por causa dele. Voltaria de bom grado para as terríveis mãos de Cornick se pudesse salvar Lorelei, mas não achava que isso fosse simples assim.

— Falando como pai que sou e que está sofrendo, quero lhe dizer que monte seu cavalo e faça exatamente o que esse homem quer. Como pai, quero culpá-lo pelo perigo que minha filha está enfrentando agora.

— E o senhor tem toda a razão. Esses homens são meus inimigos... — Ele se calou quando o Duque levantou sua mão elegante, de longos dedos.

— Não. Isso estaria errado. Uma vez de novo com minha filha, como homem eu me sentiria envergonhado por ter trocado tão facilmente uma vida por outra. Você não pediu que Lorelei fosse ajudá-lo. Apenas solicitou que ela enviasse cartas à sua família e só. Ela se envolveu nessa situação por vontade própria. Da mesma forma, foi à aldeia por vontade própria. Sim, ela levou o guarda consigo, mas mesmo assim foi muito perigoso. Afinal de contas, esses homens haviam tentado sequestrar Darius quanto ele estava comigo e mais dez pessoas, ainda que a maioria não fosse mais do que garotos. E acho que, no momento em que ela foi atrás de você para libertá-lo, pôs-se sozinha na trilha do perigo.

"É muito nobre de sua parte querer tomar o lugar dela, mas acredito que seria um sacrifício inútil. Agora ela sabe demais. Representa uma ameaça para ele. Não acredito que ele queira libertá-la. Só a está usando para se proteger e se manter seguro, e vai se livrar dela. Precisamos montar um plano de resgate que possa proteger tanto ela quanto nós, e temos uma hora para isso, já que vamos demorar aproximadamente esse tempo para chegar ao ponto de encontro que ele escolheu. No entanto, temos algo a nosso favor."

— E o que pode ser? Eles têm sua filha. Isso não é um trunfo?

— Sim, em vários aspectos, mas acredito que o desespero tenha destruído grande arte da astúcia que eles haviam mostrado.

— De fato — disse Leopold. — Com um detalhe, acabaram por revelar-nos onde se esconderam, pela escolha do ponto de encontro.

— Na parte mais a oeste de minhas terras. Uma área árida. Estão na casa do lenhador. — Ele suspirou. —Temo que o pobre velho James esteja morto. Do contrário, ele teria vindo aqui para me contar sobre esse perigo há muito tempo. Mas é um lugar cercado

por árvores, de forma que os homens podem se aproximar muito antes de serem vistos. Um erro da parte deles, pelo qual quero que paguem muito caro.

— Também nos deram um prazo para elaborar um plano — disse Leopold. — Acham que nos deram apenas uma hora, mas não souberam avaliar quanta atenção chamaria na loja fechada em um horário em que normalmente deveria estar aberta. E não sabiam nada a respeito de Olwen. Isso nos deu tempo, e agora acabaram de nos dar um pouco mais. Temos gente aqui acostumada com a região e que pode tornar a viagem a casa do lenhador um pouco mais rápida do que eles imaginam. E também há uma coisa que Cornick ignora. Chuffington foi preso. Cornick não vai ganhar nada com a loucura.

— Talvez seja melhor ele continuar ignorando isso — disse Argus. — Do contrário, poderia ficar desesperado.

— É verdade, embora eu ache que ele já está desesperado. Contudo, vamos nos lembrar disso, e talvez possamos usá-lo quando formos negociar com ele. Quanto a estar desesperado? Como eu já disse, acredito que esteja. O ataque contra Olympia, a tentativa de sequestro de Darius quando havia tantas pessoas junto do garoto? — Leopold meneou a cabeça. — Precipitação, ações perigosas. Sem verdadeiro planejamento. De certo modo, Cornick está tentando achar uma saída da armadilha em que ele mesmo se meteu. Ele deve saber que o fato de silenciá-lo não será mais suficiente em si, porque sabe que estamos aqui, que você já nos contou tudo. Pode ser louco o suficiente para ditar que Chuffington ainda possa ajudá-lo, porém qualquer um pensaria de forma diferente. Afinal, ele trabalhou para o homem durante anos, e Chuffington nunca foi conhecido por sua bondade.

— É verdade — concordou Argus. — Lembro-me de pelo menos uma vez em que hesitou e calculou tanto que acabou pondo seu homem em perigo, a ponto de deixá-lo morrer.

— Ah, acredito que isso tenha ocorrido mais de uma vez, e talvez não tenha sido hesitação, porém uma maneira bem calculada de se livrar de alguém que o eclipsava ou tinha mais poder.

— O homem deveria ter sido demitido do cargo quando as primeiras suspeitas foram levantadas — disse o Duque. — Pelo menos deveria ter sido transferido para uma posição que suas ações não pudessem ter consequência nenhuma sobre a vida das pessoas.

— Isso deveria ter acontecido, porém seu tio é bastante poderoso e o manteve no cargo — respondeu Leopold, dando de ombros. —Temo que haja muitas pessoas no governo que conseguiram trabalho graças à influência de parentes. Em geral, não passam de incapazes. Exasperantes, mas inofensivos, se ninguém for suficientemente louco para deixá-los ter acesso a algum segredo. Chuffington era perigoso.

—Venham dar uma olhada no mapa que preparei — disse o Duque, levando-os até uma grande mesa. — Precisamos planejar nossa aproximação do lugar.

O mapa era enorme e muito bem desenhado. Cada subida e descida de terreno e cada casa eram claramente mostradas. A cada canto havia sido colocada uma pedra colorida. Presentes das crianças, pensou Argus.

— Comecei a desenhar as várias partes das minhas terras quando não tinha mais do que dezesseis anos. Max, meu herdeiro Theodore e eu íamos para uma parte da propriedade e então eu desenhava cuidadosamente cada detalhe desse pedaço de terra Demorei cerca de dez anos. Então entreguei todos os meus esboços

para um artista e aqui está o resultado. — Ele mostrou uma pequena casa de campo. — Isso é novo. Lorelei desenha os novos acréscimos toda vez que pode. Logo vou ter de pedir que seja refeito, já que parece que adicionamos vários novos locatários e casas. — Ele apontou o desenho de outra pequena casa muito rudimentar. — E aqui que James morava. As árvores podem ter caído por causa de uma ou duas tempestades desde que o mapa feito, mas as coisas continuam quase idênticas à maneira que foram representadas.

Leopold estudou o mapa durante vários minutos. — Estou surpreso de que tenham resolvido ficar ali. Vai ser muito fácil nos aproximarmos sem sermos vistos.

— Acredito que eles simplesmente tenham julgado que era um lugar distante apenas com um ocupante — disse Argus.

Iago concordou com a cabeça. — Conveniência e não estratégia.

— Se entendessem de estratégia, a conveniência nunca teria sido um problema já que o homem teria visto como é fácil um inimigo se aproximar do lugar. Quem de nós é o melhor atirador à distância? — perguntou o Duque, com olhar ainda fixo no mapa, mas, antes que alguém pudesse responder, eles foram interrompidos.

— Podemos entrar? — perguntou Olympia da porta, com Stefan vindo atrás dela.

— Claro, milady — disse o Duque, pegando a mão da mulher para conduzi-la até a mesa. — Parece estar muito melhor de que há pouco tempo.

— Comida e bebida — respondeu Stefan. — Felizmente, a ferida de Wynn, embora séria, era simples. Agora, ele logo vai se recuperar.

O Duque meneou a cabeça. — Precisamos mesmo conversar sobre seus incríveis dons qualquer dia desses, mas, por agora, diga-me apenas se é tão bom assim no manuseio da faca.

Enquanto Stefan corava, gaguejando uma resposta humilde, Argus disse: — Não existe ninguém melhor. Ele tem um olho que lhe permite lançar a faca para onde quiser. Por algum motivo, esse talento simplesmente some quando ele usa uma espingarda. — Sorriu carinhosamente para Stefan.

— Existem objeções para que ele nos acompanhe nessa aventura?

— Nenhuma.

— O que posso fazer para ajudar?

— Fique aqui com as crianças — respondeu o Duque, olhando de novo para o mapa.

Os olhos de Olympia se arregalaram, e Argus percebeu que nenhum de seus primos, nem ele, conseguiu esconder um arrepio. Olympia não gostava de ser relegada às tarefas femininas. Não deixava de executá-las, mas não gostava de receber esse tipo de ordem de um homem. Ele deu uma olhada para o Duque e viu um vislumbre de sorriso no canto da boca do homem.

— Sei atirar com espingarda — disse ela.

— Eu preferiria que não praticasse nas crianças.

Olympia cruzou os braços sobre o peito, e Argus estava prestes a lembrar-lhe que estava diante de um Duque, quando o Duque olhou para ela e qualquer sinal de gracejo havia desaparecido de seu rosto. — Lady Olympia, se eu pudesse ir ao encontro desses homens e conseguisse resolver isso sozinho, eu o faria. Não quero pôr ninguém em perigo, já que vi como esse rapaz

manuseia a faca e enfrentou aquele brutamontes que tentava sequestrar Darius, sei que ele tem instintos de soldado, e poderíamos precisar do silêncio de sua arma. Contudo, não vou obrigar uma mulher a ir para o campo de batalha.

— Mas...

— Sou o Duque e pretendo fazer uso do meu título. Vai ficar aqui e cuidar da segurança das crianças. Entre você, Max e as criadas, acredito que possam dar conta de todo um exército.

Argus viu que Olympia queria responder, mas ela percebeu algo nos olhos do homem que a fez ficar calada. Contudo, sentou-se, determinada a ouvir os planos que elaboravam. Argus fugazmente se perguntou se um dia poderia aprender aquele olhar. Infelizmente, ele não podia brincar de ser o Duque sem ter o poder do Duque.

— Agora, quem é o melhor atirador à distância? — perguntou de novo o duque.

— Iago, com certeza — respondeu Leopold. — E Bened — acrescentou, acenando para o homem —, ele também é muito bom. Quase tão bom quanto Iago.

— Então precisamos armá-los com espingardas.

Por algum tempo, o Duque e Leopold conversaram sobre várias maneiras de se aproximarem da casa do lenhador. Argus juntou-se a eles uma ou outra vez, mas o Duque demonstrava ser tão bom estrategista quanto Leopold. Finalmente, serviu-se de uma bebida e foi se sentar ao lado de Iago, observando os dois homens falarem à vontade sobre o melhor caminho para chegar à casa.

— Você sabe que não há motivo para se sentir culpado — disse Iago, sorrindo quando Argus o olhou com ar carrancudo. — Até o pai dela disse isso.

— Isso ajuda, porém só um pouco. Cornick raptou Lorelei para me pegar.

— Ele talvez a tenha sequestrado porque sabia que você ia fazer o possível para resgatar a filha de um Duque.

— Não, acho que, de algum modo, ele soube que ela é importante para mim. O que não entendo é por que ele ainda está atrás de mim. Não sou mais o único a conhecer a identidade e o que ele fez. Por que simplesmente não tenta sair do país?

— Porque ele não tem dinheiro — disse o Duque. — Quando você for tomar o lugar de Lorelei, deverá levar dez mil libras com você. Uma ninharia em troca da vida de minha filha, mas esse homem, apesar de todo o esquema de vigilância que montou, parece saber muito pouco a meu respeito.

— Dez mil libras? — disse Olympia, meneando a cabeça. — O senhor tem essa quantia em dinheiro vivo?

— Ah, sim, já que devo pagar os salários de todos, comprar suprimentos, e pretendia comprar um lindo presente para o neto que minha filha mais velha acaba de parir. Estava pensando em colocar um pouco de dinheiro na parte superior da bola que vamos levar para Cornick e outra coisa embaixo, mas com certeza ele vai descobrir desse truque, e assim corremos o risco de aumentar o perigo.

— Dinheiro? Tudo isso por causa de dinheiro?

— Acredito que esse tenha sido o único interesse de Cornick desde o começo. Embora, assim que as coisas começaram a dar

errado, ele talvez tenha sentido a necessidade de fazer com que Sir Argus pagasse por tudo isso.

Leopold concordou com a cabeça. — Sem dúvida, Chuffington lhe ofereceu dinheiro para pegar Argus. Cornick agora sabe que não vai conseguir mais essa quantia. No entanto, ele precisa disso para sair do país e se esconder. — Olhou para o Duque. — E, obviamente, ele quer se esconder com alguns recursos.

— Ele poderia ter pensando nisso somente depois — disse o Duque. — É melhor finalizarmos nossos planos. Até certo ponto, temos certeza de que o homem não mandou ninguém nos vigiar. Apenas lhe resta um homem, e ele vai querer mantê-lo por perto.

— Sim — disse Argus. — Cornick deve saber que precisa de alguém para proteger sua retaguarda se quiser sair disso vivo. Sabe que ninguém estará seguro se ele se machucar.

— Não, nunca. E esse foi seu maior erro. Ele não me observou o suficiente ou do contrário saberia que não existe um lugar nesse mundo em que possa se sentir seguro se machucar minha filha.

O Duque havia falado calmamente, com apenas um leve tom de raiva por trás palavras, mas Argus sabia que se tratava de uma promessa.



Lorelei reteve um gemido ao abrir os olhos lentamente. Sua tentativa de escapar quando eles estavam indo embora da aldeia havia sido recompensada por um violento soco, e ela devia ter ficado inconsciente. Sua cabeça estava doendo tanto que a coisa que

ela queria fazer era enroscar-se e chorar. Seu rosto latejava, e ela tinha certeza de estar tão contundida quanto Olympia uns dias atrás.

Bastou-lhe dar uma olhada ao redor para saber onde estava. Era a casa que pertencia ao velho James, o lenhador. Ela reconheceu a lareira quase tão larga quanto a sala em si, com o velho tapete de pele de veado na frente. Ela não vinha até ali com seu pai havia anos, mas ainda podia se lembrar do Duque zombando do velho homem por ter posto no chão a prova de um crime passível de força. Depois disso, ela soubera que o velho James não havia matado o animal, apenas fizera bom uso de um animal que encontrara já morto. Se ela lembrava corretamente, seu pai e o velho James haviam concordado que uma matilha devia ter atacado o veado, que, embora tivesse escapado morrera por causa de seus ferimentos.

Contudo, ela se lembrava nitidamente de ter se sentado no chão, contado as marcas de mordida visíveis na pele e chorado por causa do sofrimento pelo qual o animal passara. O velho James, apesar dos protestos de seu pai, havia cortado parte dos chifres do animal para decorar a parede acima da grande lareira. Enquanto ele e seu pai conversavam, o velho James havia feito um colar para ela, usando uma tira de couro enegrecido, passando-o em volta de seu pescoço quando ela e seu pai estavam prestes a ir embora.

Com sua rouca voz de camponês, James lhe dissera para sempre lembrar-se de que os animais também sofrem, conhecem a dor e o medo, mas sempre lutam para se levantar e seguir em frente, como havia feito o veado ferido. Uma lição bastante dura para uma criança, mas ela ainda tinha aquele colar rudimentar e, toda vez que o via entre suas joias, lembrava-se da lição sobre lutar, cair, levantar-se e ir adiante.

Sentiu seus olhos lacrimejarem ao saber que o velho James não ia mais se levantar e seguir em frente. Lorelei tinha certeza de que os homens haviam matado o homem — o velho James teria contado a seu pai o que estava acontecendo se tivesse ido embora dali. Ela se perguntou onde estaria o cão dele. James nunca estivera sem cachorro, sempre pegando o mais fraco ou feio entre os animais abandonados toda vez que precisava de um novo cão. Também devem ter matado o pobre animal, pensou ela.

— Ah, está acordada? — disse Cornick, aproximando-se até ficar diante do lugar em que ela havia sido jogada no chão. — Permita-me levá-la até uma cadeira.

Ele a pegou pelo braço, obrigando-a a ficar de pé, e a arrastou até uma cadeira, empurrando-a até ela. Lorelei escondeu a dor que sentiu quando seus punhos amarrados bateram contra o alto encosto da cadeira de madeira maciça. —Você matou James — disse ela.

— James? Ah, aquele velho que morava aqui? — disse Cornick, acenando com a cabeça. — Precisávamos da casa e ele não parecia disposto a compartilhá-la. Agora está na floresta. Logo seu namorado irá se juntar a ele.

Nem mesmo com uma piscada Lorelei revelou seu desconforto ao descobrir que Cornick sabia a respeito dela e Argus, a menos que fosse uma hábil tentativa de saber a verdade. Ela rezou para que essa segunda opção fosse a válida. O simples pensamento de que ele ou um de seus brutamontes pudessem ter visto ela e Argus juntos lhe dava vontade de vomitar. Por um instante, pensou dar vazão à sua vontade ao olhar para as botas do homem, mas não estava a fim de sentir de novo o peso de seu punho. Agora estava consciente e era muito importante que assim permanecesse.

—Você acredita mesmo que Sir Argus simplesmente vai se entregar, não é? — perguntou ela, sabendo que ele ouvira o tom de desdém de sua voz pela maneira como olhos do homem se estreitaram de raiva.

— Ele vai se entregar em troca de você, e seu querido pai vai financiar minha nova vida com o próprio dinheiro.

— E por que Sir Argus deveria voltar aos seus sádicos cuidados? Por que exige que ele se entregue, já que está planejando fugir para uma nova vida?

— Esse Wherlocke arruinou tudo. Tínhamos um ótimo plano, mas sua teimosa recusa em nos entregar o que queríamos e então escapar foi o começo da minha ruína. Ele vai pagar por isso, e seu pai vai pagar por tê-lo ajudado. Mas ele não o ajudou tanto quanto você, hã?

— Não faço ideia do que está falando. — Ela se contraiu quando ele agarrou sua longa trança, puxando-a.

— Foi você que o libertou daquela casa. Eu a vi. Apenas um vislumbre, porém o suficiente. Vi seu lindo traseiro e essa longa trança ruiva brilhando ao luar.

— Talvez o vermelho tenha sido devido ao sangue de Sir Argus nos seus olhos da última vez que o espancou. Ah, mas você não bateu, não é? Ficou sentado, olhando enquanto seus capangas faziam todo o trabalho. — Ela reteve um grito de dor quando ele puxou sua trança tão violentamente que sentiu as lágrimas encherem seus olhos.

— Como soube onde ele estava? Fiquei curioso de saber onde errei.

— Ele me contou.

— Garota, posso ter errado na maneira que joguei essa partida e como vigiei o prisioneiro, mas não sou idiota.

Ela percebeu que a maneira como olhara para o homem expressava suas dúvidas com relação a essa afirmação, ao ver o punho dele se fechar. Abraçou-se esperando receber um soco que não veio. — Ele me contou. Apareceu no jardim do pai e me disse que estava correndo perigo. *Sir,* tente se lembrar de que está lidando os Wherlocke e seus semelhantes.

— Mas, se ele teve como sair e lhe contar que estava em perigo, por que simplesmente não foi embora, fugindo para casa?

— Ele não fugiu, *sir.* Escapou. E seu corpo ficou prisioneiro. Ele mandou seu espírito à procura de ajuda.

Cornick praguejou e soltou sua trança. — Não seja tola. Ninguém consegue fazer isso.

— Eu também não pensava que isso fosse possível, mas ele conseguiu. — Ela deu de ombros, ignorando o desconforto que sentia por ter as mãos atadas nas costas por tempo. — Acredito que ele se ponha em um tipo de sono e deixe o espírito se soltar. Daquela vez apareceu para mim. Ele me disse que era seu prisioneiro, perguntando se eu podia enviar um recado para sua família. Mandei a mensagem, porém que ele precisava de ajuda imediata, então fui atrás de onde ele estava. Sou muito boa em descobrir coisas.

— Então, você mandou um recado para a família dele, e é por isso que este ficou abarrotado de Wherlocke e Vaughn.

Lorelei lentamente concordou com a cabeça, mas isso só aumentou a dor latejante que sentia. Obviamente, Cornick não acreditava nela. Pela maneira de olhá-la, se ela tivesse contado uma história, ele não queria acreditar nela. Havia claramente um ponto em que seus medos e suas superstições reapareciam. Ela se

perguntou se poderia fazer uso disso. Seu pai gostava de dizer que, ao deixar o medo controlá-lo, um homem se torna negligente. Algumas histórias sobre os Wherlocke deveriam ser suficientes e poderiam ajudar aqueles que, ela sabia, vinham para resgatá-la. Os Wherlocke não gostavam que seus segredos fossem revelados, mas ela sabia que, sobrevivendo ou não esses dois homens estavam perdidos. Mesmo que um milagre acontecesse e que pudessem escapar do que estava lhes esperando, seu pai, os Wherlocke e o Vaughn iriam caçá-los e abatê-los como cães raivosos que eram.

— Sim. Existe Lady Olympia, a mulher que seu capanga tentou sequestrar pode ir a qualquer lugar e ver o que lá aconteceu, ler as lembranças de eventos e das pessoas envolvidas como se fosse um livro. Também há o jovem que seu outro homem tentou raptar. Chama-se Darius e pode ver o que chama de aura, a luz e a cor que nos cerca, e que a maioria das pessoas não pode ver. Suponho que a sua e a de Tucker sejam um tanto turvas. Também existe Lorde Leopold, que pode dizer se uma pessoa está mentindo. Você com certeza o deixaria exausto. Há aquele rapaz que atirou uma faca nas costas de seu homem, Jones, o jovem de dezesseis anos que é um maravilhoso curandeiro e, obviamente, muito hábil com facas. Diz-se que o líder dessa grande família, e o Duque de Elderwood, que pode ver no coração e na mente de um homem e obter qualquer informação que quiser.

— Cale-se — rugiu Tucker.

— Se os dons dos Wherlocke o deixam tão incomodado, por que estava tão determinado a roubar um deles? — perguntou ela.

—Não se trata de dom, os Wherlocke têm talento. Apenas talento.

— Está iludido, sir, e não tomou tempo para estudar o homem que mantinha cativo, estudá-lo e a sua família. Eles fazem o possível para esconder seus segredos, e são forçados a isso pela ignorância e o medo das pessoas, mas existem muitas informações sobre eles para quem se dispuser a procurar. Eles têm mais dons do que você pode imaginar e vão usar todos os que têm para ir atrás de você por ter machucado Sir Argus. Agora ou mais tarde.

— Agora, você vai ficar quieta — disse Cornick fechando e abrindo os punhos enquanto a olhava fixamente. — Os únicos que vão vir aqui para tentar salvá-la são os Wherlocke e seu pai. E vou pegar aquele desgraçado, junto com dinheiro, e ir embora.

Lorelei notou que ele não mencionara o que aconteceria com ela ou seu pai. Pensou que ele simplesmente podia pensar em matá-los e fugir. Por um momento, ela pensou em explicar ao louco que nem ela nem a família de Argus deixariam o homem escapar da justiça. Seu instinto lhe disse que ele nunca entenderia, nunca acreditaria nela. Ele provavelmente devia pensar que, de fato, algum herdeiro ficaria satisfeito por ter-se livrado do homem que ficava entre ele e o titulo, como era o caso em outras famílias de sua classe social, e que esperaria o escândalo ser esquecido, assim como o homem que o ajudara a se tornar duque.

— Logo estarão aqui — disse Tucker. —Você acha que realmente vão vir desarmados?

— Claro que vão — disse Cornick. — São honrados cavalheiros.

Lorelei não acreditava ter ouvido essas palavras proferidas de maneira tão depreciativa.

— Mesmo assim, não quer dizer que eles não terão uma arma escondida em algum lugar — continuou Cornick. — Mas as nossas

devem ficar prontas e carregadas. Estarão mortos antes de poderem sacar as armas do bolso em que estiverem escondidas.

—Você já viu Sir Argus ou meu pai manusear uma pistola? — perguntou ela.

— Garota, Tucker e eu já teremos nossas armas apontadas para eles. Podemos puxar o gatilho antes que eles tenham tido tempo de alcançar suas pistolas. E não estou preocupado com o Duque. Todos sabem que ele passa o tempo todo no campo, com seus livros, procriando feito coelho. Ele não é uma ameaça. Sir Argus talvez, mas ele estará em grande desvantagem. Veja bem, ele estará sangrando no chão antes de ter tido tempo de pôr o dedo no gatilho.

— Tanta confiança — murmurou ela. — Talvez logo atirem em você porque sabem que não tem intenção nenhuma de honrar o acordo que negociou.

— Não enquanto você estiver entre as minhas garras e na minha frente.

Não havia como tentar discutir esse fato, mas Lorelei apenas deu de ombros, com ar de desdém, em um gesto que irritou profundamente o homem. E, apesar de seu saber manusear uma pistola, Cornick não deixava de ter um pouco de razão para se mostrar tão arrogante. Seu pai e Argus precisariam dar um passo adiante antes de poderem sacar as armas.

—Você não tem intenção nenhuma de nos deixar ir embora, não é?

—Você acha que não sou um cavalheiro, que não posso honrar um acordo? Estão trazendo dinheiro, e Sir Argus aceitou tomar seu lugar como meu prisioneiro. Por que eu deveria desrespeitar um negócio tão bom?

— Não sei. De fato, acredito que nunca negociou esse acordo. Apenas o apresentou. Você mandou ao meu pai as exigências que ele esperava, sabendo que ele ia aceitar já que ele realmente não tinha outra escolha, e você nunca teve a intenção de honrar sua palavra. Já pensou no que vai acontecer se matar um Duque do reino?

— Ah, com certeza, será um grande escândalo.

Isso respondia perfeitamente à sua pergunta, pensou ela, já que acabara de admitir seus planos de matar os dois homens que vinham resgatá-la. Lorelei tinha certeza que seu pai e Argus estavam cientes do golpe que Cornick tentaria aplicar. O medo que sentia por seu pai e Argus lhe dava um nó na barriga, mas ela se recusou a deixar, até mesmo por um instante, que Cornick pensasse que ela duvidava da capacidade de seu pai ou de Argus de escapar da armadilha ou punir o homem. Ela se mostrava tão arrogante com relação à queda de Cornick quanto ele havia se mostrado com relação a seu futuro sucesso, e rezou para que ele não ganhasse essa batalha.

Cornick pegou seu relógio e o olhou com leve sorriso. — Logo estarão aqui. Suponho que o Duque seja um homem pontual. Logo serei rico.

A maneira como Tucker olhou para Cornick disse a Lorelei que existiam fortes chances de que Cornick não vivesse o suficiente para aproveitar o dinheiro. Claro, também existiam boas chances para que fosse Tucker quem ia morrer, supondo que um dois homens sobrevivesse ao encontro com seu pai. Sempre ouvira dizer que não há honra entre ladrões. Aquele olhar de Tucker para seu colega confirmava esse ditado.

Mas nenhum deles terá a oportunidade de lutar pelo dinheiro, disse firmemente Lorelei para si mesma. Ela se recusava a acreditar nessa possibilidade. Seu pai com certeza era um homem muito honrado, mas estava longe de ser estúpido. Ele não se comprometeria para além do que Cornick havia planejado. Viria trazendo o dinheiro e Argus mas ela apostava que também iria trazer todos os Wherlocke e Vaughn, e até talvez alguns homens de Sundunmoor. Cornick não esperava tamanha surpresa. Lorelei esperou ardentemente que essa surpresa fosse fatal.



Capítulo 17

O FEDOR DA MORTE IMPREGNAVA O AR ENQUANTO ARGUS E O DUQUE avançavam silenciosamente em direção à casa do lenhador. Por um instante, ele hesitou, sabendo o que havia adiante e não querendo ver, mas então se retesou e seguiu em frente. Contorceu a expressão de seu rosto ao descobrir o corpo do que antes fora um homem. Ninguém havia tido o cuidado de proteger o cadáver dos necrófagos que obviamente o haviam descoberto.

— Ah, droga, coitado do velho James — disse o Duque, em voz baixa, aproximando-se ao lado de Argus. — Os desgraçados nem procuraram protegê-lo dos animais. O velho James sempre teve medo de morrer na floresta que ele tanto amava e se tornar uma refeição a mais para os carniceiros. Mesmo que seja por este único motivo, tenho de matar os homens que ocupam sua casa. — Ele suspirou. —Vou sentir falta de nossas partidas de xadrez.

Argus afagou o ombro do Duque e então retomou o caminho. Ele não conhecera James, mas podia entender a dor e a raiva que o Duque sentia. Já sentira o mesmo antes. O assassinato do velho lenhador havia sido inútil e desumano. Cornick e seus homens queriam se esconder na casa e, para tanto, haviam matado um velho homem e jogado seu corpo fora como migalhas de uma mesa.

Era difícil segurar o passo nessa aproximação às escondidas. Argus queria correr até a casa, arrombar a porta e matar ambos os homens com as próprias mãos. Seu lado controlado, aquele que ainda não havia enlouquecido diante do medo com relação a Lorelei, sabia que seria uma loucura que levaria à morte de sua amada e à sua própria. Ou, como Argus sabia, ele podia facilmente acabar baleado no chão, sangrando até morrer, enquanto os outros se precipitariam casa adentro para salvar Lorelei. Obviamente, pensou, embora parecesse heroico, esse plano não deixava de ser estúpido.

Quando a pequena casa apareceu à vista, com as árvores se rarefazendo de maneira que o restante da distancia até a construção consistia em um grande espaço aberto, Argus parou, e o Duque veio se posicionar ao seu lado. Um passo a mais e ambos os homens seriam visíveis para quem estivesse vigiando da casa. Argus podia ver sua família, apenas vislumbres de corpos escondidos na sombra mosqueada das árvores, prestes a surgir atrás de Cornick enquanto ele e o Duque distraíam a atenção do homem. Ainda assim havia possibilidades de o plano fracassar, mas Argus acreditava no sucesso tanto que podia, já que a vida de Lorelei estava em risco.

— Rezo para ter tido razão ao acreditar que o homem não vai nos matar imediatamente — murmurou o Duque.

— Eu ficaria muito surpreso se estivesse errado. Pelo que observei durante as ultimas horas, nosso exército perdeu um grande comandante no dia em que o senhor se tornou herdeiro de um ducado — disse Argus, quase sorrindo ao ver o Duque corar levemente.

— Eu planejava fazer carreira no exército, mas não tenho certeza de que teria força suficiente para esse tipo de vida. Gosto de lidar com estratégia, mas acho minha alma e até minha mente

teriam se estilhaçado diante da visão de tantos homens mortos. Não acredito que pudesse olhar para a morte e ver apenas corajosos soldados que morreram com honra para o rei e o país.

Argus olhou para o homem e lentamente acenou com a cabeça. — Não, talvez não. O senhor veria filhos perdidos, crianças órfãs e coisas semelhantes. Não há nada criticável em ter tamanho coração.

O Duque deu de ombros. — Sou quem eu sou. — Olhou para seu relógio, antes colocá-lo de volta no bolso de seu colete. — É melhor seguirmos adiante. A facilidade com que esse homem mata os inocentes me faz acreditar que é muito importante que não o façamos esperar. E não fique preocupado com a eventualidade de eu vê-lo ou seu capanga como filhos ou pais de alguém. Vejo ambos esses homens como nada mais que vermes dos quais o mundo precisa se livrar. Suponho que você não possa usar seu dom contra eles.

— Se não usarem a proteção que tinham quando me mantiveram prisioneiro, vou poder usá-lo, e então a questão será resolvida de forma rápida e limpa. Pelo menos, nenhum deles for tão resistente quanto outras pessoas que conheci há pouco tempo. Infelizmente, apesar de seu desespero e da maneira insana como vem agindo, acredito que ele se lembre do que eu posso fazer. Assim, ele e seu ajudante vão usar óculos escuros para se proteger contra o poder do meu olhar e colocar tecido nos ouvidos abafar o som da minha voz.

— Uma pena, se estiver certo. Do contrário, tudo poderia acabar bem cedo. Você poderia mandá-los jogar as armas no chão e se render. Agora, vamos ter de lutar para manter sua atenção e evitar que eles atirem em nós até que os outros possam surpreendê-los por trás.

Não havia o que responder a essa afirmação, de maneira que Argus simplesmente voltou a andar. Observou discretamente o Duque enquanto desciam a pequena colina, saindo das árvores e entrando no espaço aberto, e percebeu que o homem parecia muito diferente do que normalmente era. Naquele instante, Roland Sundun era mesmo o Duque, seu criado e o Max haviam vestido o homem de forma sutil, porém elegante, para que Cornick o reconhecesse imediatamente. A roupa era preta, salvo a luminosidade branca de sua camisa e gravata. Uma delicada renda bordava seus punhos, aparecendo à beira das mangas do casaco, e o colete era discretamente enfeitado por um bordado prateado. Desta vez, o cabelo do homem estava bem penteado, bem amarrado em um rabo de cavalo. De repente, Argus percebeu que o Duque ainda era suficientemente jovem para ser considerado um ótimo partido, já que seu aspecto esguio e musculoso e sua bela aparência reforçavam essa impressão. Se o homem fosse até Londres, poderia se tornar alvo de moças casamenteiras, especialmente se elas descobrissem o tamanho de sua fortuna.

Acordando de suas divagações, Argus observou a casa da qual se aproximavam.

Pequena, sólida e bem mantida, era uma ótima residência para um lenhador e sua família. O Duque tratava bem sua gente.

O rosto que apareceu na janela à direita da porta era facilmente reconhecível como sendo o de Tucker. Argus suspeitou que Cornick estivesse recuando até ter certeza que não havia perigo. Cornick era perigoso, tinha o coração frio de um assassino, e sabia proteger a si mesmo de uma forma que beirava a covardia.

— Cornick! — gritou ele, parando junto com o Duque a alguns metros de distância da porta.

Seu corpo se contraiu, prestes a receber a bala que ia atingi-lo, e Argus fez questão de se posicionar um pouco à frente, e diante do Duque, ignorando os resmungos do homem contra essa proteção. Contudo, Argus não acreditava que Cornick fosse simplesmente atirar neles, pegar o dinheiro e fugir. Cornick ia querer saborear sua visível vitória, vangloriar-se diante deles, deixando-os entender que era ele que tinha o poder.

No entanto, Cornick também estava desesperado e cercado. Argus apenas esperava que o homem não soubesse que de fato estava completamente cercado.

Lorelei sentiu como se seu coração estivesse prestes a explodir ao ouvir a voz de Argus. Ela não conseguia ver pela janela porque o corpo maciço de Tucker bloqueava a sua vista, mas tinha certeza de que Argus estava diante da casa, em um espaço aberto, e como um alvo pronto e fácil. Sentiu certa acidez no estômago, já que tudo isso era sua culpa. Não sabia como poderia ter recusado o pedido de ajuda do padeiro, porém poderia ter levado mais guardas, em número suficiente para impedir Cornick e Tucker de sequestrá-la.

Então, suas esperanças de ser resgatada foram substituídas pelo medo que sentia por seu pai e seu namorado. Ela queria voltar a salvo para casa, mas não ao preço da vida deles. Seria caro demais.

— Estão aqui — disse Tucker. — O Duque e aquele desgraçado do Wherlocke. Também trouxeram uma bolsa bem gorda.

— Meu dinheiro — disse Cornick, esfregando as mãos. — Que beleza! — Ele olhou para Lorelei. —Você deve se sentir feliz diante dessa tocante prova da preocupação que eles têm com você.

— Serei feliz, sir, ao ver seu corpo deitado no chão com uma bala entre os olhos.

— Que vergonha. Quanta vulgaridade na boca da filha de um Duque — disse ele com ar ausente, mostrando que ela não representava mais nenhum interesse para ele. — Estou me perguntando quanto tempo devo fazê-los esperar. Eles precisam entender quem manda aqui, claro, mas não quero que pensem que decidi me entregar ou outra tolice do gênero.

— Não se apresse, aproveite os últimos momentos de sua miserável vida. Talvez você deva pensar em usar esse tempo para tentar redimir-se de todos os seus pecados. Isso pode atrasar o momento em que o diabo virá para arrastá-lo até o inferno quando seu corpo bater no chão. Lorde Uppington vê muitos espíritos e declara que aqueles que pertencem ao diabo não costumam se demorar depois da morte, já que o diabo não é muito paciente. — Ela ficou feliz ao ver que Cornick e Tucker haviam empalidecido. — Um pouco de redenção deveria dar tempo a suas almas negras para se esconderem.

Ela se obrigou a não vacilar quando Cornick se debruçou abruptamente sobre ela, com o rosto bem perto do seu. Ele não era um homem bonito, mas também não era feio. Podia facilmente desaparecer no meio de uma multidão. Ela se perguntou se seria esse um dos motivos que explicariam o homem que ele havia se tornado. O fato ser ignorado ou esquecido podia transformar um homem. Por que Cornick era como era não importava muito, pensou. Independentemente do destino dela, o daquele homem era predeterminado. Ele ia morrer. Ela sentia algum reconforto nessa certeza.

— Logo você vai lamentar suas palavras — sibilou para ela. — A morte pode ser rápida ou sofrida. — Ele sorriu. — Ou pode vir

mais tarde, depois que Tucker e eu nos cansarmos de aproveitar seus vários charmes. Vamos fazer uma longa viagem pelo oceano e o reconforto feminino pode ser bem agradável. E tenho certeza de que Tucker gostar de lhe cortar a língua, se não aprender a se calar quando mandamos.

A ideia de Tucker e Cornick arrastando-a junto com eles enquanto fugiam do pai, abusando dela antes de matá-la, era assustadora, mas Lorelei se esforçou para esconder esse medo. Cornick era um homem que podia sentir o medo, usando-o contra ela. Homens cruéis como ele tinham um verdadeiro talento para isso. De certa forma esse poder era medíocre, mas ela não ia permitir que ele tentasse enfraquecê-la com ameaças. E podia descartar essa ameaça de estupro, já que nunca permitiria que isso acontecesse. Se não tivesse como escapar, encontraria uma maneira de se jogar na água quando o barco estivesse no mar.

—Você sabe que nunca entendi as pessoas que acham justo ameaçar ou machucar alguém mais fraco? — disse ela, mostrando-lhe que sabia exatamente a natureza do jogo. — Assim, você não obtém verdadeiro poder, nem conquista o respeito dos outros. Os únicos que você consegue realmente amedrontar são os fracos, ou os que são estúpidos demais para ver quem você realmente é, ou ainda os covardes. Qualquer um cabeça e caráter poderia derrotá-lo. Ah, mas eu me esqueci. Estes últimos, você dá jeito de calar. Que tola eu sou.

Lorelei se perguntou por que ele não bateu nela. Obviamente, era o que ele e não teria hesitado se ela tivesse tentado fugir. Devia ser isso, pensou, observando-o acalmar sua fúria. Cornick precisava sentir uma verdadeira ameaça contra si ou seus planos para responder fisicamente. Podia atirar em alguém sem hesitar, mas a ideia de bater em alguém com as próprias mãos o fazia hesitar.

Talvez temesse manchar suas roupas com sangue, pensou ela. Ou machucar suas juntas.

Essa hesitação não fazia sentido nenhum, mas a deixava feliz. Ela não queria ser socada de novo a ponto de ficar inconsciente, menos ainda quando seu pai e Argus estavam correndo perigo e ela não sabia qual era o plano deles. Lorelei queria estar inteiramente consciente e prestes a fazer tudo que fosse necessário na ajuda para que eles saíssem dali vivos. Talvez fosse melhor se ela controlasse sua língua afiada, mas algo em Cornick fazia com que as palavras saíssem de sua boca afiadas como navalhas. O grande plano de Cornick de matar pessoas que não lhe haviam feito nada era em parte o que a deixava furiosa.

—Você não sabe com quem está lidando, sua vadia — respondeu ele rispidamente.

— Não — disse ela com calma, sem tirar os olhos do homem. — Não sei. Obviamente, você tem dinheiro suficiente para comprar ótimas roupas e teve educação, então o porquê está fazendo isso? Por que sequestrar um homem e espancá-lo regularmente de forma tão absurda apenas para tentar em vão roubar o dom que lhe foi dado por Deus? Por que fez isso, sabendo que podia ser enforcado? — Ela acenou com a cabeça para Tucker. — Eu posso entender, já que deve ter feito o suficiente para ser enforcado uma dúzia de vezes, de maneira que não está arriscando mais nada. Mas você é filho de um cavalheiro, não é?

Ele alisou a roupa, aprumando-se. — Claro que sou, mas sou apenas o filho caçula um barão de menor escalão. Tive de trabalhar para ganhar a vida como qualquer um. Meu tio se achou muito generoso por ter encontrado um trabalho para mim no governo. Como humilde escrivão! Trabalhei durante todos esses anos e nunca cheguei a lugar nenhum, nunca consegui nada senão permanecer

como o escrivão que era ao começar. Nunca notaram meu trabalho, nem mesmo meu próprio tio. Então, recebi uma proposta para finalmente subir na hierarquia, para me juntar a um homem que era destinado a ganhar o verdadeiro poder. Muito poder. E dinheiro. Wherlocke destruiu essa chance, mas você, e seu pai, vão assegurar que eu não tenha de sair de campo como um mendigo.

Cornick a agarrou pelo braço, obrigando-a a ficar de pé. — Você não vai sair de campo, seu louco — retrucou ela. —Vai ser enterrado nele.

De soslaio, Lorelei pôde ver através da pequena janela lateral da casa, e vislumbrou um movimento. Existia algum plano, pensou ela com repentina esperança, que a deixou momentaneamente animada, e ela decidiu fazer com que Cornick e Tucker mantivessem sua atenção nela. Não ficaria surpresa se seu pai e Argus tentassem fazer o mesmo. Se realmente esperavam que os outros pudessem se aproximar furtivamente de Cornick e Tucker enquanto ela, seu pai e Argus mantinham a atenção dos dois homens focadas neles, o plano podia ser arriscado. Lorelei rezou com toda a fé do coração para que isso desse certo.

— Cornick! — chamou de novo Argus. — Vamos nos encontrar agora ou você mudou de ideia?

Tucker se levantou e verificou distraidamente sua pistola. — Quero dar um tiro naquele Duque. Nunca matei um homem desses antes. Mesmo que eu me dane, mas seria quase como matar um rei.

—Cuidado, meu amigo, isso soa como traição.

— Apenas me deixe matar o Duque. — Tucker deu de ombros ante o olhar severo — Eu quero.

— Então, ele é todo seu — disse Cornick, também verificando sua arma.

Uma vez que os homens tinham acabado de verificar as armas que estavam apontando para seu pai e Argus através da janela, Lorelei não sabia o que eles achavam que tinha mudado no plano, mas decidiu testar a vigilância deles. Ela se afastou de Cornick no momento em que este se distraiu, soltando-a para verificar a arma, mas ambos homens olharam para ela. Lorelei duvidou que pudesse ir longe se tentasse fugir e não conseguisse abrir a porta, certamente não com as mãos amarradas nas costas.

Para sua consternação, os homens puseram óculos escuros e colocaram pedaços de tecido nos ouvidos, protegendo-se do poder da maior arma de Argus. Cornick sacou da bota uma faca que parecia letal, pressionando-a contra as costas da mulher. Mesmo que existisse um plano para salvá-la, Lorelei tinha o terrível pressentimento de que as coisas haviam acabado de se complicar bastante.

— Ande na minha frente — ordenou ele. — Não mostre nenhum sinal de que estou segurando uma faca nas suas costas, não tente fugir, ou vou mandar Tucker atirar na barriga de seu pai. Assim, poderá vê-lo agonizar e morrer lentamente.

Uma série de planos audaciosos passou pela cabeça de Lorelei enquanto Tucker abria a porta. Cada um deles acabava com ela diante de seu pai agonizando ou jazendo em seu próprio sangue. Cornick podia ser covarde, ou mesmo um louco que havia decidido correr atrás de riqueza e poder sem parar para medir as consequências, ela tivera razão ao julgar que ele sabia muito bem ameaçar. Ele havia percebido o que ela sentia pelos homens que esperavam fora, e, provavelmente sem saber exatamente qual era a natureza de sua relação com Argus, havia ameaçado o homem mais importante de sua vida. Ela começou a pensar em uma maneira de avisar seu pai e Argus que Cornick segurava uma faca contra suas

costas, apertando-a tão firmemente lâmina já havia cortado a pele de Lorelei.

Argus quase desmoronou de alívio ao ver Lorelei sair da casa diante de Cornick, mas sabia que ainda não estavam fora de perigo. O Duque praguejou em voz alta contra os antepassados de Cornick ao mesmo tempo em que Argus via a nítida contusão do rosto de Lorelei. Ele prometeu a si mesmo que Cornick ia pagar caro por isso, ia sofrer antes de morrer. Lorelei era bem menor e mais leve do que o homem então duvidou que ela tivesse representado uma verdadeira ameaça para Cornick a ponto de justificar o violento soco que este lhe dera no rosto.

— Continua batendo em pessoas que não podem revidar, Cornick? — disse sabendo que não era sábio irritar o homem, mas o ar de suficiência de Cornick era mais do que seu estômago podia suportar.

— Tive de acalmá-la quando ela tentou fugir — respondeu Cornick calmamente. — Receio que o Duque tenha mimado demais essa garota. Ela não aceita bem ordens. Criança mimada, criança estragada — entoou ele, solenemente.

Antes que Argus pudesse responder, o Duque deu um passo adiante e disse: — Ainda há uma chance para que você saia daqui como um homem livre. Se liberar minha filha ilesa, deixar Sundunmoor e sair do país, não formalizaremos acusações contra você e não haverá processo judicial.

— Papai, ele matou James — disse Lorelei calmamente, sabendo que seria bom que Cornick agisse como seu pai sugerira, mas com coração partido só de pensar que a morte do pobre James talvez nunca fosse justiçada.

—James entenderia — disse seu pai. — Ele escolheria vê-la livre.

—Você não pode acreditar que eu seja tão estúpido a ponto de acreditar nisso — disse Cornick. — Ah, você pode me dar sua palavra, mas Wherlocke não o fará. Já percebi que ele não concordou com sua oferta, seja por palavra ou gesto. Com certeza sua família virá atrás de mim, como Sua Senhoria já me disse graciosa e repetidamente.

Quando seu pai lhe lançou um olhar de leve repreensão, mostrando que conhecia bem a língua afiada de sua filha, ela apenas sorriu. Então piscou o olho, e ficou feliz ao ver a expressão de alerta no rosto dele, demonstrando que ele havia entendido seu sinal para que mantivesse sua atenção nela. Era um velho truque que compartilhavam quando precisavam conversar sobre algo que as crianças não podiam ouvir. Durante um longo triste inverno, haviam aprendido o idioma gaélico com os Gregor, e agora essa era a linguagem secreta deles. Ajudava quando queriam falar sobre as últimas travessuras dos gêmeos, mesmo quando Axel e Wolfgang estavam presentes, em geral à espera de alguma punição. Então, Lorelei lhe disse que Cornick segurava uma faca contra suas costas.

— O que acaba de dizer? — perguntou Cornick, pressionando um pouco mais a faca, a qual deixou um corte mais profundo em sua pele, aumentado o sangramento.

— Eu lhe disse que é um homem bom e que eu o amo sinceramente — respondeu ela, carregando sua voz com a maior inocência que pudesse, mas percebeu que Cornick estava duvidando. — Tinha de ser um momento privado entre pai e filha.

—Tanto faz — disse ele, olhando-a por um momento, confiante de que Tucker estava vigiando sua retaguarda.

Lorelei começou a se perguntar se não tinha imaginado aquele indistinto movimento pela janela, já que nada estava acontecendo. Seu pai, Argus e Cornick estavam trocando gracejos cada vez mais irônicos, como se tentassem formalizar um acordo, embora soubessem que Cornick nunca iria cumpri-lo. Ela continuava tentando esconder a dor enquanto Cornick mantinha a faca incrustada em sua pele. Uma leve, porém crescente, umidade em suas costas lhe dizia que ainda estava sangrando, talvez mais do que antes. Existia a possibilidade, pensou ela, lutando contra a vontade de tentar se afastar da faca, de que os outros estivessem vendo o que Cornick fazia com ela e tivessem decidido ralentar seu avanço.

— Não, não existe acordo além do que já pedi — respondeu rispidamente Cornick, obviamente cansado de trocar palavras espirituosas com o Duque e Argus. — Sou eu que mando aqui. E estou com um trunfo na mão. Quero o dinheiro.

—Você não quer matar minha filha — disse o duque, com tom de comando e raiva por trás de cada palavra.

— Na verdade, Vossa Alteza, acho que sim. Ela tem uma língua muito afiada que implora para ser silenciada — disse Cornick, sorrindo. — Como pôde perceber, já fui obrigado a discipliná-la uma vez. Devo admitir ter ficado surpreso que queira pagar para tê-la de volta.

Ele está procurando um ponto fraco, percebeu Lorelei. Se seu pai expressasse qualquer sinal de afeição por ela, fosse com palavras ou gestos, Cornick iria usar isso para atormentá-lo. Não lhe parecia que Cornick fosse conseguir o que queria, já que seu pai exibia uma aparência muito ducal, bem glacial, sem expressão de emoção alguma.

— É minha filha — foi tudo que seu pai disse, com tom gélido.

— Acho que está na hora de encerrarmos essa conversa — murmurou Tucker.

— Só um momento, Tucker, estou me divertindo. Um Duque e um arrogante Wherlocke à minha mercê. Mantendo o olhar firmemente fixo nos dois homens à sua frente — Cornick deu um beijo no rosto de Lorelei. — E uma doce mulher nos meus braços. Preciso saborear este momento, um daqueles que jamais poderei esquecer, de maneira a poder revivê-lo de vez em quando, à medida que eu estiver gastando o dinheiro de Sua Alteza.

— Chega — interrompeu Argus. — Pegue o dinheiro do resgate e solte a mulher.

—Tão impaciente — murmurou Cornick, sorrindo enquanto incrustava a faca um pouco mais profundamente na pele de Lorelei.

Ela conseguiu reter o grito que estava prestes a sair de sua garganta. Por favor, alguém mate esse homem, rezou silenciosamente, apenas um pouco chocada diante de sua própria sede de sangue. A dor se espalhou por todo o seu corpo a partir do ponto em que a faca havia penetrado sua carne, quase tão rapidamente quanto o sangue corria para fora da ferida. Na velocidade em que parecia derramar-se, ela sentia que logo estaria jazendo em seu próprio sangue.

A maneira como seu pai a olhava disse a Lorelei que ele havia adivinhado que Cornick não estava sendo manso com a faca que segurava contra ela, mas ela rezou para que ele acreditasse que se tratava de um problema menor, já que ela não havia se mexido nem gritado. Não ia dar a seus resgatadores qualquer motivo para que agissem de forma precipitada. Não podiam fazer nenhum gesto

abertamente agressivo, não com as pistolas de Cornick e Tucker apontadas para os dois homens que ela mais amava no mundo, especialmente quando ela tinha certeza de que esses dois homens também estavam escondendo uma arma ou até duas. Seria um banho de sangue.

Ouviu-se um grunhido ao lado, bem no lugar em que Tucker estava. Lorelei olhou para ele e viu o homem lentamente abaixar a pistola, com ar de surpresa no rosto. Lorelei depois, ele caiu de joelhos.

— Maldito idiota — disse ele para Cornick. —Você me matou com a sua necessidade de se gabar. Seu imbecil.

Ele caiu de rosto contra o chão. Nas suas costas estava espetada uma grande faca. O Duque e Argus avançaram em direção a Lorelei, mas Cornick retesou-se, a pistola apontando diretamente para a cabeça de seu pai. Lorelei gemeu em voz baixa quando a faca entrou mais profundamente em suas costas, perguntando-se por que quem atirara a faca não havia mirado Cornick. Suspeitava que houvesse um bom motivo, mas queria tanto ver essa faca longe de suas costas que duvidava que quisesse ouvi-lo.

—Você perdeu a luta, Cornick — disse Argus. — Temos homens cercando o lugar e dois deles têm espingardas. Você não tem nenhuma chance de sair daqui vivo a não ser que abaixe sua arma e solte Lorelei.

Ela quase podia sentir o cheiro do pânico que havia tomado conta de Cornick na hora em que Tucker caíra. Ele estava ofegando levemente, como se estivesse tentando achar uma maneira de se salvar. Lorelei percebeu quando ele decidiu que não tinha mais chance, já esse que ficou parado. Um calafrio de medo percorreu as

costas da mulher. Todos os seus instintos lhe diziam que Cornick havia resolvido não morrer sozinho.

Ele ainda podia atirar em seu pai ou acabar de cravar a faca em suas costas, e ela gostava de nenhuma dessas opções. Lorelei se perguntou se agora poderia se afastar dele, mas duvidava que isso fosse salvá-la. Ele ainda podia matá-la ou a seu pai antes que ela tivesse dado dois passos.

— Devo confessar que estou chocado ao ver um Duque do reino descumprir sua palavra — disse Cornick.

— Não dei minha palavra — disse o Duque. — Que eu saiba, simplesmente respondi que eu vinha encontrá-lo. Espero que não tenha matado o rapaz que usou como intermediário da mesma maneira que matou James.

— Claro que não. O garoto não era nenhuma ameaça. Simplesmente não lhe paguei o que eu havia prometido. Tucker gentilmente o pôs para correr. — Ele olhou rapidamente para Lorelei, mas a mira de sua arma continuou firme. — Suponho que se trate de outro pecado que eu deva expiar.

— Sim — disse uma voz grave atrás deles, que Lorelei reconheceu como sendo a de Iago. — Receio que seu amigo já tenha se encontrado com o diabo. Você quer seguir o mesmo caminho ou vai se render?

— Render-me? Ah, sim, isso é bem tentador. Morrer agora ou esperar pelo carrasco.

— Solte a arma — começou Iago.

— É isso que vou fazer.

Lorelei nem teve tempo de pensar no que estava prestes a acontecer. Cornick empurrou a faca para dentro dela e então atirou

na direção de Argus, que pulou para o lado no momento em que o homem puxou o gatilho. Enquanto ela permanecia lá, retesando-se de dor, várias pistolas atiraram ao mesmo tempo. Ela queria ver quem havia sido ferido, mas não podia se mexer. Logo depois, caiu no chão. Estava ajoelhada, deslizando para o chão, quando seu pai a alcançou.

— Cornick? — perguntou ela.

— Morto. Acho que pelo menos quatro de nós o acertaram.

— Muito bem.

— Ah, minha pobre Lolly, o que ele fez com você?

— Receio que ele tenha me matado — disse ela, deixando a escuridão cobri-la e levá-la para longe da dor.



Capítulo 18

ARGUS SE PRECIPITOU AO LADO DE LORELEI ENQUANTO O DUQUE A VIRVA, retirando sua capa para revelar as costas do vestido encharcadas de sangue. Todas as forças o abandonaram e ele caiu de joelhos ao lado dela. Lorelei havia sido apunhalada na parte baixa das costas, e estava sangrando muito, demais. Argus olhou para a mulher deitada, tão pálida e imóvel no chão, e chamou-se de todos os nomes imagináveis. Essa mulher era sua vida. Sabendo que tamanha perda de sangue podia ser fatal mesmo que Cornick não tivesse ferido nenhum órgão vital, veio-lhe de repente na cabeça tudo o que ele queria e precisava lhe dizer.

— O senhor sabia — disse ele para o Duque, tentando sem sucesso esconder a acusação na voz. — Ela lhe contou.

— Naquela rápida conversa em gaélico, sim, ela me contou. — O Duque quase sorriu enquanto retirava o cabelo do rosto de Lorelei. — Ela me contou que aquele desgraçado segurava uma faca contra suas costas. Um pouco depois pensei que ele a tinha usado, mas apenas para lhe causar um pouco de dor, não para matá-la. Isso foi tolice. Ele queria nos matar desde o começo. Com certeza não pretendeu mudar seus planos, já que entendeu que estava condenado.

— Ele queria ter certeza de que, de certo modo, você também fosse pagar pela perda dele — disse Stefan.

—Você pode ajudá-la? — perguntou Argus.

— Posso diminuir o sangramento — disse Stefan, ajoelhando-se ao lado do Duque. — Mas não consigo fechar uma ferida tão larga e profunda. Isso requer a intervenção de um cirurgião habilidoso.

— Ela terá um assim que chegarmos em casa — disse o Duque. — Se puder diminuir esse sangramento, teremos uma chance.

Argus sentou-se mais para trás e observou Stefan trabalhar. O Duque segurou o rapaz quando ele acabou, pois essa tarefa o havia deixado enfraquecido. Argus se aproximou para enfaixar a ferida. Ele não conseguia acreditar que ela não tivesse proferido nenhum som, e agido como se tudo estivesse bem, de modo que eles pudessem cuidar de Cornick.

— E profundo — disse Stefan, enquanto Iago e Leopold o alimentavam com pedaços de pão e queijo, além de lhe darem cidra para beber, mostrando obviamente que haviam se preparado para o caso de alguém precisar dos serviços do curandeiro. —Acho que nenhum órgão interno foi afetado, mas ainda estou aprendendo. Posso aplacar o sangramento, ajudar a controlar a febre, aliviar a dor — disse ele, erguendo levemente os ombros. — Se o médico suturar a ferida, então poderei ajudar Lady Lorelei a recuperar forças ou aliviar a febre que venha a ter.

Antes que o Duque pudesse fazer algo, Argus cobriu Lorelei com sua capa, pegando-a em seus braços. Por um instante, o Duque pareceu querer protestar, mas então sorriu de leve e meneou a cabeça. Quando Iago e Leopold voltaram a cavalo, tendo encontrado alguns homens à frente para chamar o médico, Argus descobriu que não queria deixar Lorelei. Finalmente, reconhecendo que não seria

capaz de montar a cavalo e de segurá-la firmemente em seus braços, ele a entregou ao Duque. Montou rapidamente e então estendeu os braços, pegando-a tão suavemente quanto possível. Logo que a segurou de novo, sentiu algo se acalmar dentro de si.

— Precisamos encontrar um jeito de nos apressar, mas sem que ela sofra muita movimentação — disse o duque, montando seu cavalo ao lado de Argus. — Precisamos levá-la até o médico rapidamente porque a viagem vai ser longa e pode enfraquecê-la, porém tomando todo o cuidado para que não seja penosa, pois Stefan disse que a ferida pode facilmente voltar a sangrar.

Argus olhou atrás, para os corpos de Cornick e Tucker. — E eles? Pessoalmente, eu os deixaria apodrecer.

— Eu também, ainda mais se pensarmos no que eles fizeram com James. Mas sou a autoridade daqui, e eles devem ser levados para que as coisas sejam feitas de forma apropriada. Depois poderão apodrecer como quiserem. Também vou levar James para que possa ser enterrado ao lado de sua esposa, no cemitério da capela.

—Temos outros curandeiros, alguns com mais conhecimento e experiência— disse Argus, pensando em enviar uma mensagem, se fosse necessário.

— Stefan me disse isso. Mas espero que não precisemos deles.

A viagem foi longa, e Argus ficou preocupado com cada buraco da estrada. Ele verificava a ferida de Lorelei todas as vezes que ela se mexia, mas o sangramento ainda estava estanque, e ela não parecia estar tão mal quanto estivera na casa do lenhador. No momento em que a Sundun House surgiu à vista, o corpo inteiro de Argus doía de tanto esforço que ele fizera para garantir que Lorelei

não se mexesse, que ela ficasse tão imóvel quanto possível em seus braços.

Ele permitiu que o Duque segurasse sua filha de novo apenas pelo tempo que precisava para desmontar e entregar as rédeas do cavalo ao empregado do estábulo. De certa forma, Argus sabia estar agindo irracionalmente, mas ele temia que, se a soltasse, ela fosse embora definitivamente dele.

— Ela levou um tiro? — perguntou Olympia, ao encontrá-lo na escada e ajudando-o Lorelei até seu quarto.

— Foi apunhalada nas costas — respondeu ele. — Cornick quis fazer alguém sofrer quando viu que estava perdido.

— Desgraçado. Está morto, certo?

— Sim. Todos nós atiramos nele. O Duque, Iago, Leopold e eu. Stefanjá havia acertado Tucker, o capanga de Cornick, com uma faca nas costas.

De novo, Argus sentiu dificuldade para deixar Lorelei ao chegar à cama, e se sentiu um pouco constrangido ao perceber como seus braços a seguravam ainda mais firmemente quando ele pensava em soltá-la. Sabia que a ferida precisava ser medicada adequadamente. Depois de deitá-la, deixou Lorelei aos cuidados de Olympia e Vale, e foi para a casa da guarda. Lavou-se, trocou de roupa, e empacotou poucas coisas porque não tinha a intenção de deixar Sundun House e Lorelei sem antes ter certeza de que ela estava se curando normalmente.

Então ele teria de viajar e cumprir alguns deveres. Precisava entregar um relatório ao homem para o qual trabalhava no governo, já que, afinal de contas, Cornick era funcionário do governo. Depois disso, tinha assuntos importantes para resolver e organizar antes de poder seguir o caminho que havia escolhido.

— Acho que o rapaz teve uma revelação — murmurou Max, enquanto ele e o Duque estavam na porta do salão e olhavam Argus subir depressa a escada, com a bolsa na mão.

— Ele não conseguia soltá-la, embora a viagem até aqui deva ter sido extremamente desconfortável — disse o Duque. — Não me lembro de tê-lo convidado a se mudar aqui para casa.

— Ele vai ficar ao lado de nossa Lolly até ter certeza de que ela esteja bem de novo.

—Você realmente acredita que agora ele vai ficar com ela, que não se trata apenas de uma preocupação natural com alguém que ele deseja e aprecia? Conheço minha Lorelei. Ela precisa que ele lhe pertença e vice-versa. Precisa de um bom casamento com companheirismo, desejo e lealdade. E precisa certamente ser amada — acrescentou calmamente. — Lolly desabrocha com o amor.

— Ele vai ficar, Vossa Alteza. O que vi, quando ele trouxe para cá a pobre menina fraca e ensanguentada, foi um homem aterrorizado com a possibilidade de perder alguém. Um homem nunca parece tão assustado a não ser que tenha entregado seu coração. Suponho que teve um momento em que ele pensou em todas as coisas queria lhe dizer e talvez não pudesse mais.

— Lorelei vai ficar bem — disse o Duque, com a voz um pouco tensa pelo medo.

Max afagou as costas de seu amigo de longa data. — Eu sei. Também acredito nisso. Ela é jovem e robusta.

— Ela vai ficar melhor — disse Olwen, aproximando-se dos homens.

— Você viu isso, meu jovem? — perguntou o Duque.

— Sim. Ela vai ficar muito doente, e vai ser assustador, mas depois vai melhorar.

— Fico feliz por você ter vindo até aqui e me contar isso — disse o Duque.

— Eu não queria que se preocupasse, especialmente por ter sido tão bom conosco.

— Agora não vou mais ficar aflito. Diga-me, jovem Olwen, sabe jogar xadrez?

— SimVossa Alteza. Sei.

Roland passou um braço sobre os ombros do garoto e sorriu para ele. — Então, que tal jogarmos uma partida? — Quando o rapaz acenou com a cabeça, o Duque entrou na biblioteca, chamando Max por cima do ombro. — Por favor, traga algo para comer e beber, e mande o médico até aqui quando ele acabar de examinar Lorelei.

Argus surgiu diante do médico no momento em que o homem saía do quarto de Lorelei.

— Como ela está?

—Justamente, eu ia falar sobre isso com o Duque — começou o médico.

— Fale comigo primeiro para que eu possa ficar ao lado dela. Fui eu que a carreguei até aqui e preciso ter certeza de que seus ferimentos não pioraram por causa disso. —O médico hesitou por um instante e então falou. — Quem a apunhalou ou não conhecia muito coisa sobre o manuseio de faca ou sabia exatamente onde ferir para causar o mínimo possível de danos. Pelo que posso ver, nenhum órgão foi atingido. Contundido sim, mas não ferido. Ela deve se curar e ficar apenas com uma pequena cicatriz, mas precisa

descansar o máximo que puder. Nada de comida pesada nem muita bebida. Apenas preste atenção em uma febre eventual, embora Lady Olympia tenha dito que podia cuidar disso, caso aparecesse.

Depois de lhe assegurar que ela seria bem tratada e que ele o chamaria imediatamente se fosse necessário, Argus olhou o médico descer a escada e então se dirigiu para quarto de Lorelei. Estava um pouco assustado com o fato de o Duque poder acuá-lo e perguntar-lhe o que achava que estava fazendo. Ele e Lorelei não eram oficialmente noivos, e mesmo assim ele estava no quarto dela, resolvido a cuidar da mulher. Ele havia se mudado para a casa principal antes de ser convidado.

Entrou no quarto e foi até o lado da cama. Lorelei parecia tão pequena naquela enorme cama, sua pele estava tão pálida que quase se confundia com os lençóis. Havia sido deitada de lado, com os travesseiros apoiados nas costas, para impedi-la de rolar sobre os ferimentos recém-suturados. Argus estendeu a mão para afagar gentilmente seu cabelo.

— Ela vai se recuperar, Argus — disse Olympia, levantando-se.

— Você teve alguma visão? — perguntou ele, sentando-se na cadeira que ela acabara de desocupar ao lado da cama.

— Olwen teve, e veio até aqui imaginando que você estivesse presente. Mesmo assim, cuide bem dela, já que o garoto disse que ela poderia ficar muito doente antes de se recuperar totalmente. Eu disse que lhe daria a notícia, e então ele saiu correndo para ir avisar ao Duque.

— Isso vai tranquilizar o homem. Ele estava muito preocupado. Acho que Lolly é uma de suas prediletas. E nem é por ser sua única filha, já que ele tem três outras.

— Vi um retrato de sua segunda esposa, aquela com quem ele foi feliz, e ela se parece muito com a mulher, especialmente pelo cabelo ruivo-escuro. Mas acredito também que elas devem pensar de forma idêntica em muitos aspectos, já que ela se mostrou uma verdadeira mãe para muitos dos meninos.

— Está tentando me alertar a respeito de algo?

— Talvez. Ela é muito amada nesta casa. Apenas tenha cuidado. Agora, vou sair para descansar. — Olympia o beijou no rosto, pegou o livro que estava lendo e saiu.

Depois que Olympia fechou a porta, Argus olhou para Lorelei e franziu o cenho. Ele sabia que estava ultrapassando todos os limites, porém não havia agido de maneira dissimulada. Argus sabia que o homem logo estaria ali, pedindo de forma educada que ele fosse embora. Esperava que o Duque não o fizesse, já que não queria ter de discutir com o Duque de Sundunmoor. Argus não tinha intenção nenhuma de deixar Lorelei, exceto no que se referia à sua intimidade, até ter certeza de que ela estava sã e salva.

Ele se debruçou na cadeira e voltou os dedos ao seu cabelo. Ela havia passado por uma experiência terrível e isso podia tê-la enfraquecido tanto quanto o ferimento em si. A longa viagem até a casa com certeza havia minado o que lhe restava de força. Argus pensou que isso, além do restante, poderia fazer com que ela ficasse com febre, e as febres matavam muitas pessoas. Sua família tinha razão. Ele quase havia rejeitado o que era melhor para si mesmo por causa de uma falsa ideia sobre casamentos amaldiçoados.

Era difícil alguém admitir ter agido como um verdadeiro tolo, mas foi o que fez. Havia se prendido à sua crença de que os casamentos com Wherlocke ou Vaughn acabavam por trazer uma maldição sobre a família. Não havia dúvida de que sua infância

tinha sido miserável, principalmente devido ao matrimônio ainda mais miserável de seus pais. Infelizmente, ele se apegara a essa imagem de casamento como se fosse à única verdade, em vez de olhar mais atentamente para tudo o mais que havia ocorrido de errado nessa relação.

Uma das primeiras e mais importantes coisas erradas com o casamento de seu pai havia sido sua mãe. Ela tinha sido mimada, esperando uma vida de bailes, vestidos e um homem que gastasse horas lhe dizendo como era bela. Seu pai fora o segundo erro, por ter se casado com essa mulher sem ao menos verificar como ela era, antes de pedir sua mão. Isso não mudou o fato de sua mãe ter odiado e temido os dons que se transmita pela família inteira. Era algo que seu pai deveria ter testado antes de colocar a aliança em seu dedo.

Argus agora se perguntava quantos de seus antepassados, homens e mulheres, tinham posto seus cônjuges à prova antes do casamento. Muitos podiam ter temido manter as coisas secretas por medo de serem rejeitados ao se declararem ou o medo nunca serem cortejados, de acabarem solteiros. Tudo isso, mesmo que de forma estranha fazia certo sentido. Era por causa disso que muitas crianças, nascidas fora do matrimonio acabavam sendo rejeitadas. Um homem não contava coisas pessoais para sua amante principalmente algo que a família estivesse tentando manter em segredo. Agora, quando a criança nascia do casamento, não havia como esconder esses dons da mãe.

Não era uma maldição sobre os Wherlocke ou os Vaughn; eram escolhas erradas, segredos e tentativas de esconder das pessoas quem tivesse dons estranhos como se fosse uma pessoa comum. Argus meneou a cabeça. Tinha havido alguns casamentos bem-sucedidos no clã na geração anterior, e ele queria apostar que

isso em parte vinha do fato de a verdade ter sido contada antes dos votos.

Ele não gostava de lembrar quanto tempo havia se apegado à ideia de que e uma maldição. Agora, que estava pensado nisso, achava constrangedor. Pior ainda, havia deixado Lorelei pensar que ele considerava o que haviam compartilhado nada mais que uma aventura. Por isso ele lhe devia muitas desculpas.

Também era constrangedor o fato de pensar que só quando a viu sangrando no chão é que entendeu o que ela representava para ele. Havia aceitado em silêncio as palavras de amor que ela lhe dissera quando estavam fazendo amor, como se de certa forma ele as merecesse. Era outro motivo pelo qual precisaria pedir desculpas, por tê-la ferido.

Encostando-se de volta na cadeira e pondo os pés sobre a cama, Argus a olhou dormir. Ele a achava linda em tantos aspectos que temia se mostrar piegas ao tentar estabelecer uma lista. A coisa mais importante era que ela o aceitava do jeito que ele era, da mesma forma que aceitava sua família. Aceitava até mesmo Darius e Olwen. Leopold tinha razão; Iago tinha razão. Todo as pessoas de sua família com quem conversara tinham razão. Ele era um idiota.

Bem, nunca mais, decidiu ele. Tinha de resolver algumas coisas, mas em seguida iria atrás de Lorelei. Argus achava até engraçado que, depois de ela lhe ter oferecido sua inocência e sussurrado inúmeras promessas de amor, agora ele se sentisse nervoso ao querer lhe oferecer o seu.

Um leve gemido vindo da cama o arrancou de seus pensamentos, e ele se debruçou para olhá-la. Argus praguejou ao ver manchas vermelhas em suas bochechas. Tocou sua resta e

praguejou de novo. A febra estava vindo. Stefan havia aliviado o sangramento e a dor, mas seria mais difícil baixar a febre.

Ele chamou Vale e pediu que a mulher molhasse o rosto de Lorelei com um pano frio. Argus deu um beijo na testa de sua amada e, ao se afastar, ficou surpreso ao ver os olhos da mulher abertos. Ela lhe deu um sorriso que parecia uma pálida sombra daquele que ele gostava tanto de ver.

— Foram os homens maus que morreram, não é? — perguntou ela.

— Sim — respondeu ele. — Todos os outros estão bem, exceto você e o pobre velho James.

— Ah, sim, o velho James. Era um homem muito bom. Você não deveria ficar tão perto de mim, já que estou me sentido bastante doente.

— Lorelei, Cornick a apunhalou nas costas, você se lembra?

— Ah, claro, posso sentir o ferimento. Não, é o resto de mim que está se sentindo doente. E por causa desse ferimento? Estou com febre, então?

Havia um leve tom de pânico em sua voz fraca e rouca, e ele passou a mão no seu cabelo. — Um pouco, só isso. Vou buscar alguém para ajudá-la nisso. A febre veio de repente, então suponho que vá embora rápido, principalmente com a ajuda de minha família. Vale está aqui e vai banhar seu rosto, talvez os braços também, com água fria, para que você se sinta melhor. Como você e Max me disseram tantas vezes, descanse. Essa é a melhor das curas.

—Você vai voltar? — perguntou ela, fechando os olhos, porém segurando-o firmemente com a mão.

— Sim, vou voltar.

Argus saiu depressa do quarto e correu escada abaixo. Não era a febre que o preocupava, mas o fato de Lorelei estar febril antes mesmo de ter tido tempo de recuperar um pouco de suas forças depois de tamanho ferimento e perda de sangue. Ele pretendia ir até a biblioteca do Duque para escrever algumas mensagens endereçadas a alguns dos mais experientes curandeiros da família, quando quase atropelou o homem.

— Tem visitas para você no salão — disse o Duque, pegando-o pelo braço para conduzi-lo nessa direção.

— Eu ia mandar mensagens para alguns membros de minha família.

— Curandeiros? — adivinhou o Duque, parando abruptamente e olhando para Argus. — Por que tanta pressa? Ela piorou?

— Já está mostrando sinais de febre. Acho que pode ser pelo fato de ter perdido tanto sangue. Vale vai banhá-la com água fria, mas eu queria trazer um dos maiores curandeiros aqui o mais rápido possível.

— Bem, primeiro venha ver se o que precisa já não está aqui.

Argus entrou no salão atrás do Duque e quase gritou de alegria ao ver duas pessoas levantando-se para reverenciar o Duque e então rapidamente as apresentou : — Septimus, Delmar, estou muito feliz por vocês terem vindo. — Olhou para Stefan, que meneou cabeça, e então de volta para Septimus. — Como souberam?

— Chloe mandou um aviso de que talvez você pudesse precisar de nós e nos falou para vir aqui. Ela foi muito insistente — disse Septimus.

—Vocês sabem qual é nosso problema? — perguntou o Duque, afastando-se para ver a comida que Max havia trazido para os convidados e servindo-se de um pedaço de bolo.

— Alguém está ferido e doente — respondeu Septimus, olhando então para Argus. — Ela nos disse que precisávamos vir aqui para ajudá-lo ou você estaria perdido, você me parece estar em boa saúde.

— Estou, mas Lady Lorelei, a filha do Duque, não está — disse Argus, explicou brevemente a situação e tentando não corar diante do olhar atento, porém levemente divertido, de Septimus.

— Então, acho melhor irmos lá para ver o que podemos fazer. Delmar e eu descobrimos que, se trabalharmos juntos, podemos aliviar muitas dores e curar graves ferimentos ou doenças sem nos afetar. Acho que, juntos, talvez possamos atender às necessidades

—Vocês se importam se eu ficar olhando? — perguntou o Duque.

Argus percebeu um desconforto que Septimus e Delmar não puderam esconder e disse: — Não se preocupem. Sinceramente. O Duque sabe muito a nosso respeito e confio nele.

Logo depois, estavam no quarto de Lorelei, e Argus teve de ficar um pouco trás, enquanto Stefan, Delmar e Septimus se punham ao redor da cama. Ele calmamente pediu a Vale que saísse do cômodo, sabendo que a mulher podia ficar aborrecida com algumas das coisas que fosse ver. Permanecendo ao lado do Duque, Argus ficou observando enquanto seus primos tocavam em Lorelei, afagavam sua testa e se e empenhavam em curá-la.

— A faca estava suja — disse Delmar.

— Muito suja — concordou Septimus. — A infecção já começou, e a febre vem do fato de ela estar lutando com unhas e dentes.

— O ferimento é profundo, de maneira que a infecção também.

Argus escutava os três falarem enquanto eles mantinham os olhos fechados e mãos sobre a mulher. Septimus claramente havia treinado o jovem Delmar, e era disso que Stefan precisava.

Já que viviam na mesma casa, o jovem precisava tomar a iniciativa e pedir para ser treinado. Argus supunha que agora ele o faria, já que queria muito fazer algo mais para Lorelei.

Ao acabarem, os três pareciam um pouco pálidos, permanecendo por perto e enquanto o Duque acariciava a testa de sua filha. Argus queria desesperadamente fazer o mesmo, mas sabia que precisava esperar a sua vez. O doce olhar no rosto do Duque enquanto acariciava o cabelo de Lorelei lhe mostrou que, por enquanto, o pai precisava ficar junto de sua filha.

Logo ela estava dormindo tão calmamente que todos saíram do quarto para conversar e se depararam com um corredor cheio de rapazes, alguns deles adultos, e garotas recém-saídas da escola, ou quase. Alguns de pé, outros sentados no chão. Argus viu até mesmo seus filhos sentados com os gêmeos, Axel e Wolfgang. O Duque sorriu para todos eles.

— Ela está bem melhor. Estes jovens aqui vieram para ajudá-la a se curar — disse o Duque, fazendo um gesto carinhoso com a mão para mandar todo mundo embora. — Não á motivo para bisbilhotar aqui. Agora preciso servir a esses homens algo para comer e beber em retribuição à gentileza que fizeram de vir até aqui nos ajudar. — Ele olhou para a tia Gretchen. —Você sabe que

quartos estão desocupados, não sabe? Ou a quem perguntar? Precisamos arrumar um quarto para estes homens.

Tia Gretchen saiu depressa para organizar a acomodação dos convidados, e os outros logo se dispersaram. Argus pensou que Sundun House era como uma pequena aldeia. Perguntou-se se o Duque sabia como dizer não.

— Ela está curada, agora? — perguntou o Duque, enquanto desciam a escada, indo para o salão.

— Ainda não totalmente, Vossa Alteza — disse Septimus. — Mas está se curando. O senhor deve ter ouvido quando dissemos que a faca que ele usou estava suja ou pelo menos não completamente limpa, e isso penetrou profundamente no ferimento. O efeito disso é a febre diminuíram, deram uma trégua, se preferir; mas tentarão voltar, dependendo do estado de saúde em que sua filha estava antes do ataque. Depois poderemos avaliar melhor quanto tempo ela vai demorar até se recuperar totalmente.

— Suponho que não deveria ficar surpreso de que um homem como Cornick não tivesse o cuidado de manter suas armas limpas — disse o Duque, meneando a cabeça, enquanto todos se acomodavam no salão em que a comida e a bebida esperavam pelos curandeiros. — Comam, comam. Stefan me informou que é preciso. Então, o que vai acontecer agora?

—Vamos vigiá-la, e, ao primeiro sinal de febre, voltaremos a tratá-la. E assim por diante. Até que o veneno que entrou em seu ferimento, e, através dele, em todo o seu corpo, tenha sumido.

Argus escutou a conversa sobre o ferimento por um momento, antes de sair discretamente. Ele precisava ficar com ela, precisava vê-la, como se sua presença afastasse o perigo desse ferimento. Era uma tolice, mas ele não tinha como lutar contra isso.

— Vossa Alteza, queira perdoar minha impertinência... — começou Septimus.

— Meu filho, tornei-me pai aos quinze anos, e cuidei de dezessete crianças. Ouço impertinências o tempo todo.

— Está bem, então. Como se sente com relação a Argus e sua filha,Vossa Alteza?

— Ah, você foi enviado para colher algumas informações, não é?

— Algumas. Principalmente para curar. Foi nossa prima Chloe que contou como Argus ficaria perdido se nós não viéssemos até aqui para curar alguém. Ao ver como ele olha para a filha do senhor, entendi quem era esse alguém, mas ele é apenas um cavalheiro enquanto ela é...

— Minha filha. Sim, estou a par disso. Não me importo com quem meus filhos casem, desde que sejam felizes. Acredito que Argus seja a pessoa certa para Lorelei. Ela também acha, e isso é o mais importante. Acredito que, em algum momento entre sequestro de minha filha e a facada nas costas, seu primo tenha tido uma revelação.

—Ah, sim, a maldição do casamento com um Wherlocke ou um Vaughn. Fico feliz de ver que aparentemente ele tirou esse peso dos ombros. Nenhum de nós quer repetir esses erros. Segredos, Vossa Alteza. Muitos deles não contaram exatamente às suas esposas o que eram antes de terem de explicar por que os filhos eram tão diferentes. É óbvio que aqui esses segredos não foram escondidos.

— Não, eduquei meus filhos de maneira que sejam racionais, tenham a mente aberta e estejam preparados para novidades. Esses dois combinam tão certo, quanto eu sou Duque.

— E sua certeza é tamanha que permite que ele entre no quarto dela?

— Ela tem vinte e três anos, e seu primo é o primeiro homem por quem ela mostrou verdadeiro interesse. Seus olhos brilham quando pronuncia o nome dele. Um homem sábio não interfere neste brilho.

Argus se sentou ao lado da cama de Lorelei e pegou sua mão. Ela estava dormindo tranquilamente, com um rosado leve e saudável nas faces. Ele beijou sua mão, pelo fato de ela até mesmo respirar. Seus primos iam curá-la. Ele sabia que isso requerer várias sessões, já que a febre e a infecção eram inimigas resistentes, mas iam conseguir. Agora precisava planejar o que fazer.

— Você vai sarar — disse-lhe Argus. — E vamos comemorar sua boa saúde no pomar.

— Malandro — sussurrou ela, mas seus olhos apenas tremeram por um instante já que, como ele sabia, ela estava mais adormecida do que acordada.

—Você me inspira.

— Eu? Que lindo. Agora, vou ter uma grande cicatriz nas costas.

—Vou beijá-la. — Ele estava feliz por ver seu sorriso adormecido. — Descanse, Lorelei. Mesmo com os curandeiros que vão ajudar a combater sua febre, você precisa descansar muito.

— Sei. Agradeça-lhes por mim, por favor.

— Sim, e seu pai também já lhes agradeceu.

E a fácil aceitação que ela demonstrara de que os primos de Argus a tivesse curado com um simples toque das mãos era um dos motivos que faziam com que ele soubesse que seria louco se a deixasse, mesmo tendo origem e condições financeiras diferentes. Quando a mão de Lorelei se entregou totalmente à sua, Argus soube que ela havia voltado a dormir e então pôs a mão da mulher debaixo do cobertor. O sol brilhava através da janela do quarto, fazendo brilhar o lindo cabelo de Lorelei, e ele entendia que precisava fazer tudo o que fosse possível para ter o privilégio de ter essa visão todas as manhãs pelo resto de sua vida.



Capítulo 19

— EMBORA? O QUE QUER DIZER COM ISSO?

Lorelei se perguntou se parecia tão confusa, indignada e indecisa para Olympia quanto parecia a si mesma. Estava finalmente se sentindo completamente curada depois de duas longas semanas. Sabia que esse prazo só podia ter sido tão curto com a ajuda de Septimus, Delmar e Stefan, mas estava cansada de passar dias e noites confinada no quarto. Recebia muitas visitas, entre as quais todas as pessoas da Sundun House, além de vários Wherlocke e Vaughn, que vinham conversar com ela, mas agora, que podia fazer alguns passeios, o homem com o qual ela queria conversar tinha ido embora. A maneira que ele havia permanecido ao lado de sua cama enquanto estivera doente, conversando com ela, lendo para ela, e beijando sua testa antes que ela dormisse, havia despertado suas esperanças para o futuro.

E agora ele tinha ido embora, sem nenhuma explicação. Era como se ele tivesse visto que ela estava totalmente curada do ferimento que seu inimigo lhe havia infligido e decidido que seu trabalho tinha acabado. Então, fora embora para cuidar de assuntos pessoais. Mesmo assim, por que sua família ainda estava por aqui? — perguntou-se.

—Você está ficando nervosa à toa — disse Olympia. — Ele precisava fazer muitas coisas porque passou quinze dias ao seu lado, vigiando-a como uma coruja, até ter certeza de que estava curada.

Era verdade. Ela o vira quase todas as vezes que abrira os olhos. Não havia visto seu pai tanto quanto havia visto Argus. Sem esquecer as outras coisas que ele tinha feito para ela, como alimentá-la com colher, molhar sua testa com água fria, ou apenas lhe fazer companhia. Ela acreditava não tê-lo visto tanto desde os dois primeiros dias, quando ela o resgatara e o trouxera até Sundunmoor. Supôs que era por causa disso que a deserção do homem lhe parecia tão chocante.

Não, disse firmemente a si mesma, não se trata de deserção. Apenas ele tinha coisas para resolver. Olympia tinha razão. O homem não cuidara das atividades que lhe garantiam sua renda desde aquela noite em que havia sido raptado por Cornick. Apesar das horas consagradas à leitura e do fato de viver em seu próprio mundo, seu pai sempre cuidara para que todos tivessem um lar, roupas e comida. Como ele gostava de dizer, o dinheiro não cai do céu, sempre é necessário fazer algo para obtê-lo.

— Tenho certeza de tê-lo ouvido mencionar que precisava fazer algum trabalho — disse Olympia.

—Você tem razão; pensando bem, ele mencionou isso mesmo. Apenas não disse de que trabalho se tratava, e pensei que fosse algo perto daqui.

— Ah, não, ele está em Londres.

Lorelei tentou ignorar a dolorosa pontada que sentiu no coração quando Olympia mencionou isso. Ela realmente não gostava de pensar que Argus pudesse estar em Londres, com todas

aquelas mulheres lindas e experientes. Alguns dias por lá, e ele a veria como uma pequena camponesa protegida. Era uma ideia horrível demais para se pensar, mas agora, que ele não saía mais de sua cabeça, ela não conseguia se controlar. A única coisa que lhe vinha à mente era Argus escoltando alguma beldade bem-vestida pelas ruas da cidade.

— Se já tiver acabado de imaginar meu irmão envolvido em algum tipo de orgia com meia dúzia de mulheres de Londres, talvez possamos dar uma volta. Isso vai ajudar a tirar esses pensamentos absurdos de sua mente.

— Meia dúzia? Com certeza não é possível, quero dizer, com meia dúzia?

Olympia deu de ombros, levantou-se e alisou a saia. — Ouvi dizer que essas coisas podem chegar a ser muito descontroladas, tão indecentes quanto uma orgia.

— E como ouviu falar em orgias se, a meu ver, elas aconteceram apenas em Roma e na Grécia antiga? Li sobre isso em um dos livros que meu pai acredita estarem bem escondidos.

—As coisas antigas acabam voltando a ser modernas. E qualquer coisa velha que diga respeito a homens satisfazerem seus desejos com um bando de mulheres sempre renasce de um jeito ou de outro. E nunca é uma só, mas um bando, já que eles se iludem com relação à própria resistência física.

— Ah, bem pensado. São perversos, canalhas — murmurou Lorelei, levantando-se com satisfação ao ver que não sentia mais tontura. Aqueles rapazes haviam feito milagres.

— Os homens bem que mereceriam que as mulheres também decidissem ter orgias.

Olympia parou na porta. — Ah, que ótima ideia.

— Eu estava brincando, usando uma comparação hipotética, se quiser.

— Mesmo assim, é uma ideia intrigante. Uma orgia em que as mulheres decidiriam que homens convidar, e todos estariam disponíveis e prontos para fazer o que quiséssemos.

Lorelei franziu a testa enquanto puxava suas botas. — Estranho. Há pouco tempo eu teria adorado inventar uma história dessas com você, mas agora não me sinto tão interessada.

— E porque está loucamente apaixonada por meu irmão.

— Eu não diria loucamente — protestou Lorelei enquanto seguia Olympia para fora do quarto. — E, bem, hoje disponho de um pouco mais de informações, se assim posso dizer, e não tenho certeza de que gostaria que tantas pessoas me vissem nua. Por outro lado existem alguns homens muito bonitos... Ah, o que estou dizendo...? — Ela meneou a cabeça. —Você consegue me arrastar para as mais ridículas e impróprias conversas.

— Mas são as melhores.

— Quais são as melhores? — perguntou Septimus, saindo do salão no exato momento em que elas se dirigiam para a escada que levava à porta principal.

— As conversas impróprias — respondeu Olympia.

— Ah, posso me juntar a vocês?

— E jovem demais.

— Tenho a mesma idade que Lady Lorelei.

— As mulheres ficam maduras antes dos homens, que permanecem garotinhos até chegarem aos trinta. E então ficam maduros por pouco tempo já que logo voltam a se tornar garotos perto dos cinquenta anos. E um fato bem conhecido. Então, você poderá nos acompanhar durante esse curto intervalo em que for totalmente adulto.

Septimus riu e beijou Olympia no rosto. —Você é manhosa. — Então olhou para Lorelei. — Está se sentindo mais forte?

— Bem mais. Eu precisava sair daquele quarto. Acredito que, se você não tivesse me ajudado a me curar, eu teria ficado deitada o tempo todo e enlouquecido antes de poder me levantar. — Ela sorriu ao vê-lo rir.

— Então, estão indo fazer um passeio — disse ele. — Posso acompanhá-las pelo menos durante um trecho?

— Claro — respondeu Lorelei —, mas por que apenas um trecho?

— Preciso ir até a aldeia porque uma mulher de lá está tendo um parto difícil. Seu pai me pediu que eu o encontrasse ali. Suponho que a mulher seja importante para ele.

— Papai acha que não sabemos, mas ela foi amante dele há alguns anos.

— Então o filho não é dele?

— Não. Papai disse aos meus irmãos mais velhos que é necessário ter muito cuidado antes de ir para a cama com donzelas e tentar evitar que a semente se enraíze. Então ele explicou as diferentes maneiras de evitar isso, insistindo naquela que também pode protegê-los da sífilis.

— Não acredito que ele possa ter tido essa conversa com seus filhos na sua presença.

— Não, fiquei escutando pela fechadura. Então, Max me pegou, e não consegui ouvir mais nada. Mais tarde, Max me disse que, como meu pai entende muito bem de garotos, por ter sido um ele mesmo, o restante da conversa foi sobre a pior das doenças malignas que se pode pegar por descuido. — Ela sorriu quando Olympia e Septimus riram. — Ele deve ter sido muito convincente porque, durante os meses seguintes, a única coisa em que Philip, seu herdeiro, segundo na linha de sucessão, falava era que tinha certeza de ter recebido um chamado para servir a Deus e talvez devesse entrar para a Igreja. Papai teve de informá-lo de que, a menos que se tornasse católico, faria pouca diferença, já que não precisaria fazer voto de celibato. Ele persistiu em sua ideia uma pouco mais, até conhecer a garota da ordenha.

Era um lindo dia de verão e, ao saírem da casa, seguiram jogando conversa fora enquanto caminhavam. Lorelei sentia sua cabeça mais leve e supunha que essa havia sido a intenção de seus companheiros. Embora fosse um tanto incômodo sentir que seus sentimentos eram tão facilmente legíveis, ela era grata pela companhia. Apenas fazia indagações sobre quanto tempo Argus pretendia ficar longe, mas não queria perguntar.

—Amanhã fará um mês, Olympia. Argus não está voltando.

Lorelei se perguntou se seu coração não havia se transformado em pedra, já que parecia estar tão pesado no seu peito, mas a dor que sentia lhe dizia que não era possível. Teria sido preferível, pensou morosamente. Também não havia tido mensagem nenhuma de Argus, nem mesmo um breve recado dizendo que ele esperava que sua saúde continuasse melhorando.

Ela havia fracassado, pensou, sentando-se em uma cadeira do salão. Tentara tanto lhe mostrar que o amava e nunca iria deixá-lo, mas não havia conseguido conquistar seu coração. Obviamente, ela nunca deveria ter apostado, pensou.

— Talvez seja melhor você passear um pouco — disse Olympia, sem mesmo levantar os olhos do desenho de bordado no qual estava trabalhando. — A chuva parou e o sol está brilhando. Talvez isso a anime.

Lorelei duvidava, porém sabia que naquele instante era uma péssima companhia e decidiu sair. Não se surpreendeu ao perceber que se encontrava no seu canto preferido do pomar. Fora ali que se sentira perto de Argus, que fizeram amor pela primeira vez. Naquele momento ela tivera muitas esperanças, muitos sonhos. Todos haviam se transformado em poeira, pensou ao sentar-se e encostar-se no tronco da árvore.

— Lolly!

Ela espiou através da folhagem e viu Darius e Olwen vindo em sua direção. Eles era algo que mantinha suas esperanças vivas. Argus nunca deixaria seus filhos para trás, e eles não mostravam nenhuma vontade de voltar para Radmoor. Os únicos que haviam ido embora eram Iago e Leopold, que tinham muito trabalho para fazer, e em grande parte secreto, pelo pouco que ela pudera discernir. Rapidamente, saiu de seu esconderijo e fez um sinal com a mão em direção aos garotos.

— Você gosta mesmo daqui? — perguntou Darius, franzindo o cenho enquanto olhava ao redor.

Lorelei olhou para o lugar através dos olhos do garoto. Ao redor deles, havia um emaranhamento de árvores grandes demais, arbustos sem cuidados e grama não cortada. No entanto, ela gostava

do aspecto selvagem do lugar. Era do jeito que a natureza quisera, se comparado com o pomar muito bem cuidado que levava a esse canto.

— E meu! Então, sim, gosto daqui — disse ela, sorrindo para os garotos. — Posso ajudá-los?

— Seu pai disse que costumava colecionar todos os tipos de pedras — disse Olwen —, e nós nos perguntamos se você as jogou fora ou sabe onde foram guardadas.

— Acredito que estejam em um grande baú azul no sótão da ala leste. Meu nome está pintado em vermelho vivo. Vocês têm interesse em pedras?

— Sim, porque cada uma é diferente da outra, mas Darius não tem tanta certeza. Pensei que aquelas que você colecionou podem provar que tenho razão.

—Acho que sim. Posso ajudar vocês a encontrá-las.

— Não, não seria bom que você subisse até o sótão e mexesse com malas e outros coisas semelhantes.

— Ah, estou totalmente recuperada daquela facada e bastante forte.

— Não é isso — disse Darius. — Poderia machucar o bebê.

— O quê?

Lorelei tinha ouvido exatamente o que o garoto dissera, mas não queria acreditar nisso. Sua mente procurava freneticamente algum fato que pudesse refutar essa afirmação, mas então ela se lembrou de que já estavam atrasados dois períodos menstruais. Isso podia ser desastroso.

— Um bebê, você disse? — perguntou ela a Darius.

Olwen respondeu. — Sim, e na verdade são dois. Assim como seu pai teve gêmeos, você os terá. Mas não vamos contar nada até que você possa contar ao seu pai.

Ela falou com eles um pouco mais, embora depois não se lembrasse do que havia dito, Toda a conversa havia se tornado um borrão desde que ouvira uma única palavra — bebê. *Mas não será um bebê*, pensou ela enquanto voltava para seu esconderijo do pomar. *Serão dois.*

Inicialmente, ela tentou negar o fato, lembrando que a notícia de que estava grávida lhe havia sido dada por dois garotos muito jovens. Contudo, sua mente se recusava a esquecer o assunto. Ela se lembrou do enjoo que sentira na véspera pela manhã. Havia pensado que era algo remanescente de sua doença, mas agora se encaixava perfeitamente no recanto de sua mente onde estava escrito "bebê"

— Ah, estou totalmente perdida — gemeu ela, deitando-se de costas para olhar o sol através da folhagem.

Lorelei nem queria pensar no que seu pai ia fazer. Ele era o homem mais doce do mundo, mas, como já provara em toda a confusão com Cornick, bastava cutucá-lo um pouco para estar diante do Oitavo Duque de Sundunmoor e não mais diante de Roland ou papai. Ele nunca aceitaria que sua filha desse à luz um filho fora do casamento, ainda mais quando sabia quem era o pai.

Ela queria que Argus fosse seu, ainda mais do que a própria vida, mas não queria arrastá-lo para seus braços. E isso ia acontecer se Max e seu pai descobrissem que ela estava esperando um filho de Argus, ou melhor, dois filhos do homem. Precisava de uma saída. Ela ainda tinha tempo antes que Sundunmoor como um todo começasse a suspeitar, já que não era algo tão raro naquela casa. Se

ela se empenhasse, disse a si mesma, encontraria uma solução que não obrigasse o homem que amava a se casar com ela se ele não quisesse. Pois desse jeito o casamento deles seria um desastre. Na verdade, só serviria para comprovar a teoria de Argus segundo a qual os casamentos de sua família eram amaldiçoados.

Argus endireitou sua roupa e bateu à porta da biblioteca do duque. Estava tão nervoso quanto um adolescente diante de sua primeira namorada. Era ridículo, mas, apesar de ter dito isso a si mesmo inúmeras vezes, continuava nervoso.

— Bem — disse o Duque, quando Argus respondeu ao seu convite para entrar —, está muito elegante. Onde esteve durante esse mês todo? Entre. — Ele fez um gesto de mão mostrando a cadeira na frente de sua mesa de trabalho. — Sente-se, sente-se.

— Estive em Londres a maior parte do tempo Vossa Alteza — disse ele, enquanto o Duque lhes servia um pouco de vinho. — Eu precisava esclarecer algumas coisas relacionadas ao caso Cornick. Investigar para ter certeza de que todos os que haviam se envolvido estavam fora de circuito. Existiam ainda dois, mas eram pouco importantes. Vão passar uma temporada no Canadá, enviados por seus pais para evitar um escândalo, ou, talvez, para que adquiram algum juízo. Os pais dos dois têm propriedade lá.

— Então, eram apenas Cornick e Chuffington?

— E aqueles dois brutamontes das docas. Parece que já haviam trabalhado para Chuffington antes, o homem vai ser enforcado, e não somente pelo que aconteceu aqui. A cada dia aparecem mais evidências sobre a maneira que ele se livrava daqueles que o incomodavam.

O Duque meneou a cabeça. — E quando penso que ele usava os recursos do governo para ajudá-lo em suas mesquinhas

vendetas... Agora, entendo por que você esteve longe por tanto tempo, mas seus filhos se divertiram muito aqui.

— Tenho certeza disso. Tornaram-se bons amigos de Wolfgang e Axel. Que Deus nos ajude. — Ele sorriu ao ver o Duque rir. — Mas também fiquei muito ocupado organizando minhas coisas.

— Está indo para algum lugar?

— Espero que não, Vossa Alteza. — Ele pôs seus documentos sobre a mesa do Duque.

— Quero me casar com sua filha, mas sei que sou apenas cavaleiro. Não sou do mesmo nível social que ela. Contudo, sei que posso sustentá-la adequadamente.

Roland escutou enquanto Argus lhe contava sobre as propriedades que tinha, a situação financeira e seus investimentos, dando breves informações sobre seu trabalho junto ao governo. O Duque não lhe contou que já sabia de tudo isso, já que, assim que percebera a relação que estava se desenvolvendo entre sua filha e Sir Argus fizera o necessário para descobrir o quanto pudesse. O fato de ter hospedado a família do homem também havia ajudado. Ele sinceramente acreditava que se podia dizer muito a respeito de um homem estudando sua família.

Os Wherlocke mais velhos tinham tido casamentos sofríveis, mas os mais jovens, até então, haviam obtido resultados bem melhores. Roland suspeitava que fosse porque haviam aprendido com os erros de seus pais. Histórias de crianças abandonadas ou rejeitadas enfeavam o passado dos Wherlocke e dos Vaughn, mas os garotos que Argus tivera quando ele mesmo não era muito mais que um garoto estavam sendo bem cuidados e recebiam todos os benefícios de sua classe.

Também encontrara muito poucos criminosos na árvore genealógica da família e isso, considerando-se os dons que tinham, era quase um milagre. Do seu lado, Max também não havia encontrado nada, a não ser que tinham um grupo muito seleto de criados, principalmente de duas famílias, e que os tratavam muito bem. Isso também contava favor do homem.

Agora estava ouvindo o que Sir Argus Wherlocke sentia com relação a Lorelei, a garota andara se esquivando pela casa declarando que era infeliz, e Roland estava cansado disso. Contudo, naqueles dias ele pensava que não devia obrigá-la a se casar com homem que não se importava com, ela.

Então, Argus disse algo que o fez pestanejar de surpresa. — Você comprou a casa em que foi mantido prisioneiro?

— Sim. Estava à venda por um preço razoável. Na verdade, é uma casa muito firme e resistente, pois, segundo o que meu representante disse, tem ótimas fundações. Está sendo reformada, limpa e pintada neste exato momento. Pensei que Lorelei gostaria de ficar perto de sua família. Também tenho vários parentes a menos de um dia de viagem de lá.

— Não está preocupado com más lembranças?

— Não — sorriu Argus. — Como espero viver lá com minha nova esposa, suponho que encontrarei uma maneira de afastá-las se elas tentarem se intrometer. Mas não acho que será o caso. Relaciono as más lembranças com os homens que foram responsáveis por meus ferimentos, e todos morreram.

O Duque se debruçou, pondo os cotovelos sobre a mesa e juntou as mãos. —Tudo isso é muito impressionante, Sir Argus, mas, para ser direto, desde que ela não esteja passando fome, não estou interessado no aspecto financeiro do futuro marido de minha

filha. Quero que ela seja feliz. Quero que tenha filhos tão felizes quanto seus pais. Quero que seu marido a ame de verdade, porque é disso que Lorelei precisa.

— Eu sei, Vossa Alteza. — Argus limpou a garganta, não acostumado a falar sobre seus sentimentos, especialmente diante do pai da mulher que ele tanto queria. — Amo sua filha, Vossa Alteza. Lutei contra isso, ignorei meu sentimento e tentei rejeitá-lo, mas nada deu certo. Eu a amo e acredito que ela me ame.

— Se o tamanho do mau humor que ela demonstrou nas últimas semanas servir de indicação, então suponho que sim. Agora, sendo você londrino e certamente não um santo, preciso lhe perguntar: e no que diz respeito à fidelidade? Sei que muitos homens acham que têm o direito de ter uma amante ou até duas além da esposa, mas isso só traz desgraça e amargura. Não me lembro de ter visto muitos casais em que ambos os lados estejam felizes com essa situação.

— Ao pronunciar os votos do casamento, Vossa Alteza, terei de me submeter a eles. Se eu pensasse não poder, então eu nunca me comprometeria. Pessoalmente, nunca entendi os homens que juram fidelidade a uma mulher diante de Deus, do padre e de uma centena de convidados, e então, assim que nasce um herdeiro, voltam à vida de solteiro como se não fossem casados. Não é só a questão da amante, certo? É o maior desrespeito pela pessoa que acaba de lhe dar um filho. Para a esposa, não há mais dúvida de que o marido se casou com ela para se reproduzir e transmitir ao filho o dinheiro e as propriedades dela.

— E o que acontece com muitos casamentos.

— Sei, mas isso também revela que o homem, ou a mulher, dependendo de quem ignorar os votos, não tinha intenção de honrá-

los e nem mesmo de ter um casamento decente. Isso revela uma natureza desonesta e, como eu disse, um total desrespeito pela mulher.

Roland encostou-se contra o dorso da cadeira e olhou para o homem que em breve certamente se tornaria seu genro. — Sempre pensei assim. Bem, falta apenas uma coisa.

— E o que é?

—Você terá de convencer Lorelei, e ela não está no seu melhor humor atualmente. Um recado ou uma carta teriam sidos bem-vindos.

— Eu disse a ela que tinha muitas coisas para resolver.

— Dia e noite, durante um mês?

Argus fez uma ligeira careta. — Tive de fazer algumas viagens.

—Até sua nova casa, que fica a menos de um dia de viagem daqui?

— Droga. Eu não queria voltar aqui antes que tudo estivesse organizado, antes de poder provar ser capaz de dar a ela uma boa vida — disse Argus. — Ela tem um nível social bem mais alto que o meu, e eu precisava ter algo a lhe mostrar que pudesse lhe dizer que posso cuidar dela e dos filhos que teremos. Eu precisava mostrar a ela e ao senhor que não queria me casar com ela por outra coisa a não ser por ela mesma, e que eu já tinha tudo de que precisava.

—Argus, posso chamá-lo assim, já que logo seremos parentes por meio desse casamento? —Assim que Argus lhe acenou com a cabeça, Roland continuou: — Minha filha é muito parecida com sua mãe, uma mulher da qual sinto muita falta. Ela pensa demais. Sei que pode parecer estranho ouvir isso de mim, mas, enquanto me

pergunto se tem sentido o cuco depositar seus ovos no ninho de outros pássaros, Lorelei pensa: por que ele ainda não voltou, por que pelo menos não me escreveu? Então, ela logo começa a desprezá-lo, ou fica de mau humor e pensa o pior a seu respeito. A última coisa que ouvi era que você estava participando de algum tipo de orgia com meia dúzia de mulheres. — Ele sorriu quando Argus engasgou com o vinho. —Você pode culpar sua irmã, que parece gostar de conversar sobre coisas muito irrelevantes. Mas, para voltar à maneira de pensar de minha filha, Londres é uma cidade repleta de lindas mulheres. Todas essas lindas mulheres naturalmente vão querer você porque você não está aqui. Está começando a entender?

— Perfeitamente. Permiti que ela duvidasse de mim, e isso não pode continuar assim. Como eu já disse, eu só queria ter tudo em ordem antes de termos essa conversa. Acredito que possa fazer com que ela entenda a importância disso, pelo menos a importância que tem para mim.

— Com certeza, eu entendo. — Ele sorriu para Argus. — Para ajudar sua causa, aconselho que escolha palavras muito bonitas. Lorelei sabe ser mordaz, mas tem um coração muito doce. Não pense que ela vai querer ouvir lisonjas ou promessas. Mas, por enquanto, já que passou um mês fora daqui sem dar notícias, ela não se sente segura consigo mesma, nem com você.

"Lorelei nunca mostrou nenhum interesse em nenhum homem antes e sempre foi educada, dançou, e até beijou alguns, mas nunca houve um verdadeiro interesse. Vi o interesse que sente por você na primeira vez que ela falou seu nome. Parece uma tolice, mas havia um brilho nos olhos dela quando ela falava de você. Resolvi observar e deixar as coisas acontecerem. Não pense que não percebo o que está acontecendo. E decidi não interferir. Max

também resolveu não interferir. Portanto, não somente você vai ter de lidar com uma mulher possivelmente irritada pelo fato de ter desaparecido durante um mês, mas, acredito também, com uma mulher que depois de finalmente ter se visto como mulher, agora está questionando isso. Então", e fez gesto com a mão para Argus, "vá consertar isso."

— Agora, sinto-me totalmente intimidado — disse Argus, levantando-se. — Posso deixar esses documentos aqui?

— Claro. Grande casamento ou pequeno casamento? Em outras palavras, rápido ou lento?

— Tenho certeza de que entende que eu gostaria que fosse rápido. Fiquei um mês longe dela, mas concordarei com o que ela escolher.

No momento em que Argus saiu, Roland chamou Max e sorriu quando o homem entrou logo depois, mostrando que provavelmente havia ouvido a conversa atrás da porta. — Então, ele está de volta. — Ele mostrou os documentos sobre a mesa. —Trouxe tudo para mostrar que tem como sustentá-la e até comprou um lugar não longe daqui, o mesmo em que foi mantido prisioneiro. Agora, só falta convencê-la.

— Acredito que ela queira fazê-lo sofrer um pouco. Pelo menos, ele deveria ter escrito uma carta ou duas.

— Max, você é um dos raros homens que gostam de escrever cartas. Mas, sim, ele deverá rastejar um pouco, até porque não a tranquilizou antes de ir embora. Acredito que logo tenhamos um casamento.

—Ah? E por que acha isso?

— Ouvi os filhos de Argus conversarem enquanto iam para o sótão da ala leste. É um dos motivos pelos quais fiquei tão feliz que o homem voltasse e se comportasse como o cavalheiro que é.

— Vossa Alteza?

— Parece que minha filha, que ainda não se casou, deve presentear Darius e Olwen com irmãos gêmeos em menos de oito meses. — Ele riu e serviu a Max uma bebida quando o homem se sentou na cadeira. — Não se preocupe, Max. Nossa Lolly vai ficar bem. Mas, o mais importante de tudo isso, é que vai ficar feliz. O jovem tolinho a ama.

— Eu ouvi. Estava mais do que na hora de ele reconhecer isso.

— Pelo menos, foi o que ele fez Max. E vai fazer de minha filha uma mulher muito feliz. — Ele levantou seu copo, brindou silenciosamente com Max, e bebeu ao futuro de sua filha predileta.



Capítulo 20

— NÃO VOU CHORAR MAIS — DISSE LORELEI, OLHANDO PARA O CÉU ENSOLARADO através da folhagem de sua árvore favorita.

Era uma promessa tola e ela suspeitava que iria rompê-la antes do fim do dia. A noite era o pior momento para tentar cumprir tal promessa. Ela se deitava na cana com dor de estar só, desejando ardentemente Sir Argus Wherlocke, querendo seu calor ao lado dela. Então as lamentações e as perguntas começavam, martelando sua cabeça e roubando-lhe o sono. As lamentações pela perda de algo tão maravilhoso, algo qual ela precisava muito, e perguntas sobre os motivos que haviam feito com que não conseguisse que ele a amasse. As respostas traziam um gosto amargo de fracas e então ela começava a chorar. Sempre chorava. E isso estava começando a aborrecendo profundamente.

Talvez eu deva me apegar à raiva — pensou ela. A fúria era muito mais doce que toda a lamentação ou o fracasso. Ela não levaria as pessoas a olhá-la com pena ou a tentar falar com ela, apoiá-la ou encorajá-la. A fúria faria com que as pessoas a deixassem sozinha e, naquele instante, ela gostava da ideia de ficar sozinha com seu sofrimento.

Durante um instante, ela tentou se convencer que Argus estava apenas se comportando como um homem, que ele não

gostava de escrever ou não se dera conta quanto tempo já havia passado. Isso não deu certo, da mesma forma que não ha funcionado nas últimas duas semanas. Olympia podia convencê-la por um curto período de que Angus ia voltar, mas na hora em que ela a deixava, ou simplesmente parava de falar, a dúvida voltava a atormentá-la.

— E estou tão cansada de duvidar — murmurou.

Agora, ela tinha de se preocupar com o fato de estar carregando o filho de Argus. *Filhos*, corrigiu-se, quase gemendo. Não era tão surpreendente que ela estivesse esperando gêmeos, já que seu pai havia gerado vários pares de filhos. Sem o pai de seus filhos ao seu lado, ela se sentia ao mesmo tempo triste e alarmada pelo fato de logo ser mãe.

Então não teria como salvar sua reputação. Dessa vez, Vale teria razão de dizer que sua reputação tinha sido totalmente arruinada. Ela passaria o resto de sua vida sendo a filha arruinada de um Duque, a filha que ficara devidamente isolada e viveria à custa de sua magnanimidade. Lorelei nem queria pensar nos sofrimentos que seus filhos iriam conhecer por terem nascido fora do casamento. O fato de serem netos de um Duque, e ela sabia que seu pai não hesitaria em reconhecê-los como tal, não pouparia seus filhos do desprezo e dos comentários indelicados que os perseguiriam durante a vida toda.

Isso, claro, se seu pai não fosse enforcado por ter matado Sir Argus Wherlocke. Lorelei fez uma careta só de pensar na fúria do pai. Ele poderia demonstrar certo desapontamento diante da maneira que ela tinha se comportado, mas ela sabia que a raiva de seu pai iria recair sobre a cabeça de Argus. O lado ferido dela queria isso, mas seu coração não queria que o homem que ela amava fosse

ferido. Certamente não pelo outro homem que ela amava de igual maneira.

O doce canto de um pássaro chamou a sua atenção, tirando-a de seus sombrios pensamentos, enquanto ela observava o passarinho, cujo peito brilhava. Os pássaros não se incomodavam como os homens. Encontravam um par na primavera, criavam uma família, e então, na primavera seguinte, encontravam outro. Tudo maravilhosamente simples. Lorelei teria gostado que as pessoas fossem assim, porém elas tinham um coração que comprometia essa simplicidade racional. Haviam criado regras e leis, e tinham valores, ou pelo menos fingiam ter. Tampouco os pássaros precisavam se preocupar com os problemas em que seu pai pudesse se meter ao julgar que, por honra, precisava atirar no cafajeste que havia arruinado sua filha.

— Sabe, senhor pássaro, talvez a solução do meu problema seja carregar as pistolas de meu pai e eu mesma matar aquele miserável porco no cio.

Argus franziu a testa ao ouvir Lorelei confidenciar ao que lhe parecia ser um pássaro, que estava prestes a assassiná-lo. Isso não pressagiava nada de bom com relação à conversa sobre casamento que ele havia cuidadosamente planejado. Seu pai tinha razão. Ele teria de tentar acalmar a situação.

— É bom que uma filha queira tirar tamanho peso das mãos do pai — disse ele, entrando no esconderijo de Lorelei. — Por outro lado, eu gostaria que desse ao miserável porco no cio a chance de se explicar.

Lorelei olhou para o homem que amava e sentiu uma grande vontade de se levantar e bater nele. Várias vezes. Seu coração disparava de alegria, mas sua mente exigia algumas respostas.

Durante todo o tempo em que ele estivera em Sundunmoor, ela estivera atrás dele, embora gostasse de pensar que tinha sido discreta. Agora, não ia cair em seus braços, não depois de um mês inteiro sem notícias, mostrando-lhe que se alegrava com seu retorno, certamente não antes que ele tentasse pedir desculpas por sua negligência.

—Você veio até aqui para buscar sua família? — perguntou ela, sentando-se e franzindo o cenho, quando ele também se sentou ao lado dela sem ter sido convidado.

— Eu nem sabia que ainda estavam aqui.

De maneira bastante estranha, a aparente ignorância de Argus sobre a presença de sua família lhe agradou, porque provava que esse não era o motivo de sua volta a Sundunmoor.

— Não foram embora. Ah, Iago e Leopold, sim, mas sua irmã, Septimus, Delmar e seus filhos ainda estão aqui. Bened ficou até ontem à noite, mas somente porque estava se divertindo com a viúva Morris. Pelo jeito, aquele divertimento acabou.

— Bened? Hum. Eu não o via como um homem que corresse atrás das mulheres.

—Talvez esteja no sangue.

Agora, Lorelei queria bater em si mesma. Havia um inconfundível tom de ciúme por trás dessas palavras. Algum brilho de jocosidade permeou os olhos de Argus, mas ele teve o bom-senso de não sorrir. Lorelei precisou lutar com todas as suas forças para voltar a se sentir furiosa e ultrajada por ter sido abandonada durante tanto tempo, e evitar que Argus a visse corar.

— Pode ser, mas muitos Wherlocke e Vaughn abandonam esse tipo de vida aventureira ao conhecerem a mulher à qual foram destinados.

Argus pensou que era uma declaração bonita e romântica, mas a mulher que ele amava o olhava com ar de suspeita. Cuidadosamente, ele pôs as mãos de Lorelei nas suas. Ele queria abraçá-la, mas, embora não tentasse libertar suas mãos, ela estava tensa e o olhava de maneira pouco amigável.

— Lorelei, eu lhe falei que tinha coisas para resolver — disse ele.

— Sim, embora nunca tenha dito do que se tratava antes de partir de maneira tão brusca.

— Eu precisava ver o homem para quem trabalho no governo e resolver os últimos assuntos relativos a Cornick. Havia perguntas a serem respondidas e mais homens a apreender. Então, cuidei de resolver meus próprios negócios.

— Seus negócios — disse ela, lembrando-se de que um homem precisava fazer algo para ganhar dinheiro, mesmo quê fosse apenas receber aluguéis ou acompanhar a colheita.

— Sim, meus negócios. Verificar e organizar minhas finanças, ver se a casa de Londres logo estará pronta para ser habitada e encontrar uma casa no campo. Comprei aquela mansão deserta em que passei tanto tempo como convidado de Cornick.

—Você fez o quê? Por que gostaria de comprar esse lugar senão para destruí-lo pelo fogo?

— A casa não me fez nada. Cornick foi a causa de meu sofrimento nela. É uma boa casa, sólida, e com boas terras que podem ser rentáveis. O homem que era proprietário o irmão de

Cornick, ficou mais do que feliz de se livrar desse bem. Eu poderia ter aproveitado o fato de ele crer que se tratava de um fardo, que traz poucos rendimentos, mas olhei para o tolo e senti pena por ele ter sido amaldiçoado com seu irmão, cujas atividades sujaram o nome da família. Concordamos em um preço que fosse justo para ele e aceitável para mim. Faz quinze dias que ela está sendo reformada e está quase pronta para morar.

Lorelei não tinha certeza de poder suportar que ele morasse tão perto se ele não queria que ela fosse viver com ele. Ao mesmo tempo, não podia acreditar que ele fosse capaz de tamanha crueldade. Uma faísca de esperança despertou em seu coração, recusando-se a se apagar diante do incontestável fato de que ele ainda não havia mencionado o que pretendia fazer com ela agora que havia organizado tão bem suas propriedades e finanças.

— Então, vai morar perto daqui — disse ela.

— Lorelei, fiz tudo isso por uma única razão. Eu queria mostrar ao seu pai que tenho como cuidar de você, financeiramente, da maneira que merece. Eu queria que ele visse que, embora eu não seja tão bem-nascido quanto você, posso sustentá-la, junto com a casa, sem nenhum problema.

— Argus, não sou sua amante.

Ela parou quando ele pôs um longo dedo contra seus lábios. Ele parecia consternado e um pouco irritado. Lorelei não tinha certeza, mas percebia distintamente que ele se sentia insultado, apesar de não culpá-la pelo insulto.

— Eu nunca lhe pediria para vir morar comigo em Tandem House como minha amante. Nunca faria você passar tamanha vergonha perante sua família, com tantos morando por perto, embora a maneira que me comportei até agora indubitavelmente lhe

dê o direito de pensar que pudesse agir dessa forma. Estou estragando tudo, mas minha esperança é que você vá morar comigo lá como minha esposa.

Era o que ela esperava desde o início. Lorelei sabia que seu coração estava batendo de alegria em seu peito, batendo tão forte que ela estranhava que ele não mostrasse sinal nenhum de que o estivesse ouvindo, mas sua mente a obrigou a hesitar. Onde estavam as palavras de afeição, onde estavam as palavras de amor e paixão? Ele falava em lhe dar uma moradia, em ter dinheiro suficiente para satisfazer seu pai apesar do fato de que a sociedade passaria a vê-lo como alguém que alcançara uma posição social muito alta graças à sua esposa.

Ele não sabia que essas coisas não importavam para ela? Ou para seu pai? Havia passado muito tempo com eles e deveria saber o que importava para sua família, e mesmo assim suas palavras se referiam apenas a assuntos práticos. Infelizmente, ela não sabia como conseguir que ele falasse o que ela precisava saber, que a deixasse ver o que havia em seu coração.

— Ah, está hesitando — murmurou Argus antes de suspirar. — Provoquei sua raiva, Lorelei. Fiz tudo isso para mim, não para você. Fiz isso porque eu precisava enfrentar seu pai com dinheiro e propriedades. Eu sabia que você não ia se importar, e de certa maneira também sabia que seu pai não ia se importar. Eu me importei. Eu precisava provar a mim mesmo que podia cuidar de você como merece.

"Não é apenas porque seu pai é Duque e eu apenas um cavaleiro, ou que você seria urna dádiva para homens de classe social muito superior à minha. E somente porque não quero que pense que estou lhe pedindo que seja minha por outro motivo a não ser pelo fato de que quero que seja minha esposa."

—Porquê?

— O quê?

— Por que quer que eu seja sua esposa?

Argus a olhou fixamente. Havia um toque de angústia na voz e no rosto de Lorelei. Ele percebeu que ela queria ouvir mais do que palavras sobre a situação financeira e suas propriedades. Lentamente, atraiu-a para seus braços, ignorando a tensão de seu corpo.

—Você é a única que quero como esposa. Foi o único motivo que me levou a ir embora para resolver esses assuntos. Errei ao me tornar tão dedicado a esse assunto que nem pensei em lhe mandar uma carta, em deixá-la ciente de que você ainda ocupava meus pensamentos.

—Teria sido bom saber o que estava fazendo de vez em quando — disse ela, encostando o rosto contra o peito do homem, sentindo com prazer o batimento regular de seu coração.

— Entendo isso, agora que me dei conta de quanto tempo se passou, que deve ter se sentido abandonada. — Ele pôs as mãos dos dois lados do rosto dela, virando-o para o seu. — Trabalhei para voltar aqui, trabalhei sem parar. E peço que perdoe um homem e seu orgulho, um orgulho que exigia que eu comparecesse diante de você com essas coisas, dinheiro e propriedades.

— Argus. — Ela corou, as palavras que queria dizer ficaram presas em sua garganta, e então ela se retesou. — Aprecio o fato de você querer que eu esteja bem acomodada e vestida, mas preciso de mais. Já me ofereci a você mais de uma vez ou duas, mas você nunca respondeu, nunca mostrou que isso é o que quer. Porém, como pode ver, não se trata apenas do que desejo dar, mas também do que preciso ter em retorno.

— Ah, ouvi as lindas palavras que você me disse e guardei-as comigo, reunindo-as avidamente, mas não me achei digno de ter você por mais que um lapso de tempo. Então quase a perdi, vendo você deitada no chão e sangrando, e soube que havia palavras que eu precisava lhe dizer, palavras que eu talvez nunca tivesse a oportunidade de dizer. Foi então que decidi conseguir tudo de que precisava para me apresentar diante de seu pai como um bom partido. Talvez não tão bom quanto o que ele podia exigir para você, mas mesmo assim um bom partido que pudesse cuidar de você sem dificuldade.

— Então, esperou me ver curada e foi embora, sem mesmo deixar entrever que pretendia voltar e se casar comigo?

— Talvez não tenha sido o plano mais bem elaborado — murmurou ele, esboçando um beijo nos seus lábios, seu corpo inteiro ardendo para ter mais. — Quero que seja minha esposa. Quero acordar ao seu lado toda manhã. Quero lhe fazer amor todas as noites. Diga-me de que jeito quer que um homem viva ao lado de uma mulher, e é assim que eu vou querê-la. Você é meu sol, Lorelei — disse ele calmamente. — Agora posso ver um futuro, e ele é feito de você. Eu a amo. — Ele franziu o cenho ao ver lágrimas encherem os olhos da mulher.

— Ah, não se preocupe — disse ela, afagando gentilmente seu rosto. — Estou chorando um pouco porque faz muito tempo que almejo ouvi-lo dizer isso.

Argus a beijou do jeito que sempre quisera desde a primeira vez que a vira, devorando sua boca e regozijando-se do suave calor de seu beijo. A maneira como a paixão de Lorelei cresceu até se igualar à dele aliviou seus últimos medos de que talvez não pudesse conquistá-la. Ele havia agido com resoluta determinação para obter tudo que achava necessário para conseguir a aprovação do duque,

mas agora admitia para si mesmo que sempre se sentira um pouco incerto de ser capaz de conquistá-la.

—Você realmente me ama? — perguntou Lorelei, pondo seu peso sobre o peito de Argus até que este ficasse deitado debaixo dela. — Tem certeza, Argus? Porque peço muito do homem que amo além de ele dizer que me ama.

Já que Lorelei estava atarefada, despindo-o, Argus não tinha certeza de que ainda podia raciocinar para ter uma longa e séria conversa com ela. Seu corpo estava constrangedoramente ávido de um gosto do desejo que lhe havia sido recusado durante tempo demais. — O que deseja, meu amor? Você tem a minha devoção.

— E sua paixão.

— Ah, sim, com certeza é toda sua — murmurou ele, desatando seu vestido.

— E seu respeito — disse ela, afastando-se dos braços de Argus o suficiente para retirar as botas do homem, jogando-as de lado.

— Sempre. — Ele puxou o vestido de Lorelei por cima da cabeça da mulher, jogando-o de lado, notando que a fina seda havia se enroscado em um arbusto espinhoso e pensando que isso poderia lhes trazer problemas depois. Então, ele fez o mesmo com a roupa de baixo de Lorelei.

— E sua fidelidade.

Ele percebeu que ambos estavam nus. Seus pensamentos imediatamente se concentraram no que ele queria proporcionar à linda pele da mulher, a seus seios generosos, de mamilos firmes e convidativos, ao recanto macio e quente entre suas coxas delgadas. Ela se estendeu sobre ele e lentamente desatou seu cabelo, deixando

as longas e espessas mechas descerem até roçar nas coxas dele. Ele sabia que ela não percebia o quanto era bonita.

— Sempre — sussurrou ele, acariciando lhe o tórax e os seios, mexendo com seus mamilos até que ficassem incrivelmente duros sob seus dedos.

Lorelei pôs as mãos sobre os ombros de Argus, olhando-o bem nos olhos. — Estou séria, Argus. Sei como os homens pensam. Bem, os homens fora de minha família. Não enxergam nada de errado no fato de se relacionarem com uma amante, ou alguma garçonete de taverna, pois, para eles, isso não passa de uma leve travessura destinada a satisfazer sua vontade. Devo lhe confessar que isso partiria meu coração, magoando-me de uma forma que nem quero imaginar.

— E você não precisa se preocupar. Eu lhe serei fiel. Minha família pode ter uma longa história de casamentos desastrosos, mas nenhum foi destruído porque algum parente meu traiu o leito conjugal. Eu nunca iria lhe pedir que se casasse comigo se pensasse ser capaz de fraquejar, se achasse que não a amava suficientemente a ponto de querer outra. — Ele franziu o cenho, enquanto ela apenas sorriu e o beijou. —Você ainda não respondeu à minha proposta.

— Não — disse Lorelei, começando a beijar o peito musculoso de Argus, saboreando seu gosto, o perfume de seu corpo, que tomava conta de sua cabeça e aumentava seu desejo. — Acredito precisar reavaliar todos os motivos que me fizeram pensar que a melhor coisa que eu poderia fazer era me casar com você, o homem que amo e no qual pensei incessantemente durante o último mês. Nem sempre da maneira mais carinhosa.

Argus quis responder, mas as palavras ficaram presas em sua garganta e não passaram de um gemido quando Lorelei mordiscou

a parte interna de suas coxas. Ele tremeu quando ela lentamente percorreu sua virilidade com a língua. Cravando os dedos no cabelo da mulher, ele se perguntou desconcertado se essa era a maneira que ela havia escolhido para lhe mostrar que aceitava sua proposta. Então ela o recebeu em sua boca, e ele perdeu toda a capacidade de pensar com clareza.

Quando alcançou o ponto em que sabia que não ia aguentar mais, mesmo que o quisesse, ele a agarrou por baixo dos braços, levantando-a até que estivesse enganchada sobre seu corpo. Olhando-a enquanto ela o recebia dentro dela, seu lindo cabelo ondulando em volta de seu corpo delgado à medida que ela se inclinava sobre ele, Argus percebeu que nunca tinha visto algo tão lindo ou excitante. Ele a agarrou pelos quadris, ajudando-a a se mexer do jeito que seu corpo exigia, o que os levou às alturas em uma velocidade que ao mesmo tempo era estimulante e preocupante, já que eles não queriam que tamanho prazer acabasse.

Lorelei caiu em seus braços, seu corpo ainda tremendo sob a força do prazer que haviam compartilhado. Ela suspirou, lamentando que a natureza pusesse fim à intimidade do abraço, e Argus se desprendeu dela. Então, ela se perguntou de novo, e sorrindo, se as pessoas não se sentiriam mais realizadas na vida se a natureza, de vez em quando, não pusesse fim a tamanho prazer.

Argus afagou suas costas, feliz de tê-la de volta aos seus braços, mas sua mente exigia que ele a levasse a aceitar firmemente sua proposta. — Lorelei, você ainda não concordou em se casar comigo.

—Ah, deixe-me confirmar mais algumas coisas — disse ela, e apoiando os cotovelos no chão, de cada lado da cabeça dele, ela tomou-lhe o queixo na mão e beijou a ponta do nariz de Argus. — Eu amo você e você me ama. — Ela sentiu que realmente gostava do

jeito que os olhos de Argus brilhavam quando ela lhe dizia que o amava.

— Sim, é um bom motivo para nos casarmos.

— Especialmente se considerarmos que acabamos de provar que compartilhamos uma grande paixão.

— E que não posso esperar para saboreá-la no conforto de uma cama — brincou ele.

— E você disse que ia ser fiel do mesmo jeito que pretendo ser fiel a você.

Ele resmungou, não gostando da ideia de que ela pudesse não lhe ser totalmente fiel em palavras e ações. Nem no que ela olhava ou pensava. E, decidiu ele, não haveria mais conversas impróprias sobre coisas como orgias com sua incontrolável irmã.

— Sim, seremos antiquadamente fiéis um ao outro.

— E teremos filhos, certo? Você quer ter filhos comigo, não quer?

— Claro que quero, mas não exijo que me dê uma casa repleta de crianças. Você que decide quantos quer.

— Ah, isso é muito delicado da sua parte, Argus. Você tem de me explicar como alguém pode ter certeza de que terá o número exato de filhos que escolheu. Um bom momento para conversarmos sobre isso será logo depois que eu acabar de ter estes.

Ele pestanejou e se sentou lentamente, segurando-a ainda em seus braços.

— Desculpe-me?

Lorelei passou os braços em volta do pescoço do homem. Ele parecia tão lindamente chocado. Ela sorriu e esboçou um beijo em seus lábios.

— Os filhos que vou lhe dar daqui a oito meses, talvez menos. E pode anotar que eu disse "filhos" e não "filho", pois estou sabendo por fontes seguras que devo abençoá-lo com gêmeos.

Argus a pôs de lado e foi catando as roupas. — E você me deixa fazer-lhe amor bem aqui, nesse chão duro, e com tanta voracidade?

— Acredito também não ter sido tão gentil com você.

— Não sou eu que carrego dois bebês. — Ele franziu o cenho enquanto a ajudava ela a se vestir, enfrentando sua evidente relutância. — E como sabe que serão dois?

— Darius e Olwen me contaram. — Sua voz foi abafada pelo vestido que ele estava puxando pela cabeça da mulher; ela contou sobre as pedras, o baú e o sótão. — Não está feliz? — perguntou ela, quando finalmente conseguiu vê-lo franzindo a testa para ela.

— E quando planejava me contar isso?

— E você acha que eu estava aqui conversando sobre o quê com os pássaros? Como acabo de dizer, descobri há pouco tempo, e isso me fez refletir muito.

— Sobre a vontade de atirar em mim.

Lorelei passou os braços em torno do pescoço de Argus e beijou seu queixo.

— Não conversamos sobre os motivos que me levaram a pensar nisso? Por que eu não tinha certeza de querer me casar com você?

— Santo Deus, você realmente teria recusado minha proposta se eu não tivesse escolhido as palavras certas?

— Talvez. Por um momento, mas ainda na esperança de que finalmente você dissesse o que eu precisava ouvir. Argus, não tem sentido continuarmos falando sobre o que eu poderia ou não poderia ter feito. Eu não sei e estou muito feliz por não ter de enfrentar essa decisão. Eu tinha certeza de que queria um pai para meus filhos, e queria que ele quisesse e não que fosse puxado diante do vigário pela orelha ou com a arma contra a cabeça. Eu queria e tenho isso, não é mesmo?

—Você tem. — Ele a beijou, tentando expressar todo o amor que sentia por ela, e toda a alegria que de repente tomou conta dele diante da expectativa dos filhos que logo ela lhe daria. — Sim, minha doce Lorelei, você tem isso.

— Então, por que estamos sentados aqui, vestidos de novo?

Ele sorriu. — Pensei que quisesse voltar para a casa e permitir que seu pai e o resto da família nos parabenizassem por nosso compromisso de casamento.

— Eles não estão indo para lugar nenhum. — Ela tentou empurrá-lo para o chão.

— Eles podem esperar. Fiquei um mês sem vê-lo.

— Ah, meu doce e impaciente amor, como eu gostaria de lhe dar o que ambos queremos. — Ele se levantou e a ajudou a se pôr de pé. — Mas acredito que precisamos planejar nosso casamento. Um casamento muito rápido.

Lorelei não ficou feliz de ter de deixar a sombra das árvores e a privacidade que, como bem sabia, seria difícil encontrar de novo uma vez que eles tivessem contado a todos sobre o casamento, mas

Argus tinha razão. Eles precisavam planejar o casamento e tinha de ser algo rápido. Quando chegaram à casa, subiram a escada e encontram a família dela e a dele reunidas nos saguão, e ela riu. Ela podia prever uma grande vida para ela e Argus, preenchida com amor e família. Enquanto recebia os abraços e comprimentos dos que estavam reunidos no saguão, ela deu uma piscadela para Argus e ficou feliz ao vê-lo sorrir em resposta.

Alguns instantes depois, Argus conseguiu achar um breve instante para ficar com Lorelei sem ninguém por perto. — Tenho a impressão de que não vou poder vê-la muito durante as três próximas semanas.

Ela se ergueu na ponta dos pés e o beijou. — Mas depois serei toda sua, Argus, e você será todo meu. Isso não é maravilhoso?

Argus olhou para o rosto sorridente de Lorelei e sentiu que estava sorrindo para ela de um jeito tão apaixonado que teria chocado seus amigos e parentes. — Sim, meu amor, é maravilhoso.



Epílogo

UM ANO DEPOIS

— Bem vindo, Max.

Max se aproximou de Lorelei e olhou cuidadosamente para a criança que ela segurava nos braços, tocando gentilmente as espessas mechas pretas do bebê. Fez o mesmo com a criança que se encontrava nos braços da babá rechonchuda, ao lado de Lorelei.

— Milady. Sir — disse ele, em reverência, então olhou para Lorelei e acenou com a cabeça. — Parabéns, milady. Parabéns, mesmo.

Lorelei olhou para Argus, com sorriso tão amplo e luminoso que ele se perguntou se isso doía. Ela havia estado nervosa durante toda a viagem até Sundunmoor e ele não entendera por quê. Seu pai tinha escrito todas as semanas desde o nascimento dos gêmeos, perguntando quando poderia ver seus netos. Argus não podia acreditar que ela temesse que seu pai ficasse desapontando com as crianças. Agora, ele começava a entender. Lorelei não estava preocupada com seu pai, já que ela nunca duvidara e nunca ia duvidar do amor e da aceitação do homem. Existia uma garotinha dentro de sua mulher que ainda ficava apreensiva com a possibilidade de que Max não aprovasse como ela gostava de dizer,

o acontecimento mais próximo de um milagre que ela conseguira produzir.

— Eu fui aprovada, Argus — disse ela.

— E fez por merecer, meu amor — respondeu ele, beijando sua testa.

— Onde estão meus netos? — perguntou Roland, precipitando-se para vê-los e parando para olhar atentamente os bebês. — Ah, são lindos, saudáveis, Lolly. Lindos meninos saudáveis. — Ele estendeu os braços. — Posso segurar um deles? Tia Gretchen torceu o tornozelo na semana passada e não pôde vir até aqui como gostaria, então pensei em levar um dos bebês até o salão.

Lorelei pôs o primogênito nos braços de seu pai e observou quando ele ia embora, contando silenciosamente os passos que ele dava. No quinto passo, seu segundo filho começou a ficar agitado. A Srta. Jones então seguiu o Duque, mantendo cuidadosamente cinco passos de distância entre eles, ou ainda menos se pudesse. Finalmente, seu pai parou e olhou para a mulher.

— Não podem ser separados, é isso? — disse ele. —Você é a babá?

A Srta.Jones corou e fez uma reverência. — Sou a Srta. Jones, sim, Vossa Alteza. E não, Vossa Alteza, eles não podem ficar separados por mais do que cinco passos ou o outro começa a reclamar.

Lorelei observou a maneira que seu pai olhava para a mulher rechonchuda que ela havia contratado para ajudá-la a cuidar dos gêmeos e percebeu o que ele viu. Ele vira uma mulher nem feia nem bonita, que a seu ver ainda era jovem, mas devia ser considerada solteirona pelo resto do mundo. Uma mulher de grandes olhos castanhos e sedoso cabelo castanho-avermelhado que parecia ter

tanta bondade que até emanava de seu rosto. Por um instante apenas Lorelei vislumbrou um interesse nos olhos de seu pai, um brilho. Então ele sorriu, e ela se retesou.

— Apenas cinco passos, é isso?

Lorelei não ficou surpresa ao ver seu pai se apressar pelo corredor, deixando pelo menos dez passos entre ele e a Srta. Jones. A choramingação recomeçou, porém, não durou muito, já que a Srta. Jones correu atrás do Duque até ficar a uma distância aceitável para os gêmeos. Então seu pai acelerou de novo. Lorelei observou a dupla desaparecer no final do corredor e olhou para Max, que sorria levemente.

— Acredito que ele acabe contratando a Srta. Pugh, milady — disse ele.

Lorelei suspirou. — Tem certeza, Max?

— Ah, toda a certeza, milady. Prestei atenção nas palavras de Lady Olympia, mas ainda precisei presenciar isso. E agora vi aquele brilho que ele gosta tanto de dizer que viu nos seus olhos.

— Droga — murmurou ela, ignorando o cenho franzido de repreensão de Max.

— Gosto da Srta. Pugh, não pense que não, mas eu não pensava ter de trocar de babá tão cedo.

—Você não quer que seu pai encontre um pouco de felicidade no fim da vida? — perguntou Argus, também informado da previsão de Olympia segundo a qual o Duque de Sundunmoor logo ia chocar o mundo ao se casar com a babá dos filhos recém-nascidos de sua filha.

Lorelei lhe deu meio sorriso. — Bem falado, e as palavras até fizeram com que eu me sentisse culpada por um instante. Eu apenas

não queria perder uma criada à qual já estou acostumada e ter de começar tudo de novo, mas se Max diz que isso vai acontecer, é porque vai mesmo. — Ela levantou a cabeça. — Ah, o trovão anunciando a chegada do futuro herdeiro da família.

Ela riu, e de repente sua família apareceu em torno dela e de Argus. No momento em que informou que os bebês não estavam com ela, todo saíram correndo atrás do Duque e da Srta. Jones. Lorelei olhou para seu marido e Max, que estavam franzindo a testa em resposta e dando de ombros.

— Isso foi muito injusto, milady — disse Max, que, depois de averiguar que o lacaio havia pegado seus casacos e chapéus, levou-os até o salão.

— Um prêmio ainda tem mais valor quando é conquistado com muita luta, Max — disse ela, seriamente.

— Você sabe que seu pai vai ouvi-los chegar e fazer o possível para escapar deles.

— Com a querida Srta. Jones tentando desesperadamente ficar a cincos passos de distância ou ainda mais perto, não importa aonde papai vá e a que velocidade — disse ela, sorrindo.

Max parou antes de abrir a porta do salão e olhou para Lorelei. —Você viu aquele brilho? Fiquei na dúvida.

— Eu vi o brilho.

— Fico feliz que o tenha reconhecido.

Lorelei levantou os olhos para Argus e sorriu. — E como eu não poderia tê-lo reconhecido, Max? Vejo-o todas as vezes que me olho no espelho. Rezo para que papai possa encontrar na Srta.Jones a mesma felicidade que encontrei em meu marido.

— Mas, obviamente, não é conveniente que se faça de casamenteira quando se trata de seu próprio pai.

— E por que não? Ele é jovem demais para perambular por aqui sozinho, já que Olympia me contou que existiriam afinidades entre papai e a Srta. Jones, e devo confessar que pude testemunhar isso. São perfeitos um para o outro.

— Por isso mesmo, eles deveriam ter o direito de descobrir sozinhos, da mesma maneira que Vossa Alteza e eu permitimos que você descobrisse o amor sozinha.

— Ah, então você acha que eu não deveria tentar interferir de modo algum? — Ela deu de ombros. — Ah, não se preocupe, Max. Nada vai atrapalhar o que tiver de acontecer.

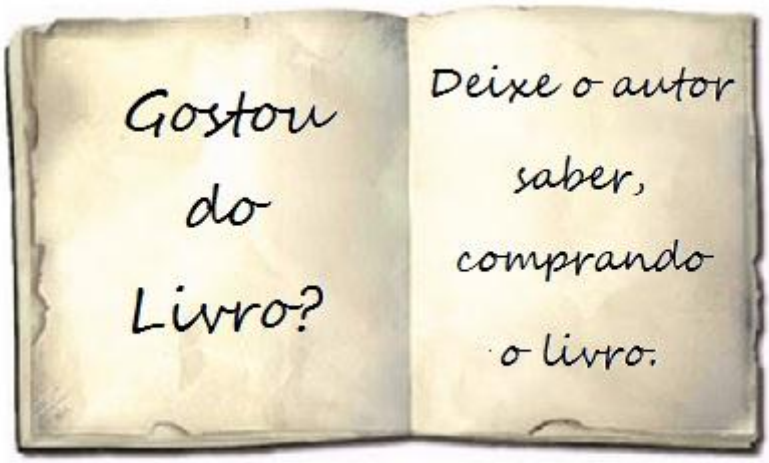
— Claro que não. Tenho certeza de que sabe o que deve fazer, milady. — Abrindo a porta, Max fez uma reverência, convidando-os a entrar no salão onde tia Gretchen estava esperando. — Enquanto espera pelo retorno de seu pai, milady, aproveite para visitar sua tia. Ela fez lindos cachecóis com uma nova cor incrível e está ansiosa para presenteá-la.

A porta se fechou atrás dela, e Lorelei olhou para o novelo que sua tia tricotava alegremente. Com frequência, Gretchen descobria uma nova cor que não agradava a ninguém senão a ela mesma. Obviamente, era esse o caso. A estranha cor lhe lembrava a de uma fruta podre. Max sempre a alertara, toda vez que sua tia criava cores tão horríveis, de maneira que ela pudesse evitar ser presenteada com qualquer coisa que a mulher tivesse tricotado nesse tom. Obviamente, ele havia se esquecido de preveni-la dessa vez, e Lorelei soube que fora de propósito. Ela olhou para Argus, que sorriu.

— Meu amor, acho que Max venceu desta vez.



Com mais de 40 livros publicados, Hannah Howell é uma autora americana de romances, entre eles vários best-sellers. Seu primeiro livro foi publicado em 1988 e desde então ela também já publicou com os nomes Sarah Dustin, Sandra Dustin e Anna Jennet. Com várias de suas séries publicadas no Brasil, a autora tem como tema principal a Escócia Medieval



A série **Wherlocke** é composta por 4 livros, publicados no Brasil pela editora Lua de Papel.







Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar.** Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503